



História da Educação no Rio Grande do Sul

25 anos de Asphe, entre memórias, trajetórias
e perspectivas

Volume I
Fernando Ripe [Org.]

D'Entraygues



História da Educação no Rio Grande do
Sul: 25 anos de ASPHE, entre memórias,
trajetórias e perspectivas

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Presidente:

José Quadros dos Santos

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Reitor:

Evaldo Antonio Kuiava

Vice-Reitor:

Odacir Deonísio Graciolli

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:

Juliano Rodrigues Gimenez

Pró-Reitora Acadêmica:

Flávia Fernanda Costa

Chefe de Gabinete:

Gelson Leonardo Rech

Coordenadora da EducS:

Simone Côrte Real Barbieri

CONSELHO EDITORIAL DA EDUCS

Adir Ubaldino Rech (UCS)

Asdrubal Falavigna (UCS) – presidente

Cleide Calgaro (UCS)

Gelson Leonardo Rech (UCS)

Jayme Paviani (UCS)

Juliano Rodrigues Gimenez (UCS)

Nilda Stecanela (UCS)

Simone Côrte Real Barbieri (UCS)

Terciane Ângela Luchese (UCS)

Vania Elisabete Schneider (UCS)



História da Educação no Rio Grande do Sul: 25 anos de ASPHE, entre memórias, trajetórias e perspectivas

Volume I

Fernando Ripe (Org.)



© do autor
1ª edição 2021

Editoração: Giovana Letícia Reolon

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS – BICE – Processamento Técnico

H673 História da educação no Rio Grande do Sul [recurso eletrônico]: 25 anos de ASPHE, entre memórias, trajetórias e perspectivas / organizador Fernando Ripe. – Caxias do Sul, RS: Educs, 2021.
Dados eletrônicos (2 arquivos: volume 1).

ISBN 978-65-5807-111-2
Apresenta bibliografia.
Vários autores.
Obra em volumes.
Modo de acesso: World Wide Web.

1. Educação – Rio Grande do Sul – História. 2. Associações, instituições, etc. – História. I. Ripe, Fernando.

CDU 2.ed.: 37(816.5)(091)

Índice para o catálogo sistemático:

1. Educação – Rio Grande do Sul – História	37(816.5)(091)
2. Associações, instituições, etc. – História	374.73(091)

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460.

Direitos reservados a:
EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul



Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Telefone/Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197
Home Page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br

A revisão ortográfica desta obra é de responsabilidade dos autores e do organizador.

*Esta coletânea é dedicada, com muito
carinho, aos professores Elomar
Tambara e Maria Helena Camara
Bastos. Precursores do campo da
História da Educação no Rio Grande do
Sul e responsáveis pela formação de
gerações de pesquisadores.*

Sumário

Prefácio

Escovando memórias à modo de prefácio9

José Edimar de Souza

Apresentação

Criando novos contornos para celebrar os 25 anos da Associação Sul-Rio-Grandense de pesquisadores em História da Educação: um manifesto de carinho aos fundadores 15

Fernando Ripe

Gisele Belusso

Bloco I

Memórias de Encontros & Trajetórias de Pesquisas23

Uma Associação para recordar: a ASPHE presente nos Arquivos Pessoais24

Alice Jacques

Dóris Bittencourt Almeida

Maria Teresa Santos Cunha

Vania Grim Thies

A Revista História da Educação (RHE): entre histórias e perspectivas.....49

Chris de Azevedo Ramil

Dóris Bittencourt de Almeida

Tatiane de Freitas Ermel

Terciane Ângela Luchese

Bloco II

Narrando lembranças por meio de Entrevistas 78

A gênese de uma Associação: entrevista com o Prof. Elomar Tambara sobre a fundação da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação 79

Maria Augusta Martiarena de Oliveira

Alessandro Carvalho Bica

Entrevista com a Profª Dra. Maria Helena Camara Bastos90

Fabiana Pinheiro da Costa

Gabriela Portela Moreira

Relato acerca da fundação da ASPHE e do primeiro Encontro: uma entrevista com Lúcio Kreutz	104
<i>Cassiane Curtarelli Fernandes</i>	
“No meu tempo, uma instituição séria, acadêmica e, ao mesmo tempo, afetiva”: Memórias da professora Beatriz Daudt Fischer sobre sua trajetória junto à ASPHE	116
<i>Ariane dos Reis Duarte</i>	
<i>Estela Denise Schütz Brito</i>	
<i>Patrícia Weiduschadt</i>	
História da Educação, Imigração e Narrativas: entrevista com o professor Jorge Luis da Cunha	138
<i>José Edimar de Souza</i>	
Ser docente, pesquisador e bibliógrafo: a trajetória do professor Eduardo Arriada junto à ASPHE	156
<i>Caroline Braga Michel</i>	
<i>Chéli Nunes Meira</i>	
<i>Jaqueline de Gaspari Piotrowski</i>	
<i>Magda Vicente</i>	
Bloco III	
Notas sobre os Grupos de Pesquisa que compõem a ASPHE	177
Arquivos Pessoais, Patrimônio e Educação (GARPE/CNPq).....	178
<i>Dóris Bittencourt Almeida</i>	
<i>Maria Teresa Santos Cunha</i>	
EBRAMIC/Educação no Brasil: Memórias, Instituições e Cultura Escolar	183
<i>Luciane Sgarbi S. Grazziotin</i>	
As produções do Centro de Memória e Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALES) nos encontros da Associação-Sul-Riograndense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE)	189
<i>Chris de Azevedo Ramil</i>	
<i>Vania Grim Thies</i>	
<i>Eliane Peres</i>	

Preservar as Memórias da Educação: o CEMESSC vai às Escolas	218
<i>Giani Rabelo</i>	
<i>Marli de Oliveira Costa</i>	
<i>Cintia Gonçalves Martins</i>	
Da pesquisa em História da Educação ao trabalho com repositórios digitais: contribuições do grupo de Pesquisa em História da Educação, Repositórios Digitais e Acervos Históricos (PHERA – UNIPAMPA/Bagé)	249
<i>Alessandro Carvalho Bica</i>	
<i>Raissa Lamadril da Silva Silveira</i>	
<i>Rebeca Aquino Barbosa</i>	
<i>Simôni Costa Monteiro Gervasio</i>	
<i>Tobias de Medeiros Rodrigues</i>	
História da Educação, Imigração e Memória: o GRUPHEIM/CNPq-UCS (2008-2021).....	265
<i>Gisele Belusso</i>	
<i>José Edimar de Souza</i>	
<i>Terciane Ângela Luchese</i>	
A produção de teses e dissertações no Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (Ceihe/UFPel): fontes, objetos e acervos para o desenvolvimento de pesquisas	281
<i>Fernando Ripe</i>	
<i>Jeane Caldeira</i>	
<i>Elias Kruger Albrecht</i>	
Bloco IV	
Memórias em documentos: as atas das Assembleias da ASPHE	301
Separar, Reunir, Criar Arquivo e transformar em Documentos: as Atas das Assembleias da ASPHE e a Memória Institucional	302
<i>Claudemir de Quadros</i>	
Sobre autoras e autores	366

Prefácio

Escovando memórias à modo de prefácio

José Edimar de Souza

Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. E que eles faziam o serviço de escovar osso por amor. E que eles queriam encontrar nos ossos vestígios de antigas civilizações que estariam enterrados por séculos naquele chão. Logo pensei de escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás de clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras. Eu já sabia também que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas (BARROS, 2006, p. 9).

Quando se é criança a força da representação assume sentidos múltiplos. A curiosidade nos impulsiona e encoraja vivenciar distintas aventuras. Aquilo que nos passa marca o que nos acontece e mobiliza os saberes para que possamos aprender. E refletindo para o exercício desta escrita, buscando nas memórias da minha infância, no jeito que fui compondo a trajetória com a pesquisa e o ensino, se aproxima da experiência de Manuel de Barros com o conhecimento, com o fazer, e com as escolhas estabelecidas pelo caminho: “escovar as palavras”, porque as “palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias”. Desse modo, quão desafiador é tentar definir nestas notas introdutórias um pouco do que se viveu, do modo singular de cada sujeito entremear sua trajetória e contribuir à constituição da ASPHE.

Entendo que pela biografia dos sujeitos que compõe as instituições, pelos seus atos e pela estrutura social, podemos conhecer de um lugar, de um grupo, da sua cultura, da história pessoal e social. Vidal (1990, p. 82) apoiando-se em Aron-Schnapper e Hanet acrescenta que tanto historiador como rememorador são responsáveis por fazer história e que “a prática histórica não se preocupa em reviver o passado, mas em apresentá-lo em um discurso que seja inteligível”.

Sem a pretensão de dizer como foi o nascimento, quem esteve envolvido em cada momento e quando se deu o primeiro passo no caminho que conduziu a sólida história de uma associação que celebra seu jubileu de prata, procurou-se realizar o exercício daquilo que Paulo Freire (1994, p. 148), nos ensina, em Cartas à Cristina que: “é enquanto epistemologicamente curiosos que conhecemos, no sentido de que produzimos o conhecimento e não apenas mecanicamente o armazenamento na memória.”.

Refletir sobre minha trajetória acadêmica é um exercício de historicidade, de diálogo comigo mesmo, com as lembranças de um tempo pretérito. A prática de compor narrativamente uma trajetória se observa as limitações impostas pela “ilusão biográfica” da composição, pela pesquisa, de toda uma vida; portanto, o que se constrói representa uma possibilidade de leitura para se compreender e interpretar o passado.

Para Rüsen (2015), apenas o passado representado pode ser comunicado e que é por meio da narrativa que o passado se traduz em “história para o presente”. A história da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE) está diretamente imbricada ao processo de consolidação do campo da História da Educação no Brasil. Bastos (2016) argumenta que a criação do Grupo de Trabalho (GT) História da Educação, na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação/ANPEd, em 1984; a relação com a expansão dos Programas

de Pós-Graduação e da diversificação de linhas de pesquisas se relacionam aos principais acontecimentos que se vivenciou no Brasil nas décadas finais do século XX. Momento em que a pesquisa em História da Educação começa a ser vista em uma perspectiva diferente “daquelas abordagens sistêmicas e globalizantes na qual tudo se explicava [...]” (MIGNOT; CUNHA, 1995, p. 77).

A Asphe, Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, foi a primeira associação de pesquisadores em História da Educação a constituir-se no Brasil, desempenhando significativo papel na *criação* da SBHE, Sociedade Brasileira de História da Educação (setembro de 1999), através da efetiva contribuição de seus associados, especialmente dos professores Dr. Lúcio Kreutz e Dr. Jorge Luiz da Cunha, que compuseram, inclusive, a primeira diretoria da SBHE (BASTOS; STEPHANOU, 2017, p. 1).

Neste sentido, meu primeiro contato com a ASPHE iniciou em 2009, escutando histórias da minha orientadora sobre o legado que emprestaram os pioneiros deste projeto à História da Educação no Brasil. Ensaio aqui uma ligeira investida pela aventura da escrita, na tentativa de, ao escovar algumas memórias, esbarrar em narrativas que possibilitem compreender um pouco das sensibilidades evidenciadas nos textos que compõe esse primeiro volume.

Nomes como Maria Teresa Santos Cunha, Lúcio Kreutz, Jorge Luis da Cunha, Maria Stephanou, Maria Helena Camara Bastos, Elomar Tambara, Berenice Corsetti, Flávia Werle, Beatriz Fischer, entre outros, foram nomes que figuraram minha trajetória formativa no curso de mestrado e doutorado realizado na Unisinos. E talvez, o mais impactante nesse processo é perceber que há saberes que só são mobilizados no encontro, que habilidades só fortalecem apropriações e contribuem para que se construam competências de pesquisa, de

ensino, de ser mais humano... na experiência que se vive anualmente na reunião da ASPHE.

As entrevistas e os textos aqui reunidos apresentam vestígios para compor o bonito quadro das memórias que possibilitam dizer de um tempo, de um lugar e de uma experiência. Trata-se de narrativas e representações sensíveis, de “experiencia perceptiva o afectiva [que] desencadena un processo cognitivo-emocional en el que lo nuevo se pone en conexión con la memoria.” (ESCOLANO BENITO, 2018, p. 125).

Nesse percurso, talvez possa dizer que represente a terceira geração de pesquisadores vinculados à ASPHE¹, que a primeira vez que me deparei com as bibliografias lidas em um encontro científico fez também como que percebesse a importância das redes, da colaboração e do modo como se produz a ciência e a pesquisa. Essa é uma experiência singular que apenas a convivência coletiva é capaz de produzir, uma vez que:

los seres humanos dan sentido al mundo – se reafirmaba Jerome Bruner – contando historias, o sea, usando el modo narrativo de construir la realidad, una práctica *discursiva* que es en parte una rebelión frente al racionalismo dominante en los modelos comunitarios al uso, porque en ella afloraban siempre las emociones que se asocian a la experiencia (ESCOLANO BENITO, 2018, p. 18).

Ao rememorar aspectos do modo como minha trajetória se entrelaça ao percurso da entidade destaca-se que além de ter exercido a vice-presidência na gestão (2017-2019), entre 2018 e 2019 estive

¹ Fui orientado por Luciane Grazziotin na escrita da tese de doutorado. E tive como coorientadora Beatriz Fischer na dissertação de mestrado. A professora Luciane foi orientada pela professora Maria Helena Câmara Bastos. Em 2020, Dilnei Abel Daros defendeu sua tese de doutorado sob minha orientação.

também atuando como editor² adjunto da revista História da Educação.

A Revista da Asphe – História da Educação, de periodicidade quadrimestral, foi a primeira revista brasileira especializada no gênero, cujo primeiro número foi lançado em 28 de *abril* de 1997. Também foi a primeira da área de História da Educação a ingressar no Scielo e no Scielo Educ@ (BASTOS; STEPHANOU, 2017, p. 1).

Além de entrevistas, da história da revista e de documentos que contam sobre como Asphe se desenvolveu nesses 25 anos, a obra reúne escritas sobre os grupos de pesquisas que se originaram e/ou fortaleceram a partir do fórum estabelecido com os encontros promovidos pela associação. Portanto, a iniciativa, o sentido coletivo e a mobilização comunitária são recorrentes na composição identitária construída por diversos pesquisadores. Que a este livro outros possam se somar, contribuindo para se pensar a história, a História da Educação... pensar nosso lugar no mundo, e a colaboração para os diferentes projetos de vida e de um mundo mais humano e democrático.

Referências

BASTOS, Maria Helena Camara. O que é a História da Educação no Brasil hoje? Tempos de reflexão. **Espacio, Tiempo y Educación**, 3(1), 2016, p. 43-59.

BASTOS, Maria Helena Camara; STEPHANOU, Maria. Editorial. **Hist. Educ. (Online)**, Porto Alegre, v. 21, n. 53, set./dez. 2017 p. 01-06.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas para crianças**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.

² A equipe de editores ao longo desses 25 anos contou com o importante trabalho realizado por Maria Stephanou, Maria Helena Camara Bastos, Claudemir de Quadros, Elomar Tambara, Gomercindo Ghigi, Eduardo Arriada, Eliane Peres.

ESCOLANO BENITO, Augustín. **Emociones & Educación.** La construcción histórica de la educación emocional. Espanha: Vision Libros, 2018.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Cristina.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; CUNHA, Maria Teresa Santos. “O céu que nos protege”: alguns embaraços e horizontes da investigação em História da Educação. In: **INEP. SÉRIE DOCUMENTAL: EVENTOS**, n. 6, abr. 1995.

RÜSSEN, Jörn. **Teoria da História.** Uma teoria da história como ciência. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

VIDAL, Diana Gonçalves. De Heródoto ao Gravador: histórias da história oral. **Resgate.** Revista interdisciplinar de cultura do Centro de Memória. Unicamp, Campinas, 1990.

Apresentação

Criando novos contornos para celebrar os 25 anos da Associação Sul-Rio-Grandense de pesquisadores em História da Educação: um manifesto de carinho aos fundadores

*Fernando Ripe
Gisele Belusso*

Setembro de 1918. Chegava ao Brasil os primeiros contágios da Gripe Espanhola, uma virulência do micro-organismo *influenza A*, cuja propagação era tão rápida que causa pânico e medo na população. Com muita brevidade, a doença atingiu os grandes centros urbanos do país, modificando subitamente a rotina das pessoas e os padrões de higienização utilizados naquele período. A inclusão de medidas para evitar o contágio ia além das campanhas sanitárias e se valia de estratégias como isolamento social e apelo por vacinas. Impressos noticiavam os principais riscos de contaminação.

Perdigotos – Que perigo!
Se estás resfriado amigo,
Não chegues perto de mim.
Sou fraco, digo o que
penso.
[...]
Não pegá-los, impossível.
Mas há remédio infalível,
Lave as mãos
constantemente.
[...]
Mas se vexado consente,
Lave as mãos
frequentemente.
Com bastante água e sabão.
Da gripe já está curado?
Bem, mas não queira,
apressado,

Voltar à vida normal.
Consolide bem a cura,
Senão você, criatura,
Recai e propaga o mal.¹

O excerto acima foi publicado na forma de poema há 100 anos, com o objetivo de alertar a população brasileira sobre os modos mais seguros à época de se impedir o contágio daquela severa pandemia que se espalhava pelo mundo. Um século depois, nos encontramos em similar situação. A COVID-19, doença infecciosa causada por um Coronavírus descoberto recentemente, chegou ao Brasil no início de março de 2020, provocando na população medo, ansiedade, insegurança e escancarando fragilidades sociais e de ordem econômica. Os primeiros mecanismos de enfrentamento são, de modo geral, muito semelhantes daqueles adotados em outras correntes pandêmicas. O uso de máscara, a higienização constante das mãos, distanciamento social, entre outras medidas adotadas para evitar o contágio. Todavia, ainda que os empenhos científicos tenham avançado aceleradamente neste período – criando exames rápidos, alterando e readaptando prescrições no tratamento e concebendo uma série de vacinas capazes de nos proteger sensivelmente ao Coronavírus e suas variantes –, a atuação de um governo debilitado de políticas assistenciais, marcado por inúmeros casos de negacionismos, comprometem o combate à pandemia. Entre os mais prejudicados destes discursos negacionistas, que têm “como propósito não simplesmente revisar, passar a limpo algum evento histórico ou uma descoberta científica, mas, sobretudo, negá-los a partir de determinados valores e crenças pessoais” (LIMA, 2020, p. 389), estão

¹ **Previna-se contra a gripe** (s. d.), cartilha distribuídas pelas campanhas do Serviço Nacional de Educação Sanitária. Disponível na Fundação Biblioteca Nacional, Seção de Obras Gerais.

os próprios apoiadores que, constantemente, atacam as instituições públicas e democráticas.²

Certamente, uma das instituições mais prejudicadas pela pandemia COVID-19 é a escolar. A identificação de um cenário com portões fechados e alunos distantes das salas de aulas só fora similar ao percebido, em diversos países, durante a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Um triste momento na história da educação global, em que escolas foram impedidas de darem aulas, patrimônios foram confiscados por governos ditatoriais e professores foram perseguidos por regimes autoritários.

Entre março e abril de 2020, diante do avanço do Coronavírus na Europa e da confirmação dos primeiros casos no Brasil, o 26º encontro da ASPHE programado para esse ano teve que ser adiado para o ano de 2021. Naquela ocasião celebraríamos os 25 anos de fundação da nossa associação, porém, cientes do cenário e entendendo a relevância de mantermos as atividades associativas durante este período, em que o distanciamento e, em alguns momentos, o isolamento se fazem necessários, foram propostas atividades coletivas envolvendo os pesquisadores associados, como uma forma de aproximação e de manutenção dos fortes vínculos de amizade e parcerias estabelecidos.

Dentre as iniciativas organizamos a composição desta coletânea. Tamanho foi o interesse por parte dos colaboradores que desenvolvemos dois volumes. Este primeiro, dedica-se a exaltar, por meio de entrevistas, o reconhecimento de forma carinhosa aos fundadores da associação. O fruto desse movimento é um conjunto de

² De acordo com reportagem da *Rede Brasil Atual*, o índice de morte pela doença do Covid-19 nos municípios onde o atual presidente do Brasil venceu a eleição no segundo turno foi até sete vezes maior. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/saude-e-ciencia/2021/05/bolsonaro-insiste-em-negacionismo-que-fez-disparar-mortes-entre-apoiadores/> Acessado em 08 de agosto de 2021.

narrativas que se confundem com histórias de vida, de docência, de pesquisa, de afetos e de sensibilidades. Que declaram a importância dos pares, das redes, da seriedade com que o campo da História da Educação deve ser encarado e cuidado. Narrativas que exteriorizam memórias, deixam traços escritos.

Auxiliar de uma memória forte, a escrita pode, ao mesmo tempo, reforçar o sentimento de pertencimento a um grupo, a uma cultura, e reforçar a metamemória. Assim, o escritor local, aquele que tem o poder de registrar os traços do passado, oferece ao grupo a possibilidade de reapropriar-se desse passado através dos traços transcritos.³

A partir de então, destacamos que além de oportunizar aos leitores a possibilidade de reapropriar-se dos escritos pretende-se aqui ensinar a evocação de outras memórias, bem como de pontos de contato entre elas.

Como forma de sistematização dos capítulos que compõem o Volume I, organizamos a coletânea por meio de quatro blocos temáticos. O primeiro, formado por dois artigos constituem a parte intitulada Memórias de Encontros & Trajetórias de Pesquisas. Nele, um conjunto de mulheres autoras descrevem como objetos salvaguardados podem acionar reminiscências relativas aos eventos promovidos pela ASPHE e, no outro, como podem as trajetórias de pesquisas produzidas pela RHE despertar o interesse por aproximações com o campo da História da Educação.

O primeiro texto deste eixo é de autoria de Alice Jacques, Dóris Bittencourt Almeida, Maria Teresa Santos Cunha e Vania Grim Thies – integrantes do Grupo de Pesquisa GARPE (Arquivos Pessoais, Patrimônio e Educação). Nele, as autoras buscam, na perspectiva da memória, reunir lembranças materializadas em objetos presentes de

³ Conforme CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 109.

variados suportes (impressos, fotografias e manuscritos) que foram guardados por associados da ASPHE, considerando tanto sua dimensão memorial, como seu caráter seletivo sujeito a ressignificações. Na sequência, as autoras Chris de Azevedo Ramil, Dóris Bittencourt de Almeida, Tatiane de Freitas Ermel e Terciane Ângela Luchese discutem a importância da Revista História da Educação na formação dos pesquisadores. O texto foi escrito pensando, especialmente, nos jovens pesquisadores que se aproximam do campo temático de investigações da História da Educação. Procurando explicar os significados da publicação em diferentes periódicos, inclusive internacionais, como se dá a avaliação por pares e apresentar orientações sobre como produzir um bom artigo.

A segunda parte da coletânea, Narrando lembranças por meio de Entrevistas, é inteiramente dedicada ao diálogo com grande parte dos fundadores da ASPHE. Trata-se da formulação de perguntas e respostas que descrevem a atuação destacada destes docentes universitários que, passados 25 anos, rememoram acontecimentos vivenciados no âmbito da associação, evocam sensibilidades e discorrem sobre os contornos teóricos e metodológicos de constituição do campo da História da Educação gaúcha. A primeira entrevista foi realizada por Maria Augusta Martiarena de Oliveira e Alessandro Carvalho Bicca foi com o Prof. Dr. Elomar Tambara. O fio condutor da narrativa apresenta sua atuação na Asphe bem como a constituição de sua intelectualidade na área. Fabiana pinheiro da Costa e Gabriela Portela Moreira, por sua vez, apresentam as interlocuções que tiveram com a Profa. Dra. Maria Helena Camara Bastos. As entrevistadoras revelam a longa trajetória de Bastos no campo da História da Educação, cuja participação na criação e consolidação da ASPHE foi de suma relevância. O terceiro entrevistado foi o Prof. Dr. Lúcio Kreutz. Em entrevista cedida à Cassiane Curtarelli Fernandes, Kreutz narrou aspectos singulares acerca da fundação e do primeiro encontro

da ASPHE. A entrevista foi elaborada a partir de textos compartilhados pelo membro fundante, advindos de anotações pessoais e relatórios produzidos por ele, ao longo dos anos em que esteve vinculado a Associação. Na sequência, Ariane dos Reis Duarte, Estela Denise Schütz Brito e Patrícia Weiduschadt, nos oportunizam com uma entrevista concedida pela Prof^ª Dra. Beatriz Daudt Fischer. Narrativas que descrevem o quanto a ASPHE se trata de uma instituição comprometida com a academia, ao mesmo tempo que afetiva. José Edimar de Souza entrevistou o Prof. Dr. Jorge Luis da Cunha, cujos questionamentos pretendiam conhecer e compreender aspectos da trajetória de vida e profissional do entrevistado. Destacando, inclusive a intensa atuação social deste professor pesquisador que foi o primeiro presidente da da ASPHE. Finalizando este bloco de entrevistas, Caroline Braga Michel, Chéli Nunes Meira, Jaqueline de Gaspari Piotrowski e Magda Vicente apresentam a descrição da trajetória como docente e pesquisador do Prof. Dr. Eduardo Arriada, destacando seu interesse pela salvaguarda de impressos pedagógicos.

O terceiro bloco temático, Notas sobre os Grupos de Pesquisa que compõem a ASPHE, reúne sete textos que evidenciam como tais grupos estão entremeados à história da ASPHE e que tem em seus encontros um dos lugares de compartilhar e tecer relações, refletir sobre objetos de pesquisa, fontes documentais e concepções teórico-metodológicas. Dóris Bittencourt Almeida e Maria Teresa Santos Cunha, expõem as principais ações do GARPE, um grupo dedicado ao estudo de Arquivos Pessoais, Patrimônio e Educação. O segundo texto, de Luciane Sgarbi S. Grazziotin, destaca a atuação do EBRAMIC/Educação no Brasil: Memórias, Instituições e Cultura Escolar na manutenção e salvaguarda de fontes relativas à História da Educação. Na sequência, Chris de Azevedo Ramil, Vania Grim Thies e Eliane Peres apresentam um levantamento das produções vinculadas

ao centro de memória e pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares – Hisales (FaE/UFPel) publicadas nos Anais dos Encontros da ASPHE. Continuando, Giani Rabelo, Marli de Oliveira Costa e Cintia Gonçalves Martins problematizam questões suscitadas pelo projeto de pesquisa intitulado “A Situação do Acervo Documental das Escolas que Compõem o Centro de Memória da Educação do Sul de Santa Catarina – CEMESSC: Diagnóstico e Orientações para Conservação e Preservação”. O quinto texto é de autoria de Alessandro Carvalho Bica, Raissa Lamadril da Silva Silveira, Rebeca Aquino Barbosa, Simôni Costa Monteiro Gervasio e Tobias de Medeiros Rodrigues. Nele, seus autores apresentam a constituição, trajetória e perspectivas dos caminhos do grupo de Pesquisa em História da Educação, Repositórios Digitais e Acervos Históricos (PHERA), vinculado à Universidade Federal do Pampa (Unipampa) campus Bagé. Já o texto apresentado por Gisele Belusso, José Edimar de Souza e Terciane Ângela Luchese, situa o Grupo de Pesquisa História da Educação, Imigração e Memória explicitando aspectos da sua emergência, consolidação e analisando algumas estratégias de ação de seus integrantes com relação à produção científica e formação de pesquisadores. Por fim, Fernando Ripe, Jeane Caldeira e Elias Kruger Albrecht discorrem sobre o Grupo de Pesquisa Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (Ceihe), vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas/RS (UFPel), com o objetivo de analisarem toda a produção de teses de doutoramento e dissertações de Mestrado que foram defendidas por membros deste Grupo no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPel.

O quarto, e último, bloco, denominado por Memórias em documentos: as atas das Assembleias da ASPHE, revela um importante trabalho levado à cabo por Claudemir dos Santos Quadros. Nele estão reunidas as atas das assembleias gerais ordinárias da

ASPHE realizadas entre 1995 e 2019, com vistas a promover a guarda ou preservação desses documentos, pelos quais se pode conhecer aspectos do itinerário da Associação ao longo do tempo. Por meio destes documentos se pode perceber quais foram as pautas mais frequentes nos encontros anuais, as informações ou relatórios relacionados com a Revista História da Educação, as escolhas da diretoria, os anseios, os projetos, as realizações e as coisas pensadas e não alcançadas.

Como últimas palavras, gostaríamos de agradecer e ratificar a intensa participação dos associados na elaboração e envio de textos para esta coletânea. Demonstrando, não somente o interesse que os associados têm em compartilhar suas pesquisas, como também o voluntariado que estes tiveram ao atender um chamado para prestigiar/comemorar os 25 anos de fundação da ASPHE, por meio de homenagens aos importantes pesquisadores fundadores. Fica nosso carinho e a esperança por novos Encontros.

Desejamos a todos uma proveitosa leitura!

Bloco I

Memórias de Encontros & Trajetórias de Pesquisas

Uma Associação para recordar: a ASPHE presente nos Arquivos Pessoais

*Alice Jacques
Dóris Bittencourt Almeida
Maria Teresa Santos Cunha
Vania Grim Thies*

Apresentação

(...) a estrutura da recordação, que é sempre descontínua, inclui necessariamente intervalos de não presença (...) a recordação não pressupõe nem presença permanente, nem ausência permanente, mas uma alternância de presenças e ausências (ASSMANN, 2011, p. 166).

Dicionários, em geral, registram que recordar é sinônimo de lembrar, trazer, com emoção, a memória. Eles também anunciam um sentido etimológico para o verbo “recordar”, derivado do Latim: é a junção do prefixo “re”, que significa “repetir” e de “cordis”, que significa “coração”. Assim, “recordar” (“re-cordis”) tem o sentido de fazer passar novamente pelo coração. Esta passagem pelo coração nem sempre apresenta linearidade cronológica e comporta lembranças, esquecimentos e, por este motivo, recordar envolve uma alternância de presenças e ausências. Esta questão assume pleno significado neste texto que almeja ser um relato múltiplo de recordações possíveis que a ASPHE (Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores de História da Educação) propiciou e deixou, materialmente, entre nós, seus e suas associadas, no momento (2021) em que completa 25 anos de existência e atuação anos, esses, tomados como balizadores temporais para este texto.

Instigadas pela participação no Grupo de Pesquisa “Arquivos Pessoais, Patrimônio e Educação”, que reúne estudos que tematizam arquivos pessoais e cujas materialidades guardadas se constituem em

materiais para a historiografia, buscamos reunir variados documentos que fizessem recordar formas de passagem pela Associação nestes anos de sua atuação. Assim, realizamos uma chamada aos colegas associados da ASPHE para que localizassem vestígios dessa memória em seus guardados pessoais. Recebemos, então, uma documentação variada que criou oportunidades de agregar materiais em seus mais variados suportes (fotos, publicações de suas reuniões em CDs, certificados de presença, registros/anotações pessoais) produzidos e escritos quando da realização de seus eventos, desde a fundação (de 1995 até 2021), e, com eles, foi possível organizar um registro de memória.

A seleção teve como critérios a tipologia documental localizada (impressos, fotográficos, manuscritos), representativa de diversas temporalidades contemplando camadas de sentido, ou seja, mesclando passado e presente, cuja relação permite construir uma ideia de continuidade que apontará, espera-se, para outros e novos horizontes. Importante registrar que os materiais enviados apontam para a diligência do guardar e foram baluartes para a realização desse trabalho em que determinados testemunhos arquivados funcionaram como elementos de para a presentificação de passados.

Quando olhamos fragmentos de textos...

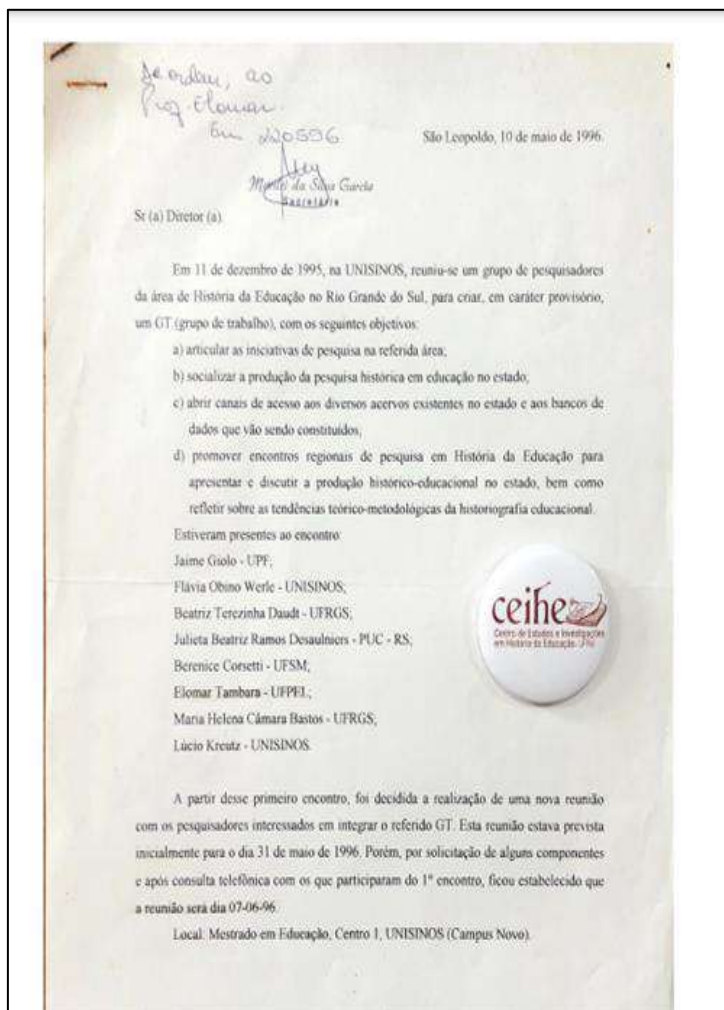
Ao romper a conexão anterior entre os textos e objetos, e entre discursos e sua forma material, a revolução digital introduziu uma revisão radical dos gestos e das noções que associamos com a palavra escrita. Apesar da inércia de um vocabulário que tenta domar a novidade designando-lhe palavras familiares, os fragmentos de textos que aparecem na tela do nosso computador não são páginas, mas composições singulares e efêmeras (CHARTIER, 2014, p. 22).

Nesta seção, encontram-se tempos entrelaçados. Esses “fragmentos de texto”, nas palavras de Chartier (2014), guardados pelo impresso e, posteriormente, digitalizados para garantir a sua salvaguarda, foram fundamentais para a construção desta seleção. Outros fragmentos de textos, mais recentes, foram já produzidos de maneira digital. Impressos, impressos digitalizados, digitais, o fato é que essas composições evidenciam, junto com os demais manuscritos e imagens reunidos neste texto, a existência da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, a ASPHE.

Se há uma certa descontinuidade na apresentação é porque a seleção foi necessária e, neste momento, não será possível a totalidade textual. Convém salientar a importância dessa seção, enfatizando que as lembranças foram produzidas e disponibilizadas por associados e associadas que se dispuseram a socializar estes materiais. Esta ação permitiu visibilidade a documentos que até então estavam possivelmente escondidos e invisíveis em gavetas fechadas. O que estava arquivado e aqui é evidenciado se inscreve na ordem das sensibilidades coletivas, dadas a ver no tempo presente.

Apresentamos algumas “composições singulares e efêmeras” (CHARTIER, 2014, p. 22), seguindo uma cronologia dispersa entre os diferentes anos da Associação. Assim, pode-se considerar que, na condição de documentos de uma época, estes impressos, ao exporem a organização dos eventos em suas atividades variadas, contribuem para o estudo da História da Educação, inserindo-se no interior de um conjunto de representações de uma determinada sociedade, em um contexto histórico específico. Atualmente, alguns já musealizados, aqui se impõem a nossos olhos e, analisados, assumem a condição de objetos históricos: são testemunhos de época e servem de inspiração aos pesquisadores atuais e futuros em diferentes sentidos e instâncias.

Figura 1 – Registro da reunião de criação da ASPHE 1995 – UNISINOS (São Leopoldo/RS)



Fonte: Arquivo pessoal Elomar Tambara/ Disponível no Ceihe/UFPEL.¹

¹ Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (Ceihe/UFPEL).

Figuras 2 e 3 – Primeiros números impressos da Revista História da Educação (Número 1 e 2 – 1997)



Fonte: Arquivo pessoal Elomar Tambara/ Disponível no Ceihe/UFPEL.

Figuras 4 e 5 – Notas fiscais de pagamento de impressões da Revista História da Educação (1998)

Doc. 20

FAU
Fundação de Apoio Universitário
Rua Professor Araújo, 538 CEP 96020-360
PELOTAS - RS

Insc. Estadual 093/0274180 CCGMF 89.876.114/0001-03
NOTA FISCAL DE VENDA A CONSUMIDOR SÉRIE D-1
1ª VIA

Data da Emissão: *22/4/98* Nº: 07048
Nota p/ o Sr. *Associação Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação*
Endereço: *de Anunciadores em História da Educação*

QTD.	DISCRIMINAÇÃO	P. UNIT.	TOTAL
50	ex. Livro História da Educação Nº 1	5,44	272,00
Cheque Cr. Federal Nº 085587			
Total RS			272,00

ceihe
Centro de Estudos e Investigações em História da Educação - UFPEL

Doc. 23

FAU
Fundação de Apoio Universitário
Rua Professor Araújo, 538 CEP 96020-360
PELOTAS - RS

Insc. Estadual 093/0274180 CCGMF 89.876.114/0001-03
NOTA FISCAL DE VENDA A CONSUMIDOR SÉRIE D-1
1ª VIA

Data da Emissão: *22/09/98* Nº: 08869
Nota p/ o Sr. *Associação Sul-Rio-Grandense de Anunciadores em História da Educação*

QTD.	DISCRIMINAÇÃO	P. UNIT.	TOTAL
100	ex. Antonio Boly Passos Vol 2 nº 4	4,85	485,00
Total RS			485,00

ceihe
Centro de Estudos e Investigações em História da Educação - UFPEL

Fonte: Arquivo pessoal Elomar Tambara/ Disponível no Ceihe/UFPEL.

Figuras 6 e 7 – Certificados de apresentação (1998) e CD de Anais Científicos (2006)



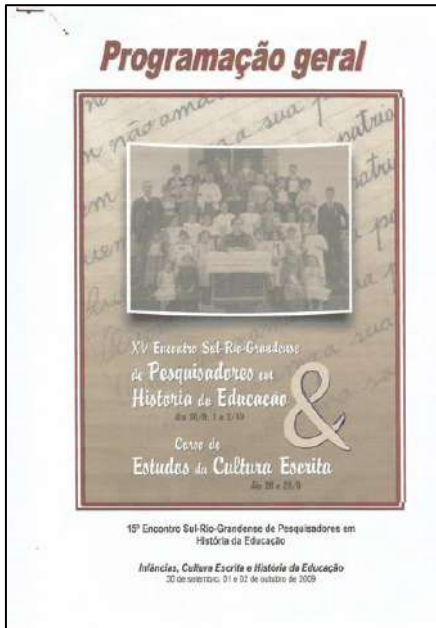
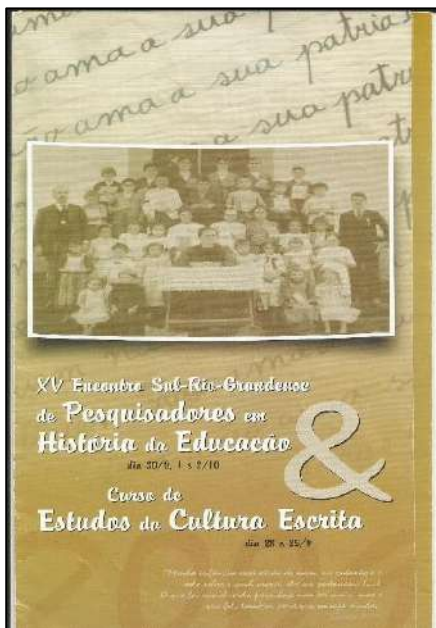
Fonte: Arquivo pessoal Elomar Tambara. Disponível no Ceihe/UFPel (1998) e Arquivo pessoal Vania Grim Thies (2006).

Figura 8 – Anais do VII Encontro da ASPHE 2001 – UFPel (Pelotas/RS)



Fonte: Arquivo pessoal Vania Grim Thies.

Figuras 9, 10 e 11 – Folder do XV Encontro da ASPHE na UCS (Caxias do Sul/RS) (2009), programação impressa (2009) e programação digital do XXII Encontro da ASPHE (2016) UNIPAMPA (Bagé/RS)



PROGRAMAÇÃO FINAL - 22º ENCONTRO DA ASPHE - UNIPAMPA/BAGÉ			
05/10/16 - Quinta-feira		06/10/16 - Quinta-feira	
8h às 10h	CREDECIMENTAMENTO E ENTREGA DE MATERIAL	8h às 10h	COMUNICAÇÕES - Sessão 3
10h às 10h30min	APRESENTAÇÃO CULTURAL CAMERATA DE VIOLÕES - UNIPAMPA	10h às 10h30min	INTERVALO PARA CAFÉ
10h30min às 12h30min	MESA-REDONDA História da Educação e Políticas Educacionais: Desafios contemporâneos. Jose Luis Sanfelice - UNIVAS/MS Claudemir de Quadros - UFSM Mediadora: Fabíola Vieleschuck - UFPEL	10h30min às 12h30min	MESA-REDONDA Políticas Educacionais e as Diretrizes para a Formação de Professores Berenice Corsetti - UNESINOS Natália GE UFRGS Mediadora: Tereza Luchessa - UCS
12h30min às 14h	INTERVALO PARA ALMOÇO	12h30min às 14h	INTERVALO PARA ALMOÇO
14h às 15h	COMUNICAÇÕES - Sessão 1	14h às 15h	COMUNICAÇÕES - Sessão 4
15h às 16h30min	INTERVALO PARA CAFÉ	15h às 16h30min	INTERVALO PARA CAFÉ
16h30min às 18h30min	COMUNICAÇÕES - Sessão 2	16h30min às 18h	ASSEMBLEIA DA ASPHE
18h30min	LANÇAMENTO DE LIVROS	20h30min	JANTAR POR ADEBÃO
18h	APRESENTAÇÃO DO GRUPO DE PRÁTICAS VOCAIS COLETIVAS DA UNIPAMPA:		
18h30min	CONFERÊNCIA DE ABERTURA: Os Vinte Anos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Dermival Saviani - UNICAMP Maria Beatriz Luce - UFRGS Mediador: Alessandro Bica - UNIPAMPA		
07/10/16 - Sexta-feira		08/10/16 - Sexta-feira	
08h às 10h	Exibição do Longo-metragem "Glauco de Barros" Direção: Zeca Brito	08h às 10h	INTERVALO PARA CAFÉ
10h30min às 12h30min	CONF. DE ENCERRAMENTO História e Políticas dos Projetos de Educação Brasileira (Século XX e XXI) Cynthia Oliveira - UFSC Mediador: Alessandro Bica - UNIPAMPA	14h às 17h	Passado Turístico pela Cidade

Fonte: Arquivo pessoal Vania Grim Thies (2009) e Arquivo pessoal Alessandro Carvalho Bica (2016).

Quando olhamos essas fotografias...

[...] quando olhamos uma fotografia, não é ela que vemos, mas sim outras que se desencadeiam na memória, despertadas por aquela que se tem diante dos olhos. [...] a capacidade associativa e o estabelecimento de séries repousaria, em última instância, no estranho jogo que articula a fixidez da imagem fotográfica com a perenidade das lembranças de pessoas e acontecimentos (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 460).

Essas fotografias aqui registradas como retratos, representam vivências nos Encontros da ASPHE. Guardadas em arquivos pessoais, certamente foram importantes para seus titulares, pois, ao guardá-las, criou-se a possibilidade de, com elas, narrar e construir histórias. Podemos dizer que não foram esquecidas justamente porque representam memórias felizes, fazem lembrar momentos bonitos e singulares da vida acadêmica. Para além de um mero registro técnico, as fotografias evocam o passado e materializam recordações, que nos emocionam, pois, segundo Kossoy (2010), é dessa forma que percebemos a passagem do tempo e, portanto, a noção de passado se torna de fato concreta.

Assim, as imagens aqui destacadas capturaram cenas de apresentação de pesquisas, de exposições, da construção de laços afetivos, de parcerias acadêmicas que se firmaram. Em cada foto guardada, uma recordação da Associação que, desde os anos 1990, vem reunindo gerações de pesquisadores em História da Educação. E, como diz Schapochnik (1998), olhar para essas fotografias, desencadeia o trabalho da memória e isso é capaz de evocar tantas outras lembranças, povoadas por sensibilidades e nostalgias, que atravessam camadas do tempo da trajetória da ASPHE.

Figuras 12 e 13 – Lançamento do livro “Instituições formadoras de professores no Rio Grande do Sul”², organizado por Elomar Tambara e Berenice Corsetti no XIV Encontro da ASPHE 2008 – UFPel (Pelotas/RS)



Fonte: Arquivo pessoal Dóris Bittencourt Almeida.

Ao compartilhar as imagens acima nas quais aparecem Eduardo Arriada e Maria Helena Câmara Bastos, a autora expressa o sentimento evocado quando da realização da ASPHE em Pelotas no ano de 2008:

Guardei essas fotos porque elas me lembram de um bonito momento de lançamento do livro, em que tive um artigo publicado referente à Escola Normal Rural de Osório, instituição que investiguei em minha Tese de Doutorado. Em 2008, fazia um ano da defesa da Tese, e tinha muito receio de me afastar da vida acadêmica. Então, seguir participando da ASPHE foi um modo importante de continuar próxima da História da Educação (Dóris Bittencourt Almeida).

² Este livro foi publicado em 2 volumes.

Figuras 14, 15 e 16 – Lançamento do livro *Cartas de professor@s* / *cartas a professor@s – escrita epistolar e educação* (organizado por Eliane Peres e Antônio Maurício Medeiros Alves) no XV Encontro da ASPHE 2009 na UCS (Caxias do Sul/RS)



Fonte: Arquivo pessoal Antônio Mauricio Medeiros Alves.

Nas imagens de lançamento do referido livro estão pessoas com longa trajetória na Associação, tais como Berenice Corsetti, Maria Helena Câmara Bastos e Maria Stephanou. Na foto à esquerda, podemos ver pesquisadores de uma nova geração: Vania Grim Thies, Lisiane Sias Manke, Antônio Mauricio Medeiros Alves e Natália de Lacerda Gil, entre outras pessoas mais jovens.

Figuras 17, 18 e 19 – Espera do ônibus para ida ao XVII Encontro2011 na UFSM (Santa Maria/RS) –XVII Encontro Santa Maria (UFSM/RS) e cenas do referido Encontro.



Fonte: Arquivo pessoal Antônio Mauricio Medeiros Alves.

Nas imagens compartilhadas por Antônio Maurício, as fotografias apresentam registros do presente para lembrar no futuro do que vivemos no passado, tais como a espera do ônibus junto ao Grupo Hisales para o deslocamento até o evento, a apresentação de trabalho de Eliane Peres e a sessão da assembleia da ASPHE (2011). Em suas recordações destaca:

Observando as fotos de meu acervo pessoal, que evidenciam momentos capturados nos encontros da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe, sou imediatamente levado a um passado recente, passado esse que os participantes desses eventos têm registrado em seus trabalhos desenvolvidos no campo da História da Educação. Participo da ASPHE desde o início dos anos 2000 e com muito carinho guardo o livro impresso com os Anais do IX Encontro da Associação, de 2003, o qual, juntamente com os registros fotográficos, me traz muitas lembranças. Olhar as fotografias me fez reviver lindos momentos, de emoção ao apresentar um trabalho para discussão com meus pares, quando ainda estava no mestrado, dos momentos alegres de confraternização em jantares e coquetéis, das aventuras de esperar um ônibus da universidade, no frio da noite, em frente à Praça Coronel Pedro Osório em Pelotas e das risadas durante as viagens. Cada rosto amigo traz consigo diversas memórias, saudades de tempos, pessoas, lugares... É com muita alegria que separo esses registros com os quais desejo prestar minha homenagem a ASPHE, uma instituição, um bem imaterial, e que ao completar 25 anos de sua fundação mostra que foi e é um espaço coletivo que acolhe a todos e todas sem distinção, valorizando as pesquisas em diferentes níveis, valorizando e salvaguardando a História da Educação gaúcha, mas não somente, extrapolando fronteiras e ganhando o mundo! Parabéns ASPHE – 25 anos! (Antônio Maurício Medeiros Alves).

Figuras 20 e 21– Fotos do XXIV Encontro da ASPHE 2018
UNISINOS (São Leopoldo/RS)



Fonte: Arquivo pessoal José Edimar de Souza.

Na imagem, o registro do Encontro da ASPHE 2018 realizado na UNISINOS, José Edimar de Souza, Estela Schutz Brito, Eduardo H. Silva, Artur Alexandrino, Ariane Duarte e Jauri Sá.

Figuras 22 e 23 – Fotos do XXI Encontro da ASPHE 2015 – UCS
(Caxias do Sul)



Fonte: Arquivo pessoal José Edimar de Souza.

Sobre essas fotografias posso dizer que foram guardadas no sentido a rememorar esse importante trabalho, que é resultado de um esforço coletivo para construir uma pequena cartografia das instituições escolares situadas na região metropolitana de Porto Alegre. São memórias de 2015. Foi a exposição “Fendas do tempo...”, organizada pelo nosso grupo de pesquisa EBRAMIC, em 2015, no Encontro da ASPHE realizado na UCS. Ao fundo, se identifica o pesquisador Eduardo H. da Silva (José Edimar de Souza).

Figura 24 – XX Encontro da ASPHE 2014 –UFRGS (Porto Alegre/RS)



Fonte: Arquivo pessoal José Edimar de Souza.

Imagem que registra o Encontro da ASPHE na UFRGS em 2014.

Entre amigos e colegas de grupo de pesquisa. No encontro de 2014, com Beatriz Fischer, Ariane Duarte, Jauri Sá, Valesca Costa e Artur Alexandrino (José Edimar de Souza).

Figura 25 – XXII Encontro da ASPHE 2016 – UNIPAMPA (Bagé/RS)



Fonte: Arquivo pessoal José Edimar de Souza.

Na fotografia anterior, o registro do Encontro da ASPHE em Bagé, com a presença dos colegas Gleison Olivio, Estela S. Brito, José Edimar de Souza, Cristiane Louzada, Renata Castro e Gisele Belusso.

Figura 26 – XXV Encontro da ASPHE 2019 – UNIPAMPA (Bagé/RS)



Fonte: Arquivo pessoal Gisele Belusso.

Na imagem anterior, um bonito registro junto aos colegas de pesquisa da Asphe em Bagé. No registro fotográfico, está à frente, Gisele Belusso, autora da fotografia. Na primeira fileira da esquerda para direita, Lucas Costa Grimaldi, Alice Rigoni Jacques e Luciane Grazziotin. Na 2ª fileira da esquerda para a direita estão Rana Schmitt, Carolina Lanes e Gabriela Portela Moreira. Na 3ª fileira da esquerda para a direita estão Jacqueline Dewes, Ariane Duarte, Estela Schutz Brito, Cassiane Curtarelli, Marcos Hinterholz, Edison Luiz Saturnino e Milene Figueiredo.

Figura 27 – XXV Encontro da ASPHE 2019 – UNIPAMPA (Bagé/RS)



Fonte: Arquivo pessoal Gisele Belusso.

Neste passeio, nas ruas de Bagé, durante o 25º Encontro da ASPHE, aparecem Marcos Hinterholz, Jacqueline Dewes, Dóris Bittencourt Almeida e Gabriela Portela Moreira.

A imagem retrata um passeio na cidade de Bagé, no ano de 2019. As pessoas que integram a imagem estavam na cidade para o encontro anual da Asphe. Guardo essas fotografias com carinho por evocar momentos de afeto entre colegas pesquisadores interessados no campo da História da Educação, assim as afinidades são diversas. O registro marca os preciosos encontros presenciais, que até então eram possíveis, momentos em que o evento se estendia em conversas informais, compartilhamento de ideias e interesses de pesquisa. A imagem evoca um dia chuvoso que, no entanto, foi colorido pelo encontro com pessoas queridas. Simbolicamente, as sombrinhas representam esse colorido, abarcam as afinidades e acolhem a diversidade das instituições de ensino superior a que se vinculam os pesquisadores. Guardo as imagens por considerar os encontros que ocorriam nos eventos como importantes momentos no meu percurso formativo durante o mestrado e, posteriormente, o doutorado em Educação. Momentos de aprendizagem, partilha e afeto. Ali constituíram-se laços de pesquisa, de produção acadêmica e também de amizade (Gisele Belusso).

Figura 28 – Encontro da ASPHE 2018 – UNIPAMPA (Bagé)



Fonte: Arquivo pessoal Alice Rigoni Jacques.

A imagem da fotografia mostra a confraternização do grupo de pesquisadores que dividiu a Sessão de Comunicação Oral no 25º

Encontro da Asphe em Bagé. Estão identificadas na foto Liziane Fonseca, Tania Teixeira, Angelita Kolmar, Luísa Grando, Alice Rigoni Jacques, Cassiane Curtarelli Fernandes, Estela Schutz Brito).

Esses momentos de partilha de pesquisas e de saberes, representam o trabalho que os pesquisadores em História da Educação desenvolvem a partir de suas pesquisas em espaços e lugares de constituição da cultura escolar. De acordo com Pinsky (2010, p. 7), existe um variado elenco de lugares e de fontes a que o historiador pode recorrer nos dias de hoje para o desenvolvimento de sua pesquisa. São nessas trocas realizadas, que partilhamos uma gama de variadas fontes históricas e vieses percorridos nas pesquisas apresentadas, bem como novas possibilidades de investigação. São oportunidades, experiências e lugares compartilhados que são apresentados para quem deseja *colocar a mão na massa*, adentrar em arquivos, ouvir depoimentos, manusear papéis, encontrar vestígios do tempo passado, buscando e aceitando os desafios que as pesquisas em História da Educação proporcionam (Alice Rigoni Jacques).

Figuras 29, 30 e 31 – XIX Encontro da ASPHE – 2013 – UFPel (Pelotas/RS) – Fotografias da exposição “Recuerdos: Registros da cultura material escolar em Pelotas e região



Fonte: Arquivo pessoal Chris de Azevedo Ramil.

As fotografias representam alguns momentos do 19º Encontro da Asphe, realizado em Pelotas/RS, na UFPel, em novembro de 2013, e simbolizam memórias que remetem à formação, pesquisa e conhecimento. Todas as imagens têm algo em comum, registrado por diferentes perspectivas. Podemos identificar a história da educação pela visualidade do evento, assim como a fortalecemos em um debate entre os pesquisadores e a valorizamos com a expografia de acervos que a constituem. Este conjunto de registros visuais colabora com o reconhecimento da Asphe e de sua expressiva e longa atuação no campo da pesquisa em história da educação nos âmbitos local, regional, nacional e internacional (Chris de Azevedo Ramil).

Quando olhamos os manuscritos...

... A mão sirva de exemplo (...).
O pintor, lápis ou pincel na mão, risca, rabisca, alinha, desenha,
enquadra, traça, esboça, debuxa, mancha, pincela,
pontilha, empastela, retoca, remata.
O escritor garatuja, rascunha, escreve, reescreve,
rasura, emenda, cancela, apaga (BOSI, 1977, p. 57).

No sentido etimológico, manuscrito se origina do latim manu (mãos) e scriptus (escrever), é um documento escrito ou copiado à mão sobre um suporte físico (p. ex., pergaminho ou papel) utilizando um instrumento (pena, cálamo, lápis, caneta, esferográfica, etc.) e um meio (tinta).

Seja à lápis ou caneta, os manuscritos simbolizam algo que se escreveu à mão em folhas soltas, blocos ou cadernos, como artefatos da cultura escrita³. Em diversos formatos representam registros dos

³ À História da Cultura Escrita, interessam não só os aspectos gráficos que dão visibilidade aos diferentes níveis de alfabetização, mas também a disposição do escrito sobre o espaço gráfico; (...) a forma da letra empregada, a introdução de maiúsculas e sumários para organizar o discurso, a redação, os sublinhados, as marginais, as dedicatórias, etc (CASTILLO GÓMEZ; BLAS, 2008, p. 15).

Encontros realizados ao longo desses anos. São anotações avulsas referentes a palestras, mesas de conversa e mesmo excertos de apresentações de pesquisas que mereceram atenção naqueles momentos dos eventos. Em meio às escritas, desenhos, traçados, linhas e rabiscos, um mosaico de narrativas se compôs.

Escrever e anotar para guardar, em variados suportes de papel, foram ações realizadas por inúmeros participantes dos encontros da ASPHE em vários tempos e essas delicadas presenças podem estar visíveis, tanto nos registros feitos, como em marcas indeléveis (borrões, desenhos, letras desenhadas, etc.) que foram deixadas nas páginas e que, aqui, são recordadas. Na perspectiva dos estudos sobre cultura escrita, podem ser considerados como atos que mostram níveis de competência gráfica dos seus proprietários, quer pela assinatura desenhada, quer pela presença de letras rebuscadas ou mesmo apressadas, que exigem maior ou menor domínio da mão sobre o papel. Tantas e tão diferentes marcas deixadas nestes manuscritos permitem imaginar o participante do evento, atentar para as palavras utilizadas, para a caligrafia, entre outros aspectos.

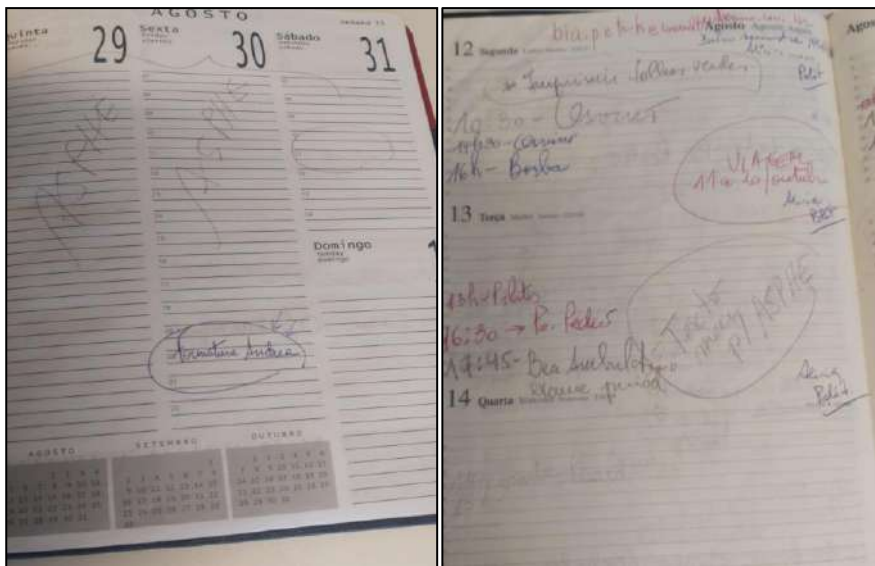
Trazer, aqui, este material manuscrito, preservado pelos autores, permite observar a atividade concreta da escrita que, ao macular a página em branco circunscreve um lugar de produção que marca a presença do sujeito (...) nesse lugar desenfitejado das ambigüidades do mundo (CERTEAU, 1994, p.225). Em alguns casos, pode-se observar a caligrafia feita de forma inclinada ou mesmo apressada com uso de abreviaturas. Tais práticas indicam convivência com formas de cultura escrita, e todas elas fornecem evidências de que não existem coisas banais, mas possibilidades de múltiplas relações que se podem compor entre passado, presente e horizontes futuros.

Figura 32 – Registros da agenda pessoal de Beatriz Fischer sobre reunião para discussão do estatuto e Revista da ASPHE (2 de setembro de 1996)



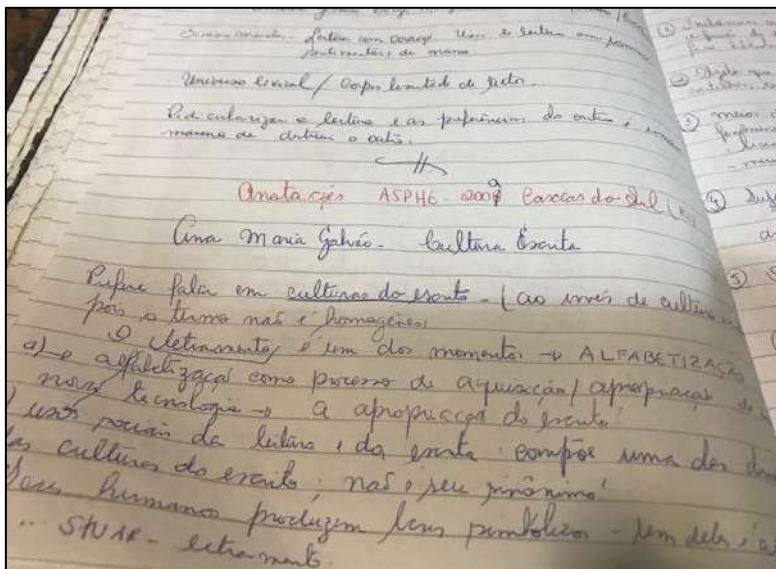
Fonte: Arquivo pessoal Beatriz Fischer

Figuras 33 e 34 – Registros da agenda pessoal de Beatriz Fischer – texto para ASPHE (Agosto de 2013)



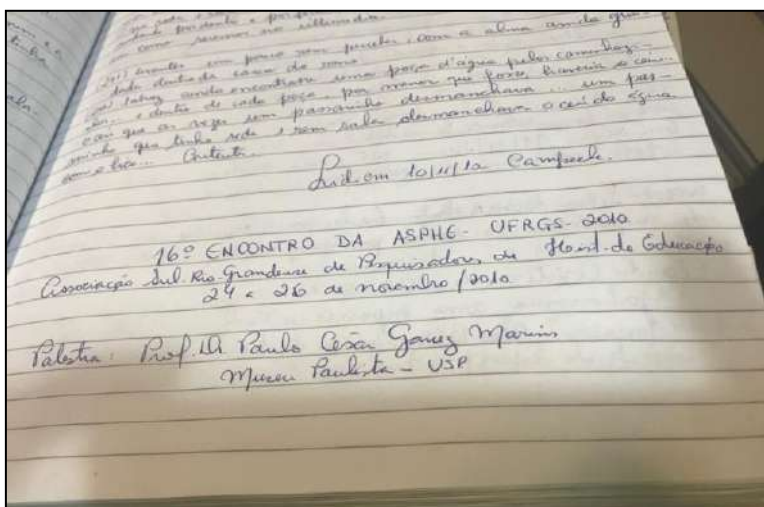
Fonte: Arquivo pessoal Beatriz Fischer

Figura 35 – Anotações do XV Encontro da ASPHE 2009 – UCS (Caxias do Sul/RS)



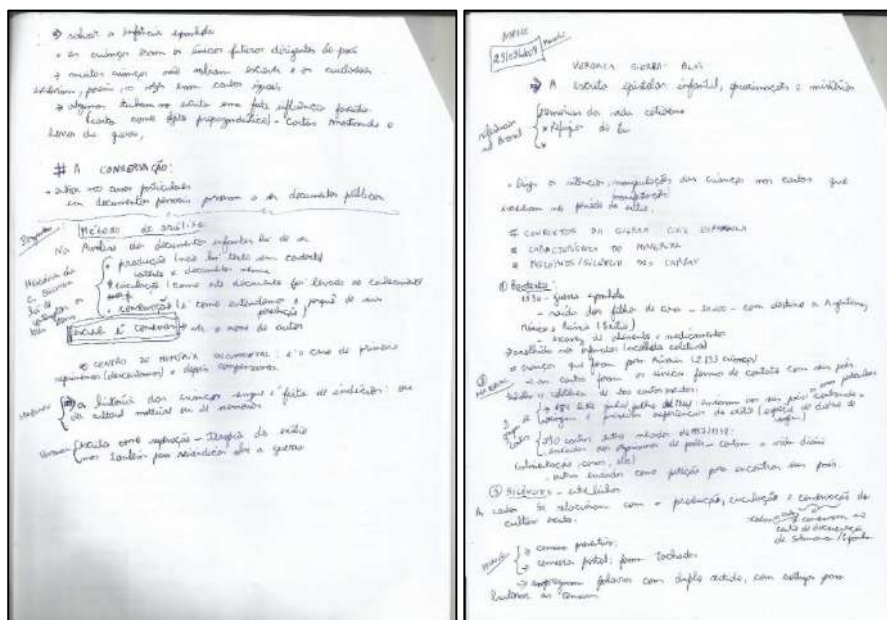
Fonte: Arquivo pessoal Maria Teresa Santos Cunha.

Figura 36 – Anotações do XVI Encontro da ASPHE 2010 – UFRGS (Porto Alegre/RS)



Fonte: Arquivo pessoal Maria Teresa Santos Cunha.

Figuras 37 e 38 – Anotações do Curso Estudos da Cultura Escrita com Verónica Sierra Blas (Alcalá-de-Henares/Espanha) – XV Encontro da ASPHE em 2009 na UCS (Caxias do Sul/RS)



Fonte: Arquivo pessoal Vania Grim Thies.

Quando olhamos os 25 anos de trajetória...

Quando olhamos a trajetória dos 25 anos da ASPHE, percebemos que, a cada Encontro promovido, o objetivo de incentivar e promover estudos relacionados à História da Educação foi e continua a ser um dos objetivos da existência da Associação.

O presente texto apresenta documentos, materializados em impressos, fotografias e manuscritos, capturados em arquivos pessoais e guardados por diversos pesquisadores. A pretensão é registrar algumas recordações possíveis que rememorassem os percursos de tantos anos da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE).

Fazer essa imersão em documentos salvaguardados nos presenteou, de certa forma, como um deleite, de revisitar caminhos percorridos nos encontros realizados da História da Educação no Rio Grande do Sul.

Que a ASPHE continue nos oportunizando pensar a história, interrogar o presente, em suas continuidades e mudanças de tempos ancoradas em amplas temporalidades e, ao mesmo tempo, inscritas em tempos específicos.

Ao idealizar a escrita deste texto, nos acompanhou o propósito de zelarmos pela memória, afinal, como diz Ricoeur “para falar sem rodeios, não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela” (2007, p. 40). Assim, assumimos o difícil desafio de ficarmos na memória, correndo riscos de sermos enfeitiçadas pelo passado que foi guardado. É importante mencionar que a coleta e as possíveis interpretações dessas recordações não são aleatórias, foram escolhidas e mostram nosso próprio envolvimento, às vezes superficial e mesmo, ocasionalmente, até inexato mas, foi a ação historicamente possível neste momento e “por isso mesmo sujeito ao esquecimento e a ressignificações” (POLLAK, 1989, p.5). E, por fim, fica a esperança que esses vestígios, grande parte em suporte papel, possam ser ressignificados por todos nós, que, de muitos modos, temos essa Associação como parte integrante dos percursos acadêmicos.

Referências bibliográficas

ASSMANN, Aleida. **Espaços da Recordação, Formas e transformações da memória cultural**. Tradução Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. SP: Cultrix, 1977.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio; BLAS, Veronica Sierra (Orgs.). **Mis primeros pasos. Alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (siglos XIX e XX)**. Astúrias/España: Ediciones Trea. 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

KOSSOY Boris. Boris Kossoy: **Fotógrafo**. 1ª edição, 2010.

PERES, Eliane. ALVES, Antônio Mauricio Medeiros (Orgs.). **Cartas de professor@s cartas a professor@s – escrita epistolar e educação**. Porto Alegre: Redes Editora, 2009.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 2ª edição, 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

POLLAK. Michel. **Memória, esquecimento, silêncio**. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: FGV, v.2. n.3, 1989

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2007.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: NOVAIS, Fernando A. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1998. V. 3, p. 457- 489.

TAMBARA, Elomar. CORSETTI, Berenice (org.). **Instituições Formadoras de Professores no Rio Grande do Sul**. Pelotas: Ed. da Universidade UFPel, 2008 (volumes I e II).

A Revista História da Educação (RHE): entre histórias e perspectivas

*Chris de Azevedo Ramil
Dóris Bittencourt de Almeida
Tatiane de Freitas Ermel
Terciane Ângela Luchese*

Considerações iniciais

A produção de um periódico constituído, mantido e subsidiado por uma sociedade científica como a Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação é fato a ser reconhecido pelas gerações de novos historiadores da educação. É com o intuito de registrar aspectos históricos, mas também de partilhar algumas reflexões sobre os processos de escrita e submissão em periódicos científicos como a revista *História da Educação*, que produzimos este capítulo.

Como refere Abadal (2020), por mais de 300 anos as revistas científicas têm sido espaço importante para a difusão do desenvolvimento científico e para o reconhecimento de seus atores. Se os modos de comunicar os resultados investigativos na área de Humanidades tradicionalmente se mantiveram mais vinculados ao livro, aos poucos, nas últimas décadas e pressionados por processos avaliativos, os pesquisadores têm valorado e publicado, cada vez mais, em periódicos científicos.

História da Educação é a primeira revista brasileira especializada no gênero e em língua portuguesa. O número inaugural foi lançado em 28 de abril de 1997, por ocasião do terceiro encontro da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, ocorrido em São Leopoldo/RS. Esta associação, criada em 1995, tinha como objetivo “incentivar e realizar a pesquisa e a

divulgação na área de história da educação, prioritariamente do Rio Grande do Sul, congregar os pesquisadores e os estudiosos na área e manter intercâmbio com entidades congêneres” (BASTOS; QUADROS; STEPHANOU, 2015, p. 58).

A publicação resultou do empenho dos professores da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), especialmente do colega Elomar Antônio Callegaro Tambara (UFPel), que foi seu editor até 2011, apoiado pela professora Maria Helena Camara Bastos, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Os professores Eduardo Arriada (UFPel) e Gomercindo Ghiggi (UFPel) também colaboraram por algum período (PERES, BASTOS, 2001; STEPANHO, 2016). A partir de 2011, a editoria da revista passou a ser realizada pelos professores Claudemir de Quadros, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Maria Stephanou, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e Maria Helena Camara Bastos (PUCRS). Entre 2016 e 2017, a editoria foi exercida por Maria Helena Camara Bastos (PUCRS) e Claudemir de Quadros (UFSM), com assessoria da editora-gerente Chris de Azevedo Ramil (UFPel). Em 2018, seguiram trabalhando na editoria Maria Stephanou (UFRGS) e Chris de Azevedo Ramil (UFPel). No ano seguinte, a RHE passou por nova transição editorial que se mantém até o presente. Desde então, integram a editoria as professoras Dóris Bittencourt de Almeida (UFRGS); Terciane Ângela Luchese (UCS), Tatiane de Freitas Ermel (UCM) e Chris de Azevedo Ramil (UFPel), com a assessoria de Lucas Grimaldi (UFRGS) na secretaria editorial da RHE. Contou-se também, na transição, com o apoio dos colegas José Edimar de Souza, da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e Luciane Sgarbi Grazziotin, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), por determinado período.

Pela classificação mais recente da produção intelectual nos periódicos científicos brasileiros realizada pelo Qualis/CAPES,

relativa ao quadriênio de 2013-2016, a RHE foi avaliada entre os melhores conceitos, obtendo os seguintes índices, de acordo com as áreas de conhecimento: Educação – A1; Ensino – A1; História – A2; Interdisciplinar – A2; Direito – A2; Linguística e Literatura – B1; Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo – B1.

Além disso, desde maio de 2013, a revista integra o *Scientific Electronic Library Online* – Scielo Brasil¹, uma reconhecida plataforma em formato de biblioteca digital que indexa e publica em acesso aberto na internet as publicações de periódicos científicos brasileiros. Há também outros indexadores nos quais a revista consta atualmente², cujos acessos podem ser conferidos no *site* do periódico³.

Vale também registrar que a revista foi contemplada com financiamento proveniente de editais específicos para fins editoriais destinados a periódicos, oferecidos pela Capes e CNPq, por muitos

¹ Revista História da Educação no Scielo: <https://www.scielo.br/j/heduc/>

² Entre os indexadores nos quais a RHE está cadastrada atualmente, estão: *Diadorim - Diretório de Políticas Editoriais das Revistas Científicas Brasileiras*; *Dialnet - Fundación Dialnet*; *Doaj - Directory of Open Access Journals*; *EBSCO - Information Services*; *Educ@ Scielo FCC - Indexador online de periódicos na área da Educação*; *EZB – Elektronische Zeitschriftenbibliothek (Electronic Journals Library)*; *Google Acadêmico - Google Scholar*; *Latindex - Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal*; *LatinRev - Red Latinoamericana de Revistas Académicas en Ciencias Sociales y Humanidades*; *OEI - Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura - Biblioteca Digital*; *Periódicos Capes - Portal de Periódicos Capes / MEC*; *PKP - Public Knowledge Project*; *Qualis Periódicos - Plataforma Sucupira*; *Redalyc - Sistema de Información Científica Redalyc / Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal*; *Redib - Red Iberoamericana de Innovación y Conocimiento Científico*; *Scielo - Scientific Electronic Library Online*; *Scopus - Abstract and citation database of peer-reviewed literature: scientific journals, books and conference proceedings*; *SJR - Scimago Journal & Country Ranking*; *Sumários.org - Sumários de Revistas Brasileiras*. Mais informações podem ser conferidas no *site* da RHE.

³ *Site da Revista História da Educação*: <https://seer.ufrgs.br/asphe/>

anos, até 2018. Este recurso financeiro foi muito importante para a manutenção das atividades editoriais da revista naquele período e, desde então, devido aos cortes de verbas dos referidos órgãos de fomento, não pôde ser continuado. Atualmente, a RHE conta com o apoio financeiro da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, à qual se vincula.

Quanto à periodicidade, até 2006, editavam-se dois números anuais, em abril e setembro, com um número médio de 200 páginas e com tiragem de 500 exemplares, distribuídos para bibliotecas de instituições de ensino superior nacionais e internacionais, além dos associados da ASPHE, sistema de assinaturas, doações ou permutas. A partir de 2007, a periodicidade da revista passou a ser quadrimestral. Houve uma transição entre versão impressa e *on-line*, hoje tendo seu formato, exclusivamente, *on-line* e com publicação contínua, com um único volume anual (desde 2019), seguindo as tendências editoriais internacionais e recomendações do Scielo, do Seers/UFRGS e dos fóruns de editores de periódicos em geral.

Além disso, desde o início de 2019, o periódico conta com uma nova identidade visual, visando uma renovação gráfica do periódico. A revista passou a ter, então, um logotipo e também a apresentar um novo modelo de diagramação dos artigos, além da reformulação de outras aplicações e peças gráficas, como no *site*, redes sociais e papelaria da RHE. A capa da revista também foi padronizada, de acordo com a nova estética, observando-se a tendência dos periódicos em manter sempre o mesmo projeto gráfico-editorial, mas com algumas pequenas variações, no que se refere especificamente aos dados que registram o ano e o volume de cada edição.

Ao longo dos últimos vinte e quatro anos, desde que veio à lume a primeira edição da *Revista História da Educação* em 1997, suas contribuições na formação de pesquisadores e na afirmação do campo de investigação são diversas. Assim, no presente texto, nos dirigimos

especialmente aos jovens pesquisadores que se aproximam do campo temático de investigações da História da Educação. Procuramos explicar os significados da publicação em diferentes periódicos, inclusive internacionais, como se dá a avaliação por pares e apresentar algumas orientações sobre como produzir um bom artigo. Considerando esses leitores, entendemos a relevância de narrar os percursos da *Revista História da Educação* no cenário acadêmico, que levaram a constituir-se em um periódico de excelência e quais as implicações para os pesquisadores, sócios da ASPHE. Por fim, procura-se mostrar como as diferentes seções da Revista podem auxiliar o pesquisador em sua formação: consulta aos artigos em fluxo contínuo; consulta aos dossiês, quando se buscam temáticas específicas; leitura das entrevistas para aprender com outros percursos formativos; busca de fontes na seção de acervos/documentos.

A Revista História da Educação e a sua constituição na área

A *Revista História da Educação* está atrelada à constituição e as transformações da área da História da Educação em âmbito internacional, sendo pioneira no Brasil e, também, a primeira do gênero em língua portuguesa. Nas últimas décadas, uma série de estudos têm se dedicado ao balanço histórico e comparativo e, especialmente, da internalização dos periódicos científicos, fomentando grupos e redes de contatos nacionais e internacionais.

Ao realizar uma panorâmica global de revistas de História da Educação, Hernández Huerta; Cagnolati; Diestro (2015) destacam que a primeira publicação científica que se dedicou explicitamente aos aspectos históricos da educação surgiu nos Estados Unidos, em 1951, com o nome: *Journal of Philosophy & History of Education*. Nas quatro décadas seguintes, outros 11 periódicos da área iniciaram suas atividades: cinco no Reino Unido, duas nos Estados Unidos, uma na

França, uma na Itália, uma na Espanha e uma no Canadá. No entanto, foi a partir da segunda metade dos anos 1990 que os projetos editoriais especializados começaram a ser significativamente impulsionados na Europa mediterrânea e no contexto latino-americano⁴.

As publicações na América Latina foram impulsionadas primeiramente na Colômbia (1995) e na Argentina (1996)⁵. Nesta conjuntura, a *Revista História da Educação* surgiu em 1997, como fruto de uma série de iniciativas da Asphe.

Em seguida, três importantes projetos editoriais da área foram iniciados também no país: o *Boletim História, Sociedade e Educação*, criado em 1999 e vinculado ao grupo de pesquisa *História, Sociedade e Educação no Brasil/HISTEDBR*⁶, fundado em 1986; a *Revista Brasileira de História da Educação* (2001), vinculada à *Sociedade Brasileira de História da educação* (SBHE), criada em 1999 e, *Cadernos de História da Educação* (2002), editada pela Universidade Federal de Uberlândia (BASTOS; ERMEL, 2015).

A partir do ano de 2015, o Brasil contou com um aumento significativo nos projetos editoriais da área, oriundos de grupos de pesquisa, redes e associações: *Revista de História da Educação Matemática* (Histemat), criada em 2015 e vinculada à *Sociedade Brasileira de História Matemática*; a *Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo*, criada em 2016 e vinculada à *Rede Iberoamericana para a Investigação e a Difusão do Patrimônio*

⁴ Para um estudo aprofundado sobre os periódicos brasileiros entre 1997-2016, ver Bastos *et al.* (2019).

⁵ Também podemos citar outros periódicos especializados na América Latina, tais como: *Cuadernos Chilenos de Historia de la Educación* (Chile), criado em 2013; *Heurística. Revista Digital de Historia de la Educación* (Venezuela); *Revista Historia de la Educación Latinoamericana* (Colômbia), criada em 1998; *Historia de la Educación Colombiana* (Colômbia), criada em 1998; *Revista Mexicana de Historia de la Educación* (México), criada em 2013.

⁶ Atualmente denominada *Revista HISTEDBR On-line*.

Histórico Educativo; a *Revista de História e Historiografia da Educação*, criada em 2017 e vinculada à *Associação Nacional de História* (Anpuh/Região Sul) – Grupo de Trabalho em História da Educação e, *History of Education in Latin America*, criada em 2018 e vinculada ao Grupo de Pesquisa *História da Educação, Literatura e Gênero*, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Com esse incremento, o Brasil conta atualmente com oito periódicos especializados, sendo três com trajetórias de duas décadas ou mais de existência.

Analisar o impulso dessa produção e a consolidação desses periódicos não é uma tarefa simples, especialmente, por um lado, pela ampliação dos números em formato digital e, por outro lado, a complexidade da gestão editorial nos últimos anos. Também, esse processo está marcado pela publicização e revisão constante dos projetos editoriais, e a avaliação por duplo cego, que demanda uma tarefa colaborativa e especializada. Ainda, as agências nacionais e internacionais avaliam constantemente a qualidade editorial e a indexação em bases de reconhecido prestígio internacional – marcadas pela hegemonia do contexto científico anglo-saxão e, conseqüente, o idioma inglês, – tem sido um fator decisivo para o processo editorial.

O aumento das exigências das agências e indexadores também abriu um espaço de cooperação entre projetos editoriais tanto no âmbito internacional como nacional. Atualmente, a *Revista História da Educação* é membro do *Connecting History of Education Working Group* (Espanha, Brasil, Itália e Austrália), sendo ativa também nas reuniões da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO Brasil), das discussões no *Fórum de Editores de Periódicos da Área de Educação* (Fepae) e da comissão Capes/CNPq Periódicos.

Mediante as modificações constantes nos processos de comunicação científica e na gestão dos periódicos, consideramos

relevante explicitar as mudanças e os sentidos atribuídos às seções da *Revista de História da Educação*.

A Revista História da Educação, suas seções e possibilidades de publicação

Ao percorrer os sumários da *Revista História da Educação*, podemos observar que, pelas mãos de um grupo de pesquisadores, ainda nos anos de 1990, um campo de estudos emergiu, se fortaleceu e, paulatinamente, construiu outras redes de pesquisa, consolidando a produção e a divulgação da historiografia da educação. O objetivo aqui é refletir acerca das transformações que se operaram na Revista ao longo dos anos, mudanças que colaboraram na sua constituição como periódico de excelência na área, sobretudo considerando as interlocuções com a pesquisa em história da educação em perspectiva nacional e internacional. Neste sentido, uma evidência da qualificação da Revista é a constatação da presença de outras sessões, para além da publicização de artigos científicos com autoria individual ou coautoria: documentos/acervos, resenhas, entrevistas e dossiês.

Em suas duas primeiras edições, no ano de 1997, vê-se que a Revista reúne resultados de pesquisas de vários sócios fundadores da ASPHE, entretanto, também se nota a intenção de expandir os horizontes regionais, promovendo espaço para diálogos com pesquisadores de outras partes do país. E, logo em 1998, no número 4, inicia-se a seção “Documentos”, sendo esta uma recorrência a partir daquele ano, com vistas a divulgar para os leitores a existência de diferentes tipologias documentais, tanto nacionais como internacionais, disponíveis para a pesquisa. Segundo a editora na época, Maria Helena Camara Bastos, a Revista inaugurava “uma seção preocupada em publicar fontes documentais para a história da educação brasileira” (BASTOS, 1998, n. 4, p. 146). Como primeiro documento, tem-se o “Projecto sobre o Estabelecimento e

Organização da Instrução Pública no Brazil de Francisco Borja Garção Stockler (1816)”, apresentado por Rogério Fernandes, da Universidade de Lisboa/Portugal. Essa é uma seção importante do periódico que cumpre com a função generosa de colocar ao alcance dos pesquisadores o acesso às fontes, muitas vezes, difíceis de serem localizadas sem este meio. Observa-se, no Quadro 1, a expressiva quantidade de documentos (51 registros) e, na sequência, de acervos comunicados pela RHE, de natureza diversa, nacionais e internacionais. Ressaltamos que todo o pesquisador, mesmo os mais jovens, quando se deparam com documentos relevantes para o campo, podem ter nessa seção um espaço relevante para publicação.

Quadro 1 – Seção “Documentos” da *Revista História da Educação* (1998-2019)

Documento	Instituição de salvaguarda	Autoria	Edição
Projecto sobre o Estabelecimento e Organização da Instrução Pública no Brazil de Francisco Borja Garção Stockler (1816)	NI	Rogério Fernandes	v. 2, n. 4, jul./dez. 1998
O relatório de Dunshee de Abranches sobre os exames preparatórios – 1904	NI	Elomar Tambara	v. 3, n. 5, jan./jul. 1999
Relatório de Dunshee de Abranches sobre os institutos equiparados – 1904	NI	Elomar Tambara	v. 3, n. 6, jul./dez. 1999
Annaes da Conferência Interestadual de Ensino Primário – 1921	NI	RHE	v. 4, n. 7, jan./jun. 2000
Annaes da Conferência Interestadual de Ensino Primário – 1921 (parte 2)	NI	RHE	v. 4, n. 8, jul./dez. 2000
Conferência Interestadual de Ensino Primário – 1921	NI	RHE	v. 5, n. 9, jan./jun. 2001
Atas e trabalhos da Conferência	NI	Elomar	v. 5, n. 10,

Documento	Instituição de salvaguarda	Autoria	Edição
Interestadual de Ensino Primário – 1921		Tambara	jul./dez. 2001
Atas e trabalhos da Conferência Interestadual de Ensino Primário – 1921 (continuação)	NI	Elomar Tambara	v. 6, n. 11, jan./jun. 2002
Atas e trabalhos da Conferência Interestadual de Ensino Primário – 1921	NI	Elomar Tambara	v. 6, n. 12, jul./dez. 2002
Atas e trabalhos da Conferência Interestadual de Ensino Primário – 1921	NI	Elomar Tambara	v. 7, n. 13, jan./jun. 2003
Annaes da Conferência Interestadual de Ensino Primário – 1921 (continuação)	NI	Elomar Tambara	v. 7, n. 14, jul./dez. 2003
Annaes da Conferência Interestadual de Ensino Primário – 1921 (continuação)	NI	Elomar Tambara	v. 8, n. 15, jan./jun. 2004
Regulamento do Athenêo Rio-Grandense – 1872	NI	RHE	v. 8, n. 16, jul./dez. 2004
A educação elementar e o método lancasteriano – Correio Braziliense (1816)	NI	Maria Helena Camara Bastos	v. 9, n. 17, jan./jun. 2005
Lei n. 1, de 1837, e o decreto n. 15, de 1839, sobre Instrução Primária no Rio de Janeiro – 1837	NI	RHE	v. 9, n. 18, jul./dez. 2005
Reforma do ensino publico no Districto Federal	NI	RHE	v. 10, n. 20, jul./dez. 2006
A Liga do Ensino no Brasil e a Revista Liga do Ensino (1883-1884)	NI	Maria Helena Camara Bastos	v. 11, n. 21, jan./abr. 2007
Revista da Liga do Ensino – (n. 1, janeiro de 1884, p. 1-30) – Ensino de	NI	Maria Helena	v. 11, n. 22, maio/ago.

Documento	Instituição de salvaguarda	Autoria	Edição
moral e religião		Camara Bastos	2007
O Centro Republicano Conservador e a reforma de ensino proposta por Tavares de Lyra – 1907	NI	Elomar Tambara	v. 11, n. 23, set./dez. 2007
O <i>kindergarten</i> ou jardim de infância por Maria Guilhermina Loureiro de Andrade (1888)	NI	Maria Helena Camara Bastos	v. 12, n. 24, jan./abr. 2008
As notas de Sílvio Romero e o culturalismo do século XIX	NI	Jorge Carvalho do Nascimento	v. 12, n. 25, maio/ago. 2008
Notas sobre o ensino público – Sílvio Romero	NI	RHE	v. 12, n. 26, set./dez. 2008
Civismo e educação na primeira república – João Simões Lopes Neto	NI	Elomar Tambara, Eduardo Arriada	v. 13, n. 27, jan./abr. 2009
Reforma João Luiz Alves (conhecida por Lei Rocha Vaz) – Decreto N° 16.782 A – de 13 de janeiro de 1925	NI	Elomar Tambara	v. 13, n.28, maio/ago. 2009
Continuação – Reforma João Luiz Alves (conhecida por Lei Rocha Vaz) – Decreto n. 16.782 A, de 13 de janeiro de 1925	NI	Elomar Tambara	v. 13, n. 29, set./dez. 2009
Cartilha de Doutrina Christã – regras de bem viver	NI	Antonio José de Mesquita Pimentel	v. 14, n. 30, jan./abr. 2010
Uma tentativa de inserção da capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul sistema colonial de ensino: o projeto de Paulo Gama	NI	Elomar Tambara, Valdinei Marcola	v. 14, n. 31, maio/ago. 2010
<i>Laicidade – Dictionnaire de</i>	NI	Maria	v. 14, n. 32,

Documento	Instituição de salvaguarda	Autoria	Edição
<i>Pédagogie et d'Instruction Primaire publié sous la direction de Ferdinand Buisson (1878-1887, p. 1469-1474)</i>		Helena Camara Bastos	set./dez. 2010
O prelúdio das campanhas de alfabetização na era Vargas: a Cruzada Nacional de Educação		Alessandro Bica, Berenice Corsetti	v. 15, n. 33, jan./abr. 2011
Manifesto dos professores públicos de instrução primária da Corte (1871)	Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro	Daniel Cavalcanti de Albuquerque e Lemos	v. 15, n. 34, maio/ago. 2011
<i>Macht auf das Tor! – Opens the gate!</i>	Arquivos pessoais de Carolina Drebes	Claudemir de Quadros	v. 15, n. 35, set./dez. 2011
Da educação das meninas por Fénelon (1852)	<i>Bibliothèque Nationale de France</i>	Maria Helena Camara Bastos	v. 16, n. 36, jan./abr. 2012
As reformas napoleônicas e a lei do 11 florealano 10 (1º de maio de 1802)	NI	Eduardo Arriada	v. 16, n. 37, maio/ago. 2012
A sistematização da educação rio-grandense durante o Estado Novo: o caso do decreto n. 7.640, de 28 de dezembro de 1938	NI	Alessandro Bica, Berenice Corsetti	v. 16, n. 38, set./dez. 2012
Método intuitivo e lições de coisas por Ferdinand Buisson – <i>Intuitiv emethod and primary objects lessons by Ferdinand Buisson</i>	NI	Maria Helena Camara Bastos	v. 17, n. 39, jan./abr. 2013
O plano de ensino do Grêmio de Professores Paulistas para a primeira reforma da instrução pública (1891)	Arquivo Público do Estado de São Paulo,	Lidiany Cristina de Oliveira Godoi	v. 17, n. 40, maio/ago. 2013

Documento	Instituição de salvaguarda	Autoria	Edição
	Série Instrução Pública, Ordem 5014.		
Notícia sumária sobre as instituições escolares da Suíça (1911)	Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, Ministério de Instrução Pública, Caixa 82, Processo 16.	Carlos Manique	v. 17, n. 41, set./dez. 2013
História da Educação na França	NI	Antoine Prost, com apresentação de Pierre Caspard	v. 18, n. 42, jan./abr. 2014
<i>O Service d'Histoire de l'Éducation</i> que conheci: um depoimento pessoal	NI	Eliane Marta Teixeira Lopes	v. 18, n. 42, jan./abr. 2014
Um projeto de educação comum no Brasil do século 19	NI	Eduardo Arriada, Elomar Tambara	v. 18, n. 44, set./dez. 2014
<i>For a compromised history of education</i> – Por uma história comprometida	NI	Luís Alberto Marques Alves	v. 19, n. 45, jan./abr. 2015
A sciencia do bom homem Ricardo: um texto de leitura escolar no Brasil imperial	NI	Eduardo Arriada, Elomar Tambara, Sheila Duarte	v. 19, n. 46, maio/ago. 2015

Documento	Instituição de salvaguarda	Autoria	Edição
Regulamento das escolas municipais do município de Bagé/RS (1925)	NI	Alessandro Bica, Berenice Corsetti	v. 20, n. 48, jan./abr. 2016
Aulas régias no Brasil: o regimento provizional para os professores de filosofia, rhetorica, grammatica e de primeiras letras no Estado Do Grão-Pará (1799)	NI	Eduardo Arriada, Elomar Tambara	v. 20, n. 49, maio/ago. 2016
A instrução publica: a reforma pela familia, pela patria e pela humanidade	Arquivo Público do Estado de São Paulo (34/0017)	Lidiany Cristina de Oliveira	v. 20, n. 50, set./dez. 2016
John Locke: alguns problemas referentes à educação do pobre	NI	Elomar Tambara, Eduardo Arriada	v. 21, n. 52, maio/ago. 2017
Pequeno guia aos problemas da educação no Brasil – análise e bibliografia selecionada – Malvina Rosat Mcneill, ph.d., 1970	NI	Maria Helena Camara Bastos	v. 21, n. 53, set./dez. 2017
Portaria circular n. 2 da Diretoria de Educação e Saúde Pública do Município de Pelotas/RS (1941)	Centro de Documentação e Obras Valiosas da Bibliotheca Pública Pelotense	Patrícia Weiduscha dt, Renata Brião de Castro	v. 22, n. 55, maio/ago. 2018
Discursos proferidos pelo Rei D. Pedro V nas sessões solenes de atribuição de prêmios na Escola Real de Mafra (1858-1860)	Arquivo Municipal de Mafra (AMM)	Carlos Manique da Silva	v. 22, n. 56, set./dez. 2018
Estabelecimentos de ensino comercial existentes no Brasil – 1946	Biblioteca Setorial da Faculdade de	Eduardo Cristiano Hass da	v. 23, 2019

Documento	Instituição de salvaguarda	Autoria	Edição
	Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Silva	
“Crueldade sem exemplo”: divulgação de uma inédita fonte que trata de um prodigioso caso de infanticídio publicado em Portugal no século XVIII	Biblioteca Nacional de Portugal	Fernando Cezar Ripe e Mauro Dillmann	v. 25 (2021)

Fonte: dados compilados do *site* da *Revista História da Educação* (RHE, 2021).

De modo geral, constata-se que são divulgados documentos que tratam sobre aspectos históricos referentes ao ensino público, legislação, imprensa, livros didáticos, projetos educativos, manifestos, intelectuais da educação, levantamento de instituições educativas e história da educação em outros países. A partir de 2015, soma-se a essa seção a apresentação de acervos de memória de educação, vinculados a atividades de Grupos de Pesquisa, museus escolares, entre outros, importantes para que os leitores os conheçam e possam vislumbrar possibilidades de pesquisas em História da Educação, conforme mostra o Quadro 2, a seguir, com nove publicações sobre acervos.

Quadro 2 – Seção “Acervos” da *Revista História da Educação* (2015-2021)

Título	Acervo	Autoria	Edição
A constituição dos acervos do Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares e sua contribuição para as	Acervos do grupo de pesquisa HISALES	Eliane Teresinha Peres, Chris de Azevedo Ramil	v. 19, n. 47, set./dez. 2015

Título	Acervo	Autoria	Edição
investigações em educação			
Cedoc e Ceihe: espaços de preservação da memória escolar	Centro de Documentação – Cedoc	Vanessa Teixeira, Eduardo Arriada, Elomar Tambara	v. 19, n. 47, set./dez. 2015
Museu Escolar Arnildo Hoppen do Colégio Sinodal de São Leopoldo/RS (1996-2015)	Museu Escolar Arnildo Hoppen	Luciane Sgarbi Grazziotin	v. 19, n. 47, set./dez. 2015
Entre lápis, cadernos e memórias: o memorial do <i>Deutscher Hilfsverein</i> ao Colégio Farroupilha	Memorial do <i>Deutscher Hilfsverein</i> (acervo escolar do Colégio Farroupilha de Porto Alegre/RS)	Alice Rigoni Jacques	v. 19, n. 47, set./dez. 2015
O acervo documental do museu do Colégio Municipal Pelotense e sua importância para a história da educação	Museu do Colégio Pelotense	Giana Lange do Amaral	v. 19, n. 47, set./dez. 2015
Memórias de escola, patrimônio da educação: o Museu e Arquivo Histórico La Salle – Mahls (2002-2014)	Museu e Arquivo Histórico La Salle (Mahls)	Cleusa Graebin, Dóris Bittencourt de Almeida	v. 19, n. 47, set./dez. 2015
Artefatos do Ofício: o acervo do Colégio Mãe de Deus e seu potencial para as pesquisas em História da Educação e do ensino de Londrina	Acervo do Colégio Mãe de Deus	Bernadete Strang, Aline Locastre	v. 22, n. 54, jan./abr. 2018
Tatu Magazine: os modos de ser e fazer do Repositório Digital Tatu	Repositório Digital Tatu – Unipampa	Alessandro Carvalho Bica (Brasil), Tobias de Medeiros Rodrigues (Brasil), Simôni Costa Monteiro Gervasio (Brasil)	v. 23 (2019)
O acervo do Laboratório de	Acervo do	Andréia Dalcin,	v. 25 (2021)

Título	Acervo	Autoria	Edição
Matemática do Instituto de Educação General Flores da Cunha	Laboratório de Matemática do Instituto de Educação General Flores da Cunha	Maria Cecília Fischer	

Fonte: dados compilados do *site da Revista História da Educação* (RHE, 2021).

A *Revista História da Educação*, no início dos anos 2000, ampliou suas seções e passou a dispor de um espaço para publicação de resenhas de livros, com vistas a fomentar a disseminação da produção acadêmica no campo. Em 2002, publicou-se a primeira resenha de um livro clássico “Educação e Sociedade na Primeira República”, de Jorge Nagle, produzida por Giana Lange do Amaral. A partir daí, ininterruptamente, várias obras foram resenhadas e divulgadas, pois, ao longo de todos os anos, constam, a cada edição, pelo menos duas resenhas. Com foco da divulgação de literatura recentemente lançada, entre 2002 e 2021 foram publicadas 57 resenhas, e dessas, 13 obras são de autores estrangeiros de Portugal, Espanha, Argentina e Itália, o que evidencia a busca pela internacionalização. Cabe ainda ressaltar que a seção “Resenha de livros” é um espaço privilegiado para doutorandos que podem ensaiar suas primeiras publicações em formato de resenha num periódico altamente qualificado e reconhecido. O Quadro 3, a seguir, exemplifica esses registros.

Quadro 3 – Seção “Resenhas” da *Revista História da Educação* (2002-2021)

Título do livro	Autoria do livro	Autoria da resenha	Edição
Educação e sociedade na Primeira República	Jorge Nagle	Giana Lange do Amaral	v. 6, n. 11, jan./jun. 2002

Título do livro	Autoria do livro	Autoria da resenha	Edição
História da educação: o que você precisa saber sobre	Eliane Marta Teixeira Lopes, Ana Maria Galvão.	Gladis Amorim, Kátia Seganfredo	v. 6, n. 12, jul./dez. 2002
Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica	Ana Chrystina Mignot, Maria Helena Camara Bastos, Maria Teresa Santos Cunha	Vanessa de Cruz, Verónica Sierra Blas	v. 7, n. 13, jan./jun. 2003
Conto de escola	Machado de Assis	Maria Helena Camara Bastos	v. 7, n. 14, jul./dez. 2003
Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos 19 e 20)	Eliane Teresinha Peres, Elomar Tambara	Aliana Anghinoni Cardoso	v. 8, n. 15, jan./jun. 2004
Uma cartografia da pesquisa em história da educação na região sul: Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul (1980-2000)	Maria Helena Camara Bastos, Marcus Levy Bencosta, Maria Teresa Santos Cunha	Michele Duarte Huch	v. 8, n. 16, jul./dez. 2004
Histórias dos tempos de escola: memórias e aprendizado	Adriana Falcão <i>et al.</i>	Luiza Coelho de Souza Rolla	v. 9, n. 17, jan./jun. 2005
O ensino público	Antonio de Almeida Oliveira	Angélica Borges, Giselle Baptista Teixeira	v. 9, n. 17, jan./jun. 2005
A escrita escolar da história: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990)	Décio Gatti Jr.	Maria Helena Camara Bastos	v. 9, n. 18, jul./dez. 2005
História e Historiografia da Educação no Brasil	Cynthia Greive Veiga, Thais Nivia de Lima Fonseca (org.)	Eduardo Arriada	v. 9, n. 18, jul./dez. 2005
Alfabeto: autobiografia escolar de Frei Betto	Frei Betto	Gilse H. M. Fortes	v. 10, n. 19, jan./jun. 2006

Título do livro	Autoria do livro	Autoria da resenha	Edição
Primórdios da educação no Brasil: o período heróico (1549-1570)	L. A. Mattos	Tania Conceição Iglesias do Amaral	v. 10, n. 20, jul./dez. 2006
Pensadores sociais e história da educação	Luciano Mendes de Faria Filho (org.)	Hercules P. Santos	v. 11, n. 21, jan./abr. 2007
Agências multilaterais e a educação profissional brasileira	Ramon de Oliveira	Manoel José Porto Júnior, Giana Lange do Amaral	v. 11, n. 22, maio/ago. 2007
História da educação	Cynthia Greive Veiga	Cláudia Regina Costa Pacheco, Elomar Antonio Callegaro Tambara	v. 11, n. 23, set./dez. 2007
História da Educação: do antigo direito de educação ao novo direito à educação	Agostinho dos Reis Monteiro	Rita de Cássia Grecco dos Santos	v. 12, n. 24, jan./abr. 2008
Pesquisa e Historiografia da Educação Brasileira	Afonso Scocuglia, Charliton José dos Santos Machado (org.)	Sergio Ricardo Pereira Cardoso	v. 12, n. 25, maio/ago. 2008
Memórias de alfabetização	Eliane Peres (org.)	Rita de Cássia Grecco dos Santos	v. 12, n. 26, set./dez. 2008
Histórias e memórias da educação no Brasil	Maria Stephanou; Maria Helena Camara Bastos (org.)	Vivian Batista da Silva	v. 13, n. 27, jan./abr. 2009
Pensadores sociais e história da educação	Luciano Mendes de Faria Filho (org.)	Gisele Francisca da Silva Carvalho	v. 13, n. 28, maio/ago. 2009
Instituições formadoras de professores no Rio Grande do Sul	Elomar Tambara, Berenice Corsetti (org.)	Sérgio Ricardo Pereira Cardoso	v. 13, n. 29, set./dez. 2009

Título do livro	Autoria do livro	Autoria da resenha	Edição
História Geral do Rio Grande do Sul (5º volume)	Nelson Boeira; Tau Golin (org.)	Eduardo Arriada	v. 14, n. 30, jan./abr. 2010
Educação e Estado Novo em Minas Gerais	A. M. C. Peixoto	Hercules Pimenta dos Santos	v. 14, n. 31, maio/ago. 2010
Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas	Márcia Abreu; Nelson Schapochnik (org.)	Maria Teresa Santos Cunha	v. 14, n. 32, set./dez. 2010
História da organização do trabalho escolar e do currículo no século 20: ensino primário e secundário no Brasil	Rosa Fátima de Souza	Tatiane de Freitas Ermel	v. 15, n. 33, jan./abr. 2011
Estudos sobre a escrita da história	Manoel Luiz Salgado Guimarães (org.)	Diogo da Silva Roiz	v. 15, n. 34, maio/ago. 2011
Clássicos da educação brasileira	Maria do Carmo Xavier (org.)	Aline Morais Limeira, Josy Almeida Santos	v. 15, n. 35, set./dez. 2011
O desafio biográfico: escrever uma vida	François Dosse	Diogo da Silva Roiz	v. 16, n. 36, jan./abr. 2012
A educação secundária na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: a desoficialização do ensino público	Eduardo Arriada	Hardalla Santos do Valle	v. 16, n. 37, maio/ago. 2012
Memória docente: histórias de professores catarinenses (1890-1950)	Vera Lucia Gaspar da Silva, Dilce Schüeroff	Mariane Martins	v. 16, n. 38, set./dez. 2012
<i>Justa Freire o la pasión de educar: biografía de una</i>	María del Mar Del Pozo Andrés	Gladys Mary Ghizoni Teive,	v. 18, n. 43, maio/ago.

Título do livro	Autoria do livro	Autoria da resenha	Edição
<i>maestra atrapada em la historia de España (1896-1965)</i>		Norberto Dallabrida	2014
Horizontes: no diálogo entre culturas e história da educação	Terciane Ângela Luchese (org.)	Jordana Wruck Timm, Milena Cristina Aragão.	v. 18, n. 44, set./dez. 2014
<i>Historia de las universidades latinoamericanas: tradición y modernidad</i>	María Cristina Vera de Flachs (org.)	Celina Ana Lértora Mendoza	v. 19, n. 45, jan./abr. 2015
O mural do tempo: manuais escolares em Portugal	Justino Magalhães	Rafaela Paiva Costa	v. 19, n. 46, maio/ago. 2015
<i>Bambini brasiliani: a infância das crianças italianas e ítalo-brasileiras</i>	Eliane Mimesse (org.)	Cassiane Curtarelli Fernandes	v. 19, n. 47, set./dez. 2015
<i>L'école républicaine et l'étranger</i>	Damiano Matasci	Wagner Rodrigues Valente	v. 20, n. 48, jan./abr. 2016
Uma gota amarga: itinerários da nacionalização do ensino no Brasil	Claudemir de Quadros (org.)	Juarez José Tuchinski dos Anjos	v. 20, n. 48, jan./abr. 2016
Documentário “Entre fotografias e tinteiros”	Direção: Ederson Prestes Santos Lima, Maurício Baggio, Marcus Levy Bencosta	Claudemir de Quadros	v. 20, n. 49, maio/ago. 2016
<i>Tra disciplinamento sociale ed educazione alla cittadinanza: l'insegnamento dei Diritti e Doveri nelle scuole dell'Italia unita (1861-1900). Oscuri martiri, eroi del</i>	Anna Ascenzi; Roberto Sani	Maria Helena Camara Bastos	v. 20, n. 49, maio/ago. 2016

Título do livro	Autoria do livro	Autoria da resenha	Edição
<i>dovere: memoria e celebrazione del maestro elementare attraverso i necrologi pubblicati sulle riviste didattiche e magistral nel primo secolo dell'Italia unita (1861-1961)</i>			
<i>Reformas educativas y formación de profesores</i>	Teresa Gonzáles Pérez (org.)	Mariano González-Delgado	v. 20, n. 50, set./dez. 2016
<i>Educación en rapa nui: sociedad y escolarización em Isla de Pascua (1914-2014)</i>	Javier Corvalán Rodríguez.	Andrés Felipe Bianchetti Saavedra	v. 20, n. 50, set./dez. 2016
<i>Collana storia della stampa periodica per l'infanzia e la gioventù</i>	Juri Meda (org.)	Maria Helena Camara Bastos	v. 21, n. 51, jan./abr. 2017
<i>Per una storia dell'asilo nido in Europa tra otto e novencento</i>	Dorena Caroli	Maria Helena Camara Bastos	v. 21, n. 52, maio/ago. 2017
Diário de Classe – a verdade: a história da menina que está ajudando a mudar a educação no Brasil	Isadora Faber	Juliana dos Santos Rocha	v. 21, n. 52, maio/ago. 2017
O processo escolar entre imigrantes no Rio Grande do Sul	Terciane Ângela Luchese	Renata Brião de Castro, Patrícia Weiduschadt	v. 21, n. 53, set./dez. 2017
Colégios Elementares e Grupos Escolares no Rio Grande do Sul: Memórias e cultura escolar – Séculos XIX e XX	Luciane Sgarbi Grazziotin, Dóris Bittencourt de Almeida (org.)	Gisele Belusso	v. 21, n. 53, set./dez. 2017

Título do livro	Autoria do livro	Autoria da resenha	Edição
<i>Los Museos Pedagógicos em España: entre la memoria y la creatividad</i>	Pablo Alvarez Dominguez (org.)	Karla Simone Willemann Schütz	v. 22, n. 54, jan./abr. 2018
<i>Identities docentes: la renovación del oficio de enseñar</i>	Teresa Ganzález Pérez (org.)	Mariano González-Delgado	v. 22, n. 56, set./dez. 2018
Regras de bem viver para todos: A bibliotheca popular de hygiene do dr. Sebastião barroso	Heloisa Helena Pimenta Rocha	Michele Ribeiro de Carvalho	v. 23, 2019
Instrução Primaria Municipal: “50 lições ruraes”	Manoel Serafim Gomes de Freitas	Magda de Abreu Vicente	v. 23, 2019
Por que os ricos não fazem greve?	Álvaro Vieira Pinto	Cristian Cipriani	v. 23, 2019
Escolarização, culturas e instituições: escolas étnicas em terras brasileiras	Terciane Ângela Luchese (org.)	Gisele Belusso	v. 23, 2019
Pensar os arquivos: uma antologia	Luciana Heymann, Letícia Nedel (org.)	Marcos Luiz Hinterholz	v. 24, 2020
A emergência da Escola	José Gonçalves Gondra	Miriam Fernandes Muramoto	v. 24, 2020
Mulheres inovadoras no Ensino (São Paulo, séculos XIX e XX)	Diana Gonçalves Vidal, Paula Perin Vicentini (org.)	Carolina Cechella Philippi	v. 24, 2020
(Des)Arquivar: arquivos pessoais e ego-documentos no Tempo Presente	Maria Teresa Santos Cunha	Dóris Bittencourt de Almeida	v. 25, 2021
Esther Pedreira de Mello, uma mulher (in)visível	Heloisa Helena Meirelles Santos	Shayenne Schneider Silva	v. 25, 2021

Fonte: dados compilados do site da *Revista História da Educação* (RHE, 2021).

É importante que as revistas científicas estejam atentas a promover sentidos formativos para seus leitores. Nesta perspectiva, a *Revista História da Educação*, desde 2014, apresenta uma seção de entrevistas com pesquisadores de larga trajetória acadêmica, sobretudo tendo em vista suas inscrições com a História da Educação. A primeira entrevista foi com Pierre Caspard, produzida por Maria Stephanou e Maria Helena Camara Bastos. Das 12 entrevistas publicadas, sete são com pesquisadores de outros países, o que indica a importância da internacionalização do periódico. Portanto, aprender com a leitura de trajetórias dos outros é uma dimensão importante no periódico. A seguir, o Quadro 4 mostra as entrevistas publicadas pela RHE.

Quadro 4 – Seção “Entrevistas” da *Revista História da Educação* (2014-2021)

Entrevistado(a)	País	Entrevistador(a)	Edição
Pierre Caspard	França	Maria Stephanou, Maria Helena Camara Bastos	v. 18, n. 42, jan./abr. 2014
Roberto Sani	Itália	Maria Helena Camara Bastos, Alberto Barausse	v. 20, n. 49, maio/ago. 2016
Augustin Escolano Benito	Espanha	Maria Helena Camara Bastos	v. 20, n. 50, set./dez. 2016
Verónica Sierra Blas	Espanha	Luciane Sgarbi Grazziotin	v. 21, n. 53, set./dez. 2017
Antonio Viñao Frago	Espanha	Maria Helena Camara Bastos	v. 21, n. 51, jan./abr. 2017
Kira Mahamud Angulo	Espanha	Luciane Sgarbi Grazziotin	v. 22, n. 55, maio/ago. 2018
Raimundo Cuesta	Espanha	Marcelo Pinheiro Cigales, Ana Martina Engeroff	v. 22, n. 54, jan./abr. 2018
Carlota Boto	Brasil	Fernando Cezar Ripe,	v. 22, n. 56,

Entrevistado(a)	País	Entrevistador(a)	Edição
		Giana Lange do Amaral	set./dez. 2018
Carlos Roberto Jamil Cury	Brasil	Décio Gatti Júnior	v. 23, 2019
Rosa Fátima de Souza Chaloba	Brasil	José Edimar de Souza	v. 23, 2019
Justino Magalhães	Portugal	Gisele Belusso, Terciane Ângela Luchese	v. 24, 2020
Maria Teresa Santos Cunha	Brasil	Dóris Bittencourt de Almeida	v. 25, 2021

Fonte: dados compilados do *site da Revista História da Educação* (RHE, 2021).

Ainda, cumpre destacar a seção dos dossiês, uma ferramenta de pesquisa relevante por reunir conjuntos de artigos nacionais e internacionais, organizados em torno de uma temática de interesse aos pesquisadores do campo, conforme mostra o Quadro 5, a seguir. Assim, os dossiês apresentam produções de Grupos de Pesquisa que desenvolvem investigações em torno de temas específicos e evidenciam as interlocuções com diferentes regiões do Brasil e em perspectiva internacional. Desde 2013, a Revista apresenta dossiês, sobre variados temas/conceitos, em um total de 18 até o presente momento. Imprensa de educação, educação rural, cultura visual, manuais escolares, arquitetura escolar, sensibilidades, patrimônios da educação constituem alguns dos eixos que agregam diferentes pesquisadores, nacionais e internacionais.

Quadro 5 –Dossiês publicados na *Revista História da Educação* (2013-2020)

Título do Dossiê	Organizadores	Edição
Lugares de poder, produção e	Daniel Revah, Maria Rita	v. 17, n. 39,

Título do Dossiê	Organizadores	Edição
circulação de saberes pedagógicos	de Almeida Toledo	jan./abr. 2013
Escritas estudantis em periódicos escolares	Maria Helena Camara Bastos	v. 17, n. 40, maio/ago. 2013
Representações, práticas e políticas de escolarização da infância na zona rural	Rosa Fátima de Souza, Virgínia Pereira da Silva de Ávila	v. 18, n. 43, maio/ago. 2014
A matemática nos anos iniciais escolares em perspectiva histórico-comparativa	Wagner Rodrigues Valente	v. 18, n. 44, set./dez. 2014
Um olhar histórico sobre o rendimento escolar, o percurso dos alunos e a repetência	Natália de Lacerda Gil	v. 19, n. 46, maio/ago. 2015
Imagem e cultura visual	Zita Rosane Possamai	v. 19, n. 47, set./dez. 2015
A educação nos Estados Unidos: do século 19 ao século 20	Mirian Jorge Warde	v. 20, n. 48, jan./abr. 2016
Contextos de recepção e interpretação dos manuais escolares	Gladys Mary Ghizoni Teive, Gabriela Ossenbach Sauter	v. 20, n. 50, set./dez. 2016
Da Itália ao Brasil: processos educativos e formativos	Terciane Ângela Luchese, Alberto Barausse	v. 21, n. 51, jan./abr. 2017
História da educação católica: produção e circulação de saberes pedagógicos	Evelyn de Almeida Orlando, Paula Leonardi	v. 21, n. 52, maio/ago. 2017
Discursos e itinerários de modernização educativa no espaço luso-brasileiro	Giana Lange do Amaral, Mauro Castilho Gonçalves	v. 21, n. 53, set./dez. 2017
<i>Representaciones de la universidad em los imaginários sociales de la Europa Mediterránea e Iberoamérica</i>	José Luis Hernández Huerta	v. 22, n. 54, jan./abr. 2018

Título do Dossiê	Organizadores	Edição
Estudos sobre o ensino secundário na América Latina nos anos 1950 e 1960	Norberto Dallabrida, Myriam Southwell	v. 22, n. 55, maio/ago. 2018
Arquitetura escolar: diálogos entre o global, nacional e regional na história da educação	Tatiane de Freitas Ermel, Marcus Levy Albino Benconstta	v. 23, 2019
Manuais disciplinares, discursos pedagógicos e formação de professores (Séculos XIX e XX)	Denice Barbara Catani, Décio Gatti Júnior	v. 23, 2019
História da Educação: sensibilidades, patrimônio e cultura escrita	Luciane Sgarbi Santos Grazziotin, Eduardo Cristiano Hass da Silva	v. 24, 2020
História da educação matemática	Wagner Rodrigues Valente	v. 24, 2020
Independência e instrução no Brasil, Chile e nos Estados Unidos da América	José Gonçalves Gondra	v. 25, 2021

Fonte: dados compilados do *site* da *Revista História da Educação* (RHE, 2021).

Ainda, a seção de envio de artigos que é uma das mais prestigiadas e recorrentes. E cabe lembrar, como indica Abadal (2020), que nas últimas três décadas os três marcos para os periódicos científicos se constituíram na digitalização, no acesso aberto e na ciência aberta. A *Revista História da Educação* tem acompanhado os debates e as modificações têm ocorrido.

Um dos desafios que permanece é a manutenção de publicação de artigos qualificados e alinhados ao campo de especialidade do periódico. E neste tópico, para além da comissão editorial, se espera a participação atuante dos associados da ASPHE. Um artigo científico qualificado aborda um objeto do campo com objetividade, precisão e clareza. Faz uso adequado da linguagem culta. Apresenta uma escrita clara, coerente e bem fundamentada. Mobiliza conceitos e categorias

analíticas, conduzindo teórica e metodologicamente a análise a partir de um objetivo claro. A construção de um plano de texto é desejável com o intuito de atender a uma organização lógica, com cuidados éticos nas citações e referenciamentos. Os argumentos apresentados são acompanhados de evidências claras e coerentes para a composição de um artigo fundamentado, que faz avançar no que conhecemos no campo da História da Educação. Necessário lembrar as regras de normalização e o compromisso ético-científico com a produção que submetemos em nosso nome ao enviar um artigo ou outra produção para um periódico como a *Revista História da Educação*.

Considerações finais

Um periódico científico para ser validado e avaliado em altos estratos como a *Revista História da Educação* demanda o atendimento e a presença atuante no ecossistema da comunicação científica. Como mencionamos, vivenciamos os processos de digitalização, a afirmação de acessos abertos, com informação livre e gratuita e hoje, o modelo de ciência aberta. As propostas editoriais modificadas no percurso da existência de nosso periódico, a criação de novas seções, a participação junto a grupos de debate e o acompanhamento das políticas editoriais mais recentes constituem uma necessidade.

Na perspectiva da ciência aberta são novas nuances que se apresentam no horizonte – a transparência na construção de dados, na revisão dos pares, no acolhimento de feedbacks dos leitores. As problematizações em torno da sustentabilidade financeira, a relevância de assegurar a qualidade dos artigos publicados, a manutenção de rigor editorial, a ampliação dos processos de transparência na revisão por pares, as políticas de fator de impacto, a atuação política frente às práticas predatórias do mercado que também adentram o campo científico são algumas das preocupações que nos ocupam atualmente. A busca por alternativas e por caminhos em que a ética e a qualidade

científica dos artigos que compõem o periódico sejam mantidos são os balizadores que nos orientam.

Que as gerações de pesquisadores do campo da História da Educação do ontem, do hoje e do amanhã, associados da ASPHE, que direta ou indiretamente contribuem para a manutenção e qualificação da *Revista História da Educação*, possam manter o legado que foi construído e que a história do periódico seja profícua e exitosa como tem se mostrado até aqui.

Referências

ABADAL, Ernest. Prefácio – Un libro para explicar los marcos y los retos de las revistas científicas. *In*: SILVEIRA, Lúcia da; SILVA, Fabiano Couto Corrêa da (org.). **Gestão editorial de periódicos científicos**: tendências e boas práticas. Florianópolis: BU Publicações/UFSC: Edições do Bosque/UFSC, 2020. p. 11-16.

BASTOS, Maria Helena Camara. Apresentação da Seção Documentos. **Revista História da Educação**, v. 2, n. 4, 1998.

BASTOS, Maria Helena Camara; ERMEL, Tatiane de Freitas. História da Educação/ASPHE (Brazil). *In*: HERNÁNDEZ HUERTA, José Luís; CAGNOLATI, Antonella; DIESTRO FERNÁNDEZ, Alfonso (org.). **Connecting History of Education** – Scientific Journals as International Tools for a Global World. Salamanca: FahrenHouse, 2015. p. 83-94.

BASTOS, Maria Helena Camara; GATTI JÚNIOR, Décio; GONDRA, José Gonçalves, VIEIRA, Carlos Eduardo. The processes of internationalization of history of education journals in Brazil (1997-2016). **International Journal for the Historiography of Education (IJHE)**, v.9, n. 2, p. 156-170, out. 2019.

BASTOS, Maria Helena Camara; QUADROS, Claudemir de; STEPHANOU, Maria. Revista “História da Educação” da ASPHE/RS (Brasil): compartilhando estudos e pesquisas desde 1997. **History of Education & Children’s Literature (HECL)**, v. X, n. 1, p. 57-64, 2015.

HERNÁNDEZ HUERTA, José Luís, CAGNOLATI, Antonella; DIESTRO FERNÁNDEZ, Alfonso (Org.). **Connecting History of Education** – Scientific Journals as International Tools for a Global World. Salamanca: FahrenHouse, 2015.

PERES, Eliane Teresinha; BASTOS, Maria Helena Camara. A Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – ASPHE: a trajetória de uma rede de pesquisadores. **Educação em Revista**, FAE-UFMG, Belo Horizonte, n. 34, p. 221-227, dez. 2001.

RHE – Revista História da Educação. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe>. Acesso em: 26 ago. 2021.

STEPHANOU, Maria. Apresentação. Dever de memória, dever de registro: a revista História da Educação em seu 19º ano. **Revista História da Educação**, v. 20, n. 48, p. 5-10, jan./abr. 2016.

Bloco II

Narrando lembranças por meio de Entrevistas

A gênese de uma Associação: entrevista com o Prof. Elomar Tambara sobre a fundação da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação

*Maria Augusta Martiarena de Oliveira
Alessandro Carvalho Bica*

Apresentação

Uma associação que conta com vinte e cinco anos de atividade é, no contexto brasileiro, pode ser considerada longa. A Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – ASPHE é, portanto, uma instituição frutífera e que, ao longo de seus anos de existência atuou no sentido de formar inúmeros pesquisadores na área desde a iniciação científica até os mais altos níveis da pós-graduação.

Nesse contexto comemorativo, em conjunto, optou-se por entrevistar o Prof. Dr. Elomar Tambara, cuja trajetória encontra-se intrinsecamente ligada à associação. A presente entrevista foi realizada no dia 06 de julho de 2021, pela Plataforma Google Meet. Anteriormente, foi realizado contato por e-mail para agendamento, o qual foi prontamente respondido. A narrativa do pesquisador foi analisada tanto a partir da perspectiva da história da associação, como de se constituição como intelectual da área. Entende-se, intelectual, a partir da perspectiva de Magalhães e Barreto (2016):

Ao considerar não a história dos intelectuais, mas a história de um intelectual (vida-origem, condições de subsistência, e destino –, obra, motivações, perfil psicológico, redes de relacionamentos, campos de pertencimentos, repertórios mobilizados/criados, tensões produzidas, engajamentos etc.) e entendê-la como campo

de investigação, não há como preterir delimitações operacionais que, necessariamente, tratem não somente do sentido de uma vida, mas também do modo como o sujeito elaborou/desencadeou/executou sua ação. Isto porque há que se concluir que os intelectuais apresentam ideias, argumentos e, às vezes, aplicabilidades, fases que exigem categorias que devem ser acionadas a fim de que se possa extrair o produto do seu trabalho, (MAGALHÃES; BARRETO, 2016, p.66)¹.

Elomar Tambara possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1978), mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1981) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1991), tendo realizado seu estágio pós-doutoral na Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil. Atualmente é professor titular da Universidade Federal de Pelotas. O Prof. Dr. Elomar Tambara pode ser considerado um intelectual extremamente relevante da área de História da Educação e sua participação na fundação da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação é um marco.

Gostaríamos de iniciar a entrevista com os dados básicos: teu nome completo, local de nascimento e como foi a inserção na área de História da Educação.

Meu nome, então, é Elomar Antonio Callegaro Tambara, né... Nasci em Jaguari, que é um município no Rio Grande do Sul (RS), lá perto de Santa Maria, e eu fui... depois, eu fui morar lá em Passo Fundo e, depois, eu estive também em São Leopoldo... fiz um curso de graduação em Filosofia e em Ciências Sociais. Praticamente, o

¹ MAGALHÃES, J. P. DE; BARRETO, R. A. D. N. Os intelectuais e a educação – abordagem histórica e biográfica. **Revista Educação em Questão**, v. 54, n. 41, p. 61-85, 15 ago. 2016.

curso de Filosofia me habilitou para trabalhar em História... naquela época, não sei como funciona hoje em dia... mas naquela época o curso de Filosofia habitava para uma série de disciplinas... então, Sociologia, Filosofia, Psicologia... além da própria Filosofia... De maneira que a carga de história do curso, ela era muito significativa... bom... em função disso, quando houve um concurso... aí, claro, eu fiz mestrado e fui trabalhar na PUC, trabalhava na PUC, né... trabalhei, não sei, sete (7) ou oito (8) anos ali... vivia em São Leopoldo, e aí eu me casei e mas trabalhava aqui em Pelotas... eu queria trabalhar, bom, aí é uma história que não... não tá diretamente ligado a isso, mas a verdade é que ela trabalhava na Fundação Sul-Rio-Grandense de assistência aqui em Porto Alegre e prometeram para ela que se ela fizesse mestrado, a universidade a contrataria, já no primeiro (1º) ano, aí ela fez o primeiro (1º) ano e não foi contratada, aí ela terminou e não foi contratada... tinha abandonado o emprego... mas teve a promessa de que seria contratada, até que começou a trabalhar na católica um tempo e eu continuava na PUC, ia e vinha... até que ela foi contratada aqui emergencialmente e foi o momento que veio a Pelotas, então... aí fiquei de olho e num dado momento lá do concurso para professor da Universidade Federal na área de História da Educação, e eu.. fiz o concurso e.. fui nomeado, então, eu... me aproximei muito da área de História da Educação em função desse concurso... e do magistério, né... naquela época, a área de História da Educação era muito prestigiada, como outras também, e o curso de Pedagogia... é... ele era feito de caixinhas, né... então tinha um catálogo de pagamento... então, tinha Filosofia da Educação, Sociologia da Educação, e a área de educação tinha praticamente quatro (4), e eu assumi essas quatro (4), três na verdade. Aí, eu... tinha um programa todo voltado para a cultura grega e... e eu modifiquei todo o currículo, ementa... para fazer a história da educação mundial, história da educação do Brasil, e história de

educação do Rio Grande do Sul, e... na época trabalhava com isso, foi assim que eu me aproximei...

Como se deu o teu processo de formação junto ao Seminário?

Eu fiz o seminário em Passo Fundo... então, os padres redentoristas, a Congregação Redentorista, me adiantou isso... na época, lançaram moda de... que o científico fosse realizado cada turma em uma cidade. E a nossa foi realizada em São Leopoldo, e a ideia era... de partir do princípio de quem tinha vocação sacerdotal ou missionária. Então, eu estudava no Colégio Pedro Schneider, que é um colégio público em São Leopoldo... então, eu fiz o científico... depois, daí... claro que, evidente que a gente podia fazer o que quisesse [...] e foi onde eu comecei a trabalhar, eu tenho orgulho de dizer que fui metalúrgico na época... então, eu tenho contrato de trabalho, carteira assinada, desde os dezesseis (16) anos... trabalhando... eu trabalhava de dia [incompreensível – 7:23]... pra quem não conhece, perto do zoológico de Sapucaia... eu morava em São Leopoldo e estudava de noite...

E tu fizeste Filosofia onde? Porto Alegre?

Eu terminei o segundo grau, então... na época fiz o supletivo, aí nós tinha que fazer Filosofia em Viamão... que eu fiz até... o curso é em quatro (4) anos, e aí eu fiz em dois (2) anos... ficou... quatro (4) anos, aí, no segundo (2º) ano, eu... não tomei a carreira, chamada eclesiástica, né... e... mas continuei fazendo o curso, fazia com crédito educativo... pedi o crédito educativo, trabalhava no jornal do comércio, no religioso, de noite, aí estudava de dia e concomitantemente fazia o curso de Ciências Sociais na UFRGS... aí quando eu terminei esses cursos eu fui fazer mestrado.

O teu mestrado não foi em Educação. Em que área foi desenvolvido?

Não. Sociologia.

O teu doutorado foi em função da tua prática profissional em História da Educação, não?

Não, não... em função da minha prática em Sociologia, em... na área de humanas, OSPB que eu trabalhava muito... nem ia falar isso, porque, na época, a OSPB, além de ser obrigatória, né... e, hoje em dia, na área do trabalho... abrindo um parênteses, o Eduardo tinha um acervo, sobre OSPB, maravilhoso, então... cento e cinquenta (150) livros, eu acho, sobre OSPB na época. Para a época acho que foi um bom trabalho, né... foi um verdadeiro “pow”, né, agora a gente sabe de tudo... dificilmente tu vai tratar algo no Rio Grande do Sul (RS) na História da Educação ou... que não tenha um... que não tenha uma página ali.

Como é que nasce a ASPHE?

A verdade é que a origem da ASPHE está vinculada ao grupo HISTEDBR. [...] Decorrente das disputas entre o materialismo histórico justamente e essas correntes emergentes: história das mentalidades, história de não sei o que e pá, pá, pá... essas aí... baseadas na cultura. [...] Na época, O Saviani e outros pesquisadores criaram esse grupo aí... e estava em tudo quanto é lugar, em todos os estados... então, o Lúcio, que foi orientando do Saviani, eu estou conjecturando. Em função da própria ANPEd, O Saviani e o grupo de trabalho dele passou a não frequentar muito o GT de História da Educação porque, segundo ele, os trabalhos baseados no materialismo histórico não eram aprovados, o que eu acho pouco verdadeiro... é aquele negócio, tu vai ler, lê sobre o teu negócio.... Aí, o que aconteceu... o Saviani... é... contactou o Lúcio para formar um grupo

aqui no nosso... tinha o grupo de Santa Catarina (SC), tinha o grupo do Paraná (PR), Como tem hoje em dia... até vocês [incompreensível – 24:30]... núcleos que chamam lá... vou chamar de núcleos aqui, e... mas o nosso não tinha... aí contataram o Lúcio para formar o grupo aqui... o Lúcio mandou uma carta, eu tenho até hoje aqui, que é a carta original disso aí... mandou pro diretor da faculdade, dizendo que queriam se reunir e que gostaria de ter alguém da Universidade Federal de Pelotas. O diretor na época, indicou-me. Chegando lá, na hora da discussão decidiu-se formar um grupo para nós. Aí nos unimos no início do ano e formamos a ASPHE, que não é vinculada a HISTEDBR.

Então, surge a ASPHE por conta dessa ideia do Saviani de criar braços em vários estados, para depois surgir a SBHE. Isso procede, não?

Sim, exatamente... em função do sucesso da ASPHE e, realmente, foi um grande sucesso da ASPHE. Um ano ou dois depois já apareceu a ideia, inclusive... a organização um pouco semeada por nós, no caso, o nosso punho... né, da ASPHE. Já tínhamos experiência etc e tal... claro, de uma outra natureza. Inclusive, escolheu depois na jornada brasileira, o Saviani para contemporizar [...]. Botaram é modo de dizer, né... e a Marta de vice eu acho, não me recordo.

Vocês organizaram, com a presença da Guacira Louro, do Lúcio, de tantas pessoas que pensaram e que hoje não são pessoas que integram mais a ASPHE. Como foi a organização desse primeiro encontro? Como foi pensado esse encontro anual? Como começou essa congregação de diferentes pesquisadores?

Eu acho que foi, se não me engano, em novembro, dezembro de noventa e cinco (1995) eu acho. Aí nos reunimos e marcamos a

próxima, então, a ideia era trazer mais gente... até, sempre, perguntei para o pessoal, ninguém me respondeu... eu sempre tenho na cabeça que a Berenice estava no primeiro (1º) encontro. E, sabe por que eu digo isso? Mas, nos vinte e cinco (25) anos ela não foi, não tá ali arrolada e não vão falar. E eu falei isso... inclusive, na... finalizando um texto da Maria Helena sobre a origem da ASPHE, não sei o quê... a nomina como primeira, então...na minha opinião... é meio estranho ela não tá com... como se chama... como painelista no nosso encontro agora. Mas como eu não tenho certeza... de memória, eu não sei, não me recordo... eu sei que estava a Julieta, estava uma da FURG ali, a... depois foi se desgarraram [...]. Mas aí nos reunimos, a ideia era... claro, muito utopia na época e tudo mais difícil, mas a ideia era fazer dois (2) encontros, como fizemos, dois (2) encontros por ano, apresentar trabalho etc e tal... logo surgiu a ideia da revista que... propôs e assumiu... que é uma coisa pra época muito inovadora, mas desafiadora... porque não havia bastante revistas, né... bem ou mal, ela foi... eu sei que foi indo... logo, se percebeu que dois (2) encontros por ano era muito difícil, muito complicado... passou a um (1) ano, e sempre se deu a ideia fundamental de socializar a comissão e principalmente agregar... agregar futuros pesquisadores na área de pós-graduação... e nesse sentido, a oficial sempre se destacou, pela própria estrutura que ela tinha aqui... não é mérito... na minha opinião, não é mérito dos professores da época... mas mérito da estrutura, tínhamos uma linha... começava doutorado, e sempre tinha lá uns professores [...].

O que tu percebe, assim, como é que tu lê, né, esse vinte e cinco (25) anos da ASPHE e os grupos de pesquisa, os próprios encontros, né, a gente tem dois (2) grandes grupos de pesquisa, eu acho, que a gente tem que falar, que é o HISALIS e que é o CEIHE. Como é que tu vê isso?

É isso que eu tava falando, aqui eu fui privilegiado por causa dessa estrutura, que é uma linha de pesquisa e tal, e... isso me fortaleceu... em outras universidades, algumas não tinham pós-graduação, as que tinham, os professores eventualmente labutavam na área de História da Educação, também labutavam na área de outros campos, vamos chamar assim, e... e, às vezes, eles privilegiam esses outros campos... isso aí me chamou um pouco a atenção porque eu não sabia explicar porquê que isso acontece... e um dos motivos seja, talvez, desde o início, que a área de História da Educação não conseguiu ainda... estabelecer o seu *status*, ela é muito reconhecida aqui. Mas, muitas vezes a pessoa a utiliza, trabalha com alfabetização, trabalha com currículo, trabalha com não sei o quê e se utiliza da infraestrutura, vamos chamar assim, da História da Educação para comunicar seus textos que é importante, da área que mais tem periódicos. E, bem... eu... aliás, uma pessoa que atua lá na política educacional, mas ela dá um jeitinho de publicar na área de História da Educação, porque é o jeito que nós operamos o nosso sistema, de professores. Mas no nosso sistema isso é importante, é publicar, é pós-graduação, no caso, pós-graduandos, então... aí vem o questionamento da Pedagogia, que diz que a História da Educação é um limbo, e o pessoal da História que diz que a História da Educação também é um limbo... tá, então... em uma dessas alguém pula o GT, não sei se se chama assim, em História da Educação. E eu, quase que percebo como uma disputa para tornar hegemônica a área de História. Eu não vejo problema nisso, mas, só que na prática, isso não dá fruto e é isso que eu tenho observado, olhando, assim, de longe. Eu posso fazer juízo temerário aqui, mas, aparentemente, poucas pessoas, e, eu não tô falando isso como uma crítica, como é o comportamento, é uma questão de status acadêmico. Em algumas universidades, tu observas que nunca teve representante ou foi uma vez ou duas.

E o papel na formação de pesquisadores, assim, esse papel da ASPHE, pelo menos nas nossas trajetórias, isso foi muito importante. A ASPHE como um espaço de formação na pesquisa e tu considera que isso realmente é importante, continua sendo importante. Houve alguma mudança nessa trajetória de vinte e cinco (25) anos da ASPHE?

Vamos ver... eu acho que, particularmente para os iniciantes, porque ninguém começa... pouca gente começa de cima e... e o fato de ser um ambiente, embora hoje em dia já haja outros espaços, naquela época não havia, isso é importante também... por isso que tem que datar... teve uma época que os encontros... não havia encontros. Qual é o encontro que havia que possibilitava que alunos ou pesquisadores, e mesmos professores pudessem apresentar os seus trabalhos ainda incipientes e que pudessem apresentar e receber contribuição, e ser visto, e ser auxiliado, e auxiliar pessoas? Não havia. Hoje, qualquer universidade se fala “nossa, aqui tem”, nem sei como chama hoje em dia, seminários em que os alunos apresentam, mas naquela época não havia. A ASPHE não é um imperativo, assim, necessário, mas, naquela época, era. Se tu quisesse socializar o teu conhecimento, para os teus pares, era ótimo, não tinha, né... Tu podias ir lá, tu começavas e podias ir para a ANPEd. E no caso da História da Educação, sempre eu destaco isso, é a área que mais, na época, tinha encontros. Era a ASPHE, era ANPEd. Depois tinha os regionais, capital... então, o pessoal podia circular e criar o seu casulo e a partir do casulo virar uma borboleta.

Tu consideras que a ASPHE tem gerações diferentes de pesquisadores? Como tu identificarias essas gerações?

Tem... tem, com certeza, tem a nossa ali... o primeiro (1º) grupo. Continua muito até hoje, óbvio. Depois, veio o segundo (2º) grupo, que pode colocar como a geração da Eliane Peres, do próprio

Eduardo. E depois vem o terceiro (3º) e assim vai... se forma uma família... depois, vem o de vocês, né, que já estão... E agora é uma incógnita. O novo grupo que vai aparecer... na minha opinião, não sei, mas a gente nota, nota as camadas e é assim que funciona.

Esse ano teremos uma experiência nova que vai ser a ASPHE online. Para quem está organizando, que é vocês aí da UFPel, vai ser um desafio.

É, mas a... olha, sinceramente, eu acho que a internet, nesse sentido é uma maravilha, tem trezentos (300) mil acessos positivos, mas tem outros [...]. Eu quero dizer que é uma frieza, o relacionamento... às vezes eu fico aqui catalogando livros para os negócios e estou ouvindo e ainda faço perguntas no fim, muito importantes. O que eu quero dizer é que é outro tipo de relacionamento, se tem acesso positivo, como tem acesso desse tipo assim. Eu acho a academia cada vez mais fria, mais cruel, não é? A Faculdade de Educação, nós fazíamos reunião, nós fazíamos churrasco, nós fazíamos com todos os professores.. agora... agora um está em Santa Catarina (SC), um está no Paraná (PR), outro está em Rio Grande (RS), outro está não sei aonde. E quando era presencial, nós tínhamos uma tarde de convivência [...] não há um entrecruzamento pessoal, está entendendo, das vidas das pessoas. Naquela época, na própria ASPHE, a gente notava isso, depois se encontrava na ASPHE, se encontrava lá na ANPEd... e tu via, estava todo o pessoal da ASPHE lá, sentado numa mesa tomando uns tragos, e aí... isso cria.... “ah, nós pesquisamos isso, pesquisamos aquilo”, e assim vai, né... isso era humano... mas agora me dá a impressão que humano, não... há muitas pessoas... que inclusive ia falar na rádio assim... se é pessoa é humano, mas não é verdade... há pessoas que eu acho que não são mais humanas... tem uma outra natureza... bom, isso aí é outra coisa...

Considerações Finais

Elomar Antonio Callegaro Tambara é certamente um marco da História da Educação no Rio Grande do Sul e no Brasil. Sua tese de doutorado, ainda que demarcada temporalmente, conforme suas afirmações, é uma referência para todos aqueles que se dedicam à História da Educação no Rio Grande do Sul ou para a pesquisa da Primeira República. Sua atuação na formação da ASPHE, seu empenho em manter e divulgar a Revista da mesma instituição são louváveis. Além disso, como pesquisadores cuja orientação de mestrado coube ao notório professor, tivemos nossas trajetórias amplamente marcadas pela sua influência e pelos ensinamentos que recebemos pelo caminho. Experiência e exemplo, sabedoria e humildade, compreensão e singularidade. As orientações do Prof. Elomar certamente podem ser consideradas peculiares, no entanto, não há orientador mais devotado a desenvolver a autonomia de seus orientandos.

Como pesquisador, o Prof. Elomar possui olhar aguçado, rigor metodológico, formação ímpar. Para além de sua tese, a obra que constituiu ao longo de seus anos de pesquisa são contribuições valiosas. Esta entrevista reporta um pouco de suas contribuições para a formação da ASPHE e, de forma comemorativa, espera-se preservar as memórias de nosso entrevistado, cujo papel foi fundamental para a existência de nossa associação.

Entrevista com a Prof^a Dra. Maria Helena Camara Bastos

*Fabiana Pinheiro da Costa
Gabriela Portela Moreira*

A entrevista a seguir é com a professora Maria Helena Camara Bastos. Trata-se de uma pesquisadora com larga experiência no campo da História da Educação cuja atuação foi de suma importância para criação e desenvolvimento da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE). Maria Helena graduou-se em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no início da década de 1970. Em 1984, finalizou seu mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS e, em 1994, doutorou-se em Educação, junto à linha de pesquisa História e Filosofia da Educação, na Universidade de São Paulo (USP). Exerceu a docência na Faculdade de Educação da UFRGS e na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), colaborando em seus respectivos programas de pós-graduação. Em 2005, foi professora visitante no Institut national de recherche pedagogique (França) e, em 2016, na Università di Macerata (Itália). Na década de 1990, participou ativamente das reuniões de criação da ASPHE e da Revista História da Educação na qual também contribuiu como editora. Suas pesquisas, reconhecidas no âmbito internacional, abrangem principalmente a disciplina de História da Educação, cultura escolar, imprensa de educação e ensino no século XIX.

Conte-nos sobre sua trajetória acadêmica/profissional e como elas se aproximam da História da Educação.

Eu fiz História. Quando saí da faculdade, em 1972, entrei no Colégio de Aplicação da UFRGS como professora e fiquei dois anos,

o que foi muito bom! Cheguei a me distanciar um pouco da área de formação, mas quando fui dar aula de Estudos Sociais me encontrei, já que usava a História e a Sociologia. Em 1982, fiz seleção para o Mestrado, na UFRGS, e trabalhei com os exames supletivos do Ensino Fundamental. Nisso, comecei a me indagar sobre o início dos exames na educação brasileira e me voltei para o século XIX. Nessa época, ministrei na Faculdade de Educação da UFRGS a disciplina de Estrutura e Funcionamento do Ensino de Primeiro e Segundo Grau. Obviamente, tive que estudar a 5692 que era a lei do período. Em 1988, fiz seleção para o doutorado em São Paulo. Busquei estudar a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, um tema que, até eu me aposentar, sempre esteve presente. Pesquisei a revista no período do Estado Novo, de 1939 a 1942, e a minha tese foi sobre esse assunto. Então, a primeira entrada vinculada especificamente à História da Educação foi essa. Quando ainda estava fazendo o doutorado, o professor Saviani começou a entusiasmar um grupo para fazer um projeto nacional, o famoso HISTEDBR, e fui à primeira reunião que aconteceu em Campinas. Não posso me esquecer de mencionar que a ANPED já tinha um GT de História da Educação criado por muitos contemporâneos. A professora Guacira fazia parte e eu também. Ocorreu uma ANPED em Porto Alegre e fui conviver com o grupo da História da Educação que minha orientadora, Marta Maria Chagas de Carvalho, coordenava. E assim me inseri nacionalmente. Foram poucas as reuniões que não participei. Em 1988, comecei a frequentar o ISCHE, que era internacional. Então, todo esse movimento congregou pesquisadores gaúchos como o Lúcio Kreutz, o Elomar Tâmbara e outras pessoas. Em 1995, nos convocaram para uma reunião na UNISINOS e começamos as primeiras tratativas de fundação da ASPHE. No ano seguinte, houve uma reunião mais formalizada com vários outros pesquisadores, onde conheci o Jaime Giolo. Foi a partir dessa reunião que oficializamos a criação da

Associação. Desde a primeira reunião, havia a intenção de criar uma revista de História da Educação porque ainda não existia nenhuma no Brasil. Aos poucos, a ideia tomou corpo. Mas havia resistências, diziam que nós não tínhamos arcabouço para dar esse pontapé. Só que o Elomar assumiu a revista. Em 1997, ela sai com dois números anuais e a resenha de uma revista da França, porque um ano antes estive no país, por isso também tem traduções. Foi considerada a primeira revista em língua portuguesa da área. O espelho era a *Histoire de l'éducation*, do Institut national de recherche pédagogique, em Paris, que há pouco tinha começado a editar. Bom, essa é a minha inserção na História da Educação e na ASPHE. Eu, Maria Stephanou, Beatriz Fischer, Lúcio, Terciane, Elomar, Eliane, Jorge Luiz Cunha e vários outros somos os sócios fundadores. É importante dizer que a existência da ASPHE e da revista foi fundamental para a consolidação da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE). É isso!

**Quais as temáticas de pesquisa em que você esteve envolvida?
Quais as correntes teóricas e metodológicas que te guiaram?**

Quando saí do doutorado continuei pesquisando a Revista do Ensino no período de 1951 a 1978. Também fui para a revista da Faculdade de Educação da UFRGS, Educação e Realidade. Estudei até 1995 sua história e como ela surgiu, sempre na perspectiva historiográfica. Orientei dissertações e monografias da imprensa sindical porque, na época, eu participava do CPERS sindicato. É uma história riquíssima e não vi mais ninguém investigar. Orientei dois rapazes da História que pesquisaram como as greves do magistério eram retratadas na Zero Hora e no Correio do Povo, que eram os periódicos mais importantes daquele momento. Uma bolsista analisou os editoriais dos jornais do magistério. Foi interessante porque ela não estudou só isso, mas também as ilustrações. Bom, depois que me aposentei da UFRGS, em 1997, fui trabalhar na Universidade de Passo

Fundo e me liguei mais ao entorno, até para explorar os acervos da região. Orientei uma dissertação sobre o Colégio Marista que é de 1906 e tem um acervo escolar imenso. Também avancei para outras publicações da Secretaria de Educação do Estado, como uma revista editada para o público infantil que visava fazer frente aos gibis estrangeiros. Em 2002, fui para a PUCRS e as pesquisas foram muito variadas. Depois do meu doutorado, minha preocupação era continuar investigando a imprensa educacional. Me voltei para o século XIX e fiquei por muitos anos nessa temporalidade. Foi realmente uma paixão! A gente vai vasculhando e acaba criando um arsenal de fontes para pesquisar. Certa vez, fui mexer numa revista pedagógica e conheci o Menezes Vieira, que até então não sabia quem era. Dessa investida, saiu um trabalho completamente diferente dos outros porque foi sobre a trajetória dele. Menezes foi um homem que teve escola, transitou pelo Rio de Janeiro, publicou artigos e livros. Enfim, esse é um trabalho que até hoje me circunda. Quando se entra para o século XIX dá para enveredar por muitos caminhos e ir percebendo a transição para uma escola mais ativa. Fiz também vários estudos na vertente do livro e da História. O primeiro, de fato, não conhecia nada, mas havia muitas propagandas nas revistas pedagógicas. Era um livro para crianças, uma literatura que teve muito sucesso na Itália, o famoso Cuori, que significa coração. Depois, realizei outros trabalhos sobre intelectuais, mas sempre ligada às questões dos discursos e práticas. Minha tese foi sobre os discursos publicados na revista do ensino, então Michel Foucault foi um suporte importante. O Pierre Bourdieu também com a teoria da comunicação e outros tantos. Se vou mexer com instituições, são determinados autores, mas se vou trabalhar com discursos, são outros. Mais um trabalho que considero importante é do período que já estava na PUCRS. A Dóris, naquela época, trabalhava como professora no Colégio Farroupilha que havia criado um memorial escolar. Ela promoveu uma visita comigo a esse

espaço. Com isso, a Alice veio fazer mestrado e depois o doutorado sob minha orientação. Então, resolvi submeter ao CNPq um projeto vinculado a Porto Alegre que começa no século XIX, mas segue até os dias atuais. A Alice abriu as portas do Farroupilha e vários bolsistas se encantaram. Saíram publicações, teses e dissertações. Foi muito gratificante essa pesquisa que durou quase dez anos. Também tive a oportunidade de conhecer o professor Alberto Barausse que veio para o Brasil, primeiro como pós doc e depois como professor visitante. Ele ficou por cinco anos e se integrou por todo o Rio Grande do Sul. Dessa parceria, me inseri em um projeto junto à Universidade de Molise, na Itália, que é onde ele atua. Então, atualmente, estou envolvida com a imigração italiana e aprendendo muito. Tenho dificuldades quando me perguntam sobre suportes teórico-metodológicos porque creio que não sou muito didática. Sinto atração por um objeto e o que faço? Começo a investigar e a aguçar a curiosidade. Tenho várias vertentes, não sou nada ortodoxa! Vou fazer um parêntese. Quando fui para França compareci a uma exposição sobre o ensino mútuo. Um dia antes dessa visita, eu havia dado uma palestra sobre a História da Educação e a formação docente no Brasil. Me chamou atenção que uma professora nunca tinha ouvido falar sobre ensino mútuo. Diante dessa constatação, resolvi verificar os manuais e percebi que sempre havia uma frase ou parágrafo sobre o tema. Escrevi um primeiro artigo que saiu publicado na Revista da ASPHE. Mais tarde, editamos livros e descobri que imigrantes suíços e franceses adotaram esse tipo de ensino para alfabetizar seus escravos domésticos. Percebam que uma coisa conduz a outra. Sempre digo que quando uma pessoa fica presa a um objeto o mundo perde. É preciso ter curiosidade para além da produção de um paper.

Como se iniciou a ideia de uma Revista de História da Educação dentro da ASPHE e como foi sua participação nesse processo?

Sou uma das sócias fundadoras da ASPHE assim como fui da SBHE. Na época da criação, houve certa resistência na ANPED porque acreditavam que esvaziaria o GT, mas isso não ocorreu, pelo contrário, congregou. Todas continuam até hoje assim como as revistas. Sempre participei dos encontros da Associação. Deixei de comparecer apenas quando estava no exterior e na pandemia, em 2020, que não ocorreu. Sou uma entusiasta! Levei meus bolsistas de iniciação científica, orientandos de mestrado e doutorado, porque os eventos fazem parte da formação. Incentivei a frequentar salões e congressos para apresentar as pesquisas. A ASPHE, nesse sentido, tem sido a grande articuladora e agregadora dos pesquisadores gaúchos em História da Educação. Da revista, o grande mérito é do Elomar e dos colegas de Pelotas, como o Gomercindo e o Eduardo. Eu colaborei com traduções, principalmente porque tive duas bolsistas que dominavam o francês e me auxiliavam. Aprendi muito da língua traduzindo textos de pesquisadores que tive contato na França. A primeira resenha que saiu em solo estrangeiro foi da Anne-Marie Chartier. Fui uma propagandista da revista. Nos congressos colocava ela debaixo do braço para fazer divulgação. Era dessa forma que conseguia artigos da França, Espanha e Portugal. Sempre estava com um cartão de visitas e entregava-os convidando as pessoas para enviar artigos, dizendo a elas que eu poderia providenciar a tradução. Antigamente, o CNPq pagava esse serviço, mas agora não é mais assim. Além disso, algumas universidades tinham cotas para tradução, o que facilitava bastante e incrementava o escopo da revista. Outra estratégia foi a criação de uma seção “documentos” e dos dossiês nacionais e internacionais. Um projeto que nunca esqueço foi o do Barão Stockler que o professor Rogério Fernandes mandou. A minha participação sempre foi constante, embora tenha atuado como editora por curtos períodos. Eu e Elomar vivíamos pedindo verbas ao CNPq porque precisávamos de dinheiro para publicar. Por muitos anos, ele

quem financiou a publicação, já que os recursos da Associação também não eram suficientes. Atualmente, o governo acabou com o financiamento dos periódicos. Creio que esse é um movimento de abrangência internacional, devido à grande proliferação tanto na área da educação como nas suas adjacentes. Apenas periódicos com *qualis* A1 recebem financiamento. No último ano em que estive vinculada a revista, recebemos verba porque nossa classificação mudou de B1 para A. Em alguns momentos, utilizei a minha verba de pesquisadora do CNPQ e da CAPES para que ela fosse veiculada.

Qual o papel da ASPHE na sua trajetória de pesquisa e de seus orientandos?

Sempre incentivei meus bolsistas da UFRGS e de Passo Fundo a frequentarem os encontros da ASPHE. Durante o ano em que permaneci na ULBRA e, posteriormente, todo o período que estive vinculada à PUCRS, os meus orientandos participaram. Creio que nem todos continuaram sócios, até porque o vínculo mais forte é durante a graduação e a pós. Vejo que as reuniões são o elo de continuidade da própria Associação e dos grupos de pesquisa em História da Educação. É também um elo nosso enquanto investigadores. Nos encontros percebemos as ausências, assim como as permanências. Pelotas, por exemplo, sempre foi o maior grupo. Imagino que se deva ao fato de ter vários pesquisadores e grupos de pesquisa, além de museus e arquivos. Fizemos, inclusive, um dossiê sobre impressos escolares da cidade de Pelotas e em outro, “Acervos do Rio Grande do Sul”, houve a contribuição do Elomar, Eliane, Giana, Alice e Dóris. Atualmente, modificamos a seção “documentos” para “acervos e documentos” tornando esse um espaço de divulgação. Também julgo importante fazer mais dossiês internacionais para que os pesquisadores do Brasil conheçam outros acervos, já que hoje esse é um movimento grande pelo mundo. Uma questão que me inquieta

bastante sobre a História da Educação é que ela teve um período de auge entre o final do século XIX e início do XX, até as décadas de 1940 e 1950. Depois, começou outro momento com os primeiros doutorados na USP. Pensando nesse assunto, escrevi um artigo em que aponto a necessidade de um estudo prosopográfico com os pesquisadores da área para verificar as universidades a que estão vinculados e o que ensinam. Um primeiro levantamento já foi feito, mas não foi adiante. Fiz quando estava na PUCRS e outros fizeram nos seus respectivos locais de trabalho, mas esse é um assunto interessantíssimo, uma vez que se consegue identificar as gerações de pesquisadores como em uma árvore genealógica. É possível perceber quem orientou quem. Veja bem, só de CNPq tenho 25 anos, então coloca um pouco mais para trás. Foram muitas gerações que passaram por mim. O Eduardo diz que são os meus bisnetos, mas por quê? Porque eu orientei a Luciane, que orientou ele e que, hoje, já tem os seus próprios orientandos.

Quais as suas produções mais significativas na área da História da Educação? E as relações dessas produções com a ASPHE?

Acho que a imprensa pedagógica e o ensino perpassam por várias das minhas pesquisas e de outras pessoas que frequentaram a ASPHE, mas que não necessariamente foram meus orientandos. Gostei de transitar pelo século XIX. Fiz muitos estudos e acabei sendo referência em alguns temas. Também me identifiquei bastante com as biografias e histórias de intelectuais, sem contar o trabalho com o Colégio Farroupilha que me possibilitou pensar diversos outros temas. É uma escola particular que está presente até os dias de hoje e suscitou uma porção de publicações. Tenho vertentes variadas, inclusive com outros grupos de pesquisa. Eu transito no grupo da Eliane Peres, nos de alfabetização, embora nunca tenha alfabetizado na vida. Tenho relação com a pesquisa desenvolvida, como os cadernos escolares que

estimularam estudos por aí. Se vocês olharem no lattes verão os meus tentáculos e desvios, creio que daria um bom estudo, até porque não tenho um caminho retilíneo. Uma vez, lá em Caxias, me chamaram para fazer uma fala sobre a ASPHE e pensei que estaria repetindo o que já havia dito em outros momentos. Então, resolvi radicalizar e conversar sobre outros temas. Sugeri ao público que o trabalho historiográfico pode ser feito a partir de histórias em quadrinhos e diversas outras fontes. Quando frequentei o clássico, e mesmo depois na faculdade, era quase obrigatório estudar a inserção da Editora Globo na publicação do livro “História da Civilização”, do Edward Burns, ou seja, tinha que seguir um certo padrão. Há uns anos, me procuraram para orientar uma tese sobre os livros de cálculos que os estudantes de engenharia usavam na década de 1950. O que isso mostra? Que não precisa estar obrigatoriamente na História ou na Educação para se inserir na área. A Tânia Garcia, por exemplo, fez uma tese sobre a economia doméstica na UFPel com manuais que datavam quase do século XIX. Fizemos um artigo juntas e, não faz muito tempo, uma pesquisadora de São Paulo me procurou perguntando sobre esse trabalho, mas já não tenho o arquivo porque foi na década de 1990. É tudo muito variado! Recentemente, fiz um ensaio na tentativa de cativar mais os homens para o campo, porque me parece que eles têm uma necessidade de fazer tudo a partir de regras, só não sei se alcancei o objetivo. Mas o que quero dizer? Que os temas de pesquisa não precisam ser grandiloquentes e com a fundamentação teórica mais profunda. Às vezes um tema pequeno pode resultar em algo muito valioso. Enfim, essa é minha opinião.

Qual encontro da ASPHE foi mais marcante e por quê?

Posso citar o que organizei em Passo Fundo, visto que essa interiorização se deve muito a minha ida para outras universidades. Também o que organizei na PUCRS, quando trouxemos uma

pesquisadora da Argentina. Geralmente, os convidados vinham para os encontros com os recursos das bolsas do CNPq dos professores. As universidades não bancavam completamente um evento regional. Na UFRGS, por exemplo, trouxemos a professora Juraci Magalhães e a Ana Maria Mauad veio com o auxílio da Universidade. O Jorge Cunha também conseguia verbas com a UFSM. Todos os eventos tinham esse cuidado de ter boas mesas e valorizar as apresentações de bolsistas de iniciação, mestrandos e doutorandos. Até mesmo os que ainda não tinham bolsa. O Eduardo Hass começou pesquisando comigo sem bolsa porque não tinha naquele momento, mas depois seguiu na pós-graduação. Hoje ele é professor em um campus da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Considero que todos os encontros foram prazerosos justamente porque tinha esse clima de confraternização. Não era só em Porto Alegre. O combinado é que seria um ano na capital e outro no interior ou mesmo na região metropolitana. Os encontros de Pelotas, verdade seja dita, eram ótimos porque tinham aqueles doces maravilhosos! Uma vez, o Elomar organizou uma festa em um espaço que foi muito agradável porque ele trouxe um pessoal de Sergipe para a ASPHE. Ocorreu outro em Rio Grande em que vieram pessoas do HISTEDBR, de Campinas. O Alberto, professor da Itália que ficou por cinco anos na PUCRS, frequentou também. Ele tinha muito contato com Caxias, mas não só. Envolveu-se com Pelotas, UNISINOS e outras. Eu destacaria essa versatilidade. Não posso elencar um sob o risco de ser injusta, mas posso dizer que essas sociabilidades eram maravilhosas. Às vezes, o pessoal alugava um ônibus e era muito bom. Tudo isso era muito divertido, esse espírito de congregação entre professores e alunos. É um grande estímulo aos estudantes participar, mesmo que depois não sigam na carreira acadêmica. O ambiente agregador, de poder conversar com seus pares, é muito importante. Sempre digo que as pernas vão tremer na hora de falar, não importa quantos anos de

experiência se tenha porque o público é sempre diferente, mas tem que participar.

Quais as dificuldades que percebes na manutenção da associação da ASPHE? E quais são os pontos fortes?

A geração fundadora está saindo, a maioria se aposentou ou tomou outros rumos. Os aposentados até continuam, mas é por pouco tempo. Agora, me lembrei da Maria Teresa Santos Cunha que trazia os orientandos para participar da ASPHE. O pessoal de Santa Catarina sempre quis congrega a Associação entre os dois estados, mas isso não se concretizou, o que não impediu que eles continuassem participando. Acho que essa transição para as gerações mais novas tem tudo para dar certo. O momento atual está atrapalhando, não só por conta da pandemia da COVID-19, mas dos recursos financeiros. Muita gente ficou desempregada ou perdeu bolsa, o que é um fator preocupante. Entretanto, acho que tem tudo para continuar dando certo. Há um grupo que já está exercendo a docência em universidades e isso é um elemento fundamental. Acredito que existam mais prós do que contras, porém, como tudo na vida, as coisas podem tomar rumos desconhecidos. Muitas associações enfrentam o problema de recursos. Desde que o CNPq e a CAPES pararam de repassar verbas para as revistas, sobrevivemos com um dinheiro que não se multiplica, um dia ele vai acabar. Antigamente, não tínhamos esses problemas e muitos bolsistas assumiam tarefas. A Tatiane tem experiência e ajudou. A Chris, que agora é professora, também foi fundamental. Ela auxiliou no tocante ao layout. A revista mudou bastante depois que ela começou a apoiar. Hoje, não imprimimos mais e mantemos apenas online. Ainda assim existem custos, mesmo que o papel tenha sido abolido. É preciso indexar no Scielo, colocar nas plataformas exigidas, tudo isso demanda dinheiro. Aliás, quero registrar que a revista da ASPHE foi a primeira a ser disponibilizada no Scielo, sendo a

primeira da área no Brasil. Tivemos que trabalhar muito para conseguirmos a avaliação “A” da CAPES. Ou seja, manter uma revista qualificada implica investimento. Mesmo a manutenção da Associação é algo caro. Há anos falamos em registrar um CNPJ, mas custa uma fortuna porque é necessário um contador profissional para assinar os balanços. Enfim, o dinheiro não dá cria. Se não há entrada, só saída, fica difícil de manter qualquer coisa. Como ponto forte, posso destacar as exposições que aconteceram em cada ASPHE. Isso foi bem interessante. Se não me engano, começou com uma em Pelotas em que eu e Maria Stephanou falamos de caligrafias e cadernos. Outra pessoa fez sobre os cartões e livros dos Simões de Lopes Neto e tinha mais alguma coisa junto, creio que com a Eliane Peres, mas realmente não lembro.

O que você visualiza para o futuro dos pesquisadores em História da Educação?

O mesmo futuro que vejo para as universidades e para a educação como um todo. Acho que vai ser uma grande batalha para todos os segmentos vinculados à educação, ciência, pesquisa e formação. A situação em que vivemos é muito ruim, mas ainda pode piorar, os vestígios internacionais estão aí para comprovar. Por outro lado, estamos numa fase de crescimento da História da Educação que conta hoje com mais de 700 grupos de pesquisa pelo Brasil e estes são os que mais crescem e publicam. É um fenômeno que merece ser analisado. Vou a eventos no Ceará, São Luís do Maranhão e são sempre auditórios cheios. Muitas pessoas de outras áreas buscam os congressos não só para assistir, mas para congregar, o que é ótimo! Em 1984, a ANPED criou um GT que foi fundamental para a expansão da pós-graduação, mas agora temos esse “boom”. Ainda assim, estamos enfrentando um baque grande com os cortes. Sou editora adjunta da revista da ANPED e só de vez em quando aparecem

textos da História da Educação. As temáticas mudaram e a Educação tem muitas publicações, o que acaba levando cada qual para um lado. Há uma mudança de temas e perspectivas, mas também existe um desprestígio político, creio que até sindical. O CPERS, por exemplo, luta para ter voz ativa, mas já não consegue fazer tanta pressão como anos atrás. É difícil porque as pessoas querem garantir o seu sustento e o coletivo se desestrutura. Parece-me que tudo ficou mais complexo com essas modalidades online em que o contato pessoal está bloqueado. Eu não gosto de participar virtualmente, sinto que uma das coisas mais importantes se perde. A ASPHE esse ano vai ser online, não tem o que fazer, mas qual é a graça? Estou há dois anos sem conversar pessoalmente, isso é o que faz falta. Então, vejo um pouco como aquele título do Hobsbawm chamado “Tempos Interessantes”. Acho que estamos vivendo tempos sombrios! Fico preocupada com as novas gerações porque já estou aposentando as chuteiras, mas e os que estão começando nesses tempos? O CNPq cortando as bolsas de pesquisas, principalmente na área de humanas, então são tempos difíceis.

Considerações Finais

A trajetória de Maria Helena Camara Bastos relaciona-se ao campo da História da Educação no Brasil de forma íntima. Com produções diversificadas e uma carreira consolidada, ela contribuiu para a projeção do Rio Grande do Sul no cenário científico e para a formação de várias gerações de pesquisadores. Como uma das sócias fundadoras da ASPHE, fomentou a divulgação da produção acadêmica, contribuindo para a criação, manutenção e internacionalização da Revista de História da Educação. Durante muitos anos, traduziu artigos para o português, possibilitando aos

pesquisadores brasileiros um maior acesso ao conhecimento produzido em outros países.

Maria Helena é, ainda hoje, uma grande entusiasta da pesquisa. Ao longo de sua carreira, orientou e incentivou bolsistas de iniciação, mestrandos e doutorandos a traçarem seus caminhos investigativos. Muitos tornaram-se pesquisadores reconhecidos e filiados à ASPHE. Conhecer um pouco do seu percurso profissional nos possibilita vislumbrar alguns dos sinuosos caminhos que a Associação enfrentou ao longo de seus 25 anos de história e, mais do que isso, nos mostra como foi incansável o esforço de seus membros na busca de recursos para que ela se mantivesse ativa.

A expressão “tempos sombrios”, de Hannah Arendt, se encaixa na descrição do atual cenário educacional brasileiro. Entretanto, Maria Helena vê com olhos esperançosos a continuidade da pesquisa e da ASPHE por meio das novas gerações. Para ela, mesmo diante das turbulências, a Associação segue sendo um espaço de interlocução e um importante canal de difusão da pesquisa em História da Educação no Estado. A persistência na organização de encontros e publicações são um caminho de resistência frente ao obscurantismo e uma ponte necessária para que novas políticas educacionais sejam pensadas e implantadas.

Relato acerca da fundação da ASPHE e do primeiro Encontro: uma entrevista com Lúcio Kreutz

Cassiane Curtarelli Fernandes

Apresentação

No ano de 1941, nascia em Santo Cristo, no noroeste do Rio Grande do Sul, o professor e pesquisador Lúcio Kreutz. Descendente de imigrantes alemães, era filho de pequenos agricultores. Após cursar a 5ª série, seguiu para o seminário, onde concluiu os estudos (LUCHESE, 2017).

Entre os anos de 1961 e 1967, graduou-se em Filosofia e depois em Pedagogia, pela Faculdade de Filosofia Imaculada Conceição de Viamão. Em 1979, obteve o título de Mestre em Educação pelo Instituto de Estudos Avançados em Educação da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, sob orientação de Osmar Favero. Na sequência, iniciou o doutoramento na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, defendendo o seu estudo em 1995, com o título Magistério e imigração alemã. O professor paroquial católico teuto-brasileiro do Rio Grande do Sul no movimento da restauração. Por muitos anos, Lúcio Kreutz exerceu a docência no Ensino Superior, constituindo-se em um renomado professor e pesquisador. Atualmente, está aposentando.

Nesta entrevista, estão transcritas recordações importantes acerca da fundação da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, compartilhadas pelo Professor Lúcio Kreutz, um de seus sócios fundadores, a partir de anotações e relatórios pessoais. Memórias que se entrelaçam reforçando a importância da Asphe e da atuação de Lúcio Kreutz,

referência ímpar para os estudos em História da Educação no Rio Grande do Sul.

Professor Lúcio, gostaríamos de iniciar pedindo para que o senhor compartilhasse um fato importante ou marcante da sua trajetória como educador ou historiador da educação.

Minha tese de doutorado sobre Magistério e Imigração Alemã no Rio Grande do Sul tornou-se uma referência, porque foi o primeiro estudo acadêmico neste sentido. Sua publicação por três editoras universitárias (UFRGS, UFSC e UCS) deve ter contribuído para sua difusão e para o reconhecimento da temática. A partir de então, fui apresentando resultados de pesquisa em eventos, em periódicos e em capítulos de livros na área. Imagino que meus textos sobre o processo escolar entre os imigrantes, publicados nas duas coleções de História da Educação no Brasil, (respectivamente da Editora Autêntica, e pouco depois outra publicação em três volumes da Editora Vozes) tiveram influência no sentido do reconhecimento e difusão dessa temática, mas a necessidade de restringir o texto a poucas páginas, não permitiu um desenvolvimento que me parecia mais adequado ao tema. Considero a palestra de abertura do VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (Colubhe), em Porto, Portugal, em 2008, publicado como capítulo de livro pela Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, em 2010, como o texto em que expressei de maneira mais clara meu modo de entender e tentar praticar a pesquisa em História da Educação. Pesquisar o que ocorre no encontro entre culturas, entendendo as etnias em sua dinâmica e mobilidade, é o que andei tentando ao longo dos anos de investigação. Certamente com alguns avanços, mas também com limites e fragilidades.

Professor, como se deu a formação da ASPHE e a organização da Revista História da Educação?

Em outubro de 1995, após troca de ideias e apoio da colega Flávia Obino Werle, dirigi uma correspondência às instituições de ensino superior do Rio Grande do Sul, convidando os pesquisadores em história da educação para uma reunião na UNISINOS, no dia 11 de dezembro do mesmo ano, para tratar de assuntos de interesse comum e fomentar o intercâmbio dos pesquisadores entre si.

Participaram da reunião do dia 11 de dezembro de 1995 os seguintes pesquisadores: Beatriz Terezinha Daudt (UFRGS/UNISINOS), Berenice Corsetti (UFSM), Elomar Tambara (UFPEL), Flávia Obino C. Werle (UNISINOS), Jaime Giolo (UPF), Julieta Beatriz Ramos Desaulniers (PUC/RS), Lúcio Kreutz (UNISINOS – coordenador) e Maria Helena Câmara Bastos (UFRGS).

Na reunião optou-se por não criar um núcleo regional do HISTED/BR, sugerindo-se que os pesquisadores participassem individualmente, na medida do possível, das atividades do GT de História da Educação da ANPED, e também do HISTED/BR, mantendo o diálogo com estes dois grupos. O foco central das reflexões, nesta reunião, estava relacionado com a ideia central de se pensar mecanismos para incentivar a união e o intercâmbio entre os pesquisadores da área, no Estado. Por isto optou-se em formar uma associação regional, com os seguintes objetivos:

- a) articular as iniciativas de pesquisa na referida área;
- b) socializar a produção de pesquisa histórica em educação, no estado;
- c) abrir canais de acesso aos diversos acervos existentes no estado e aos bancos de dados que vão sendo constituídos;
- d) promover encontros regionais de pesquisa em História da Educação para apresentar e discutir a produção histórico-educacional no estado, bem com refletir sobre as tendências teórico-metodológicas da historiografia educacional.

A partir deste primeiro encontro, foi decidida a realização de nova reunião com os pesquisadores interessados em integrar a associação regional. Esta segunda reunião foi realizada em 07 de junho de 1996, também na UNISINOS, com os seguintes participantes: Beatriz Terezinha Daudt (UFRGS), Elomar Tambara (UFPEL), Eva Lisety Ribes (FURG), Flávia O. Correa Werle (UNISINOS-coordenadora), Jaime Giolo (UPF), Jorge Luiz da Cunha (UFSM), Luci Elaine Krämer Schwengber (UNISC); Lúcio Kreutz (UNISINOS-justificou ausência) e Maria do Carmo da Silva (URCAMP).

Na parte da manhã os presentes apresentaram uma síntese de suas pesquisas em andamento. No período da tarde foram trocadas ideias sobre os possíveis canais de comunicação a serem utilizados pelo grupo. Foram lembradas as datas e locais de congressos e simpósios na área, com estímulo para a participação de todos. E o tema central das reflexões da tarde foi a questão da formação de uma associação de pesquisadores em história da educação no Rio Grande do Sul. A opção do grupo foi favorável à formação da associação, decidindo-se alguns encaminhamentos neste sentido, a saber: que os representantes da UFPEL redigiram uma proposta de estatuto para a associação a ser criada e que haveria uma nova reunião em dois de setembro do ano em curso (1996), com a seguinte pauta:

1. discussão da proposta de estatutos da associação, elaborada pelos representantes de Pelotas;
2. proposta concreta da criação da revista da associação, também a cargo da equipe de Pelotas;
3. apresentação de algumas pesquisas relativas à história da educação no Rio Grande do Sul durante a República Velha.

Foram inscritos:

- Berenice Corsetti (UFSM);
- Elomar Tambara (UFPEL);

- Jaime Giolo (UPF),
- Lúcio Kreutz (UNISINOS).

A reunião de dois de setembro, já com maior número de participantes, começou com a apresentação da proposta de estatuto para a associação a ser criada. Os representantes da UFPEL, Elomar A. Calegari Tambara, Eduardo Arriada e José Fernando Kieling apresentaram uma proposta cuidadosamente preparada. Posta em discussão, houve algumas alterações e a seguir foi decidido pelos presentes criar oficialmente a Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE), com os seguintes objetivos:

- a) incentivar e realizar a pesquisa e a divulgação na área de História da Educação, prioritariamente no Rio Grande do Sul;
- b) congregar pesquisadores e estudiosos na área de História da Educação no Rio Grande do Sul;
- c) manter intercâmbio com entidades congêneres (Estatuto da ASPHE, cap.2).

Estiveram presentes a esta reunião de fundação da ASPHE, os seguintes pesquisadores em história da educação, representando nove Universidades e/ou Instituições de Ensino Superior no Rio Grande do Sul, sendo considerados os sócios fundadores da ASPHE: Beatriz Terezinha Daudt (UFRGS/UNISINOS), Berenice Corsetti (UFSM), Dagmar Esterman Meyer (UFRGS), Eduardo Arriada (UFPEL), Elomar Tambara (UFPEL), Eva Lisety Ribes (FURG), Flávia Obino Correa Werle (UNISINOS), Guacira Lopes Louro (UFRGS), Jaime Giolo (UPF), Jorge Luiz Cunha (UFSM), José Fernando Kieling (UFPEL), Julieta Beatriz Ramos Desaulniers (PUC/RS), Luci Elaine Krämer Schwengber (UNISC), Lúcio Kreutz (UNISINOS), Maria do Carmo da Silva (UNICAMP), Maria Helena Câmara Bastos (UFRGS) e Maria Stephanou (UFRGS).

A seguir os sócios fundadores elegeram a primeira diretoria da ASPHE, assim constituída:

Lúcio Kreutz – presidente;

Elomar A. C. Tambara – vice-presidente;

Flávia O. C. Werle – secretária.

Também foi decidida a criação de uma revista para a ASPHE, com o título de História da Educação, sob a Comissão Executiva de Elomar A. C. Tambara e Eduardo Arriada, a ser impressa na UFPEL. Para o Conselho Editorial foram indicados: Elomar A. C. Tambara, Maria Helena Câmara Bastos, José Fernando Kieling e Lúcio Kreutz.

No mesmo encontro de fundação oficial da ASPHE, em dois de setembro de 1996, foram apresentadas e discutidas as pesquisas de Berenice Corsetti e Elomar A. C. Tambara. O encontro caracterizou-se pela intensa participação dos associados, com o estímulo para o intercâmbio e a participação nos eventos da área. Os sócios-fundadores comprometeram-se com uma anuidade para a associação.

Por fim, ficou decidido que o I Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, após a fundação de sua entidade científica, seria realizada nos dias 28 e 29 de abril de 1997, na UNISINOS, com dois blocos de assuntos principais:

- a) apresentação dos principais arquivos e acervos do RS com fontes para a história da educação.
- b) apresentação de pesquisas de associados da ASPHE.

Entre a reunião da fundação da ASPHE e o Primeiro Encontro, associaram-se à ASPHE os seguintes pesquisadores(as): Agostinho Mário Dalla Vecchia (UFPEL), Ceres Karan Brum (UFSM), José Licíneo Backes (UNISINOS), Liceo Piovesan (UNISINOS), Luciana Storck de Mello (UNISINOS), Marcos Corbellini (LA SALLE), Marlene Gallina Rego Lorenzi (SEC/RS), Regina Portella Schneider (SEC/RS), Rosângela Montagner (UFSM) e Valeska Fortes de Oliveira (UFSM).

Quais são as suas recordações acerca do Primeiro Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação?

O Primeiro Encontro da ASPHE foi realizado nos dias 28 e 29 de abril de 1997, na UNISINOS. Para este encontro a diretoria conseguiu o apoio financeiro da FAPERGS. Por isto e também para estimular a articulação dos associados com esta Fundação de Amparo à Pesquisa no Rio Grande do Sul, a diretoria permitiu-se incluir, junto à programação prevista, uma apresentação da FAPERGS por meio de seu diretor Técnico-Científico, Carlos Eugênio Daudt.

Assim, na primeira parte do Primeiro Encontro, além da apresentação da FAPERGS, houve também a apresentação de dois acervos de pesquisa no Rio Grande do Sul, conhecidos pelas fontes em história da educação. Assim, houve:

- a) a apresentação da FAPERGS, através de seu Diretor Técnico-Científico, Prof^o Carlos Eugênio Daudt;
- b) a apresentação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, através do Prof. Laudelino Teixeira Medeiros;
- c) a apresentação do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, através da Prof^a Acácia Maria M. Hagen.

Os participantes ainda teceram comentários sobre a importância do arquivo do Solar dos Câmara e do arquivo da Cúria Metropolitana em Porto Alegre e do Arquivo Histórico em Pelotas.

Na segunda parte houve a apresentação e discussão de diversas pesquisas. Após, foi realizado o lançamento do primeiro número da Revista História da Educação, da ASPHE, prevendo-se, ainda, o lançamento do segundo número para o Encontro Anual da ANPED, em setembro de 1997, e, prevendo-se, ainda, o Segundo Encontro da ASPHE, de um dia, em 31 de outubro de 1997, na UFSM, para a reflexão sobre o tema: Memória e História da Educação.

Por fim, foi eleita a nova diretoria da ASPHE, composta por Jorge L. da Cunha, presidente, (parece-me que Valesca Fortes foi a

secretária e o/a vice-presidente não recordo. Teria sido a Maria Helena Camara Bastos?).

Conforme as suas anotações, quais foram as pesquisas discutidas e apresentadas neste primeiro encontro?

Foram as pesquisas de:

1. Jorge Luiz Cunha (UFSM) – História oral/ histórias da vida: contribuição para a pesquisa em História da Educação;
2. Valeska Fortes de Oliveira (UFSM) – Imagens, docência e histórias de vida;
3. Beatriz Terizinha Daudt (UFRGS/UNISINOS) – Foucault e histórias de vida: aproximações e que tais;
4. Julieta Beatriz Ramos Desaulniers (PUC/RS) – O campo religioso e a formação de trabalhadores;
5. José Fernando Kieling (UFPEL) – Expansão de agropecuária e a formação de professores rurais;
6. Elomar Tambara (UFPEL) – O processo de formação da negritude no Rio grande do Sul no Séc. XIX;
7. Guacira Lopes Louro e Dagmer E.E. Meyer (UFRGS) – GEERGE-Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero e a História da Educação no Rio Grande do Sul;
8. Dagmar E. E. Meyer (UFRGS)- Pesquisa em História da Educação da mulher na Alemanha: relatos de um estágio;
9. Regina Portella Schneider (SEC/RS) – Instrução Pública no Rio Grande do Sul;
10. Flávia Obino Correa Werle (UNISINOS) – Discutindo a institucionalização da instrução pública;
11. Maria Stephanou (UFRGS) – A constituição de sujeitos higiênicos: práticas formativas da medicina no Rio Grande do Sul;

12. Luci Elaine Krämer Schwengber (UNISC) – As políticas da educação básica brasileira em nível de processo legislativo federal, de 1988 a 1996;
13. Maria Helena Câmara Bastos (UFRGS) – A gênese do projeto público republicano para a educação: o discurso e a ação de Dr. Joaquim José Menezes Vieira – Médico e Educador (1851-1897);
14. Jaime Giolo (UPF) – Positivismo e catolicismo na educação gaúcha da Primeira República;
15. Rosângela Montagner (UFSM) – Normalistas em Santa Maria: o caso do Instituto de Educação Olavo Bilac (1945-1975);
16. Ceres Karan Brum (UFSM) – Lendas missionárias. Dimensão pedagógica;
17. Lúcio Kreutz (UNISINOS) – Educação e etnia: perspectivas para uma leitura na história da educação;
18. Agostinho Mário Dalla Vecchia (UFPEL) – A educação dos escravos em Pelotas;
19. Eduardo Arriada (UFPEL) – Formação do Arquivo Histórico em Pelotas.
20. Ainda estavam inscritos:
21. Eva Lisety Ribes (FURG) – A história da educação rural a partir da história das escolas;
22. Luciana Storck de Mello (UNISINOS) – Estudo de Curso Complementar: curso de formação de alunas-mestras;
23. Marcos Coberllini (LA SALLE/Canoas) – Itinerário de uma proposta educativa.

Professor, como um dos fundadores da Asphe na década de 1990, poderias destacar a importância da Associação para as pesquisas em História da Educação no Rio Grande do Sul?

Certamente podemos inferir que o movimento de criação da ASPHE através da mobilização inicial, de vários encontros preparatórios, juntamente com o esforço dos associados em conhecer pesquisas que vinham sendo desenvolvidas, em conhecer os principais acervos do estado de interesse para a pesquisa na área, em estabelecer intercâmbios, sinalizam para uma avaliação positiva. A criação da Revista História da Educação e a continuidade da mesma através de uma exemplar regularidade de publicações de todos os números até o momento, certamente pode ser considerada como o ápice das atividades da ASPHE e que lhe dá visibilidade.

Além disto, saliento que, desde o início a ASPHE está acolhendo e estimulando o entrosamento dos pós-graduandos e bolsistas de IC, aumentando gradativamente o número de participantes nos encontros. Entendo também que é oportuno realçar que desde o início predomina uma postura de diálogo, evitando-se cisões por questões teórico-metodológicas. Estes fatores certamente contribuíram para que representantes da ASPHE tivessem presença muito significativa nas atividades de planejamento e de criação da Sociedade Brasileira de História de Educação (SBHE), seja pela liderança na Comissão Preparatória, na discussão pública do processo no II Congresso Ibero-Americano de História da Educação Latino-Americana, em Santiago, Chile, em maio de 1998; na 21a. Reunião Anual da ANPEd, em Caxambu, em set. de 1998; no Encontro Preparatório da Fundação na Faculdade de Educação da UFRJ, em julho de 1999 e finalmente, na fundação da Sociedade Brasileira de História da Educação, na 22a. Reunião Anual da ANPEd, em Caxambu, em 28 de setembro de 1999.

Entendo que a ASPHE foi sendo construída coletivamente, com muita participação e interesse dos associados. Sem desmerecer ninguém, realço a dedicação de três membros, com sua equipe, que, em minha avaliação, tiveram um empenho especial ao longo dos dez

primeiros anos da ASPHE. Trata-se de Elomar A. C. Tambara e equipe, a quem devemos a concepção e publicação de nossa Revista História da Educação, conquistando visibilidade e reconhecimento para nossa Associação; trata-se ainda de Jorge L. da Cunha e equipe que, junto com os quatro anos de direção da entidade, conseguiu o patrocínio da UFSM, ao longo dos dez anos, para a vinda e participação de reconhecidos pesquisadores de outros estados e países, subsidiando nossa prática de pesquisa; trata-se, ainda, de Maria H. C. Bastos que se distinguiu na articulação de contatos, nacionais e internacionais, para a obtenção de excelentes artigos para a nossa revista. Enfim, após todos estes anos de existência, a ASPHE está vigorosa porque está sendo assumida por todos os associados como nossa associação.

Considerações Finais

Estando diante da comemoração dos 25 anos da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, gostaríamos de presentear os colegas pesquisadores com o relato acima compartilhado, uma vez que apresenta memórias importantes acerca da fundação e do primeiro encontro da Associação que nos é tão cara. A ASPHE foi e continuará sendo um espaço de partilha, de afeto, de diálogo e de divulgação das pesquisas em História da Educação no Estado, reflexo do trabalho desenvolvido nos programas de pós-graduação em educação e nos grupos de pesquisa constituídos nas nossas universidades.

Perante à sua relevância, destacamos a atuação do Professor Lúcio Kreutz, ao lado de outros sócios fundadores, no processo de organização da Associação e nos encontros que seguiram nos anos posteriores para que pudéssemos, em 2021, comemorar os seus 25 anos de existência.

Além disso, gostaríamos de evidenciar a importância do trabalho desenvolvido por Lúcio Kreutz como docente, pesquisador e orientador, constituindo-se em uma das mais importantes referências para o campo da História da Educação, sobretudo no Rio Grande do Sul.

Referências

LUCHESE, Terciane Ângela. A pesquisa em História da Educação – testemunho de um autor: Entrevista com Lúcio Kreutz. **História da Educação** (Online), Porto Alegre, v. 21, n. 52, p. 05-14, maio/ago. 2017.

“No meu tempo, uma instituição séria, acadêmica e, ao mesmo tempo, afetiva”: Memórias da professora Beatriz Daudt Fischer sobre sua trajetória junto à ASPHE

*Ariane dos Reis Duarte
Estela Denise Schütz Brito
Patrícia Weiduschadt*

Introdução

Esta entrevista foi realizada em 29 de maio de 2021 através de reunião virtual envolvendo as entrevistadoras e a Professora Doutora Beatriz Terezinha Daudt Fischer. Convém pontuar que a conversa se deu desta forma para seguir os protocolos de segurança previstos para o quadro de pandemia de Covid-19 vigente no momento. O encontro teve cerca de duas horas de duração, nas quais a professora compartilhou conosco episódios de sua trajetória docente e acadêmica, bem como de seu envolvimento com a Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação/ASPHE, motivo principal desta conversa.

A professora Beatriz Daudt Fischer é natural do município de Novo Hamburgo/RS. Realizou curso Normal na Escola Santa Catarina (1967) e é formada em Pedagogia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1971). cursou mestrado em Social Foundation of Education na Universidade de Stanford, Estados Unidos, tendo concluído seus estudos em 1980. Iniciou a carreira docente como professora na rede municipal, tendo posteriormente atuado na rede de ensino estadual e privada, desempenhando a função de coordenadora pedagógica. Ingressou na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 1985, mais especificamente na Faculdade de Educação (FACED) como professora e coordenadora do curso de Pedagogia.

Nesta instituição cursou seu doutorado (1999). No final do ano de 1996, já aposentada de suas atividades na Universidade Federal, retorna como docente para a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), instituição na qual já havia trabalhado na década de 1980. Como se pode constatar a seguir, é nesta instituição que inicia seu envolvimento com a História da Educação e com a ASPHE.

Ao compartilhar conosco suas memórias a respeito da Associação, a professora faz um mergulho em passagens de sua vida pessoal, profissional e acadêmica. Seus relatos versam sobre momentos importantes em sua formação como docente e pesquisadora. Ao narrar passagens de sua trajetória, a professora reconstrói cenas e episódios vividos, de modo que por meio de suas memórias é possível conhecer alguns aspectos dos bastidores da criação da Associação e perceber seu impacto para a pesquisa em História da Educação. Para nós, suas alunas e ex-orientandas, ouvir e participar dessa narrativa consistiu em um momento ímpar, pois nossa imersão e/ou o aperfeiçoamento no mundo da pesquisa se deu através do contato e vínculo com a professora Beatriz.

Fale sobre sua trajetória acadêmica/profissional e como se aproximou do campo da História da Educação.

Acho difícil resumir 50 anos de trabalho em poucas palavras, mas considero importante colocar para vocês como foi o meu começo. Desde a infância, meu objetivo era ser professora. Lá no segundo ano primário me apaixonei pela minha professora. Eu queria ter o cabelo igual ao dela, queria usar as roupas semelhantes às que ela usava e acho que foi a partir dali que surgiu minha aspiração em me tornar professora. Cursei primário, prestei exame de admissão ao ginásio e no final do ginásio, quase naturalmente, prestei exame para o curso Normal. Isso era o que eu mais queria e nem pensava em seguir adiante nos estudos. Na minha família, não havia ninguém com curso

superior, eu tive uma tia professora primária, mas não nasci numa família com tradição em diplomas. Então, para mim, fazer Escola Normal era o máximo que eu almejava.

Entretanto, durante o estágio, etapa final como normalista, senti vontade de trabalhar na formação de futuras professoras, pois percebi colegas com muitas dificuldades, algumas inclusive reprovadas no estágio. Eu, pelo contrário, como sempre gostei, me dei muito bem na prática de ensinar, inclusive recebendo muitos elogios. Ao mesmo tempo, colegas que eu amava deveriam, sob meu parecer, ter recebido melhor orientação nesta etapa. Então, lembro bem, me veio um pensamento: "eu quero estudar para ser professora de normalistas e, principalmente, de prática de ensino, eu quero ser professora nas escolas normais, quero preparar futuras professoras" (na época só se pensava no feminino). Só que eu não tinha a mínima ideia sobre qual curso seguir para atingir tal meta. Então, procurei uma freira que eu muito admirava e perguntei: "Irmã, quero continuar estudando, qual curso devo fazer?" Ela respondeu de pronto: "Filosofia, foste talhada para a Filosofia, vives questionando". Também de pronto reagi, dizendo que Filosofia eu não gostaria. E expliquei melhor minhas intenções, meu objetivo de atuar junto a futuras normalistas. "Então, tens que fazer pedagogia". Não tinha faculdade em Novo Hamburgo e a mais próxima ficava em São Leopoldo, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, futuramente Unisinos. Fui até lá junto com outras colegas que queriam estudar também, uma queria História, outra Letras e nos preparamos juntas para o vestibular.

Cursando Pedagogia, no penúltimo ano veio a reforma universitária de 1969, auge da ditadura. O Curso de Pedagogia passaria a diplomar administradores, orientadores educacionais, supervisores e não somente docentes como até então. Nossa turma, até certo ponto, poderia ser prejudicada. Mas conseguimos encaminhar, via reitoria, um processo até o MEC. Como resposta surgiu a

alternativa de fazermos um ano a mais, ou seja, um apostilamento. Então, fiz 4 anos de Pedagogia e mais um ano de supervisão escolar, abrindo mais possibilidades de atuação profissional. Dois anos mais tarde a Unisinos me convidou para assumir como docente e para atuar junto aos estágios de prática de ensino. De fato este, havia sido meu objeto de pesquisa no trabalho de conclusão.

Naquele tempo, raras pessoas tinham título de mestrado ou doutorado, então penso que convidavam bons alunos e eu fui convidada, desde que eu fizesse uma especialização oferecida pela então já denominada Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Deste modo, ao mesmo tempo em que fui assumindo meu trabalho docente, fui cursando essa especialização, que não tinha nada a ver com a História da Educação. Chamava-se "Métodos e técnicas de ensino". Ou seja, situada na área especificamente pedagógica. Nesse meio tempo, meu marido, Nilton, pleiteou uma bolsa CNPq para doutorado em Stanford e lá fomos nós para Califórnia no ano de 1977. Nossos filhos eram bem pequenos (Gustavo 4, Janaina 1) e, em princípio, eu lá estava como esposa e mãe. Nilton, entretanto, dizia "eu sei que a tua vida é também estudar". E nesse sentido ele passou a me entusiasmar a tentar mestrado. Tínhamos a facilidade de morar dentro do campus, porém um grande obstáculo: as "tuitons", já que se tratava de universidade privada e até hoje uma das mais caras dos Estados Unidos. Nilton foi incansável em escrever para várias instituições, brasileiras e americanas, buscando alternativas para uma possível bolsa para mim. Mesmo sem bolsa, optei por me candidatar a um curso denominado "Social Foundation of Education". Com grande alegria, obtive retorno que havia sido selecionada, mas como pagar as mensalidades? Bem, nos dois primeiros semestres nossas famílias no Brasil apoiaram, enviando o necessário. No terceiro e quarto semestre, felizmente, tive meia-bolsa CAPES e isso foi fundamental. Mas, por que estou relembando tudo isso? Porque considero importante, para o

objetivo dessa entrevista, identificar minha guinada como pedagoga – centrada em temas específicos de ensino e aprendizagem – para pedagoga que queria aprofundar temas relacionados aos aspectos sociais e políticos da educação. Percebi essa carência em minha graduação, obviamente causada pelos difíceis anos de ditadura no Brasil.

É incrível, mas saindo do Brasil naquele período, tive a possibilidade de compreender alguns aspectos da formação social e política latino-americana. E isso muito pela escolha de professores e disciplinas e, principalmente, pelo acesso à riqueza de bibliografias nas maravilhosas bibliotecas de Stanford. Inclusive acesso a autores brasileiros, como Paulo Freire, que aqui estavam proibidos. Minha graduação no Brasil havia acontecido num dos piores anos da ditadura (1968-1972) e, com exceção de um ou dois professores maravilhosos – um deles, o prof. Victor Becker, que distribuiu um texto do Paulo Freire, texto que passou meio escondido, mas que muito ajudou na discussão feita “à boca pequena” – a maior parte das cadeiras referiam-se a questões pedagógicas, como se tudo fosse apolítico. Muitos anos mais tarde, tive ocasião de contar tudo isso ao próprio Paulo Freire, inclusive que fui conhecer melhor suas ideias primeiro em inglês durante meu mestrado nos Estados Unidos.

Eu havia feito um concurso antes de ir para os Estados Unidos e ao retornar ao Brasil pude assumir como coordenadora pedagógica em escola estadual. Além disso, na Unisinos passei a dar aulas nos cursos de especialização, na época identificado como “pós”. Nesse meio tempo, a Unisinos me propôs ser cedida pelo Estado para assessorar o padre e professor Egídio Schmitz, coordenador geral dos cursos em nível de pós-graduação da época. Ele responsável pela pesquisa, que se iniciava aos poucos na instituição e eu responsável em coordenar a área de ensino neste nível. Em seguida abriu inscrição para concurso na Faculdade de Educação da UFRGS. Fazer concurso para UFRGS?

Eu? Quem sou eu? Relutei muito, mas, por incentivo de amigos e, mais uma vez também do Nilton, fui em frente. Decidimos mudar para Porto Alegre no início de 1984, eu já inscrita no concurso que, por razão da longa greve nas universidades federais, acabou ocorrendo só no ano seguinte. Aprovada, iniciei como docente na UFRGS em março de 1985, assumindo disciplinas geralmente relacionadas a questões pedagógicas.

Agora vou chegar na História da Educação. Onde e como a História da Educação entrou na minha vida? Na minha faculdade de Pedagogia, tive duas disciplinas de História da Educação, aquelas com abordagens bem tradicionais, entretanto como boa aluna tive ótimas avaliações. Depois nunca mais me interessei. Muitos anos mais tarde, atuando na UFRGS na época do governo Collor, percebi – e não só eu – que algumas políticas relacionadas à carreira docente na universidade pública desprestigiavam professores sem o título de doutor. Senti certa insegurança com relação ao meu futuro. Nilton, que conhecia mais de perto a situação acadêmica, me falou: “acho que devias fazer doutorado”. Aí pensei, pensei, e decidi tentar na própria UFRGS. Fui selecionada com um projeto focado em questões pedagógicas, totalmente fundamentado em Piaget.

Na época, o doutorando do PPGEduc/Ufrgs podia iniciar sem ainda ter orientador/a. Fui então cursando os créditos e, incrivelmente, me desinteressando pelo projeto. Assim, após quatro semestres de doutorado, decidi cancelar matrícula, pensava até em desistir principalmente porque o meu projeto de pesquisa não me desafiava. Um ano depois, ao saber que o professor Jacques Marre iria ministrar dois seminários, resolvi assistir pois sabia da grande competência dele. Jacques era professor de Sociologia da UFRGS e professor convidado do PPGEduc. O primeiro seminário tinha o título “Histórias de Vida” e eu sequer sabia que isso existia, acho que foi no ano 1995. A partir daí eu quis ler tudo, saber mais e mais sobre essa

metodologia, me apaixonei. Marquei hora com o professor e disse para ele “suas aulas me motivaram, me deu vontade de fazer outro projeto para doutorado, me entusiasmei”. Ele prontamente se dispôs a colaborar e passamos a fazer outros encontros. E o segundo seminário dele em seguida, também de 40 horas, foi só sobre Foucault, de quem eu não sabia quase nada. De fato, quando em Stanford assisti Foucault “ao vivo” fazendo conferência, mas na época entendi quase nada.

Com orientação do professor Jacques, passei a ler tudo sobre esses dois temas e elaborei um outro projeto de pesquisa visando o doutorado. Queria fazer algo que me desafiasse, que me fizesse estudar mais de verdade. Até decidi me aposentar para poder dedicar meu tempo integralmente aos estudos e à pesquisa. Indaguei a mim mesma que histórias de vida eu quero buscar? E que problema de pesquisa construir em torno disso? E lembrei direto das minhas professoras dos anos 1950, quando eu era menina e aí tudo isso vocês sabem sobre a minha tese.

Como foi o envolvimento com o campo da História da Educação e como se iniciou a ideia da criação da associação no RS? Como foi sua participação nesse processo?

Naquele tempo, nas reuniões anuais da Anped, havia duas modalidades para submissão, uma era Trabalho e outra era Comunicação, que depois virou Pôster. Como eu estava na fase de elaborar outro projeto para meu doutorado, submeti uma Comunicação para o GT História da Educação porque eu tinha lido algumas coisas que me interessaram muito. Até então costumava participar do GT Currículo para o qual também tive trabalho aprovado nessa mesma reunião. Velhos e bons tempos da Anped, quem tinha trabalho aprovado, por exemplo, ganhava a passagem e mais três diárias, uma maravilha para ir à Caxambu! Embora não integrasse o PPG como docente pesquisadora, eu fazia algumas pesquisas

piagetianas e essas eu apresentei no GT de currículo. No GT História da Educação era somente uma comunicação, um pequeno texto dando notícias sobre o projeto que envolvia Histórias de Vida. Gostaram muito! Eu fiquei surpresa, me senti muito acolhida no GT de História da Educação. Identifiquei pelo nome algumas pessoas que eu só conhecia por bibliografia. Achei o máximo! Voltei de lá muito entusiasmada.

Depois disso, recebi convite para participar de uma reunião na sede antiga da Unisinos e quem coordenou foi o Lúcio Kreutz que iniciou dizendo mais ou menos assim: "O Saviani está pedindo para eu formar aqui no RS um núcleo do grupo deles, o HISTEDBR." E ali, após algumas trocas de ideias, veio a questão: "Mas porque nós temos que formar aqui um grupo ligado ao grupo deles? Nós podemos criar um... não lembro se foi dito associação ou grupo, só sei que nascia ali a ideia de criar algo "nosso". Não lembro de todos, éramos ali um grupo pequeno, talvez umas seis ou sete pessoas, se a memória não estiver me traindo. Além do Lúcio, com certeza estavam na reunião a Flavia Werle e a Maria Helena Bastos. E imediatamente marcamos uma segunda reunião, mais ampla, aí sim com muito mais participantes. Esta ocorreu em um auditório do campus Unisinos, tinha muita gente que eu não conhecia e ali ficamos desde manhã até final da tarde. Aprendi muito naquele dia, foi uma discussão de dia inteiro buscando formar a "nossa" associação. Ouvi tudo com muita atenção, quase não falei porque não dominava o assunto (criar uma associação). Mas lembro que alguns colegas foram determinantes. A Flávia [Werle] ajudou muito, o Lúcio também, sem falar no Elomar e demais parceiros/as de Pelotas, Porto Alegre, Santa Maria, Ijuí, entre outros. Levantou-se a possibilidade de criar uma revista da associação. Se não me falha a memória, a ideia partiu do grupo da UFPel, mais especificamente ideia proposta pelo colega Elomar. Houve participantes que consideraram isso um sonho muito distante, uma

loucura essa ideia vir a tornar-se uma realidade e levantaram vários obstáculos. Colocada em votação, foi aprovada e essa loucura não só foi acatada, como assumida com carinho e dedicação por parte de determinados colegas desde sempre.

Nesta mesma reunião, houve muito tempo seriamente investido na questão de elaborar estatutos e sobre o processo de registrá-lo em cartório. Lembro também divergências iniciais acerca do nome da associação, se colocaríamos a palavra “sul-rio-grandense” ou se colocaríamos no final “do Rio Grande do Sul”. Acabou vencendo a primeira alternativa e a sigla acabou ficando ASPHE. Nesse sentido, sempre considerei peculiar o fato de que aquele PH praticamente nos impede de pronunciar “ASPE”, ou raros pronunciam ASPE. Considerando a dimensão histórica da Língua Portuguesa, a maioria optou por ASPHE com som ASFE. E assim foi ficando para sempre.

Eu lembro que o Jorge ajudou muito na questão do estatuto, ele deveria ter muita experiência no assunto. Um tempo depois, numa reunião da Anped, num final de tarde nos reunimos para criar a Associação Nacional da História da Educação. Novamente o Jorge foi determinante na discussão sobre os estatutos. A fundação da ASPHE inspirou a formação de outras Associações de História da Educação no Brasil.

Havia a ideia de expandir a associação para fora do RS?

No início não, nem se pensava, mas isso foi se alterando. Pelo que recordo algumas pessoas não gaúchas começaram participando dos encontros anuais da ASPHE, como é o caso, por exemplo da Giani Rabelo e da Maria Teresa Santos Cunha, ambas de Santa Catarina. E isso graças à Maria Helena Bastos e à Maria Stephanou, duas colegas muito importantes na história da ASPHE. Lembro que Teresa veio na primeira vez como convidada e palestrante, depois voltou em anos seguintes como participante, inclusive trazendo orientandos para

apresentar trabalhos. Giani inicialmente participou como doutoranda, apresentando trabalho e mais tarde também acompanhando seus orientandos. Como eram de Santa Catarina, a gente brincava: “se vocês nos derem as praias maravilhosas, a gente deixa a ASPHE chegar em Santa Catarina”. Brincadeiras no intervalo dos eventos.

Qual o papel da ASPHE na sua trajetória de pesquisa? Como vê isso em relação aos seus orientandos e orientandas?

Eu posso dizer que foi por causa desta associação que eu fui me encorajando a mergulhar mais nesta área da História da Educação, que não era minha praia inicialmente. Foi a ASPHE que me ajudou a consolidar esta ideia. É interessante, porque a ASPHE vai surgir justamente quando eu estou me encorajando a caminhar por esse campo. Até então, como eu já falei, os meus assuntos eram muito mais didático/pedagógicos, a minha formação toda foi relacionada diretamente à formação de professoras e professores e, justamente por ser desta área mais pedagógica, o meu foco era muito mais ligado à currículo, a questões relacionadas a como ensinar melhor, como avaliar melhor os alunos, esses eram os meus focos.

A minha vinculação com a ASPHE está diretamente relacionada ao meu projeto de doutorado e ao entusiasmo pela pesquisa. Eu me achava acolhida entre os colegas da Associação, percebia que eles me consideravam quando eu falava. Eu achava incrível, porque eu era uma pedagoga, entende? Então, isso foi me dando, assim, uma fortaleza no sentido acadêmico. Eu diria que se não fosse a ASPHE e seus encontros anuais, eu não sei se teria continuado com temas da História da Educação. Para mim, lembrar de reuniões da ASPHE é lembrar de eventos com acolhida, com simplicidade, com abertura em ouvir as pessoas que ainda eram apenas bolsistas de iniciação de pesquisa ou alguém que está recém iniciando o seu projeto de mestrado, e essa ligação com orientadores e orientandos, para mim,

sempre foram características da ASPHE: acolhimento fraterno entre pessoas que estão em estágios diferentes na academia, sem que isso significasse benevolência. Acuidade e objetividade nas avaliações dos trabalhos submetidos, por exemplo, sempre estiveram presentes, comentários críticos após apresentação de trabalhos, mas sempre no intuito de buscar o aperfeiçoamento acadêmico. O que eu não sentia em outros eventos, onde a fogueira das vaidades sempre cintilava com vigor. Na ASPHE nunca senti isso e, portanto, impossível falar da minha trajetória como pesquisadora em História da Educação sem falar da ASPHE. É assim, quase como uma coisa colada à outra. Assim, fui abandonando outros interesses que eu tinha, embora ainda mantivesse vínculos com estudos e temas pedagógicos, até porque quando passei a atuar em Programa de Pós-Graduação eu estava em instituição privada tendo que atender interesses dos ingressantes. Então, se vocês olharem as minhas orientações, tem umas em História da Educação, mas tem muitas que não são, porque, quem é que vai orientar o pessoal que vem interessado em educação infantil? “Ah, a Beatriz!” Bom, aí tenho muitas orientações que não são [da História da Educação]. Às vezes, eu colocava um pezinho lá, pedia para orientanda ou para o orientando, “quem sabe, antes de entrares no tema, faz primeiro um mergulho no contexto histórico em torno da questão”.

Eu ficava muito feliz quando meus orientandos tinham a chance de participar de algum evento da ASPHE. Quando o evento se situava mais próximo geograficamente, era mais fácil, por exemplo em Porto Alegre, na UFRGS ou na PUC, mas quando era mais distante, aí eu patrocinava ou com verba de pesquisa. Eu não me lembro bem, mas era mais fácil porque era ônibus, eu acho que eu não tinha verba de pesquisa, enfim, eu não me importava, eu achava tão importante que meus orientandos e meus bolsistas de iniciação pudessem participar porque era um evento onde eles podiam ouvir diversos trabalhos e,

principalmente, se sentir bem. Eu achava que era um evento que pessoas que ainda não tinham título pudessem se sentir muito bem, nem que fossem só ouvindo, mas eventualmente já apresentando. O depoimento de alunos, de mestrandos e doutorandos ou bolsista de pesquisa, sempre na volta dos eventos, era de quem gostou muito, se sentiu muito bem recebido, e eventualmente, de quem passou a entender melhor o que eu queria dizer dentro da pesquisa, mesmo que a pesquisa não fosse necessariamente de abordagem da História da Educação, mas entender, pelos conjuntos de pesquisas ouvidas, pelos relatos de trabalho, entender a importância de contextualizar o seu objeto no tempo histórico.

Nisso tudo, repito, a Asphe colaborou muito, foi muito importante. E nesse sentido também a Revista da Associação foi muito importante. Desde o começo foi uma excelente revista, sendo a primeira revista de História da Educação no Brasil. O fato de conhecer a seriedade e o cuidado com cada edição – e aqui faço questão de ressaltar o mérito de cada um dos editores e editoras que assumiram tal papel – fazia com que eu a recomendasse aos demais colegas e principalmente aos alunos e orientandos. A Revista é parte inerente e fundamental à trajetória da Asphe. Ela sempre foi contagiante – já que se vive em tempos de contágio, já que se fala em vírus – a nossa Revista sempre contagiou no bom sentido o gosto pela leitura em História da Educação. Eu tive um e outro orientando, mais de mestrado, que tinha completamente outra temática, então eu dava um jeito, ou em aula, ou na orientação de sugerir leituras da nossa Revista, o que posteriormente gerava um novo respiro: “agora eu entendi que o tu queres dizer”.

Resumindo, na minha trajetória e na trajetória de alguns orientandos e bolsistas de iniciação científica, penso que a Asphe foi determinante. Para mim, com absoluta certeza foi, eu não nego isso, já falei mais de uma vez em depoimentos nos nossos encontros. É uma

Associação – ou foi no meu tempo, não sei falar sobre hoje – uma instituição séria, acadêmica, e, ao mesmo tempo, afetiva.

Quais das suas produções considera mais significativas na área da História da Educação? Elas têm alguma relação direta com a ASPHE?

Bem, praticamente todas as minhas publicações vinculadas à História da Educação foram decorrentes do incentivo a partir dos eventos da Asphe. Como já referi, em mim os eventos da Asphe provocavam uma espécie de realimentação, eu me abastecia, ouvia várias apresentações interessantes, bem-produzidas ou em fase de produção. A minha trajetória maior de pesquisa foi na temática das histórias de vida e, nesse sentido, eu li muito para fazer o meu trabalho de doutorado, o qual respondendo a pergunta de vocês, considero a minha produção mais significativa, tem mais qualidade porque, após a banca, levei também para outros fóruns de debate. Além de publicar em livro, produzi artigos analisando aspectos que eu não tinha explorado, ou não tinha explorado suficientemente.

Eu considero a pesquisa relacionada à tese, o meu melhor trabalho no sentido de abrangência, de qualidade, de investimento de tempo em leitura e investigação. E, ao longo dos eventos da ASPHE, o fato de ouvir outros relatos, em começar a ler histórias de vida lá no início e, depois começando a compreender a História Cultural, eu diria que foi uma porta que se abriu para um gosto particular meu pela história cultural da educação. Eu agradeço à Maria Teresa [Santos Cunha], com ela aprendi muito e ainda aprendo. A Maria Stephanou me sugeriu a leitura da tese da Teresa, me enviou para os Estados Unidos, eu achei lindo o trabalho, fiquei maravilhada. E quando eu voltei, e estava na época de defender o meu doutorado, 13 de maio de 1999, a Maria Stephanou me sugeriu convidar a Teresa para a banca. Foi uma excelente sugestão. Eu não a conhecia, mas desde então nos

tornamos amigas de coração. Aprendi muito com a Teresa, ainda aprendo, não só pelo jeito dela escrever, mas pelas escolhas de temas e a forma de pesquisar. Tudo isso foi gerando em mim um gosto peculiar pela pesquisa que, se eu pudesse, ficaria só fazendo isso, pesquisa sob tal perspectiva. Em suma, posso afirmar que a História Cultural veio até mim principalmente através dos eventos da Asphe e, com certeza, pelos momentos compartilhados com a Maria (Stephanou), a Maria Teresa (Santos Cunha) e Maria Helena (Camara Bastos), às vezes individualmente, mas principalmente quando em conjunto. Em resumo, respondendo, a minha produção intelectual relacionada à História da Educação está diretamente relacionada à Asphe e amigos/as que nela cultivei.

Na sua opinião, qual foi o evento mais marcante? Por quê?

No início da associação, os eventos eram pequenos, daí quando vocês perguntam se tem algum evento que ficou mais marcante para mim, eu diria assim, que de um modo geral, os primeiros foram mais marcantes, porque eles eram menores, eles lembravam um pouco os eventos pequenos na Europa, grupos pequenos, e comparando com a Anped que se tornou tão grande, eram muito mais significativos. A Asphe depois começou a ficar maior, nunca foi gigante, mas os primeiros eu gostei mais. Um dos que eu gostei muito foi o evento que teve na biblioteca pública de Pelotas.

Eu lembro que foi muito acolhedor, ao meio-dia, aquela coisa que acontecia muito na ASPHE, todo mundo saía para almoçar junto ali por perto. Eu não sei se por ser na biblioteca pública de Pelotas, que em si já é um prédio histórico ou por ser um evento pequeno, me marcou muito. Eu nem me lembro, eu acho que eu apresentei trabalho, não tenho muita certeza.

Um outro evento que eu lembro bastante e que eu gostei muito foi em Gramado. Também não era um evento grande, aí talvez para

mim ele foi mais marcante porque eu apresentei o início daquela pesquisa da professora Nilce Léa, quando pela primeira vez pesquisei somente documentos. Para mim aquilo era um desafio muito grande, me convidaram para apresentar este trabalho ainda inicial numa mesa e foi muito bem recebido. Gramado é sempre muito acolhedor como cidade. Tivemos bons momentos de convivência, um grupo que tocava violão, uma pelotense que tocava harpa maravilhosamente, e a gente cantava à noite após a janta no hotel. A Maria Teresa tinha sido convidada, a gente cantou músicas rio-grandenses, aquelas bonitas. Foi um evento exemplar para além da parte acadêmica.

Ah sim, lembro também de um evento bem interessante em Santa Maria, eu estava prestes a ir para os Estados Unidos acompanhando Nilton no pós-doutorado e foi quando eu escrevi minha tese. Aquele evento que o Jorge [Cunha] organizou, foi um pouco nostálgico para mim, porque eu sabia que eu ia ficar um tempo fora. No ano seguinte eu não participei, nem me lembro onde é que foi, depois aos poucos voltei a participar da Asphe. Ah, houve um evento em Caxias também muito interessante, organizado por Terciane e Luciane, lembro que com temática original.

Os eventos de Porto Alegre, sem dúvida, sempre super bem-organizados, tanto na PUC como na UFRGS. Mas acho que os que mais me marcaram foram os primeiros, porque eu estava sendo introduzida no grupo e me sentindo muito bem aceita. Sempre fui de expressar minha opinião, fazer críticas, dar sugestões, entretanto nunca aceitei ser diretamente da diretoria, fui algumas vezes do conselho fiscal, ou suplente de algum cargo.

Quais as dificuldades que percebes na manutenção e na qualidade da associação da Asphe? Quais são os pontos fortes?

Então, quando falei no começo desta entrevista acerca dos primórdios da Asphe, do processo de fundar uma associação, referi

que havia muitas preocupações, por isso que eu lembrei muito do Jorge Cunha e demais colegas. A Flávia também se preocupava com a elaboração do estatuto da instituição e encaminhamentos para o devido registro etc. Havia toda uma discussão na época, eles falavam coisas que eu não entendia, mas sabia que estávamos entre colegas plenamente confiáveis. Havia preocupação com o sustento não só da nossa associação, mas também da revista cujo primeiro número logo seria editado. Num primeiro momento, não lembro com clareza, acho que a gente se cotizava, depois efetivamente a gente passou a pagar anuidade. Havia nas primeiras reuniões anuais da Asphe discussões sobre valores. Algumas pessoas mais diretamente vinculadas à diretoria viam claramente a necessidade de aumentar ou reajustar o valor da anuidade. Depois, a cada encontro anual, na assembleia havia necessariamente a discussão em torno desse tema. Lembro muito da frase “se queremos ter alunos participando, temos que ter uma taxa diferente para eles”. E assim foi feito.

Era um pouco artesanal no começo, porque a gente acabava pagando a anuidade só no momento da reunião, ou talvez um pouco antes quando se começou a cobrar por e-mail. “Oh pessoal, colocar em dia a anuidade”. Havia, por exemplo, quem deixava de participar num ano ou dois, então ficavam um ou dois anos sem pagar a anuidade, depois tentava pagar atrasado. Isso sempre era assim uma pedrinha no caminho, porque sabendo que dinheiro não é uma coisa farta na vida dos acadêmicos em geral, sabendo que a gente queria sempre ter muitos alunos, orientandos, mestrandos, doutorandos, enfim, não podíamos ter taxa muito alta de anuidade, mas precisávamos sobreviver enquanto associação.

A questão da revista também entrava nas discussões. Só que eu pessoalmente nunca entendi dessa parte, é uma área que nunca tive muito entendimento, mas claro que me preocupava também. Lembro também que em alguns momentos de assembleia anual houve certa

divergência, ficavam um tempo discutindo sobre isso. Um pouco de verba da instituição a que se pertencia, um pouco de verba de pesquisa de algum colega mais bem colocado na hierarquia como pesquisador. E, mais tarde, verba via Capes ou CNPq para a revista ou auxílio eventos. Tudo isso foi ajudando a dar continuidade à trajetória da Asphe. Havia sempre uma preocupação quanto às finanças, mas sempre dava para dar um jeito graças à cooperação e desprendimento de alguns e algumas.

Nos últimos eventos em que participei lembro que assunto relacionado a CNPJ ou algo similar foi trazido, mas não sei a que conclusão se chegou. Eu acho que participei a última vez em 2012 ou em 2013 e depois não participei mais. Recordo também que se começava a discutir em algumas assembleias a questão de introduzir mais auxílio tecnológico na gestão da Asphe. E isso eu considero essencial: deixar de ser uma associação artesanal. Para tanto, porém, tem que ter gente que resolve ir em frente, que assume essa dimensão, é uma tarefa que demanda tempo, dedicação e aperfeiçoamento contínuo. Foi o que aconteceu com a revista História da Educação, as pessoas que se dedicaram para a revista sempre investiram muito do seu próprio tempo. Sempre admirei muito essa responsabilidade assumida. Claro que a revista traz créditos para o currículo, sem dúvida, ninguém iria fazer isso de uma forma totalmente santificada, com total doação, tendo nada em troca. Mesmo assim eu admiro demais a cada um dos editores. Eu acho que é algo que eu não teria competência para fazer e nem demandaria meu tempo para tanto, não tenho essa habilidade, e reconheço que é um trabalho que merece todos os elogios, os editores e editoras que assumiram a nossa revista.

O que visualiza para (ou como vê) o futuro dos pesquisadores em História da Educação?

Eu não sei até que ponto a gente pode fazer projeção de futuro vivendo esse tempo pandêmico agravado pelo Coronavírus. Estava pensando essa semana, sou uma pessoa privilegiada porque não tenho que estar lecionando através de uma tela, não tenho que eventualmente estar me deslocando para uma sala de aula enquanto muita gente não está vacinada, a maioria não está vacinada. Então, estava pensando, sou privilegiada, tenho um salário no fim do mês, salário de aposentada mas é um salário, tenho comida na mesa, eu tenho como me sustentar, tenho uma família muito bem encaminhada, graças a Deus todo mundo com saúde, todo mundo se realizando, como pessoa e como profissional, tenho um neto querido e tenho uma mãe com 102 anos que, por mais fraquinha que esteja, aí está sem dor nenhuma e ainda eventualmente acompanhando a situação, dizendo: “Mas quando essa coisa vai terminar?”

Pensando em todos esses momentos de privilégio, sinto ao mesmo tempo uma impossibilidade de fazer qualquer projeção para sociedade em geral. Inclusive, eu estava discutindo, trocando mensagens com os meus filhos, meu genro, minha nora sobre o futuro da educação, sobre o que alguns dizem: “Não, vai mudar muito”, ou “vai haver uma mudança total”, e ainda outros “Não, tudo isso vai somente atrasar os alunos e os processos de ensino em geral”. Há os que defendem voltar totalmente ao presencial sem uso de tecnologia etc. De minha parte tento acompanhar algumas discussões, algumas *lives*. Então a gente estava discutindo sobre isso quando minha nora, que gosta do tema, lembrou que no futuro as tecnologias vão ser incorporadas ao corpo das pessoas e lembrei do Foucault, quando refere os processos de subjetivação. Todo esse contexto da pandemia trouxe a questão do desenvolvimento tecnológico, das perdas, mas também dos ganhos, como por exemplo disso que estamos fazendo agora, uma entrevista por meio remoto. Parece que há uma dimensão bastante otimista neste desenvolvimento. Mas o que a gente pode

projetar para os futuros pesquisadores do campo da História da Educação? Com certeza vejo um lado plenamente favorecido no que diz respeito às ferramentas tecnológicas para a busca de dados documentais, por exemplo. Quando penso o quanto eu, e minhas auxiliares de pesquisa, investimos de tempo copiando, literalmente à mão, trechos e trechos de jornais. Avanços tecnológicos muito poderão beneficiar os processos de pesquisa. No entanto, igualmente me preocupa o fato de tantas informações, tantos documentos serem hoje facilmente descartados, sejam os escritos, sejam os iconográficos, sejam os ditos oficiais, sejam os ordinários.

Com relação à revista, as associações com a tecnologia foram um grande avanço e, provavelmente, virão pela frente outras etapas ainda mais desafiadoras. Então, no conjunto, não há saída sem uma gestão mais funcional e atualizada tecnologicamente. Lembro que anos atrás a gente discutia nas primeiras assembleias como nos falarmos coletivamente ao longo do ano, trocavam-se mensagens, claro, individualmente ou em pequenos grupos, mas percebia-se a necessidade de alguma ferramenta mais funcional envolvendo a associação como um todo. Hoje percebo a Asphe caminhando para uma gestão atualizada, buscando estratégias de gestão como outras. Algumas têm feito isso, a própria Anped tentou novas alternativas, algumas pessoas têm críticas, isso sempre vai haver. O desafio maior, mas totalmente contornável, é atualizar a gestão da Asphe, ou seja, torná-la uma gestão mais fluida e mais tecnológica sem perder aquele elo entre acadêmicos solidários.

Então, o que vai ser do futuro de uma associação que nasceu analógica, com um pequeno grupo de professores, na época ainda jovens e entusiasmados, que seguiram se atualizando na medida do possível, mas hoje muitos já fora da academia? Esta resposta não me preocupa na medida em que tenho a alegria de ver pessoas como vocês assumindo a continuidade.

Eu nunca gostei de espaços onde a “fogueira das vaidades” tivesse muita força. No tempo em que participei da Asphe não era assim, pode ter mudado, não sei e tomara que não. Eu desejo que a Asphe siga em frente, que com urgência se atualize em termos de gestão, talvez necessariamente recebendo críticas. E como imagino que a maioria é da ala jovem como vocês, eu acredito que a contínua atualização será uma constante. Conheço vocês e alguns outros que, ainda bem, não deixam a fogueira das vaidades tomar conta, acredito que dá para seguir em frente mantendo a característica de solidariedade, da troca entre os pares, como ouvi mais de uma vez: “ôi Beatriz, encontrei algo que pode interessar para sua pesquisa”. Essa postura sempre foi característica da maioria dos associados da Asphe, dos nossos colegas da associação, esse gesto tão empático, tão solidário. Desejo que assim continue.

Para finalizar...

... é bom lembrar Mário Quintana quando referiu que a memória carrega uma caixa de lápis de cor. Fico pensando se nessa nossa conversa eu não colori demais minhas vivências na e com a Asphe. Talvez, mas é assim que as guardo entre minhas reminiscências.

Encerro desejando que essa associação siga em frente por muitos anos. Insisto e repito, que vá se renovando sem perder a característica de compartilhar descobertas, de estimular a generosidade, de fazer com que seus associados vibrem com êxito do colega, que se possa ficar feliz quando um colega sobe na avaliação do CNPQ. Não sei se continuo uma sonhadora romântica, mas quero insistir: que tal não se perca!

Gostaria de agradecer muito por lembrarem de meu nome para este momento de festejos e registros sobre a trajetória da nossa querida associação. Podem aproveitar como quiserem essa narrativa gravada, desde que apareça muito claramente o quanto a minha

trajetória como pesquisadora no campo da História da Educação deve à Asphe e ao conjunto de colegas integrantes desde o início. Obrigada e até o encontro desse ano ainda, quando pretendo participar, agora por modalidade a distância. Até lá. Obrigada!

Considerações finais

Ao encerrar essa narrativa que foi possível por meio de encontros e reencontros entre a professora Beatriz, ou Bea, como costuma ser chamada, e suas ex-orientandas. É impossível não se emocionar e se sentir à vontade diante dessa professora e orientadora acolhedora, empática e perspicaz. Consideramos-a uma professora, no sentido da docência e na forma de se preocupar com seus pupilos. O acolhimento da professora, que não se separa da orientadora, sempre foi marcante. Tais marcas estão em nós e em nossa formação docente e acadêmica. No decorrer de sua fala, Bea retomou aspectos da sua trajetória pessoal, narrando passagens de sua vida pessoal e profissional e, sobretudo, enfatizando o papel da Associação em sua vida acadêmica.

Cabe referir aqui que, alguns aspectos de sua trajetória docente e acadêmica, assim como marcas deixadas em seus discentes são abordados na obra “Memórias, trajetórias e formação docente” (2013) organizada pelos professores Edla Eggert, Inajara Ramos e José Edimar de Souza. Sobre sua formação no Colégio Normal, destacamos o estudo de Rios e Fischer (2019), que apresenta as memórias da professora sobre esse período do seu percurso formativo. No que se refere à sua vida pessoal e profissional, pontuamos o capítulo “Para não esquecer: apontamentos de uma professora, mãe, mulher e filha em agendas (1995-2014)” presente na obra “Percurso de um Arq-Vivo: entre arquivos e experiências na pesquisa em

história da educação” escrito e organizado pela professora Dóris Bittencourt Almeida (2021).

Por fim, gostaríamos ainda de enfatizar a importância de ouvir as narrativas de memória dos sócios fundadores para a história da Associação. A partir das ponderações de Halbwachs (2003), entendemos que as narrativas que compõem a presente obra formam uma memória coletiva em torno do instrumento comum, a Associação. Entretanto, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. Não é de se surpreender que nem todos tirem o mesmo partido do instrumento comum” (Halbwachs, 2003 p. 69). Assim, cada narrativa dos entrevistados traz consigo marcas de um tempo, experiências singulares e formas distintas de se apropriar do mesmo objeto, a fundação da nossa ASPHE.

Referências

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Percursos de um Arq-Vivo**: entre arquivos e experiências na pesquisa em história da educação. Porto Alegre: Editora Letral, 2021.

EGGERT, Edla; RAMOS, Inajara Vargas; SOUZA, José Edimar de [Orgs.]. **Memórias, trajetórias e formação docente**: Experiências investigativas e seus desdobramentos. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

RIOS, Diogo Franco; FISCHER, Maria Cecília Bueno. Memórias de uma normalista: entrevista com Beatriz Daudt Fischer. **Educação**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 264-275, maio-ago.2019.

História da Educação, Imigração e Narrativas: entrevista com o Professor Jorge Luis da Cunha

José Edimar de Souza

Apresentação

Há muitas décadas, Walter Benjamin nos chamava a atenção para o fato de que a dificuldade de narrar – os horrores da guerra, por exemplo – significava o declínio e o empobrecimento da experiência humana no mundo. E que era, portanto, imperativo, retomar e valorizar as narrativas do mundo, as narrativas sobre o mundo, as quais são, ao fim e ao cabo, as narrativas sobre o narrador (FARIA FILHO, 2019, p. 11).

As trajetórias de vida se constituem de fragmentos irregulares e não se estruturam de forma linear e racional (SOUZA, 2019). É pela narrativa que o passado adquire um sentido prático, e pelas representações que a escrita da história se compõe a partir do modo como recortamos e organizamos as memórias significadas ao contar, dizer de uma experiência no tempo.

Para Nóvoa (1992) a formação se constrói pelo trabalho reflexivo, pelas experiências vividas e o trabalho prático de reconstrução permanente da identidade. A aprendizagem e a relação com o saber se encontram no centro da constituição da identidade pessoal. Larrosa (2018) acrescenta que aprender diz respeito aos signos como objeto de uma aprendizagem temporal e espacial que precisa ser decifrado, interpretado e traduzido; exige do aprendente sensibilidade diante da realidade em que está inserido.

A narrativa não explica, ela produz sentidos, a partir da experiência dos conhecimentos e aprendizagens pessoais e profissionais, das construções ativas do saber ao longo da vida, pelo

que vai acontecendo e pelas escolhas estabelecidas no seu percurso. Nesse sentido, a trajetória profissional é um processo reflexivo,

[...] que alguém se torna professor(a) é histórico, ensinamos [...] os indivíduos que se fazem professores vão se apropriando das vivências práticas e intelectuais, de valores éticos e das normas que regem o cotidiano educativo e as relações no interior e no exterior do corpo docente. Nesse processo, vão constituindo seu ‘ser profissional’, na adesão a um projeto histórico de escolarização (FONTANA, 2000, p. 48).

É pela força da narrativa uma das formas pra dizer de algo que nos acontece, do modo como nos constituímos, do resultado das experiências e saberes que vivemos e dos conhecimentos que elaboramos. O professor Jorge Luis Cunha em sua entrevista evidencia muito mais que aspectos formais da sua vida docente, possibilita compreender como foi articulando ao longo desse percurso sua forma de vida pessoal e profissional.

Nesse sentido, o engajamento político, social e cultural evidencia sua importante contribuição para criação e consolidação da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE), tendo feito parte da fundação, atuado na diretoria da entidade (presidente em duas gestões), desempenhado diferentes ações em eventos, como palestrante, comunicador, mediador, bem como parecerista da Revista de História da Educação (RHE) vinculada à entidade, além de ter sido responsável pela coordenação geral de encontros da entidade.

Jorge Luis Cunha é professor titular da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Integra o quadro docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação; Programa de Pós-Graduação em História e também é docente do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória /UFSM – UFRJ). É coordenador

do Núcleo de Estudos sobre Memória e Educação – CLIO, criado em 1996, e registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq.

Possui Graduação – Licenciatura Curta e Licenciatura Plena em Estudos Sociais, História e Geografia pelas Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul – FISC (1982), Mestrado em História Social do Brasil pela Universidade Federal do Paraná – UFPR (1988) e Doutorado (Dr. phil) em História Medieval e Moderna Contemporânea pela Universität Hamburg, Alemanha (1994).

Em 1996 ingressou na Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Nesta Instituição foi Diretor do Centro de Educação – CE, de 1997 a 2005; Pró-Reitor de Graduação, de 2005 a 2010; Coordenador Geral do Programa de Apoio a Expansão e Reestruturação das Universidades Federais – REUNI, de 2006 a 2010, entre outras atividades. Também foi membro da Comissão do Ministério da Educação – MEC, de Implantação da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, de 2006 a 2008. Entre 2005 e 2013 foi membro do Conselho Municipal de Cultura de Santa Maria – RS. Em 2014 foi convidado pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil, através da Embaixada do Brasil no México, para inaugurar Cátedras de Cultura Brasileira nas Universidades, Benemérita Universidad Autónoma de Puebla – BUAP e Universidad Autónoma de Tlaxcala – UATx, no México. Desde 2011 faz parte da Comissão Mista DAAD/CAPES/CNPq para seleção de bolsistas para a República Federal da Alemanha. É também Professor Pesquisador e membro do Comitê História, Região e Fronteira da Associação das Universidades do Grupo Montevideu-AUGM.

No campo da pesquisa dedica-se a temas relacionados com a História da Educação, Ensino da História/Educação Histórica, História das Migrações, História Oral e Narrativas (Auto)Biográficas. E tem atuado intensamente na formação de professores, orientando monografias de conclusão de curso, de mestrado, doutorado e estágios

de pós-doutoramento. Há envolvimento em inúmeros projetos, bem como como coordenou, por exemplo, o projeto de pesquisa: “Entrelaçamentos: Memória e Processos de Formação de Civilidades”. Além disso, atua na extensão com atividades, por exemplo, “Regionalidades Do Sul: Protagonismo Biográfico E Narrativas De Vida No Universo Acadêmico”, que procura evidenciar o protagonismo formativo no universo acadêmico.

Trata-se de um importante pesquisador cuja atuação, engajamento social e político, bem como a produção é significativa para área da História, História da Educação e imigração. Além disso, destaca-se como referência também no campo de investigação das narrativas, orais, biográficas na compreensão dos processos formativos e institucionais contribuindo para que uma sociedade mais justa e humana se consolide na prática.

Que elementos da sua memória pessoal, sobre seu processo de escolarização e de formação acadêmica você atribui ao seu interesse pelas suas temáticas de pesquisa?

Eu sou o primeiro filho de um casal, Maria e Darcy João, vinculado ao que eu sempre entendi como uma revolução demográfica que aconteceu entre os anos de 1960 e 1990, uma inversão migratória do rural para o urbano de cerca de 80% da população brasileira.

Meu pai e minha mãe deixaram uma linha colonial de região agrícola do Vale do Rio Taquari no Rio Grande do Sul, – ocupada por descendentes de imigrantes estrangeiros chegados na segunda metade do século XIX –, um ano depois de eu ter nascido na Picada Konstaz (hoje chamada oficialmente de Linha Marechal Deodoro), em Roca Sales – RS.

Eu me reconheço como brasileiro e sou descendente de imigrantes. De famílias que chegaram durante o século XIX. Os de sobrenome Da Cunha vieram de Portugal, da Freguesia de São

Salvador da Carregosa, Aveiro. Os Ludwig emigraram do Cantão Wallis ou Canton du Valais, do sul da Suíça. Os Stormowski são originários da Prússia Oriental, hoje território da Polônia, de uma aldeia então chamada de Schwarzwasser, atualmente Czarna Woda, pertencente ao distrito de Stargard (Stôrgard). Os Franzen habitavam a cidade de Pünderich an der Mosel, na margem do Rio Mosela, na Renânia-Palatinado (Rheinland-Pfalz), atual Alemanha. Eu nasci, cresci, vivo e existo marcado por esta memória histórica. Atualmente, como professor e pesquisador em uma universidade pública federal, no interior do Rio Grande do Sul, na cidade de Santa Maria, ocupo-me com o ensino na área de formação de professores e pesquisas relacionadas, principalmente, a história da educação, narrativas autobiográficas e migrações humanas.

A partir do início da vida urbana de minha família, em Encantado – RS (1960-1962), em Estrela – RS (1962-1963), e em Lajeado – RS (a partir de 1964), um dos fatos mais marcantes foi a compreensão de que na vida urbana não bastavam os quatro anos de aulas em escolas das comunidades rurais para “aprender a escrever, a ler, a somar e a contar” que caracterizavam as vidas formativas das gerações de meus pais, avós e bisavós.

Como eu havia aprendido a ler a partir dos meus quatro anos de idade, pela curiosidade relacionada com os jornais que meu pai recolhia nos ônibus do Expresso Azul (Lajeado – RS), empresa em que trabalhava como mecânico, em fevereiro de 1966 minha mãe me levou ao Colégio Marista São José, em Lajeado, para perguntar ao Diretor se não seria adequado que eu começasse a frequentar o primeiro ano do primário da escola já que eu sabia ler e exercitava escritas e desenhos. O Diretor do Colégio Marista São José, depois de conversar com minha mãe me chamou para próximo de sua mesa de trabalho e pediu para que eu lesse um texto que estava sobre a mesa. Li e comentei; e, em resposta o então Diretor informou minha mãe

que em março daquele ano eu poderia começar a estudar no primeiro ano do primário, com uma bolsa de estudos. Comecei em março de 1966 e fiquei impressionado com as aulas, com as leituras e com o acesso a biblioteca do Colégio. Em 1969 o colégio marista foi extinto e seu prédio passou a ser do Colégio Estadual Presidente Castelo Branco – tradicionalmente chamado até o tempo presente de Colégio Castelinho, onde continuei estudando no diurno até concluir o Ginásio em 1973.

No terceiro ano do Ginásio no Castelinho, em 1973, meu pai Darcy, num domingo teve uma longa e séria conversa comigo. Relatou a necessidade de que eu começasse a trabalhar para ajudá-lo a ‘criar’ meus irmãos João e José, que estavam chegando na adolescência e precisavam de mais comida, roupas, etc. E que diante disto talvez, se eu quisesse, poderia deixar de estudar, como faziam nesta etapa de suas vidas a maior parte de meus tios e primos. Entrei em memorável tristeza. Contudo, em dezembro deste ano consegui um emprego na Casa Americana, de Lajeado, iniciando como um aprendiz no setor do atacado e logo em seguida como vendedor de varejo da mesma loja. Diante desta situação, decidi continuar estudando e no ano seguinte, 1974, comecei no então chamado Segundo Grau, no curso de Curso Técnico de Publicidade e Propaganda.

As experiências nas etapas das séries do primário e do ginásio foram marcantes especialmente nas áreas de história e linguagem; e, no segundo grau nas áreas de história, sociologia e psicologia.

Quando terminei o segundo grau, em 1977, com a recomendação do meu gerente na Casa Americana de fazer alguma faculdade nas áreas de direito ou de administração, fui a Santa Cruz do Sul, no final do segundo semestre do ano, para me inscrever no vestibular para um curso noturno das Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul – FISC (desde 1995 a Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC).

Na inscrição para o vestibular, verificando o impresso com as informações sobre os cursos noturnos oferecidos pela FISC, e as disciplinas dos Cursos de Direito e de Administração, fiquei perturbado com a sequência limitada das mesmas. Virei algumas páginas e li a estrutura do Curso de Estudos Sociais – Licenciatura Curta e Licenciatura Plena –, disciplinas de todas as áreas, especialmente das ciências sociais e humanas, que me seduziram para a escolha. Me inscrevi em Estudos Sociais.

Como desde os 12 anos, além das atividades relacionadas a minha formação escolar, eu também me envolvi com atividades da Pastoral de Juventude no Vale do Taquari, no contexto do governo da então Ditadura Civil e Militar (1964-1985), a interpretação histórica do tempo presente era um exercício de reconhecimento individual, diálogo coletivo e interpretação das realidades sociais e políticas em curso.

Em uma das atividades, em novembro de 1977, do nosso Grupo de Jovens do Florestal, vinculado com a Pastoral de Juventude da Paróquia Santo Inácio (Lajeado – RS), conheci o então vigário da Paróquia da Conceição, de Santa Cruz do Sul – RS, Pe. Paulo Antônio De Conto (hoje bispo emérito da Diocese de Montenegro – RS), que ouvindo nossos relatos e participando de nossas atividades, me perguntou se eu estava interessado em algum emprego em Santa Cruz do Sul, para facilitar não somente o pagamento do meu curso universitário mas igualmente melhores condições de fazê-lo. Me informou que poderia fazer a indicação e a recomendação de meu nome junto a um amigo seu, gestor junto a Companhia Souza Cruz, em Santa Cruz do Sul – RS.

Em dezembro de 1977 comecei a trabalhar na Companhia Souza Cruz de Santa Cruz do Sul, como aprendiz titular do Controle de Qualidade. Fiz uma carreira meteórica e terminei como gerente do mesmo setor em menos de cinco anos.

Paguei meu curso de Graduação em Licenciatura Curta (1978-1980) e Licenciatura Plena (1981-1982) em Estudos Sociais – História, Geografia, Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política Brasileira; e, ajudei financeiramente minha mãe, viúva desde a morte de meu pai em um acidente ocorrido em novembro de 1976, e meus irmãos que continuavam em Lajeado. Antes de minha formatura no último semestre de meu curso, em 1982, fui convidado para ser docente no Curso de Férias de Pedagogia da FISC, curso de graduação para a formação de professores docentes no então primeiro grau, hoje educação básica. Uma experiência maravilhosa que fez com que eu tomasse a decisão de focar minha trajetória de vida no campo da educação. Decidi fazer o Mestrado em História: – fiz seleção e fui aprovado na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, em Campinas – SP, e na Universidade Federal do Paraná – UFPR, em Curitiba – PR. Escolhi fazer o mestrado em História Social, na UFPR, entre os anos de 1983 e 1988.

As disciplinas do mestrado foram realizadas em 1983. A partir de 1984 me tornei professor efetivo e de tempo integral na FISC, em Santa Cruz do Sul, onde desenvolvi meu projeto de mestrado sobre a fumicultura e a colonização com imigrantes alemães na Colônia de Santa Cruz, entre 1849 e 1881. É conveniente lembrar que os mestrados de pós-graduação naquela época podiam durar até 4 anos, com bolsas do Ministério da Educação do governo federal.

Como professor universitário tive uma série de funções e exercícios de ensino, de pesquisa e de extensão. Na FISC fui o criador e primeiro coordenador do Centro de Documentação – CEDOC; e exerci também as funções de Diretor do Centro de Ciências Sociais e Diretor da Escola Educar-se, Escola de Aplicação da Instituição.

Como aconteceu seu ingresso na pós-graduação? Comente sobre suas experiências de pesquisa, grupos de pesquisa e extensão.

Uma das mais marcantes experiências que indicam as razões das escolhas temáticas de minhas atividades no campo da pesquisa, do ensino e da extensão foi o ano de mestrado em Curitiba, em 1983.

A maioria dos professores do Mestrado em História da UFPR, como Jayme Antonio Cardoso (meu orientador), Cecilia Maria Westphalen, Altiva Pilatti Balhana, Carlos Roberto Antunes dos Santos, Oksana Boruzsenko, Sérgio Odilon Nadalin, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt, entre outros, fundamentavam suas aulas em bases empíricas e interpretações teóricas intimamente vinculadas com a Escola dos Annales, um movimento associado com uma revista científica francesa que estava disponível na biblioteca do Programa de Pós-Graduação em História da UFPR, intitulada *Annales d'Histoire Économique et Sociale*. Na convivência com os professores pesquisadores minha consciência sobre os sentidos da História foi absolutamente transformada.

Além dos professores diretamente vinculados com a UFPR, tive aulas com professores estrangeiros, como Stuart B. Schwartz da Yale University (New Haven, Connecticut, United States of America – USA) com o qual participei em um projeto de pesquisa intitulado *Slaves, Peasants and Rebels: Reconsidering Brazilian Slavery* (Escravos, roceiros e rebeldes: reconsiderando a escravidão brasileira), fazendo levantamentos de dados empíricos sobre a escravidão e o compadrio no Paraná (em Curitiba) durante mais de dois meses.

Outras aulas especiais em 1983 foram com Fernand Braudel, historiador francês da Université de Paris – Universidade de Paris, vinculado a Escola dos Annales, que abordou em suas aulas o tema A Civilização e o Capitalismo, defendendo (o que nunca esqueço no campo do Ensino de História!) a rejeição das práticas de ensino vinculadas com narrativas tradicionais positivistas – meramente transmitidas e associadas com um papel conservador e alienista da História.

Uma conferência realizada no primeiro semestre de 1983, na UFPR, foi inesquecível e provocadora nesta etapa de minha formação profissional e de vida. Michel Foucault, abordou temas relacionadas com várias etapas de suas pesquisas e, principalmente, suas interpretações nos diversos campos das Ciências Sociais e Humanas vinculadas com a construção de uma consciência de si, uma estratégia fundamental para o diálogo na diversidade coletiva. O cuidado de si foi defendido na conferência de Foucault como fundamental para a construção social da unidade e da igualdade em um país como o Brasil, mas também em todos os países do mundo.

Com a experiência das aulas e conferências de meu Mestrado em História, em 1983, em Curitiba – PR, e minha pesquisa de mestrado entre os anos de 1984 e 1988, em Santa Cruz do Sul – RS, a História passou a ser reconhecida por mim como ciência do presente, e a pesquisa no campo da História como práxis interdisciplinar de produção de novos conhecimentos. Um fato que mudou profundamente também meu conceito de Ensino de História.

Depois dos primeiros anos da experiência como docente universitário junto as Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul – FISC, decidi em 1990 participar da seleção do Deutscher Akademischer Austauschdienst – DAAD, (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico), para realização de doutorado em História na República Federal da Alemanha. Com a aceitação da minha proposta de projeto de pesquisa junto a seis universidades daquele país, com orientadores indicados, passei na seleção e escolhi fazer meu doutorado junto a Universität Hamburg, em Hamburgo – Alemanha (Hamburg – Deutschland).

Entre abril e setembro de 1991, portanto durante seis meses, fiz formação em língua alemã junto ao Goethe-Institut, na cidade de Göttingen, uma cidade universitária no Estado da Baixa Saxônia (Niedersachsen).

Em outubro de 1991 comecei meu doutorado na Universidade de Hamburgo sob a orientação de Klaus Saul, professor doutor da Faculdade de Ciências Humanas – Departamento de História Alemã (Fakultät für Geisteswissenschaften – Arbeitsbereich Deutsche Geschichte). Como meu projeto de doutorado dizia respeito a abordagem das políticas internacionais entre países de língua alemã na Europa e o Brasil também recebi a orientação de Horst Pietschmann, um doutor pesquisador focado em abordagens relacionadas com a História Latino-Americana com Espanha e Portugal.

A experiência do meu doutorado junto da Universidade de Hamburgo, na Alemanha, foi marcante desde o início. Primeiro pela característica universitária, absolutamente objetiva e focada na experiência da produção de conhecimentos a partir dos exercícios práticos de pesquisa, tanto na formação de graduandos quanto de pós-graduandos. Meu doutorado não necessitava de aulas e disciplinas, ainda que eu tenha participado de algumas, relacionadas com as bases teóricas vinculadas com meu projeto. Mas, sempre uma escolha minha!

Entre os anos 1991 e 1994 tive acesso a arquivos documentais em toda a Alemanha, reunificada em 3 de outubro de 1990. Especialmente em arquivos históricos chamados Arquivos Secretos da Prússia – Preußens Geheimarchiv, nos antigos Estados da Alemanha Oriental, antes da unificação indisponíveis e hoje praticamente inacessíveis, por serem intocáveis. Eu, quando fui a todos os arquivos, sempre pude copiar todos os documentos que considerava importantes, uma prática empírica hoje impossível em qualquer arquivo histórico da Alemanha.

Em 19 de agosto de 1994 fiz a defesa de minha tese de doutorado, fui aprovado com excelente avaliação, ‘summa cum laude’. Obtive o título de Doutor em Filosofia (Dr. phil) na área de História Medieval e Moderna Contemporânea.

Minha tese, intitulada *Rio Grande do Sul und die Deutsche Kolonisation. Ein Beitrag zur Geschichte der deutsch-brasilianische Auswanderung und der deutschen Siedlung in Südbrasilien zwischen 1824 und 1914* – O Rio Grande do Sul e a colonização alemã. Uma contribuição para a história da emigração teuto-brasileira e a colonização alemã no sul do Brasil entre 1824 e 1914, foi publicada em 1995 como um livro em língua alemã. Este resultado de meu doutorado ainda não foi publicado em português, apesar de ter estimulado a produção e publicação de muitos artigos científicos na área de História.

Em dezembro de 1995 deixei a Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC (antiga FISC) e em janeiro de 1996 ingressei como professor na Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Nesta Instituição fui Diretor do Centro de Educação – CE, de 1997 a 2005; Pró-Reitor de Graduação, de 2005 a 2010; Coordenador Geral do Programa de Apoio a Expansão e Reestruturação das Universidades Federais – REUNI, de 2006 a 2010; Coordenador do Programa de Ações Afirmativas da UFSM, de 2006 a 2010; Assessor Especial do Gabinete do Reitor de 2010 a 2012; e Ouvidor Geral da UFSM de 2012 a 2013. Continuo na UFSM até o tempo presente, mas atualmente mais fixado em atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Como a História da Educação se articula com a sua trajetória acadêmica e profissional? Quais estudiosos influenciaram sua formação e suas práticas em pesquisa, ensino e extensão?

As disciplinas pelas quais fui responsável, como docente, nos primeiros anos de minha vida profissional como professor universitário junto a FISC, em Santa Cruz do Sul – RS; e, igual e especialmente minhas amistosas e inspiradoras relações com colegas da minha instituição, principalmente as professoras Nadir Emma Helfer e Maria Hoppe Kipper, me indicavam a importância de

considerar o conhecimento científico e, conseqüentemente, as práticas docentes como práxis dialógicas: – nunca como mera transmissão de informações!

Estas inspirações me levaram, como já indiquei anteriormente, a reconhecer que a História é uma ciência do presente e que o Ensino de História, em todos os níveis, não produz resultados positivos quando meramente associado a reprodução fundamentalista de conteúdos historiográficos. Ensinar História é produzir estranhamentos, questionamentos e criação de novas respostas e interpretações, entre todos os envolvidos.

Um estudioso que até presente em minha memória e continua me inspirando e influenciando é o professor Lúcio Kreutz. Doutor e pesquisador na área de Filosofia e Educação, com várias produções científicas (livros e artigos) no campo da História da Educação, que conheci em eventos e bancas de mestrado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS desde o início de minhas atividades profissionais universitárias. Quando voltei de meu doutorado na Universität Hamburg, na Alemanha, em 1994, Lúcio Kreutz indicou junto ao Instituto Histórico de São Leopoldo – IHSL, do qual era membro efetivo, meu nome para a ocupação de uma cadeira no IHSL. Até hoje estou vinculado ao IHSL, ocupando a Cadeira nº 23 (Patrono Augusto Meyer) e aprendendo em todas as nossas reuniões mensais com nossos ‘Confrades’ e ‘Confreiras’, especialmente nas ‘Grandes Comunicações’ – sempre em abordagens temáticas diversas e influentes sobre as atividades de todos os participantes. Mas, é importante salientar que meu foco na História da Educação se deve aos diálogos, convivências e atividades universitárias relacionadas com Lúcio Kreutz.

Colegas dos quais também não esqueço, por sua grande influência nas minhas escolhas temáticas de pesquisa e de ensino na área de História da Educação, são a professora Dra. Maria Teresa

Santos Cunha e o professor Dr. João Klug, que conheci em atividades acadêmico universitárias em Florianópolis – SC, junto a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

Maria Teresa Santos Cunha influenciou e inspirou não somente as bases teóricas de interpretação de pesquisas em História da Educação, mas também a preservação de patrimônios empíricos, especialmente documentais, que em seus diálogos, falas, conferências, aulas e pesquisas defende como Patrimônio Histórico-Educativo. Uma estratégia original de exercícios no campo da História da Educação, na visibilização de práticas biográficas e autobiográficas de docentes de todos os níveis da Educação Escolar, significadas em sua influência estrategicamente política e qualitativa no campo da interpretação histórica da Educação.

João Klug, sempre me inspirou na relação que continuo estabelecendo e mantendo entre a História e a Educação, especialmente História das Imigrações e Colonizações Estrangeiras no Brasil (principalmente no Sul do país) e suas relações com a História da Educação no Brasil.

Como você contribuiu para criação e organização da ASPHE? Como foi sua participação na diretoria, na organização dos encontros, de parcerias constituídas? Como a ASPHE se articula aos demais grupos e entidades que você participa?

Outra grande influência – não somente nas escolhas temáticas, mas também nas interpretações teóricas, na História da Educação, Eu devo a colegas de várias universidades públicas, comunitárias e confessionais do Rio Grande do Sul, Elomar Antonio Callegaro Tambara (UFPel), Jaime Giolo (UPF), Beatriz Teresinha Daudt Fischer e Flávia Obino Werle (UNISINOS), Maria Helena Câmara Bastos e Maria Stephanou (UFRGS); e, Valeska Fortes de Oliveira e Claudemir de Quadros (UFSM), todas e todos envolvidas/os na

criação da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – ASPHE.

A ASPHE foi organizada em reuniões preliminares realizadas na UNISINOS em 11 de dezembro de 1995 e 8 de maio de 1996, das quais participei. Em 2 de setembro de 1996, quando foi oficialmente fundada a ASPHE, também foi escolhida a primeira diretoria (1996-1997) formada por Lúcio Kreutz – Presidente, Elomar Antonio Callegaro Tambara – Vice-Presidente, e Flávia Obino Werle – Secretária.

Um fato importante na reunião de fundação da ASPHE, acontecida São Leopoldo – RS, na UNISINOS, foi a aprovação da proposta apresentada por Elomar Antonio Callegaro Tambara, quanto a criação da Revista História da Educação – RHE, da qual se tornou editor e organizador. Um marco importante e influenciador no desenvolvimento da História da Educação não somente no Rio Grande do Sul, mas em todo nosso país.

O primeiro número da Revista História da Educação, da ASPHE, foi lançado no 1º Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação que aconteceu na UNISINOS, em São Leopoldo – RS, nos dias 28 e 29 de abril de 1997.

No encontro da ASPHE, de abril de 1997, na Assembleia Geral foi eleita uma nova diretoria (1997-1999), Eu, Jorge Luiz da Cunha como presidente, Jaime Giolo como vice-presidente e Valeska Fortes de Oliveira como secretária. A escolha desta nova diretoria indicou também os próximos encontros da ASPHE, que foram realizados na cidade de Santa Maria – RS, em outubro de 1997, em abril de 1998 e em abril de 1999 (II, III e IV Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação).

Uma questão que considero extremamente importante ressaltar é que a nossa experiência coletiva relacionada com a criação da ASPHE e da Revista História da Educação – RHE, influenciou diretamente a

criação da Sociedade Brasileira de História da Educação – SBHE, em setembro de 1999; e, igualmente a criação e publicação da Revista Brasileira de História da Educação – RBHE), cujo primeiro número foi publicado em 2001. Foram Lúcio Kreutz e Eu, Jorge Luiz da Cunha, que presidimos, junto de uma reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED, em 28 setembro de 1999, em Caxambu – MG, a reunião geral de pesquisadores do campo da História da Educação, de criação da SBHE e promovemos igualmente, de forma estratégica, a eleição (na mesma reunião) da primeira diretoria da SBHE (1999-2001), tendo como presidente Dermeval Saviani (UNICAMP), Marta Maria Chagas de Carvalho (USP), na vice-presidência, Diana Gonçalves Vidal (USP) como secretária, e Ana Waleska Pollo Campos Mendonça (PUCRJ), na tesouraria. Em duas gestões seguintes, entre 2001 e 2005, Eu, Jorge Luiz da Cunha, participei como tesoureiro. Nas gestões de 2005-2011, Elomar Antônio Callegaro Tambara participou como tesoureiro.

Você identifica alguma relação entre sua participação na ASPHE e às suas escolhas teóricas e metodológicas?

Naturalmente! Há inúmeras possibilidades historiográficas e epistemológicas para abordar de modo diferenciado a relação entre identidade e cultura na Modernidade, um exemplo intimamente relacionado com o Ensino de História e especialmente com o nosso campo da História da Educação.

Nossas experiências em três gerações de formação e práticas profissionais vinculadas com temas da História da Educação, especialmente junto a nossa ASPHE, são uma cultura de formação docente e práticas didático-pedagógicas, especialmente formativas em todos os níveis. Uma cultura, que estrategicamente defende a igualdade no respeito a diversidade em todas as sociedades, especialmente a brasileira. No mundo vivemos em contextos de sociedades impelidas, nestes tempos pandêmicos sociais, políticos e

econômicos, em que estamos inseridos, meramente na reprodução de uma cultura do sucesso não raro fundamentalista e fascista.

‘Sucesso’ é uma categoria contraditória, quando vista historicamente. Há uma fórmula, mundial de sucesso defendida por premiados cientistas político-econômicos, mas principalmente por políticos e organizações econômicas e religiosas conservadoras – que fundamentam suas afirmativas na comprovação do papel de instituições autoritárias, fomentadoras da participação ativa da população, políticas e econômicas que garantem a prosperidade. Governos e elites econômicas que excluem suas populações da participação, da educação e do desenvolvimento participativo criam declínio econômico, criminalidade e pobreza.

A ASPHE é uma instituição histórica, cujo trajeto diz respeito a realização humana, intimamente relacionada com a busca da felicidade, a partir da constituição de uma consciência de si, um ato político vinculado ao Ensino de História e a História da Educação no combate de práticas que não podem ser legitimadas pela reprodução constrangedora da redução do papel individual e social de todos os envolvidos unicamente através da busca de sucesso material. Somos humanos e nossas experiências no campo formativo, escolar e não escolar, relacionado com a História da Educação, é um ato de resistência e de defesa de nossa liberdade e condição humana.

Considerações Finais

É pelo uso, análise e crítica aos fatos históricos que uma história se compõe pelo modo como cada sujeito reivindica suas múltiplas narrativas pessoais e subjetivas. Desse modo, a memória se constrói de lembrança e também de esquecimentos. É nesse sentido que há, na lembrança, rememorações e vazios. Analisando as narrativas de vida e profissional do professor Jorge, evidencia-se a sua relevância para o campo da História da Educação, como forma de compreender o processo de criação da SBHE e especialmente da ASPHE. Essas experiências contribuem ainda para poder

fazer dizer sobre um tempo e uma experiência histórica, em síntese, “tornar inteligíveis as heranças acumuladas e as discontinuidades basilares que nos tornam o que somos” (CHARTIER, 2011, p. 258).

Que a narrativa do professor Jorge, da experiência, do modo como construiu sua trajetória, de escolhas e oportunidades possa inspirar novas gerações de pesquisadores na área da História da Educação, que se nossas escritas assumam também um lugar de resistência e possam esperar, em perspectiva freireana, um futuro para pesquisa de relevância científica e de justiça social.

Referências

- CHARTIER, Roger. Apêndice: Aula Inaugural do Collège de France. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.). Roger Chartier. **A força das representações: história e ficção**. Chapecó, SC: Argos, 2011.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes. Prefácio. Um caleidoscópio da escola vivida. In: SOUZA, José Edimar de. **Educar: perspectivas e construções**. São Leopoldo: Oikos, 2019.
- FONTANA, Roseli A. **Caçã**. Como nos tornamos professoras? Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê**. Sobre o ofício de professor. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa, Portugal: Dom Quixote.
- SOUZA, José Edimar de. **Educar: perspectivas e construções**. São Leopoldo: Oikos, 2019.

Ser docente, pesquisador e bibliógrafo: a trajetória do professor Eduardo Arriada junto à ASPHE

*Caroline Braga Michel
Chéli Nunes Meira
Jaqueline de Gaspari Piotrowski
Magda Vicente*

Apresentação

O Professor Eduardo Arriada tem formação em História e Estudos Sociais pela Universidade Católica de Pelotas e graduação em Direito pela Universidade Federal de Pelotas. Possui mestrado e doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorado na University of Illinois at Urbana-Champaign em 2016, nos Estados Unidos e, em 2019, na University of Canterbury, na Nova Zelândia. Atualmente, é docente na Universidade Federal de Pelotas como Professor Associado e integra o Programa de Pós-Graduação em Educação. Além disso, é integrante e fundador do Centro de Pesquisa em História da Educação (CEIHE) e vem contribuindo, por meio de acervo privado, com a salvaguarda de acervos escolares, especialmente no que tange à cidade de Pelotas. Suas pesquisas têm ênfase na História da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: História da Educação, Educação Secundária, Educação Imperial, Século XIX, História da Educação e Rio Grande do Sul, o campo Editorial do livro didático, história de Editoras e Livrarias, produção e circulação de livros.

No ano de 2020 a Associação Sul Rio-Grandense de pesquisadores em História da Educação (ASPHE) completou seus 25 anos. Em 1997, na cidade de São Leopoldo – RS, o senhor participou

do I Encontro desta Associação, onde também foi lançada a primeira edição da Revista História da Educação. Esse empreendimento foi o resultado da organização de vários pesquisadores e pesquisadoras das áreas da História e da História da Educação, que observavam as lacunas existentes na produção científica destas áreas, principalmente em uma época em que os recursos para o financiamento da pesquisa no Brasil eram escassos, quando direcionados às humanidades. Nesse contexto, o senhor integrou a Comissão fundadora dessa Associação e colaborou sobremaneira para que atualmente a História da Educação adquirisse destaque nos estudos, investigações e produções científicas e acadêmicas. **Conte-nos um pouco sobre o início e fundação da ASPHE.**

A primeira grande questão é que se vai trabalhando com a busca de memória. Tem fragmentos que a gente lembra melhor, outros nem tanto. Eu lembro que foi em São Leopoldo que nós nos reunimos. Mas, recordo situações um pouco antes dessa reunião. Lembro a sala em que nos reunimos, o local em que eu fiquei hospedado, e que não me senti nunca um “membro estranho”, mesmo sendo um dos mais jovens participantes, enquanto os outros eram professores um pouco mais antigos, que tínhamos uma leitura das suas obras e toda uma produção historiográfica, quando nós estávamos começando a debutar com alguns textos. Apesar de a ASPHE ser oficialmente criada em 1997, desde 94 ou 95, não posso precisar, alguns grupos de intelectuais, quando se encontravam em congressos como a ANPED, ou a ANPUH, já mencionavam que tínhamos que começar a encontrar um espaço para aquele tema pontual e específico, que é a História da Educação. Trabalhar com questões mais específicas e pontuais da educação como, por exemplo, estudar livrarias e editoras, o livro didático, estudar o impresso, não o impresso como história da imprensa, mas sim aquele impresso pedagógico.

Então a consolidação desse campo vem de longa data, surgindo nos cursos normais, os cursos de magistério no Brasil, que tinham em seus currículos uma disciplina chamada Filosofia e História da Educação. Eu sempre brinquei muito, é um casamento que eu não sei se deu muito certo, que colocaram junto e elas tiveram que vir juntas. Quando olhamos os programas, inclusive a nossa linha do PPGE, não só da Faculdade de Educação, mas de muitos outros, é Filosofia e História da Educação, e geralmente primeiro é a Filosofia.

Foi a partir desse desejo, que procuramos criar um grupo. Posso citar alguns que participavam dos encontros antes da criação da ASPHE, lógico que a minha fala é mais centrada nas minhas participações, mas recordo de uma participação muito forte do Lúcio Kreutz, grande liderança e autor dos primeiros textos que trabalhei com minhas turmas; da Miriam Warde, eu não tinha um vínculo com ela, mas tinha os livros e textos dela, aquela revista *Em Aberto* tinha textos dela, sendo eles os primeiros artigos sobre História da Educação; o Elomar Tambara não tem como não destacar.

Então este grupo, que nos encontros grandes de Histórias da Educação discutia a importância de formar um grupo de pesquisadores, não pensava em um primeiro momento criar a ASPHE, mas sim em começar a trocar figurinhas: o Jaime Giolo, o Lúcio Kreutz, o Jorge Cunha, o Elomar Tambara, a Maria Stephanou, a Maria Helena Câmara Bastos, o José Fernando Kieling que eu não lembro perfeitamente se chegou a participar dessa primeira reunião, entre outros. Isso uns dois ou três anos antes, com a intenção de dar visibilidade a nossa produção e quem sabe, inclusive, que partia muito do Elomar, criar uma revista para termos a possibilidade de ir fazendo trocas. Quem levou isso adiante, eu posso logicamente ser criticado, em grande parte, eu acho que foi o Lúcio Kreutz e o Elomar Tambara até agendarem este encontro em São Leopoldo para começar a criar, talvez, um estatuto e criar uma organização. Acabou realmente ali se

criando a Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores, não lembro se esse nome foi o primeiro, a minha memória não me permite isso, mas é um grupo de pesquisadores com o objetivo de estudar a História da Educação no Rio Grande do Sul. Esta era a centralidade, de levantamentos de fontes, de documentos, de material e a partir daí se criou a ASPHE.

Hoje o senhor é integrante efetivo da ASPHE, atua no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPEL e coordena, juntamente com outros professores e professoras da referida universidade, o Grupo de Pesquisa Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE), assim como o Centro de Documentação (CEDOC), integrado ao grupo e que conta com um significativo acervo. Distintas pesquisas têm sido realizadas e orientadas pelo senhor a partir desse acervo e nesses espaços. Nesse sentido, gostaríamos que o senhor destacasse quais foram os principais desafios teóricos e metodológicos enfrentados no decorrer de sua trajetória como pesquisador e professor. **Qual ou quais perspectivas têm sido adotadas e como elas têm contribuído para pensar essas pesquisas, os fazeres do grupo de pesquisa e do acervo?**

Eu entrei como professor substituto na Faculdade de Educação em 1992 e ali já tinha uma mudança perceptível, em grande parte gestada pelo Elomar Tambara, de que se criasse uma disciplina sobre a História da Educação do Rio Grande do Sul e Pelotas, então quando eu entrei para a universidade como professor substituto me deram de presente, me agradeceram com esta disciplina História da Educação no Rio Grande do Sul e Pelotas. Lógico que eu tinha outras disciplinas como Educação Brasileira, que na época se chamava Sistema Educacional Brasileiro, eu trabalhei também com Estudos Sociais Aplicados à Educação, que era o estudo da História e da Geografia para séries iniciais. Mas minhas lembranças partem daí, quando iniciei

a trabalhar na disciplina de História da Educação do Rio Grande do Sul e Pelotas. Me lembro, por exemplo, quais os primeiros autores que me auxiliaram a construir a História da Educação mais do Rio Grande do Sul, porque Pelotas apesar de o professor Mario Osorio Magalhães arduamente sempre buscar, não tínhamos quase nada produzido de pesquisas, de estudos da cidade de Pelotas e nós procurávamos, dentro do possível, investigar algumas coisas.

Mas de memória eu lembro que havia muito mais centralidade na história do Rio Grande do Sul. Os autores dos textos que nós tínhamos para analisar essa temática, vinham dos textos produzidos pelo Lúcio Kreutz, pela Regina Schneider, que produziu a Instrução Pública no Rio Grande do Sul e a Maria Helena Câmara Bastos que produziu artigos que analisavam algumas questões específicas do Rio Grande do Sul. E outra autora usada era a Guacira Lopes Louro que escreveu História, Educação e Sociedade no Rio Grande do Sul.

Por meio dos debates e dos encontros nós também fomos sofrendo uma influência da realidade social europeia, principalmente da França. Até porque a partir do momento em que tu estás atuando em um PPGE há a necessidade de se desenvolver certas pesquisas, tu tens que ter projetos coletivos vinculados a uma área, a um campo do saber. Então, acabou se criando o CEIHE, que é o Centro de Investigação de História da Educação. Posteriormente é que se cria o centro de documentação, primeiro é muito mais uma preocupação vinculada a um PPGE e à criação de um grupo de professores pesquisadores atuando em uma área específica. Isso não é impeditivo de que as pessoas façam também trabalho sobre a educação brasileira, ou até educação comparada como algumas pesquisas nossas se encaminharam, por exemplo, para ver um pouco da realidade educacional do Uruguai, da educação norte-americana como é o caso da própria colega Eliane Peres. Trabalhar a história do Rio Grande do Sul não é se fechar em um gueto, até porque a gente vai percebendo a

enorme confluência das realidades do mundo dentro do contexto do Rio Grande do Sul. Podemos pegar, por exemplo, a escola nova que se origina dos modelos europeus e influencia o Brasil e o Rio Grande do Sul. Ou ainda, o próprio positivismo que foi uma doutrina que marcou profundamente o Brasil, porém mais que o Brasil, deixou marcas específicas no Rio Grande do Sul, o próprio Elomar Tambara desenvolveu vários trabalhos sobre o positivismo no Rio Grande do Sul no período de Júlio de Castilhos e de Borges de Medeiros. Mesma coisa a questão do livro didático, o Rio Grande do Sul foi um espaço de produção de livros didáticos muito forte, talvez até como as pesquisas têm apontado, mais potente que o mercado de São Paulo se considerar o século XIX, em que não havia interesse econômico-financeiro de subsidiar a produção didática para o Estado.

Para as pesquisas é importante criar um centro de estudos de investigação e ver, digamos assim, fenômenos educacionais no Rio Grande do Sul. Nós estamos com uma pesquisa nesse momento, sobre a questão do ensino secundário no Brasil, eu, o Elomar Tambara e a Giana Lange do Amaral, analisando a especificidade do ensino secundário nas décadas de 1940 e 1960 no Rio Grande do Sul. Se observa uma similaridade em todo o Brasil e especificidades mais pontuais na região do Rio Grande do Sul, em virtude de uma influência, por exemplo, do imigrante alemão, italiano e da zona de fronteira. Então com essas particularidades foi criado o CEIHE. Agora enquanto grupo de pesquisa nós também começamos a nos preocupar, eu vou usar o termo aqui, memória, com a memória desse processo, com a memória retida no documento. A partir daí que se criou o CEDOC, para preservar e reunir um acervo que possibilite futuramente pesquisadores, não só do Rio Grande do Sul, mas do mundo inteiro, a desenvolverem pesquisas. Arduamente por uma paixão muito grande minha e do Elomar, que para além de pesquisadores somos bibliófilos, eu iniciei, por exemplo, a minha

bibliofilia para preservar obras de autores gaúchos, o que de uma forma ou de outra, estava vinculado a uma questão pontual da cultura e da educação do Rio Grande do Sul. Então, tudo que era relativo ao Rio Grande do Sul, dentro das minhas possibilidades, procurava adquirir ou preservar: antigos almanaques, relatórios da intendência municipal, fotografias, etc. É lógico que a partir do momento que tu começa a trabalhar com uma disciplina chamada História da Educação no Rio Grande do Sul e de Pelotas, o teu olhar se volta muito mais para essa documentação.

O processo de arquivamento da memória é demorado pela falta, às vezes, de apoio das grandes instituições, pode se dizer da UFPEL, para o nosso caso. A falta de um espaço físico adequado, a competência da preservação, nos leva a fazer coisas como amador, pois vamos vendo que tem que ter domínio de arquivismo, da museologia, etc; questões que não são da nossa área. Isso tudo também perpassa uma questão teórica-metodológica, uma coisa é uma caminhada de quase 30 anos, tenho uns 27 anos de universidade. Então, em um primeiro momento a grande matriz teórica-metodológica é o do paradigma marxista. Meus estudos nos anos finais da graduação e depois grande parte do mestrado foi uma influência muito forte dessa matriz, principalmente teóricos, como os da escola de Frankfurt, Adorno, Benjamin. Depois também os neomarxistas ingleses como Hobsbawm, Thompson, que demarcaram, em certa medida, uma forma de ver e organizar a sociedade, a economia, a política e a própria educação, em um sentido muito mais globalizante. Nós víamos uma questão muito mais macro da educação, com relações de infraestrutura. Nesse primeiro momento trabalhei os grandes marcos educacionais brasileiros e seus reflexos dentro da realidade sul-rio-grandense, não havia uma preocupação tão grande com o que hoje a gente denomina História Cultural, tanto a cultura como um todo quanto depois a cultura escolar material.

Com isso, se passou a estudar grandes narrativas e seus reflexos na educação, grandes reformas educacionais, como a reforma Capanema, a reforma universitária de 1968, só mais tarde, por influência desse novo paradigma – Nova História Cultural –, passamos a analisar cadernos escolares, boletins escolares e livros didáticos, propagandas, capas dos materiais escolares, a contracapa, etiquetas de editoras, catálogos de vendas de livros didáticos e uma infinidade de outras coisas. Na realidade, aos poucos com uma influência da Nova História Cultural, principalmente de linha francesa, os primeiros autores que eu comecei a ler foram o Lucien Febvre, Combates pela História e o Marc Bloch com o livro O Ofício do historiador. A constituição de acervos também passa pela mudança de paradigma e alguns colegas mesmo trabalhavam com paradigma historicista, eu já estava muito mais em um paradigma marxista, mas a aproximação do campo da História da Educação pela perspectiva da Nova História Cultural foi realizada com Peter Burke e Roger Chartier. A Escrita da História, de Michel de Certeau, eu fui ler pela primeira vez no ano de 2000. Nos anos de 1995 o Lucien Febvre me marcou muito. Nada muda da noite para o dia; é uma mudança contínua, uma mudança lenta.

Durante sua trajetória pessoal e profissional o senhor foi chamado, não raras vezes, de bibliófilo, por salvar muitos materiais relacionados a diversas áreas, especialmente da Educação e da História, constituindo um grande acervo privado. Parte deste foi doado para o acervo público do CEDOC e uma parcela desses materiais também já foi disponibilizado, contribuindo significativamente na produção e investigação de várias pesquisas acadêmicas desenvolvidas pelos Grupos de Pesquisas vinculados à ASPHE. **O que o senhor destacaria sobre a temática da**

salvaguada de documentos para a História da Educação e sobre a importância dos acervos para a pesquisa de diferentes temáticas?

Parece ser uma dicotomia difícil, ser bibliófilo e ser pesquisador. Mas, para a pessoa particular e individual não é, a bibliofilia é um caso de paixão. Eu desde os 12 anos de idade coleciono, pelo menos que me lembro. Não vou entrar naquelas coleções particulares de menino, de colecionar, por exemplo, carteira de cigarro (eu não fumava, mas colecionava, pois, achava as estampas bonitas), tampinha de garrafa, caixinha de fósforo e dessas questões todas. Com 12 anos, além de colecionar carteira de cigarro e essas coisas todas, eu comecei a colecionar alguns livros (não vou entrar aqui em categorizações de ser livro ou não ser livros). Eu tinha o que a gente chama de gibi, minha grande paixão e que eu colecionei foi O príncipe valente, um desenho feito pelo Harold Foster, magníficos desenhos, relatando a história da saga do rei Artur, principalmente a mitologia do rei Artur, com pequenos textos escritos, não existem balões. Na realidade é um livro de história que pode ser ficcional, mas baseado em uma tradição histórica, com desenhos e textos. Depois, comecei a colecionar gibi do Tarzan e livros do Tarzan. Nesse momento, cada vez mais leio os livros das edições da Terra e Mar, da editora Companhia Nacional, além dos livros de aventura, e menos os gibis. E sem se dar conta, tu começa a virar um bibliófilo, embora quando eu era um guri de 12 ou 13 anos não usava esse conceito. No dia de hoje, há dois ou três dias atrás eu recebi o quinto volume, que eles chamam série, do Álvaro Lins, do Jornal de crítica, isso é o bibliófilo. Esse jornal, desse crítico literário, saiu seis séries e me faltava a quinta, lógico, vocês não pensem que eu consegui as seis séries antes, todas juntas. Eu consegui uma, fui conseguindo outra e conseguindo outra; essa paixão pela bibliofilia é uma paixão pela preservação. Eu fico desassossegado enquanto eu não fecho essas coleções; agora eu fiquei feliz porque eu consegui fechar toda a coleção do Álvaro Lins, uma coleção que

começou a ser editada lá nos anos 1942. O José Veríssimo, também, Estudos de literatura brasileira que começam no século XIX e são seis volumes, eu levei mais de vinte anos para fechar toda a série, e o vínculo com o José Veríssimo iniciou com um livrinho que é A educação nacional. Essa obra geralmente é trabalhada a edição de 1985, da Mercado Aberto, e depois de muito tempo eu consegui a edição de 1906, da Francisco Alves, que também é uma obra rara, uma das primeiras grandes obras sobre a História da Educação Brasileira, então a gente cria uma paixão. A partir daí eu fui indo atrás de grandes clássicos, o José Liberato Barroso, por exemplo, de 1867, eu levei anos, eu e o Elomar, fizemos uma reedição a partir do exemplar da biblioteca de Rio Grande, até que eu finalmente consegui também a edição original de 1867. Então a gente vai misturando essa paixão do bibliófilo, essa paixão pelo livro, pela capa, se é encadernado em couro, brochura, se tem nervura, se tem um antigo proprietário que assinou o nome.

Depois que tu constróis esses acervos tu começa a pensar no que fazer com eles e, vem essa dicotomia, que as pessoas veem, às vezes, com um certo olhar de desprezo para o bibliófilo, como se o bibliófilo sentasse em cima dos livros, escondesse os livros. E na realidade não é, porque tem duas coisas: uma, a gente ama os livros e tem medo que as pessoas não valorizem devidamente essas obras. As pessoas têm o hábito de riscar com caneta, usam caneta esferográfica verde, vermelha ou amarela para sublinhar. Mas prestem atenção, são obras do século XIX, o José Liberato Barroso é uma obra de 1867, da Garnier, como é que a pessoa vai pegar aqueles marcadores de caneta vermelha, amarela e azul e riscar? A outra questão que as pessoas dizem por aí é que a gente não gosta muito de emprestar o material, mas eu emprestei muito material, até manuscrito, cartas, correspondências. Mas nunca mais me devolveram e assim eu perdi uma enormidade de material. Há uma preocupação com a memória,

com a preservação, então essa coisa de achar que todos os pesquisadores são sérios, que devolvem o material, não é verdade.

Claro que essa é uma fala minha, e de outras pessoas que eu convivo, de que o CEDOC não é uma biblioteca, ele é um centro de documentação, é um centro de preservação e aberto para o pesquisador realizar a pesquisa lá. Como o mundo entrou agora nesse processo de digitalização, talvez não seja mais necessário que o pesquisador vá ao local físico pesquisar. Nesse sentido temos defendido uma política, feito a tentativa de, aos poucos, começar a digitalizar esse material.

Há um tempo eu me dediquei, dentro do possível, porque são materiais escassos, são materiais difíceis, aos relatórios do Presidente da Província. E a gente sempre trabalha com questões, interrogações. Eu consegui muito mais relatórios de Presidente de Província do Período Imperial, inclusive da instrução pública eu devo ter mais de 40 ou 50 Relatórios, e muito poucos eu consegui do Período Republicano, que foi um dos objetos de pesquisa, inclusive da Caroline Braga Michel. Com muito penar, eu consegui uns 4 Relatórios do governo Borges de Medeiros. A ideia que perpassa, e isso são indagações que podem ser feitas, é que no Império, eles imprimiam muito mais, até porque os exemplares eram de 40 páginas, 28 páginas, 18 páginas e os Relatórios de Borges de Medeiros eram bastante massudos, alguns com 300 páginas, 400 páginas. Talvez o custo também fosse mais alto, então, apesar de todos os meus esforços eu consegui uns 4 Relatórios, no máximo uns 5. Isso também aguça a questão da pesquisa, a preocupação com essa preservação. Eu tive mais acesso, por exemplo, aos Relatórios da Intendência Municipal de Pelotas, aí a pessoa pode dizer, o que tem de interessante para a História da Educação nesses Relatórios? No geral, tem uma parte toda dedicada à educação e é por aí que vamos transitando.

Depois a gente sai procurando coisas que em um determinado momento eu jamais tive a preocupação, não foi assim que eu magicamente me constituí pesquisador ou professor. Em um primeiro momento eu nunca me preocupei muito com os livros didáticos, quais os livros didáticos despertavam mais o meu interesse? Se o autor fosse pelotense, se o autor fosse um autor gaúcho, como João Maia, por exemplo, que tem o livrinho História do Rio Grande do Sul; Stella Dantas de Gusmão, que também fez um livrinho de história do Rio Grande do Sul. Em um segundo momento, eu juntei e comecei a ir atrás de alguns livros didáticos, não por ser livro didático, mas porque eu estava estudando a história das editoras. Então, o que me interessava era a questão do selo editorial, se o livro foi editado pela Americana, pela Selbach, pela Tabajara, pela Universal ou pela Globo; eu preservava para estudar a questão editorial.

Agora, os primeiros livros didáticos são aqueles que se aproximam dos nosso gosto. Os primeiros que eu preservei foram os livros de história, os do Borges Hermida da minha época de primário; os do Haddock Lobo, os do Joaquim Silva, que foram os livros didáticos de história utilizados por meu pai, e eu preservei depois os do Ensino Médio, que eram os do Souto Maior, História do Brasil e História Geral. E sempre que aparece livro didático de história, muito antes de eu trabalhar na universidade, e muito antes de eu ser professor da área de História da Educação, os livros didáticos de História do Brasil, particularmente os de História do Brasil, eu colecionava, juntava. Para que? Para ver como alguns autores, o Vitor Mussumeci, o Vicente Tapajós, por exemplo, analisavam certos episódios da História do Brasil. E como todo historiador, tu não consegue estudar tudo, então de repente eu queria ver como eles trabalhavam o Período Regencial; como eles veem as rebeliões, como eles analisam. Lógico que eu sempre investigava um pouco a

Revolução Farroupilha, como eles tratavam, por exemplo, a Revolução de 30, como eles abordavam a questão da escravidão.

Então eu ia lá atrás dos livrinhos didáticos do Rocha Pombo, do João Ribeiro, do Matoso Maia para ver certos episódios. Como eu era professor, antes de ser da universidade, do Ensino Primário e depois do Ensino Secundário, às vezes, eu mostrava para eles como a História, como o discurso do historiador muda no decorrer do tempo. Eu pegava, por exemplo, 3 ou 4 autores, um da época do Império, um da época dos anos 20, 30, outro da década de 30 e outro dos anos 50, digamos que fosse o episódio da Independência do Brasil, ou o episódio de Tiradentes, que todos esses livrinhos didáticos abordam a Inconfidência Mineira, e mostrava para os alunos como a História é um discurso, é uma narrativa, e ela não é fixa. Por aí que eu fui trabalhando alguns livros didáticos antes de ser professor da universidade, lógico, depois que eu me aproximei do paradigma da Nova História Cultural eu comecei, também, a preservar os livrinhos didáticos de Ciências Naturais, Matemática, de Literatura, de Francês, de Inglês, e depois os livros de Leitura (cartilhas, primeiros livros de leitura, segundos livros de leitura). Aí tu começa a procurar os livros do Abílio Borges, os livros do Hilário Ribeiro, do Coruja. Pelo menos uma vez por mês, ou a cada dois meses, eu vou ao site do Mercado Livre, da estante virtual, e pesquiso por Hilário Ribeiro, coloco Abílio Borges para ver se estão pipocando algum livrinho didático.

O que eu quero dizer é que a gente vai se constituindo. Eu nunca quis perder a alegria, a motivação, o prazer, tem gente que, às vezes, diz assim, eu adoro aqueles livrinhos didáticos mais ordinários, os livrinhos didáticos do Carlos Von Koseritz, feios que dói, sem nenhuma ilustração. Mas aí a gente começa a estudar as primeiras tipografias também e vai vendo que a partir de várias referências pode se estudar a questão das práticas pedagógicas, de civismo, de discursos, de narrativas, de questões tipográficas, de tipo de papel

(esses primeiros livros didáticos que a gente consegue do século XIX são geralmente um papel muito ordinário, alguns são até papel jornal e por isso que eles são raros, eles são difíceis). O Hilário Ribeiro, por exemplo, pela Livraria Americana, que é de Pelotas, eu até hoje só consegui dois livrinhos dele, porque depois é pela editora Garnier e pela Francisco Alves, e assim, são de um papel muito frágil, além da umidade, da traça e do descarte. A maior parte das pessoas não preserva esse tipo de material, eu já tive experiência de chegar em grandes sebos, e perguntar se eles têm livros didáticos para vender, e o proprietário quase me correr. Ele diz assim, olha, meu sebo é um sebo sério, eu só trabalho com livros raros e é um desrespeito tu me perguntar se eu tenho livro didático.

Se observa que também essa área, esse campo do saber, vai invadindo os livreiros, os sebeiros, eu chamo a expressão sebeiros porque me criei com o nome sebo, não livro usado, hoje, por exemplo, quase todos ou uma grande maioria deles valoriza, até por influência nossa. Todos aqui em Pelotas, a partir do meu papel e do Elomar, passaram a preservar, a pedir nas famílias, nas casas onde eles compram, porque eles sabem que tem um preço de mercadoria bastante alto, e aí vão atrás das cartilhas, das primeiras edições, por exemplo, da Caminho suave, do Circo, da própria Queres ler. Eu brinco muito, os livros de leitura, as cartilhas, os livros dos manuais de história e livro didático, estão mais caros que as primeiras edições do Machado de Assis, do Lima Barreto e do Guimarães Rosa.

Agora só vou salientar mais uma questão, a de transferência. Para formar um acervo público, é o papel que pelo menos eu tenho feito nos últimos anos, é o que é difícil. Nós tivemos uma experiência não das mais prazerosas com a criação do nosso centro de documentação, que em um primeiro momento foi localizado na antiga Eliseu Maciel. Como o prédio não se encontrava em condições adequadas, ele foi momentaneamente interditado pela Reitoria da

Universidade, e isso vai mais de sete anos. Nós temos uma preocupação muito grande de passar esses acervos e nem a gente, como pesquisador, pode pesquisar, essa é uma das grandes preocupações que eu tenho. Não adianta também, eu passar 200, 300 livros didáticos do século XIX para ficar empilhado em caixas esperando ser catalogado e disponibilizado, então por enquanto, dentro da minha casa, eu sei que estão muito bem cuidados. Eu não gosto desse olhar de muitos colegas, de muitos pesquisadores, de achar que se esconde o material e não dá o acesso. Para todos os pesquisadores até hoje que me pediram, para todos ou fiz xérox, ou digitalizei ou emprestei, inclusive, os originais que, muitas vezes, não voltaram.

Na realidade, nós temos constituído o CEDOC que, às vezes, as pessoas também acham que nós vendemos esse material para a Universidade. Não, absolutamente pelo menos da minha parte e do Elomar, todo o material é gratuito, nós doamos. O que tem sido feito na realidade, é um trabalho de preservação e acessibilidade a futuros pesquisadores e uma preservação da memória.

Ao longo da sua vida acadêmica e como pesquisador, o senhor vem desenvolvendo distintas pesquisas, sobretudo, discutindo as temáticas dos livros didáticos, das livrarias e editoras gaúchas, das aproximações culturais entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai, assim como as questões fronteiriças. Alguns exemplos são “Práticas de leituras dos estudantes brasileiros no século XIX” (2010), “Brasil e Uruguai: influências e aproximações no campo intelectual educacional” (2018) e “Da Coxilha do Palmar de Lemos à Cidade de Santa Vitória do Palmar” (2015). **Quais os principais impactos e desenvolvimentos para a História da Educação do Rio Grande do Sul que o senhor percebe a partir de suas pesquisas? E quais as**

intersecções vislumbradas a partir delas, para a educação gaúcha?

Uma coisa que a gente vai percebendo, é primeiro de tudo, o convite, que tem um lado prazeroso, mas tem um lado de responsabilidade muito grande que tu vais assumindo. Então, vários dossiês, livros temáticos, grupos de pesquisas vão reconhecendo teu trabalho e te convidando para participar dessas temáticas. Por exemplo, a USP, liderada pela Circe Bittencourt, começou a fazer um levantamento, um estudo de pesquisas sobre a produção editorial do livro didático no Brasil e foi convidado, pelo Rio Grande do Sul, eu e o professor Elomar Tambara para fazer um texto. Eu pude conviver com várias pessoas que estudam esse campo da produção do livro didático, a Isabel Frade, a Circe Bittencourt, a Francisca Maciel, o Antonio Batista; um grupo de intelectuais que se dedicam a esta área da produção do livro didático. E quando tu vês, tu és convidado para participar de pesquisas, de estudos, e isso vai mostrando o quanto é valorizado o teu trabalho. Mas também por outro lado, o quanto tu tens que ser cada vez mais minucioso, mais sério, mais envolvido com o tema.

No geral, vai se vendo que cada vez mais são grupos coletivos e não tanto um pesquisador individualmente. Porque a enormidade de análises, de teóricos e de fontes documentais para serem pesquisadas é quase inconcebível que um pesquisador sozinho consiga fazer um levantamento, todas as análises, então cada vez mais há uma tendência de que as produções sejam coletivas, é difícil a gente conseguir fazer o um mapeamento. Eu e o Elomar estamos fazendo um levantamento do repertório de livros didáticos que circularam no Brasil no século XIX, e isso envolve livros didáticos em latim, em francês, em inglês, em alemão. Daqui a pouco, se em um primeiro momento a gente tem a ingenuidade de achar que é possível, vamos percebendo que tem que ser um trabalho coletivo e o próprio avanço da tecnologia permite e

facilita este contato hoje via internet. Então cada vez mais, vai se consolidando os grupos de pesquisas e por meio desses grupos tu também consolidando o teu nome, as tuas pesquisas, a seriedade da tua constituição e o teu papel enquanto pesquisador. E eu sempre digo, e vocês que foram e são minhas orientandas ouviram, que é melhor fazer as coisas aos poucos, devagar, mas sempre com seriedade. Tudo que for feito com seriedade e responsabilidade em determinado momento terá um reconhecimento, se maior ou menor isso é o que menos importa. O que importa é que, indiferente do local, da área e da abrangência tu tenha a respeitabilidade, o reconhecimento pela tua seriedade. Isso que importa, e é isso que vamos valorizando em todos nós.

Agora uma tendência, e eu vejo com bons olhos, e o paradigma da Nova História Cultural já apontava, é que não dá mais para o historiador olhar um objeto, mesmo um livro didático, e dominar a questão gráfica, a questão editorial. Precisa um olhar de alguém da área do design, da área, às vezes, da sociologia, da literatura. As pesquisas que tenho feito, por exemplo, com livro didático, eu não tenho conseguido me debruçar para analisar o conteúdo desse livro didático, eu tenho analisado muito mais por uma perspectiva do Chartier (da sua circulação, onde está sendo usado, em que esferas está sendo usado) sem me debruçar para analisar o conteúdo ideológico, o conteúdo estético.

Eu vou encerrar dizendo uma frase que é muito minha, e até do Elomar, mais do que, às vezes, criar um foco são os interesses dos nossos orientandos, nas suas pesquisas, que também direcionam as nossas pesquisas. Vamos construindo parcerias, então daqui a um pouco por certas temáticas que os orientandos vão apresentando, vamos, também, nos apaixonando, aproximando e fazendo até trabalhos coletivos. Então, o foco às vezes, é direcionado muito pelas parcerias, pelas articulações que vai construindo e até pelas fontes

documentais que vão sendo preservadas. A partir daí que se direciona certas pesquisas e certos rumos.

Professor, finalizando, gostaríamos de agradecer sua contribuição para o debate das temáticas aqui propostas e sua relevante atuação junto à ASPHE, aos longos desses 25 anos de história. **Qual mensagem o senhor gostaria de deixar para os jovens pesquisadores e pesquisadoras que se aproximam deste campo de estudo?**

Não é fácil dizer algo. Várias coisas poderiam ser ditas. Primeiro, que jamais percam a paixão, se vários leques de pesquisas foram abertos, e eu diria que 25 anos atrás eu não enxergaria todas estas possibilidades, é bem possível que 25 anos para a frente os novos pesquisadores ampliem os objetos, os enfoques e as abordagens de uma forma muito mais rica. O que vem sempre é para melhor, vem com mais competência, com mais caminhada porque já pega uma caminhada construída e parte de uma determinada caminhada. Eu posso dizer aqui para vocês, inclusive, por exemplo, que eu vim de uma geração mais antiga em que se escrevia à mão, ou se datilografava. Eu fiz pesquisa no Rio de Janeiro, que na Biblioteca Nacional eu pegava os documentos e copiava-os à mão. Hoje tu chegas com um celular e podes pegar uma enormidade de material porque a pessoa pode dizer assim: ‘Bueno’, eu não tenho dinheiro e nem tempo suficiente para ficar um ano no Rio de Janeiro. Então, durante o meu mestrado, eu ia para o Rio de Janeiro fazer determinadas pesquisas, e eu tinha uma semana. Eu me desesperava, chegava a cansar a mão, tentando copiar o máximo possível naquela semana. A biblioteca abria e eu já estava lá. Hoje tu abres o site da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, e outras grandes bibliotecas, e tu tens ali, no teu computador, uma documentação incrível, tu podes colocar palavras chaves, procurar naquela busca. O que eu perdi de

tempo folheando jornais procurando um tipo de documento, um tipo de fonte. Os primeiros trabalhos que eu fiz sobre casas editoriais, eu pegava um jornal como o Correio Mercantil e ia olhando exemplar por exemplar, colunas por colunas para ver se tinha anuncio, se tinha coisas importantes. Daqui a pouco digitaliza todo esse material e tu podes colocar ali assim, por exemplo, Livraria Americana e o sistema já te diz o exemplar, a página, o local e algumas, inclusive, grifado em vermelho o resultado. Então o pesquisador de hoje tem um acesso, uma facilidade muito maior. Nós, no início, há 25 anos, levávamos quase um mês para conseguir os materiais impressos das bibliotecas, por exemplo. Eu me lembro quando fiz o mestrado, o trabalho O Ensino Secundário no Império Brasileiro, da Haidar, eu penei quase um mês para conseguir. Finalmente a USP me mandou uma cópia de xerox enviada pelo correio. Finalmente eu consegui comprar o livro e hoje tem até reedições, quando vê está até disponibilizado em PDF.

Além disso, hoje, se tem a facilidade de fazer um Pós-Doc, de fazer um Doutorado sanduíche no exterior, o que abre horizontes, ilumina muito mais, enriquece muito mais. E com certeza, se esta primeira caminhada foi feita com muita luta, com muita alegria, com muitos encontros, com muitos abraços (que também tinha tudo isso), nos próximos 25 anos a coisa será muito melhor. E eu vejo com bons olhos que vocês, jovens, continuem fazendo essa caminhada com muito mais competência e com muito mais conhecimento do que nós fizemos no início.

Considerações Finais

A ASPHE, para além de uma sociedade, para além de uma associação, é um grupo de parceiros; é um grupo de amigos; é um grupo que se constituiu arduamente com seriedade e responsabilidade nesses últimos 25 anos. Quando eu paro para pensar eu preferia que

não tivesse passado esses 25 anos, pois passou muito rápido. E dá uma grande saudade daquele início precário, de coisas, às vezes, um pouco mal organizadas que nem sabíamos que iria virar uma memória. Jamais imaginamos que a ASPHE estaria fazendo 25 anos tão rapidamente. E isso é alegria, mas também é certa mágoa, é tristeza, porque os 25 anos passaram, mas a gente passa junto também.

Realmente, quando eu paro e penso, percebo que a Faculdade de Educação, o CEIHE e a ASPHE são a minha família. É a minha grande família! A gente vê, apesar desses títulos, dessa denominação – ASPHE – como se fosse a família da gente, porque é uma caminhada de longa data. Como diz Fernand Braudel, só se vê na longa duração o quanto que se fez; o quanto, no início, nem se imaginava que se alcançaria e que se alcançou, e se fez.

Possivelmente, não temos nem a dimensão de que, talvez, a ASPHE já seja conhecida até para além das fronteiras do Brasil, é bem possível, pois o Claudemir vinha fazendo um trabalho maravilhoso. Eu não tenho este domínio tecnológico, mas em algumas assembleias da ASPHE se mostrou isso, os acessos da revista em nível mundial. De repente, tem acessos feitos no Japão, na Coreia, na Austrália, na Alemanha, diversos países do mundo; esses acessos ficam registrados, e tanto é que a revista nasceu só com textos em língua portuguesa e hoje já está se procurando fazer os textos pelo menos em português e inglês, não que não se aceite em outras línguas, mas o inglês é uma língua hegemônica e dominante, diversos textos hoje publicados na nossa revista são bilíngues, o que amplia a visibilidade da revista da ASPHE. Então hoje ela tem um reconhecimento em diversos outros países.

Esta é a ASPHE, a nossa filha que invadiu o mundo!

Referências

ARRIADA, Eduardo; BORGES, Luís Artur; SEGOVIA, Gigliane Ferreira. Práticas de leituras dos estudantes brasileiros no século XIX. **Anais** 16 encontro ASPHE, 2010, p.423-438. Disponível em: http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/wp-content/uploads/2019/05/anais_16_encontro_2010.pdf Acesso em: 04/05/2021.

ARRIADA, Eduardo. **A Educação Secundária na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: a desoficialização do ensino público**. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

ARRIADA, Eduardo. Livrarias e editoras no Rio Grande do Sul: o campo editorial do livro didático. **Anais** do 35º Reunião Anual da Anped, 2012. Disponível em: <https://anped.org.br/biblioteca/item/livrarias-e-editoras-no-rio-grande-do-sul-o-campo-editorial-do-livro-didatico>. Acesso em: 04/05/2021.

ARRIADA, Eduardo. **Da Coxilha do Palmar de Lemos à Cidade de Santa Vitória do Palmar**. Porto Alegre: Pacartes, 2015.

ARRIADA, Eduardo; MICHEL, Caroline Michel; NOGUEIRA, Gabriela Medeiros. Brasil e Uruguai: influências e aproximações no campo intelectual educacional. **Educação**, 41 (2), p. 289-299, 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/faced/article/view/31936>. Acesso em: 04/05/2021.

Bloco III

Notas sobre os Grupos de Pesquisa que compõem a ASPHE

Arquivos Pessoais, Patrimônio e Educação (GARPE/CNPq)

*Dóris Bittencourt Almeida)
Maria Teresa Santos Cunha*

*Não há memória sem esquecimento.
Não há arquivamento sem triagem –
arquivar é classificar, organizar, escolher
(Jean-Louis Lebrave, 2003, p. 92).¹*

O GARPE (Grupo de Pesquisa Arquivos Pessoais, Patrimônio e Educação) está registrado, como tal, junto ao CNPq e tem como eixo central os arquivos pessoais, pensados em diferentes estratos de tempo, cujas materialidades se constituem em documentos para a historiografia. Ele foi idealizado durante o XXIV Encontro da ASPHE, que ocorreu na Unisinos, em 2018. Movidas pelo tema do evento “História da Educação: sensibilidades e cultura escrita”, Maria Celi Vasconcelos (UERJ), Maria Teresa Santos Cunha (UDESC) e Dóris Bittencourt Almeida (UFRGS), refletiram e apostaram na construção de um Grupo de Pesquisas que pudesse unir pesquisadores interessados em operar e pensar epistemologicamente documentos de intimidade reconhecidos, em geral, como documentos sensíveis. A partir daí, somaram-se outras colegas que, em variadas Instituições, realizam trabalhos que fazem intersecção com tais temáticas, como: Vania Grim Thies (UFPEL), Luciane Graziottin (Unisinos), Maria Helena Camara Bastos (UFRGS), Nadia Weber Santos (UFG), Terciane Luchese (UCS), Tatiane de Freitas Ermel (Universidade Complutense de Madrid), Ana Cristina Francisco (UERJ) e Alice Rigoni Jacques (Colégio Farroupilha).

¹ LEBRAVE, Jean-Louis. O manuscrito será o futuro do texto. In: *Arquivos Literários*/Organizado por Eneida Maria de Souza e Wander Mello Miranda. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.p.83-92

Assim constituído, o GARPE busca problematizar, de diferentes modos, a produção desses arquivos, preservados na intimidade, cuidados e alimentados pelos seus titulares, apresentados e tramados nas narrativas produzidas pelos autores. Considera-se, cada um deles, em que pese suas especificidades, como testemunhos de práticas culturais, significativos para a pesquisa histórica. Os arquivos pessoais guardam materiais e documentos em variados suportes que comportam traços sobre a história do indivíduo e, ao mesmo tempo, das redes em que se inscreve, ou seja, permitem identificar outros atores sociais e as inter-relações estabelecidas no fazer-se desses sujeitos. Sua importância se configura como um modo privilegiado de acesso a vestígios sensíveis, de reconhecimento de diferentes práticas de sociabilidades geracionais dadas a ver através de uma produção discursiva de um determinado tempo e lugar.

Entendidos como testemunhos de sensibilidades, os arquivos pessoais carregam marcas das individualidades de seus produtores, trazem indícios de suas subjetividades e evidenciam formas de memória coletiva e pessoal que se materializam nas recordações da escola e dos processos educacionais vividos dentro e fora dela, presentes em todos nós, sujeitos escolarizados. Nessa perspectiva, o GARPE problematiza algumas questões, como: as intenções de acumular papéis do passado, seriam estas manifestações naturais? Que experiências podem ser consideradas memoráveis a ponto de ocuparem lugar nas *nossas gavetas*? Por que mantemos alguns papéis, se não se há mais a necessidade do seu uso no cotidiano de trabalho, por exemplo? Que lugar ocupam os arquivos do nosso processo educacional? Guarda-se para não esquecer? Conserva-se para o futuro, que futuro? A quem interessariam essas lembranças?

Como ações desenvolvidas durante esses quase três anos de existência, cabe destacar que o GARPE tem procurado manter-se ativo. Embora recente, temos conseguido mapear e receber arquivos

peçoais e, assim, ampliar possibilidades de pesquisa. Procuramos estar presentes em eventos acadêmicos, com a proposição de organização de mesas temáticas/simpósios e, ainda em 2021, teremos a publicação de um primeiro Dossiê, na Revista Cadernos de História da Educação (UFU), intitulado “TRAÇOS QUE DEIXAM TRAÇOS: Arquivos Pessoais no Tempo Presente”, contando com produções nacionais e internacionais. Com vistas a identificar pesquisadores que operam com arquivos pessoais, estamos com uma chamada aberta na Revista Diálogo Educacional (PUCPR), o qual chamamos “Arquivos pessoais e/na educação: passados reinscritos no presente”. Ambos os dossiês têm como finalidade propagar as pesquisas sobre e nos arquivos pessoais, considerando a potência desses documentos privados, particularmente, aqueles que remetem ao processo educativo, cujas memórias e as reminiscências guardam parte de um passado comum e singular na vida de todas as pessoas. Também investimos na criação de um *site* www.arquivospessoais.com, com o objetivo de reunir ações desenvolvidas e as produções acadêmicas das pesquisadoras.

Portanto, os estudos produzidos pelo Grupo buscam promover reflexões a respeito dessas questões nos domínios da História da Educação e nas interfaces com as discussões acerca do Patrimônio Histórico Educativo e as abordagens da História do Tempo Presente, especialmente aquelas referentes ao gênero biográfico, às sensibilidades, à construção da intelectualidade, às práticas de arquivamento do eu, à produção de ego-documentos e ao reconhecimento de diferentes práticas de sociabilidades geracionais. Reforçamos a relevância desses arquivos produzidos no âmbito privado que, se recolhidos, organizados e socializados podem ampliar o horizonte de possibilidades de pesquisa, ao se constituírem como fontes para o conhecimento historiográfico, bem como para a

formulação de políticas institucionais específicas para a recolha, preservação e divulgação dos fundos arquivísticos envolvidos.

Igualmente, interessa ao GARPE difundir o trabalho desenvolvido em centros de memória, museus e arquivos que, por meio da salvaguarda de diferentes materialidades, promovem a ampliação do repertório historiográfico da educação, como uma produção discursiva que relaciona memória e esquecimento como fundamentais para o entendimento da historicidade de um determinado tempo e lugar.

Por fim, o que une as pesquisadoras, para além dos procedimentos metodológicos em torno dos significados dos arquivos pessoais, é uma dada convicção de que trabalhar com eles significa ter no horizonte a percepção de que organizá-los e classificá-los remete ao fato de que escolhas devem ser feitas, tendo em vista a necessidade de triagens e a diversidade das temáticas de estudo de cada uma.

O Dossiê temático busca reunir estudos, cujo *corpus* documental e analítico tenha como escopo de pesquisa a temática dos arquivos pessoais e suas interfaces com a educação.

Esta proposição de Grupo Temático pretende reunir e problematizar a tarefa de organização, preservação e, concomitantemente, da utilização dos materiais dos arquivos pessoais de professores levadas a termo por instituições custodiadoras nacionais e/ou internacionais e pelos pesquisadores da área. As pesquisas identificam-se com os pressupostos teóricos da História do Tempo Presente ao considerar os arquivos pessoais nos diferentes estratos de tempo que os compõem e por analisar os documentos/acontecimentos que registram como testemunhos, em temporalidades distintas. Os arquivos pessoais guardam materiais e documentos em variados suportes que comportam traços sobre a história do indivíduo e, ao mesmo tempo, das redes em que se inscreve, ou seja, permitem identificar outros atores sociais e as inter-

relações estabelecidas. Sua importância se configura como um modo privilegiado de acesso a vestígios e traços de sensibilidades, de encenação de atos rituais, de reconhecimento de diferentes práticas de sociabilidades geracionais dadas a ver através de uma produção discursiva de um determinado tempo e lugar. Por fim, reforça-se a relevância desses documentos/materiais produzidos no âmbito privado que, se recolhidos, organizados e socializados podem constituir-se como fontes para a pesquisa no campo do Patrimônio Cultural, da História da Educação e da História no Tempo Presente.

EBRAMIC/Educação no Brasil: Memórias, Instituições e Cultura Escolar

Luciane Sgarbi S. Grazziotin

Eu ingressei como professora do PPG em Educação da Unisinos em 2011. Esses processos acadêmicos de troca de trabalho, de colegas e de instituição, obviamente, são momentos, em certa medida, angustiantes. São momentos em que o apoio dos colegas é sempre muito bem-vindo. A criação do EBRAMIC teve uma relação direta com uma mudança que resultou no meu ingresso na UNISINOS.

Até então, eu nunca havia tido a percepção de que eu poderia reunir pessoas em torno de pesquisas em comum, agregar colegas de outras instituições, do RS e mesmo de outros Estados, pensar publicações e modos de ampliar as possibilidades de interlocução com investigações e pesquisadores de outros espaços.

Foi nesse momento de mudança, de descoberta de novas parcerias, e com o apoio que recebi da professora Beatriz Daudt Ficher, que, em 2012, o EBRAMIC foi criado.

Com sua habitual generosidade a Bea fez a proposta de criarmos o grupo. Por sua sugestão, eu iniciei como líder, tendo a Bea como vice-líder, e, com sua aposentadoria, a professora Dóris Bittencourt Almeida assumiu como vice-líder do grupo.

Um ano depois, em um evento da ASPHE, em Pelotas, deu-se a primeira reunião oficial dos primeiros membros.

Figura 1 – Reunião do EBRAMIC NA UFPel – 2013



Fonte: arquivo de fotos Beatriz Daudt Fischer.

Nessa imagem, enviada pela Beatriz, estão, da esquerda para a direita: Patrícia Weiduschadt, Beatriz Fischer, ao lado duas pessoas que não consigo identificar, estão Tatiane Ermel, Valeska Costa, Jaurí Sá, Ariane Duarte, Artur Alexandrino, Eduardo Arriada, Dóris Almeida, Luciane Grazziotin, Fabiana Maybororda e Terciane Luchesse.

As primeiras instituições parceiras, além da Unisinos, foram o Instituto Federal do Piauí/ IFPi, a Universidade do Extremo Sul Catarinense/UNESC, a Universidade Federal de Pelotas/UFPel, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e a Universidade de Caxias do Sul/UCS.

O primeiro projeto que incluiu alguns participantes e que resultou no benefício da bolsa PQ foi “*A Gramática escolar e suas possibilidades para a pesquisa em história da educação: produção, conservação e utilização dos acervos escolares no Vale do Rio dos Sinos/RS Séc. XIX e XX*”. Desse projeto, resultaram uma amplitude de possibilidades de inserção na comunidade escolar de diferentes municípios do Vale do Rio dos Sinos¹, sobretudo da rede privada, e uma consequente produção acadêmica relacionada à História da Educação que pode ser visualizada/acessada por meio do currículo Lattes dos integrantes.

Com relação ao enfoque do EBRAMIC, entende-se que a recolha, a salvaguarda e o inventário de documentos escolares fazem parte de um conjunto de ações que teve o objetivo de ampliar o repertório documental e, por conseguinte, a capacidade de compreensão acerca das instituições escolares, não só em sua dimensão histórica, mas em âmbito social, cultural e das relações dos sujeitos com seu tempo. Essas ações, entre outras, têm sido organizadas pelo grupo de pesquisa EBRAMIC/CNPq.

Desde sua criação, o grupo tem como prática reuniões quinzenais – quartas-feiras à tarde – por meio da atividade acadêmica Prática de Pesquisa, uma atividade curricular do PPG em Educação da Unisinos que se caracteriza pela flexibilidade dos participantes e das discussões propostas, o que possibilita um momento de encontro, não só do EBRAMIC, particularmente, mas de todos os grupos de pesquisa cujos líderes fazem parte do PPGEduc Unisinos.

O grupo se divide em três linhas: a) Cultura escolar e cultura material; b) História oral e c) Memória e instituições escolares. Essas linhas possibilitaram ações de salvaguarda de documentos escolares, mas não só: em muitos casos, documentos relativos à educação não

¹ Para saber mais sobre essa região, consultar Brito (2018), Souza (2015) e Cunha (2019).

escolarizada também têm feito parte da recolha arquivada no “Arquivo Memórias de Escola”.

Em decorrência das atividades do grupo, e como resultado do projeto de pesquisa já mencionado, foi se constituindo um acervo de documentos escolares com diferentes tipologias: são documentos escritos, orais, iconográficos e alguns objetos da Cultura Material que estavam sem um local para sua salvaguarda.

Em 2014, devido à generosidade do professor Maurício Ferreira, foi criado um espaço, muito singelo, para abrigar essa documentação. Situado na “Sala de Saberes e Fazeres” do curso de Pedagogia, o espaço tem o objetivo de proporcionar atividades relacionadas a práticas educativas. Nessa sala, as alunas trabalham, sobretudo, as atividades relacionadas a didáticas e práticas de estágio. A instalação dos documentos originários do Projeto, nesse lugar, tem oportunizado que as discentes do curso de Pedagogia e dos demais cursos de licenciatura, os quais têm aula de História da Educação, tenham contato com documentos, manuseiem essas fontes, aproximem-se delas e entendam como se dá o processo de produção historiográfica com ênfase na História da Educação.

**Figura 2 e 3 – Sala de Saberes e Fazeres da Pedagogia –
Arquivo Memórias de Escola (2014 – 2021)**



Fonte: arquivo de fotos da autora.

Esses artefatos têm servido de fonte de pesquisa histórica e espaço pedagógico para as turmas de licenciatura dessa universidade. Os projetos ligados ao grupo também permitiram a ampliação do repertório de ferramentas metodológicas e conceituais relativas ao campo da História da Educação e a minha inserção na Red Iberoamericana para la Investigación y la Difusión del Patrimonio Histórico-Educativo (RIDPHE).

A consolidação do grupo de pesquisa *Educação no Brasil: Memória, Instituições e Cultura Escolar – EBRAMIC*, deve-se ao trabalho conjunto, às parcerias intelectuais baseadas em projetos coletivos em prol da pesquisa em História da Educação. O grupo, nesses nove anos de existência, constituiu-se em um lugar de trabalho que vem agregando pesquisas e pesquisadores para o desenvolvimento de investigações que tem em comum o entrelaçamento de diferentes temáticas da história e da educação.

As produções do Centro de Memória e Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALES) nos encontros da Associação-Sul-Riograndense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE)

*Chris de Azevedo Ramil
Vania Grim Thies
Eliane Peres*

Introdução

No ano de 2021, celebra-se os 15 anos do centro de memória e pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares – Hisales¹, vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (FaE/UFPel), e 26 anos de criação da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe. São duas instituições de grande relevância para os estudos relacionados à História da Educação no estado, no país e fora dele. Suas histórias se entrecruzam com a trajetória de seus integrantes, tendo em vista o campo que os une: a História da Educação.

¹ O Hisales - História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares – é um centro de memória e pesquisa, constituído como um órgão complementar da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que contempla ações de ensino, pesquisa e extensão. Sua política principal é fazer a guarda e a preservação da memória e da história da escola e realizar pesquisas. Trata-se de um arquivo especializado nas temáticas da alfabetização, leitura, escrita e dos livros escolares, constituído de diferentes acervos. O Hisales é, também, um grupo de pesquisa cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq desde 2006. Está localizado no Campus II – UFPel, Rua Almirante Barroso, 1202 - Sala 101 H, CEP 96.010-280 - Pelotas/RS. Mais informações sobre os acervos, ações de ensino, pesquisa e extensão, podem ser conferidas via *internet*, no *site* (www.ufpel.edu.br/fae/hisales/), nas *rede sociais* (*Facebook* e *Instagram*: @hisales.ufpel) e por *e-mail* (grupohisales@gmail.com).

Em razão desses marcos comemorativos, este artigo tem como objetivo apresentar um levantamento dos artigos produzidos pelos integrantes do Hisales, cujas pesquisas foram apresentadas e publicadas nos Anais dos encontros da Asphe, procurando colaborar com a história da Associação e também do próprio Hisales.

A Asphe que, de 1997 a 2019 realizou 25 encontros anuais e em 2020 completou 25 anos de história, foi criada em 11 de dezembro de 1995 (em São Leopoldo/RS), por um grupo de pesquisadores em História da Educação do Rio Grande do Sul, com o objetivo de:

[...] articular as iniciativas de pesquisa do campo; socializar a produção da investigação histórica em educação no Estado; abrir canais de acesso aos diversos acervos existentes no Rio Grande do Sul e aos bancos de dados em processo de construção; promover encontros regionais de pesquisadores em História da Educação para apresentar e discutir a produção histórico-educacional e refletir sobre as tendências teórico-metodológicas da historiografia educacional [...] (PERES; BASTOS, 2001, p. 222).

Neste sentido, no que se refere mais especificamente aos encontros realizados pela Asphe, os integrantes do Hisales têm participado efetivamente ao longo de sua existência, nesses 15 anos. Por isso, buscou-se investigar, com mais profundidade, as informações relativas à participação de seus integrantes nas edições dos encontros da associação, no intuito de dar visibilidade às produções vinculadas ao Hisales no campo da História da Educação.

Como os encontros da Asphe têm como tema principal os estudos no campo da História da Educação, a inserção do Hisales nas pesquisas desenvolvidas nesta área também pode ser notada pelo trabalho desenvolvido pelo grupo que tem, entre seus objetivos, a constituição de acervos documentais “que preservem a história e a memória da alfabetização, salvaguardando fontes que permitem uma

melhor compreensão dos processos educacionais numa perspectiva histórica” (PERES; RAMIL, 2015, p. 298).

Entre os seis principais acervos do Hisales² estão: Cadernos de alunos (ciclo de alfabetização e outras séries); Cadernos de planejamento (Diários de classe) de professoras; Livros para ensino da leitura e da escrita nacionais e estrangeiros; Livros didáticos produzidos no Rio Grande do Sul (1900-1980); Materiais didático-pedagógicos; Escritas pessoais e familiares. O conjunto desses acervos são referência para as ações de ensino, pesquisa e extensão e tem contribuído como fonte e objeto nas investigações desenvolvidas pelos integrantes do grupo, composto por graduandos, pós-graduandos e pelas professoras coordenadoras³.

Por isso, o Hisales tem investido nos estudos relacionados à história da educação, sob variadas perspectivas, e procurado compartilhar as produções das pesquisas realizadas com os referidos acervos e por temáticas afins aos três principais eixos de investigação: a) História da Alfabetização e da Escolarização; b) Práticas escolares e não-escolares de leitura e escrita; c) Conteúdo, visualidade e materialidade em livros didáticos, impressos pedagógicos e materiais escolares.

Um exemplo significativo dos registros que mostram as produções resultantes das pesquisas desenvolvidas a partir desses acervos e vinculados aos três eixos de investigação do Hisales são os

² Para saber mais sobre a constituição do Hisales ver em: PERES, Eliane Teresinha. A constituição de um arquivo e a escrita da história da educação: do gesto artesão à prática científica. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 19, p. e067, 16 jun. 2019.

³ O Hisales foi criado pela profa. Dra. Eliane Peres em 2006, como grupo de pesquisa cadastrado pelo CNPq. Liderado pela mesma professora desde então, a partir de 2013 contou com a colaboração na coordenação da profa. Dra. Vania Grim Thies. Desde 2018, na condição de centro de memória e pesquisa (estabelecido a partir de 2017), tem sido coordenado conjuntamente pelas profas. Dras. Eliane Peres, Vania Grim Thies e Chris de Azevedo Ramil.

Anais dos encontros anuais da Asphe, os quais serão aqui abordados, a partir dos levantamentos realizados.

Procedimentos metodológicos

A localização das produções publicadas pelo Hisales nos encontros da Asphe foi realizada a partir da análise dos Anais publicados nas diferentes edições do evento. A coleta de dados teve como foco os encontros ocorridos entre 2006 e 2019. O ano de 2006 se justifica por ser o mesmo ano em que o Hisales foi cadastrado como grupo de pesquisa no CNPq, já o ano de 2019 se refere a última data de realização do evento, visto que em 2020 o encontro foi adiado devido à pandemia do Covid-19 e a edição de 2021 não foi realizada até o presente momento⁴. Sendo assim, por esse recorte temporal, a pesquisa abrange 14 anos de participação do Hisales nos encontros da Asphe, que realizou 25 edições até 2019 e, com isso, possui também 25 Anais publicados.

Para acesso aos Anais desses 14 eventos, entre os anos de 2006 a 2019, a coleta de dados foi realizada a partir da conferência dos exemplares digitalizados e virtuais disponibilizados no Repositório digital Tatu, da Unipampa (TATU, 2021), que contém quase todos os Anais dos 25 encontros, com exceção dos volumes do 2º (1997/2) e 6º encontro (200)⁵. Apesar dessa constatação, esses dois exemplares

⁴ Essa edição acontecerá entre os dias 03 e 05 de novembro de 2021, em modo *online*, sob realização da UFPel, juntos aos grupos locais, em Pelotas/RS: Faculdade de Educação (FaE/UFPel), Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/FaEUFPel), Centro de Estudos e Investigações em História da Educação - Ceihe (FaE/UFPel), Centro de memória e pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares - Hisales (FaE/UFPel), Laboratório de Ensino de História - Leh (PPGH/ICH/UFPel), Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática/Instituto de Física e Matemática (PPGEMat/IFM/UFPel).

⁵ A coleta de dados contou com a atuação da aluna Tatiana Rodrigues Siqueira, bolsista de Iniciação Científica (PBIP-AE/UFPel) do projeto de pesquisa

indisponíveis não prejudicaram a localização dos dados relativos ao Hisales, pois a sua participação começou a partir do 12º encontro, em 2006 – ano de sua criação, como anteriormente explicitado.

Na coleta de dados, por meio da consulta de 14 Anais, foram conferidos os principais dados nos sumários, bem como foi realizada a identificação dos artigos nas páginas da publicação. As informações necessárias foram reunidas em uma planilha com os seguintes campos elencados: número de identificação; edição do evento; ano do encontro; cidade/universidade; autor(es), título do artigo, página, temática central do evento e observações. Além disso, a coleta foi feita com o apoio de um quadro com a relação de integrantes que já fizeram parte do grupo, pois esse cruzamento de informações era importante para identificação das pessoas vinculadas ao Hisales no decorrer desses 15 anos de sua existência, bem como sua participação em distintas edições do evento. A seguir, serão discutidos os resultados encontrados a partir dessa etapa.

O Hisales nos Anais da Asphe

A partir do levantamento de dados realizado, comprova-se que o Hisales tem participado efetivamente dos encontros da Asphe há 14 anos, de 2006 a 2019, da 12ª à 25ª edição. Nesse montante, a partir da consulta aos Anais, identificou-se que não houve participação de nenhum dos integrantes em apenas uma das edições, relativa ao 23º encontro, realizado na cidade de Rio Grande/RS, no ano de 2017.

Com a localização das produções do Hisales em 13 Anais, o grupo contabiliza 90 publicações, cuja autoria varia entre alunos de pós-graduação, graduação e professoras coordenadoras. Apresenta-se, a seguir, na Tabela 1, a relação da quantidade de artigos que

“Visualidade e materialidade nos acervos do centro de memória e pesquisa Hisales”, realizado junto ao Hisales, sob orientação da profa. Dra. Chris Ramil.

integrantes do Hisales apresentaram e publicaram nas edições do evento.

Tabela 1 – Publicações de trabalhos dos integrantes do Hisales nos encontros da Asphe.

Edição do evento	Ano do evento	Trabalhos publicados nos Anais
12º	2006	10
13º	2007	03
14º	2008	07
15º	2009	03
16º	2010	03
17º	2011	13
18º	2012	04
19º	2013	13
20º	2014	04
21º	2015	02
22º	2016	13
23º	2017	00
24º	2018	08
25º	2019	07
Total	14 eventos	90 trabalhos

Fonte: pesquisa a partir do levantamento de dados realizados nos Anais da Asphe.

Em relação às autorias dos 90 trabalhos, identificou-se 48 trabalhos com um único(a) autor(a), 24 com dois autores, 16 com três autores e 2 com quatro autores. Esses dados têm relação com aspectos como: apresentação de pesquisas individuais de Mestrado e Doutorado em Educação (Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFPel); produção de orientadora com orientando(a)s; parcerias entre pós-graduandos e graduandos; produções coletivas em temáticas

afins. Por isso, nota-se que os trabalhos dos integrantes do Hisales incluem na autoria desde os iniciantes em pesquisa, como, por exemplo, os bolsistas de iniciação científica e de extensão, aos pesquisadores *sênior*s. É importante salientar que a produção conjunta entre estudantes em início da formação, como também pesquisadores mais experientes, sempre foi um aspecto incentivado entre os diferentes grupos de pesquisa, para a participação nos Encontros da Asphe.

Além disso, também vale lembrar que houve variação nas normas de submissão de textos em cada evento como, por exemplo, na quantidade de trabalhos que cada participante poderia enviar, bem como o número de autores permitido por texto, ambos com redução nos últimos anos, o que também tem incidido mais significativamente na variedade de propostas submetidas pelos pesquisadores.

Registrou-se o total de 41 integrantes do Hisales como autores e autoras nos trabalhos publicados, sendo que alguns são ativamente participantes do grupo, atualmente. A seguir, o Quadro 1 mostra a relação dos nomes, em ordem alfabética, com os tipos de vínculo ao Hisales.

Quadro 1 – Integrantes do Hisales com autoria de trabalhos nos Anais da Asphe.

Integrantes do Hisales com autoria de trabalhos nos Anais da Asphe – 2006 a 2019		
1. Alessandra Amaral da Silveira (Doutorado)	16. Helenara Plaszewski Facin (Mestrado)	29. Milena Venzke Kaadt (Voluntária)
2. Antonio Mauricio Medeiros Alves (Doutorado)	17. Indiara Gaia da Silva (Iniciação Científica)	30. Mônica Maciel Vahl (Iniciação Científica; Mestrado)
3. Carla Regina Lacau (Iniciação Científica)	18. Janaina Soares Martins Lapuente (Mestrado)	31. Nathalie Rosario Jardim (Iniciação Científica)
4. Caroline Braga Michel (Pós-Doutorado)	19. Jaqueline Thies da Cruz Koschier (Doutorado)	32. Patrícia Daniela Maciel (Mestrado)
5. Chris de Azevedo Ramil (Mestrado; Doutorado)	20. Joseane Cruz Monks (Iniciação Científica; Mestrado; Doutorado)	33. Paulo Ailton Ferreira da Rosa Junior (Mestrado)
6. Cícera Marcelina Vieira		

Integrantes do Hisales com autoria de trabalhos nos Anais da Asphe – 2006 a 2019

(Mestrado)	21. Júlia Victoria Casalinho (Iniciação Científica)	34. Rafaela Canez Camargo (Iniciação Científica)
7. Darlene Rosa da Silva (Mestrado)	22. Larissa Lima Nascimento Costa (Mestrado)	35. Renata Braz Gonçalves (Doutorado)
8. Dione Dutra Lihtnov (Doutorado)	23. Leticia Sell Storch (Iniciação Científica)	36. Roselusia Teresa Pereira de Moraes (Mestrado; Doutorado)
9. Eliane Peres (Coordenação e orientação)	24. Lisiane Sias Manke (Mestrado; Doutorado)	37. Rozele Borges Nunes (Doutorado)
10. Fernanda Noguez Vieira (Iniciação Científica)	25. Lucas Gonçalves Soares (Mestrado; Doutorado)	38. Sylvia Tavares Barum (Iniciação Científica)
11. Francieli Daiane Borges (Mestrado)	26. Manuella Rasch Saraiva (Mestrado)	39. Tatiara Timm de Carvalho Herreira (Extensão; Iniciação Científica)
12. Francine Couto Oliveira (Voluntária)	27. Mara Denise Neitzke Dietrich (Mestrado)	40. Valdizan de Jesus Sousa (Extensão)
13. Gabriela Medeiros Nogueira (Doutorado)	28. Márcia Berenice Pereira André (Mestrado)	41. Vania Grim Thies (Mestrado; Doutorado; Coordenação e orientação)
14. Gilceane Caetano Porto (Doutorado)		
15. Gisele Ramos Lima (Mestrado)		
Total: 41 autores⁶		

Fonte: pesquisa a partir do levantamento de dados realizados nos Anais da Asphe.

⁶ Os vínculos dos integrantes a bolsas ou cursos de pós-graduação concluídos anteriormente a 2006 não foram incluídos neste quadro, levando-se em conta o recorte temporal deste texto, que considera os dados levantados a partir do ano de criação do Hisales. Todos aqueles marcados com Mestrado e/ou Doutorado, foram discentes do curso de Pós-Graduação em Educação (PPGE//UFPel), sob orientação da profa. Eliane Peres ou da profa. Vania Grim Thies. Nos casos com Extensão, são bolsas oferecidas pela UFPel a graduandos de diversos cursos, para atuar em projetos de extensão. Em relação aos indicados como Iniciação Científica, trata-se de bolsas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico- CNPQ, da Fundação de amparo à pesquisa do Rio Grande do Sul - Fapergs ou da própria UFPel, destinadas aos graduandos, para atuação junto à projetos de pesquisa.

Entre os nomes identificados, vale o destaque para a profa. Eliane Peres, criadora do Hisales e orientadora de muitas das pesquisas desenvolvidas pelos integrantes, que consta com participação em 25 trabalhos, tendo sua primeira publicação no 12º encontro (2006). Com 11 publicações está Vania Grim Thies, com a primeira participação no 12º encontro (2006 – na condição de estudante do Mestrado). Chris de Azevedo Ramil também aparece com 11 trabalhos e com a primeira publicação no 17º encontro (2011 – na condição de estudante do Mestrado). Estas duas foram orientandas da profa. Eliane Peres no Mestrado e no Doutorado em Educação e, atualmente, também integram a coordenação do Hisales. Vale destacar que outros integrantes que apresentaram suas pesquisas de Mestrado e/ou Doutorado na ASPHE atuam hoje em diferentes instituições de ensino superior e em Institutos Federais (IFs), revelando a importância de espaços de formação na carreira profissional.

Sabe-se que é comum a cada edição do evento adotar uma temática específica que norteie as discussões previstas para a programação em geral, porém, os assuntos apresentados nos trabalhos e publicados nos Anais da Asphe são variados, apesar do vínculo com o campo da história da educação. Em alguns dos encontros foram definidos previamente alguns eixos temáticos para submissão de propostas para apresentação, enquanto que em outros isso não foi uma exigência e os artigos foram agrupados, posteriormente, pelas abordagens e afinidade de temas, para comunicação nas salas do evento e na publicação dos Anais. Por isso, observou-se também uma variação na forma com que os agrupamentos de trabalhos são realizados nos eixos temáticos do evento, no decorrer dos anos, o que acaba refletindo também na organização e edição dos Anais dos encontros.

O local de realização dos encontros varia a cada nova edição, sendo assim organizado por determinada universidade da referida região que o recebe, sob coordenação dos pesquisadores vinculados àquela instituição. Entre as cidades identificadas nos encontros dos quais o Hisales esteve presente no período analisado estão: Santa Maria (12° – 2006; 17° – 2011), Farroupilha (13° – 2007), Caxias do Sul (15° – 2009; 21° – 2015), Porto Alegre (16° – 2010; 18° – 2012; 20° – 2014), Bagé (22° – 2016; 25° – 2019), São Leopoldo (24° – 2018) e Pelotas (14° – 2008; 19° – 2013)⁷. Nesta cidade, a UFPel realizou dois encontros da Asphe, dos quais o Hisales também integrou a organização: no de 2008 (14ª ed.) contou com 7 trabalhos e no de 2013 (19ª ed.) com 13 trabalhos. No evento de 2016 (22ª ed.), realizado em Bagé e organizado pelo grupo da Unipampa, o Hisales também totalizou 13 apresentações de trabalhos. Com isso, observa-se que nos anos de 2013 e de 2016, contabilizou-se a maior quantidade de publicações de integrantes do Hisales, em um mesmo encontro da Asphe.

Também foi verificado as temáticas privilegiadas nos trabalhos publicados pelos integrantes do Hisales e sua relação com os principais eixos de investigação, pelos quais é possível inferir as áreas e tipologias das pesquisas realizadas. Esse levantamento será apresentado na sequência.

As temáticas publicadas pelo Hisales nos Anais da Asphe

A partir dos três principais eixos de investigação adotados pelo Hisales, foi realizada uma análise sobre a inserção temática dos trabalhos dos integrantes. Embora alguns artigos abordam o tema sob uma perspectiva interdisciplinar e poderiam ser vinculados a mais de

⁷ Aqui foram citados apenas as cidades cujos encontros o Hisales participou, levando em conta o período analisado, mas os encontros também aconteceram em outros municípios gaúchos, tais como Passo Fundo, Gramado e Rio Grande.

um eixo, procurou-se determinar um de predominância, pela abordagem empregada e também pelos objetos e fontes representativos da pesquisa. Com isso, os 90 trabalhos foram classificados e a relação com as informações e a quantidade de pesquisas distribuídas entre os três eixos de investigação realizados pelo Hisales, pode ser conferido nos dados apresentados na continuidade.

O *Eixo 1 – “História da Alfabetização e da Escolarização”*, agrega pesquisas que abordam temas como produção e circulação de cartilhas, de métodos e de propostas de alfabetização; história da alfabetização em cadernos escolares de crianças e cadernos de planejamento de alfabetizadoras; memórias de alfabetização; políticas de alfabetização. Com essa produção, o Hisales alcançou no cenário local, estadual e nacional projeção como um dos mais importantes espaços de produção no campo da chamada história da alfabetização, área de estudos recente no Brasil e em plena expansão. Alguns estudos, contudo, avançam para além da etapa da alfabetização e apresentam e discutem experiências e práticas da escola primária, de trajetórias de professoras que atuaram nesse nível de ensino, da cultura material escolar, entre outros. Considerando-se essas temáticas, foram identificados 37 trabalhos do Hisales nos Anais da Asphe. Destes, 30 foram resultado de pesquisas realizadas nos acervos do Hisales.

Entre os temas mais recorrentes na história da alfabetização, os estudos contemplaram trajetórias profissionais e história de vida de professoras primárias, propostas e métodos de alfabetização, diários de planejamentos de professoras, cadernos de alunos, cartilhas e livros para o ensino da leitura e da escrita. Vários dos estudos desse eixo cotejaram diferentes acervos do Hisales como, por exemplo, nos casos em que os pesquisadores associaram exemplares do acervo de livros

para o ensino da leitura e da escrita ao acervo de cadernos de planejamento de professoras e/ou também ao de cadernos de alunos.

A seguir, apresenta-se a relação dos 37 trabalhos acompanhados de autoria, edição dos Anais da Asphe nos quais foram publicados e a indicação de uso do acervo do Hisales (quando for o caso), cujas temáticas podem ser consideradas relacionadas ao Eixo 1 de investigação (em ordem cronológica de ano do evento e com ordem alfabética pelos títulos de artigos em cada edição):

1. *A Cartilha Ler a jato e o método audiofonográfico: uma proposta da professora Gilda de Freitas Tomatis para o fim do analfabetismo no país (décadas de 1960-70)* / Autoria: Eliane Peres e Mara Denise Neitzke Dietrich / Anais do 12º Encontro da Asphe – 2006;
2. *Analisando trajetórias de vida de professoras em formação* / Autoria: Márcia Berenice Pereira André e Eliane Peres / Anais do 12º Encontro da Asphe – 2006;
3. *Ieda e Nilo: conhecendo os animais: uma proposta de alfabetização elaborada por alfabetizadoras do IEAB* / Autoria: Gilceane Caetano Porto e Janaína Soares Martins Lapuente / Anais do 12º Encontro da Asphe – 2006 / Trabalho com acervo do Hisales;
4. *Professoras primárias leigas: vocação ou profissão?* / Autoria: Lisiane Sias Manke / Anais do 12º Encontro da Asphe – 2006;
5. *Revelando o “Método da abelhinha” através da fala das professoras alfabetizadoras pelotenses* / Autoria: Janaína Soares Martins Lapuente / Anais do 12º Encontro da Asphe – 2006;
6. *Acervos pessoais de professoras alfabetizadoras: a contribuição dos diários de classe para a história da alfabetização em Pelotas* / Autoria: Janaína Soares Martins

- Lapuente, Gilceane Caetano Porto e Eliane Peres / Anais do 13º Encontro da Asphe – 2007 / Trabalho com acervo do Hisales;
7. *História da educação das mulheres: uma análise da educação feminina privada em Pelotas/RS (1875-1890)* / Autoria: Patrícia Daniela Maciel / Anais do 14º Encontro da Asphe – 2008;
 8. *O ditado escolar sob o enfoque histórico: um estudo a partir de cadernos de crianças em processo de alfabetização (1943-2007)* / Autoria: Eliane Peres e Sylvia Tavares Barum / Anais do 14º Encontro da Asphe – 2008 / Trabalho com acervo do Hisales;
 9. *A arte de produzir escritos: matrizes, folhas de atividades mimeografadas e cartilhas artesanais do Método da abelhinha* / Autoria: Janaína Soares Martins Lapuente / Anais do 17º Encontro da Asphe – 2011 / Trabalho com acervo do Hisales;
 10. *Aspectos da cultura material escolar: o que revela a Revista do Ensino do Rio Grande do sul entre as décadas de 1950 e 1970?* / Autoria: Eliane Peres e Cícera Marcelina Vieira / Anais do 17º Encontro da Asphe – 2011 / Trabalho com acervo do Hisales;
 11. *Aspectos da vida profissional e da produção didática da professora Gilda de Freitas Tomatis* / Autoria: Mara Denise Neitzke Dietrich / Anais do 17º Encontro da Asphe – 2011;
 12. *Livros para o ensino da leitura e da escrita: constituição e organização do acervo do grupo de pesquisa Hisales* / Autoria: Fernanda Noguez Vieira, Joseane Cruz Monks, Renata Braz Gonçalves e Francine Couto Oliveira / Anais do 17º Encontro da Asphe – 2011 / Trabalho com acervo do Hisales;

13. *Materiais de higiene e limpeza que circularam nas escolas primárias gaúchas entre o final do século XIX e o início do século XX: alguns dados de pesquisa* / Autoria: Sylvia Tavares Barum / Anais do 17º Encontro da Asphe – 2011 / Trabalho com acervo do Hisales;
14. *Mudanças e permanências no ensino da leitura e da escrita (1970-2010): um estudo da história da alfabetização através de planejamentos de aulas de alfabetizadoras* / Autoria: Gisele Ramos Lima / Anais do 17º Encontro da Asphe – 2011 / Trabalho com acervo do Hisales;
15. *Diários de classe de professoras alfabetizadoras: a recorrência de exercícios com sílabas (1973-2010)* / Autoria: Gisele Ramos Lima / Anais do 18º Encontro da Asphe – 2012 / Trabalho com acervo do Hisales;
16. *Diários de professoras e cadernos de alunos: um estudo acerca da permanência dos textos de cartilhas no período de 1983 a 2010* / Autoria: Cícera Marcelina Vieira, Fernanda Noguez Vieira e Joseane Cruz Monks / Anais do 18º Encontro da Asphe – 2012 / Trabalho com acervo do Hisales;
17. *Cópia de atividades de cartilhas: o que revelam os cadernos de planejamento de uma professora alfabetizadora (1983-2000)* / Autoria: Cícera Marcelina Vieira, Joseane Cruz Monks e Fernanda Noguez Vieira / Anais do 19º Encontro da Asphe – 2013 / Trabalho com acervo do Hisales;
18. *O(s) livro(s) de leitura ¿Quieres leer? e Queres ler?: do Uruguai para o Rio Grande do Sul* / Autoria: Caroline Braga Michel, Eliane Peres e Gabriela Medeiros Nogueira / Anais do 19º Encontro da Asphe – 2013 / Trabalho com acervo do Hisales;

19. *Os livros para o ensino da leitura e da escrita e os contratos do Programa do livro didático para o ensino fundamental – 1972* / Autoria: Mônica Maciel Vahl e Cícera Marcelina Vieira / Anais do 19º Encontro da Asphe – 2013 / Trabalho com acervo do Hisales;
20. *Títulos de livros para o ensino da leitura e da escrita como projeto enunciativo (1950-2006)* / Autoria: Joseane Cruz Monks, Eliane Peres e Vania Grim Thies / Anais do 19º Encontro da Asphe – 2013 / Trabalho com acervo do Hisales;
21. *Uma análise dos exercícios de separação de sílabas nos diários de classe das professoras alfabetizadoras (1972 a 2010)* / Autoria: Gisele Ramos Lima / Anais do 19º Encontro da Asphe – 2013 / Trabalho com acervo do Hisales;
22. *Aspectos da produção e da circulação da cartilha Caminho suave: contribuições à história da alfabetização* / Autoria: Vania Grim Thies, Mônica Maciel Vahl e Eliane Peres / Anais do 20º Encontro da Asphe – 2014 / Trabalho com acervo do Hisales;
23. *Os cadernos de planejamento de uma professora alfabetizadora: as atividades para o ensino da leitura e da escrita (1983-2000)* / Autoria: Cícera Marcelina Vieira / Anais do 20º Encontro da Asphe – 2014 / Trabalho com acervo do Hisales;
24. *A circulação e o uso de livros didáticos produzidos por autoras gaúchas: um estudo em cadernos de planejamento de professoras (1940-1980)* / Autoria: Cícera Marcelina Vieira, Eliane Peres e Chris de Azevedo Ramil / Anais do 21º Encontro da Asphe – 2015 / Trabalho com acervo do Hisales;

25. *(Bio) alfabetização: compreendendo a aprendizagem da leitura e da escrita através de fragmentos biográficos e autobiográficos (Brasil, final do século XIX e primeira metade do século XX)* / Autoria: Eliane Peres / Anais do 22º Encontro da Asphe – 2016;
26. *A cartilha Sarita e seus amiguinhos e o método global de contos: da materialidade ao uso por uma professora alfabetizadora* / Autoria: Indiará Gaia da Silva e Eliane Peres / Anais do 22º Encontro da Asphe – 2016 / Trabalho com acervo do Hisales;
27. *As cartilhas ¿Quieres leer? e Queres ler?: recorrências e diferenças nas notas de orientações aos professores* / Autoria: Caroline Braga Michel, Eliane Peres e Alessandra Amaral da Silveira / Anais do 22º Encontro da Asphe – 2016 / Trabalho com acervo do Hisales;
28. *Cadernos de planejamento de professoras como fonte/objeto de pesquisa: a constituição do acervo do grupo de pesquisa História da alfabetização, leitura, escrita e dos livros escolares (Hisales)* / Autoria: Cícera Marcelina Vieira / Anais do 22º Encontro da Asphe – 2016 / Trabalho com acervo do Hisales;
29. *Descrição do acervo de cadernos de alunos do grupo de pesquisa História da alfabetização, leitura, escrita e dos livros escolares (Hisales): pesquisas realizadas e possibilidades de estudos* / Autoria: Alessandra Amaral da Silveira, Cícera Marcelina Vieira e Larissa Lima Nascimento Costa / Anais do 22º Encontro da Asphe – 2016 / Trabalho com acervo do Hisales;
30. *O período preparatório da alfabetização em manuais pedagógicos de formação docente (1936-1978)* / Autoria:

- Larissa Lima Nascimento Costa / Anais do 22º Encontro da Asphe – 2016 / Trabalho com acervo do Hisales;
31. *A produção e reprodução de folhinhas como recursos didáticos nas décadas de 1960 e 1970* / Autoria: Joseane Cruz Monks / Anais do 24º Encontro da Asphe – 2018 / Trabalho com acervo do Hisales;
 32. *Cartilha Mestra e cartilha Samorim – recreativa e instrutiva: uma análise comparativa* / Autoria: Caroline Braga Michel e Eliane Peres / Anais do 24º Encontro da Asphe – 2018 / Trabalho com acervo do Hisales;
 33. *O domínio da letra cursiva e o desaparecimento da letra script em cadernos de alunos em fase inicial de escolarização (1979 a 1989)* / Autoria: Alessandra Amaral da Silveira / Anais do 24º Encontro da Asphe – 2018 / Trabalho com acervo do Hisales;
 34. *A permanência do método global das palavras progressivas no Rio Grande do Sul no final da década de 1970: o caso da cartilha Marcelo, Vera e Faísca* / Autoria: Eliane Peres / Anais do 25º Encontro da Asphe – 2019 / Trabalho com acervo do Hisales;
 35. *Elogios, incentivos, recomendações e solicitações sobre os usos das letras nos cadernos de alunos em fase inicial de escolarização* / Autoria: Alessandra Amaral da Silveira e Caroline Braga Michel / Anais do 25º Encontro da Asphe – 2019 / Trabalho com acervo do Hisales;
 36. *Livros artesanais para o ensino da leitura e da escrita: materialidades de suportes produzidos fora do circuito editorial-comercial* / Autoria: Indiara Gaia da Silva e Joseane Cruz Monks / Anais do 25º Encontro da Asphe – 2019 / Trabalho com acervo do Hisales;

37. Professora “torturada” pela cor: problematização das relações étnico-raciais no contexto da década de 1950 no Rio Grande do Sul / Autoria: Nathalie Rosario Jardim / Anais do 25º Encontro da Asphe – 2019 / Trabalho com acervo do Hisales.

No Eixo 2 – “Práticas escolares e não-escolares de leitura e escrita”, são incluídas as pesquisas que investem nas culturas do escrito; escritas ordinárias; escritas pessoais e familiares; história das práticas de leitura; leituras e leitores em meios rurais e urbanos; leitura literária. A partir dessas referências, encontrou-se 29 trabalhos do Hisales relacionados ao tema, entre os Anais da Asphe. Destes, 8 apresentam relação com materiais encontrados nos acervos do Hisales.

Entre os assuntos mais recorrentes estão: as práticas de leitura, leitura literária, representações de leitura, estudos acerca da cultura escrita fora da escola e no meio rural (trajetórias de leitores, autores de diários, autodidatas, produção e usos de artefatos escritos entre gerações pomeranas, cadernos de usos não escolares). Muitas pesquisas do Eixo 2 foram produzidas sem o uso dos acervos do Hisales. O fato de apenas 8, dos 29 trabalhos, serem produzidos a partir dos acervos está também relacionado à organização mais tardia do acervo das escritas pessoais e familiares, criado em 2016. Embora as produções dos estudos desse eixo não estejam diretamente ligadas a esse acervo, atualmente ressalta-se que é a partir dele que o Hisales salvaguarda materiais escritos referentes a acervos pessoais (individuais ou conjuntos familiares), preferencialmente do contexto não escolar com diferentes classificações e de diferentes períodos históricos, desde a década de 1900 até os dias atuais.

A seguir, apresenta-se a relação dos 29 trabalhos acompanhados de autoria, edição dos Anais da Asphe nos quais foram publicados e indicação de uso do acervo do Hisales (quando for o caso), cujas temáticas se aproximam de forma mais predominante ao Eixo 2 de

investigação (em ordem cronológica de ano do evento e com ordem alfabética pelos títulos de artigos em cada edição):

1. *A escrita cotidiana de uma família de agricultores da zona rural do município de Pelotas (RS)* / Autoria: Vania Grim Thies e Eliane Peres / Anais do 12º Encontro da Asphe – 2006;
2. *A inexistência de políticas públicas de incentivo à leitura e as ações realizadas pelas escolas: o caso de Pelotas/RS (1987-2003)* / Autoria: Renata Braz Gonçalves e Eliane Peres / Anais do 12º Encontro da Asphe – 2006;
3. *Festa litteraria: algumas experiências de leituras nos collegios femininos privados de Pelotas no século 19* / Autoria: Patrícia Daniela Maciel e Eliane Peres / Anais do 12º Encontro da Asphe – 2006;
4. *Prática de ensino-aprendizagem da leitura em escolas primárias de Pelotas (1960 a 1980)* / Autoria: Lisiane Sias Manke / Anais do 13º Encontro da Asphe – 2007;
5. *Inserção na cultura escrita: a trajetória de três autodidatas* / Autoria: Lisiane Sias Manke, Darlene Rosa da Silva e Carla Regina Lacau / Anais do 14º Encontro da Asphe – 2008;
6. *Leitura e mulheres nos jornais pelotenses do final do século XIX* / Autoria: Renata Braz Gonçalves / Anais do 14º Encontro da Asphe – 2008;
7. *Os sentidos da escrita de diários na vida de dois agricultores* / Autoria: Vania Grim Thies / Anais do 14º Encontro da Asphe – 2008;
8. *Representação de professora na literatura de Érico Veríssimo: um estudo dos romances Clarissa (1933) e Música ao longe (1935)* / Autoria: Roselusia Teresa Pereira de Moraes / Anais do 14º Encontro da Asphe – 2008;

9. *Cultura escrita: o caso de uma agricultora e a produção de um livreto* / Autoria: Vania Grim Thies / Anais do 15º Encontro da Asphe – 2009;
10. *Práticas de leitura: o caso de quatro leitores de história* / Autoria: Lisiane Sias Manke / Anais do 15º Encontro da Asphe – 2009;
11. *Diários de um agricultor: um patrimônio do escrito* / Autoria: Vania Grim Thies / Anais do 16º Encontro da Asphe – 2010;
12. *História da leitura: uma comunidade de leitoras rurais* / Autoria: Lisiane Sias Manke / Anais do 16º Encontro da Asphe – 2010;
13. *Família e escola: o papel destas instituições na formação de uma leitora* / Autoria: Lisiane Sias Manke / Anais do 17º Encontro da Asphe – 2011;
14. *Livros que circulavam em Pelotas/RS no final do século XIX: uma análise a partir dos anúncios nos jornais pelotenses* / Autoria: Renata Braz Gonçalves / Anais do 17º Encontro da Asphe – 2011;
15. *Representações em romances de Érico Veríssimo: a produção ficcional* / Autoria: Roselusia Teresa Pereira de Moraes / Anais do 17º Encontro da Asphe – 2011;
16. *A circulação da cultura escrita em contextos rurais: o caso de leitores assíduos* / Autoria: Lisiane Sias Manke / Anais do 19º Encontro da Asphe – 2013;
17. *A diversidade cultural na escola: um estudo com ênfase no processo colonizatório polonês em Dom Feliciano/RS* / Autoria: Rozele Borges Nunes / Anais do 19º Encontro da Asphe – 2013;
18. *A literatura como privilegiada leitora dos signos da história* / Autoria: Francieli Daiane Borges / Anais do 19º Encontro da Asphe – 2013;

19. *Aspectos da história da Biblioteca Pública Municipal de Piratini/RS (1977-1982): acervo, leituras e leitores* / Autoria: Darlene Rosa da Silva / Anais do 19º Encontro da Asphe – 2013;
20. *A literatura, a história e a história da educação: articulações possíveis em Garranchos, de Graciliano Ramos* / Autoria: Francieli Daiane Borges/ Anais do 20º Encontro da Asphe – 2014;
21. *Representações de leitura e de livros em edições de "A Bela e a Fera"* / Autoria: Eliane Peres e Chris de Azevedo Ramil / Anais do 20º Encontro da Asphe – 2014 / Trabalho com acervo do Hisales;
22. *Fragmentos de vida em papéis: o acervo de escritas ordinárias do grupo de pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (Hisales-FaE/UFPel)* / Autoria: Vania Grim Thies, Eliane Peres e Rafaela Canez Camargo / Anais do 21º Encontro da Asphe – 2015 / Trabalho com acervo do Hisales;
23. *A organização do banco de dados do acervo de escritas pessoais e familiares do grupo de pesquisa História da alfabetização, leitura, escrita e dos livros escolares (Hisales/Fae/UFPel)* / Autoria: Vania Grim Thies e Valdizan de Jesus Souza / Anais do 22º Encontro da Asphe – 2016 / Trabalho com acervo do Hisales;
24. *Lembranças de batismo: a cultura escrita em três gerações de uma família pomerana* / Autoria: Leticia Sell Storch e Vania Grim Thies / Anais do 22º Encontro da Asphe – 2016 / Trabalho com acervo do Hisales;
25. *O conto A Bela e a Fera em três diferentes versões em língua portuguesa* / Autoria: Júlia Victoria Casalinho, Eliane Peres e

- Jaqueline Thies Koschier / Anais do 22º Encontro da Asphe – 2016 / Trabalho com acervo do Hisales;
26. *As cartas de proteção como artefatos da cultura escrita na tradição pomerana* / Autoria: Leticia Sell Storch, Vania Grim Thies e Milena Venzke Kaadt / Anais do 24º Encontro da Asphe – 2018 / Trabalho com acervo do Hisales;
27. *“Quem conta um conto aumenta um ponto”*: um estudo comparativo entre a versão original e o reconto clássico de *A Bela e a Fera* / Autoria: Júlia Victoria Casalinho e Paulo Ailton Ferreira da Rosa Junior / Anais do 24º Encontro da Asphe – 2018 / Trabalho com acervo do Hisales;
28. *Representações da infância em Peter Pan: uma análise em edições da Revista Disneylândia* / Autoria: Manuella Rasch Saraiva e Paulo Ailton Ferreira da Rosa Junior / Anais do 24º Encontro da Asphe – 2018 / Trabalho com acervo do Hisales;
29. *A cultura escrita em cadernos escolares e não escolares de um pastor/professor pomerano* / Autoria: Leticia Sell Storch e Vania Grim Thies / Anais do 25º Encontro da Asphe – 2019 / Trabalho com acervo do Hisales.

No Eixo 3 – “*Conteúdo, visualidade e materialidade em livros didáticos, impressos pedagógicos e materiais escolares*”, se inserem aquelas pesquisas que versam sobre a produção, circulação e utilização dos livros escolares produzidos no Rio Grande do Sul (especialmente entre os anos de 1940-1980, período da influência do CPOE – Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais – SEC/RS); disciplinas escolares, conteúdos e temas específicos em livros didáticos e impressos pedagógicos; visualidade e materialidade em livros didáticos, impressos pedagógicos e materiais escolares. Com essas características, foram localizados 24 trabalhos do Hisales nos Anais da Asphe que se vinculam a estas questões. Deste montante, 23 textos são resultados de estudos que utilizam como objeto e/ou fonte os acervos que o Hisales salvaguarda, o que torna a lista vinculada ao

Eixo 3 a única com essa peculiaridade, qual seja: apenas uma das comunicações apresentadas e publicadas não fez uso do acervo do referido centro.

A temática dos livros didáticos foi abordada sob diferentes perspectivas, tais como a produção das obras e as áreas de conhecimento (Linguagem, Estudos Sociais, Matemática, Geografia) na interface com a trajetória das autoras que os elaboraram. Ressalta-se que o estudo de Peres e Ramil (2018), no mapeamento do nome das autoras de livros didáticos gaúchos, contabilizou 58 nomes de mulheres “professoras primárias gaúchas e atuantes em várias funções em escolas e em departamentos da educação pública, especialmente na posição de técnicas ou orientadoras educacionais do CPOE” (PERES; RAMIL, 2018). Alguns trabalhos sobre os diferentes estudos das obras e das autoras, também cotejaram a circulação, as editoras, a visualidade e a materialidade dos livros no Rio Grande do Sul.

Além disso, vale registrar que algumas das pesquisas envolvem também cruzamento de dados entre vários acervos, como no caso daquelas investigações que resultam da análise dos livros didáticos gaúchos junto a certos registros localizados em cadernos de alunos, por exemplo. Outrossim, a interdisciplinaridade é notada em várias pesquisas desse eixo, visto que os conhecimentos específicos de áreas variadas são abordados conjuntamente nesses trabalhos.

A seguir, apresenta-se a relação dos 24 trabalhos acompanhados de autoria, edição dos Anais da Asphe nos quais foram publicados e indicação de uso do acervo do Hisales, cujas temáticas têm relação com o Eixo 3 de investigação (em ordem cronológica de ano do evento e com ordem alfabética pelos títulos de artigos em cada edição):

1. *Os compêndios História do Rio Grande do Sul para o ensino cívico e a identidade gaúcha* / Autoria: Sergio Ricardo Pereira Cardoso, Elomar Tambara e Eliane Peres / Anais do 12º Encontro da Asphe – 2006;

2. *Professora Nelly Cunha e a produção de livros didáticos* / Autoria: Helenara Plaszewski Facin e Eliane Peres / Anais do 12º Encontro da Asphe – 2006 / Trabalho com acervo do Hisales;
3. *Diário que narra a viagem de uma professora gaúcha em 1969 aos EUA para “fazer bons livros didáticos” no acordo MEC/Usaid* / Autoria: Helenara Plaszewski Facin / Anais do 13º Encontro da Asphe – 2007 / Trabalho com acervo do Hisales;
4. *Histórias e memórias da professora e autora de livros didáticos Nelly Cunha (1920-1999)* / Autoria: Helenara Plaszewski Facin / Anais do 14º Encontro da Asphe – 2008 / Trabalho com acervo do Hisales;
5. *O movimento da Matemática moderna (MMM) nos livros didáticos de ensino primário produzidos no Rio Grande do Sul (1960-1980)* / Autoria: Antonio Mauricio Medeiros Alves / Anais do 15º Encontro da Asphe – 2009 / Trabalho com acervo do Hisales;
6. *A coleção de livros didáticos para o ensino primário “Nossa terra nossa gente” e o Movimento da matemática moderna (1960-1980)* / Autoria: Antonio Mauricio Medeiros Alves / Anais do 16º Encontro da Asphe – 2010 / Trabalho com acervo do Hisales;
7. *A produção da coleção de livros didáticos Tapete verde na década de 70: considerações iniciais de pesquisa* / Autoria: Chris de Azevedo Ramil / Anais do 17º Encontro da Asphe – 2011 / Trabalho com acervo do Hisales;
8. *A produção didática da professora Maria de Lourdes Gastal (1945-1970): primeiros resultados de investigação* / Autoria: Cícera Marcelina Vieira / Anais do 17º Encontro da Asphe – 2011 / Trabalho com acervo do Hisales;
9. *Livros didáticos produzidos no Rio Grande do Sul: constituição e organização do acervo do grupo de pesquisa*

- Hisales* / Autoria: Antonio Maurício Medeiros Alves / Anais do 17º Encontro da Asphe – 2011 / Trabalho com acervo do Hisales;
10. *Sydia Sant'Anna Bopp: mapeando a produção de livros escolares durante a segunda metade do século XX no Rio Grande do Sul* / Autoria: Mônica Maciel Vahl / Anais do 17º Encontro da Asphe – 2011 / Trabalho com acervo do Hisales;
 11. *A produção da série de livros didáticos “Linguagem e Estudos sociais”: primeiras impressões* / Autoria: Mônica Maciel Vahl / Anais do 18º Encontro da Asphe – 2012 / Trabalho com acervo do Hisales;
 12. *Os carimbos como indício de circulação de livros didáticos nas escolas: um estudo de caso da Coleção Tapete Verde* / Autoria: Chris de Azevedo Ramil / Anais do 18º Encontro da Asphe – 2012 / Trabalho com acervo do Hisales;
 13. *A produção gaúcha de livros didáticos entre os anos de 1940 a 1980* / Autoria: Cícera Marcelina Vieira, Mônica Maciel Vahl, Chris de Azevedo Ramil e Francieli Daiane Borges / Anais do 19º Encontro da Asphe – 2013 / Trabalho com acervo do Hisales;
 14. *Aspectos da trajetória profissional da professora primária Cecy Cordeiro Thofehm e a matemática escolar (1941-1971)* / Autoria: Antonio Maurício Medeiros Alves / Anais do 19º Encontro da Asphe – 2013 / Trabalho com acervo do Hisales;
 15. *O circuito da produção de livros didáticos: o caso da coleção Tapete verde (década de 1970)* / Autoria: Chris de Azevedo Ramil / Anais do 19º Encontro da Asphe – 2013 / Trabalho com acervo do Hisales;
 16. *Relações entre as autoras de cartilhas, as editoras e o estado no Rio Grande do Sul entre as décadas de 1940 a 1970* / Autoria: Eliane Peres, Mônica Maciel Vahl e Chris de Azevedo Ramil / Anais do 19º Encontro da Asphe – 2013 / Trabalho com acervo do Hisales;

17. *Editora Tabajara: um estudo sobre o histórico e a produção de livros didáticos* / Autoria: Chris de Azevedo Ramil / Anais do 22º Encontro da Asphe – 2016 / Trabalho com acervo do Hisales;
18. *O uso da coleção de livros didáticos Estrada iluminada: levantamento das personagens em cadernos de alunos (Rio Grande do Sul, 1940-1980)* / Autoria: Tatiara Timm de Carvalho Herreira e Chris de Azevedo Ramil / Anais do 22º Encontro da Asphe – 2016 / Trabalho com acervo do Hisales;
19. *Textos literários nos livros didáticos produzidos por autoras gaúchas na segunda metade do século XX: um estudo no acervo do grupo de pesquisa História da alfabetização, leitura, escrita e dos livros escolares (Hisales-Fae/UFPel)* / Autoria: Jaqueline Thies da Cruz Koschier, Rozele Borges Nunes e Lucas Gonçalves Soares / Anais do 22º Encontro da Asphe – 2016 / Trabalho com acervo do Hisales;
20. *Um estudo sobre as operações aritméticas da soma e subtração em livros didáticos do ensino primário produzidos no Rio Grande do Sul (1960-1978)* / Autoria: Antonio Maurício Medeiros Alves / Anais do 22º Encontro da Asphe – 2016 / Trabalho com acervo do Hisales;
21. *O pré-livro Nossa terra nossa gente: a utilização do método global, da matemática moderna e de fotografias como recursos didático-pedagógicos* / Autoria: Indiará Gaia da Silva e Chris de Azevedo Ramil / Anais do 24º Encontro da Asphe – 2018 / Trabalho com acervo do Hisales;
22. *Representações de famílias compostas por pessoas negras em livros didáticos produzidos no Rio Grande do Sul (1948-1969)* / Autoria: Nathalie Rosario Jardim e Eliane Peres / Anais do 24º Encontro da Asphe – 2018 / Trabalho com acervo do Hisales;
23. *A geografia nos livros didáticos produzidos no Rio Grande do Sul no século XX* / Autoria: Dione Dutra Lihtnov / Anais do

25º Encontro da Asphe – 2019 / Trabalho com acervo do Hisales.

24. *“Este é um pequeno passo para o homem, mas um grande salto para a humanidade”*: o pré-livro *Céu azul* (Editora Tabajara, Rio Grande do Sul, 1970) / Autoria: Chris de Azevedo Ramil e Eliane Peres / Anais do 25º Encontro da Asphe – 2019 / Trabalho com acervo do Hisales;

A partir das três relações acima apresentadas, as 90 produções resultaram assim classificadas, considerando-se o Eixo de investigação com maior proximidade: 37 no Eixo 1; 29 no Eixo 2; 24 no Eixo 3. Entretanto, alguns destes textos podem ser também associados aos demais eixos, de acordo com as intersecções das temáticas tratadas. Além disso, neste montante, totalizou-se 61 trabalhos que aproveitaram os acervos do Hisales como objeto e/ou fonte de pesquisa.

Ainda é necessário afirmar que os temas evidenciados nos 3 Eixos de investigação do Hisales se utilizaram de diferentes referenciais teóricos para análise, levando em conta a pesquisa historiográfica nos acervos do Hisales e, em alguns casos em outros acervos, como o da Bibliotheca Pública Pelotense (BPP), por exemplo, bem como a variedade de conhecimentos específicos explorados nas investigações, atrelados à formação dos pesquisadores envolvidos⁸.

Considerações finais

Os resultados aqui mostrados evidenciam a presença efetiva dos integrantes do centro de memória e pesquisa Hisales junto à trajetória da Asphe, nos encontros anuais que reúnem pesquisadores de distintas

⁸ Entre as áreas de formação acadêmica dos pesquisadores que integraram o Hisales, incluindo-se os graduandos, pós-graduandos e professoras coordenadoras, estão: Pedagogia, Matemática, História, Geografia, Letras, Biblioteconomia, Design Gráfico, Artes Visuais, Terapia Ocupacional, entre outras.

temáticas relacionadas à História da Educação, desde 2006, ano de criação do seu grupo de pesquisa. Pode-se considerar que são números expressivos de publicações nos Anais publicados, identificados em 90 trabalhos, 13 encontros da Asphe e 41 autores envolvidos nas produções.

Constatou-se que as pesquisas apresentadas pelos integrantes do Hisales nesses eventos se inserem entre os 3 principais eixos de investigação do centro, quais sejam: Eixo 1 – “História da Alfabetização e da Escolarização”; Eixo 2 – “Práticas escolares e não-escolares de leitura e escrita”; Eixo 3 – “Conteúdo, visualidade e materialidade em livros didáticos, impressos pedagógicos e materiais escolares”. Neste sentido, essas produções acadêmicas e científicas reconhecem e fortalecem a missão do Hisales, constituído por um arquivo especializado nas temáticas da alfabetização, leitura, escrita e dos livros escolares, que salvaguarda diferentes acervos, para a preservação da memória e da história da escola e que investe no fomento à pesquisa há 15 anos.

Sabe-se que esses dados também decorrem do estímulo à participação, apresentação e publicação das pesquisas desenvolvidas junto ao Hisales, nos encontros que a Asphe realiza anualmente. Por isso, a presença do grupo, através desse incentivo ano a ano, contribui também para a constituição da história do Hisales e para a história dos encontros da Asphe, sendo esta já marcada pela frequência tradicional daqueles pesquisadores que habitualmente se encontram nesse evento.

É importante, sobretudo, reconhecer a relevância dos encontros da Asphe, que em 2021 chega a sua 26ª edição alusiva aos 25 anos de fundação, como um espaço oportuno para debate entre os pares e pelo aperfeiçoamento formativo e investigativo sobre a produção histórico-educacional que propiciam aos participantes. Neste sentido, acredita-se que os integrantes do Hisales têm aproveitado os encontros da Asphe, desde 2006, para ampliar o conhecimento, compartilhar as pesquisas realizadas, dar visibilidade aos resultados das investigações

e fortalecer a sua inserção no campo da pesquisa em História da Educação.

Deixamos, portanto, um pouco da história de participação do grupo do centro de memória e pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares – Hisales nos encontros da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe, na certeza de que contribuímos também com a construção e a memória desta Associação e, por consequência, com a História da Educação.

Referências

PERES, Eliane T. A constituição de um arquivo e a escrita da história da educação: do gesto artesão à prática científica. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 19, p. e067, 16 jun. 2019.

PERES, Eliane T.; RAMIL, Chris de Azevedo. Mulheres gaúchas autoras de livros didáticos (1940-1980). In: PERES, Eliane Teresinha; RAMIL, Chris de Azevedo (org.). **Produção e circulação de livro didáticos no Rio Grande do Sul nos séculos XIX e XX**. Curitiba: Appris, 2018.

PERES, Eliane T.; RAMIL, Chris de Azevedo. A constituição dos acervos do grupo de pesquisa História da alfabetização, leitura, escrita e dos livros escolares e sua contribuição para as investigações em educação. **Revista História da Educação**, Porto Alegre, v. 19, n. 47, p. 297-311, set./dez. 2015.

PERES, Eliane; BASTOS, Maria Helena Camara. Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe: a trajetória de uma rede de historiadores. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 34, p. 221-227, 2001.

TATU, Repositório Digital. Repositório digital de História da Educação. Unipampa. **Anais dos Encontros da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação**. Disponível em: <http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/asphe-anais-encontros/>. Acesso em: 08 jul. 2021.

Preservar as Memórias da Educação: o CEMESSC vai às Escolas

Giani Rabelo

Marli de Oliveira Costa

Cintia Gonçalves Martins

Introdução

Esse artigo apresenta e problematiza algumas questões suscitadas durante o desenvolvimento do projeto de pesquisa e de extensão intitulado “A Situação do Acervo Documental das Escolas que compõem o Centro de Memória da Educação do Sul de Santa Catarina (CEMESSC): Diagnóstico e Orientações para Conservação e Preservação” (primeira e segunda etapa), desenvolvido entre os anos de 2015 e 2017. O referido projeto foi executado pelos Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação-GRUPEHME, com o envolvimento de alguns de seus membros, do Centro de Memória e Documentação da UNESCO (CEDOC) e bolsista¹.

O CEMESSC² abriga 617 (seiscentos e dezessete) documentos digitalizados de 27 (vinte e sete) escolas da rede estadual de educação de Santa Catarina. Documentos que guardam aspectos da rotina dessas escolas em várias temporalidades. Após concluir a formatação do Centro de Memória, os/as pesquisadores/as responsáveis realizaram o que denominamos de “devolutiva” às escolas envolvidas. Retornou-se

¹ Participaram deste trabalho de forma mais ativa Taise Machado Figueiredo e Selma Tereza Leepkahn Dassi do CEDOC/UNESC; professores/as Ismael Gonçalves Alves e Michele Gonçalves Cardoso membros do GRUPEHME e Filipe Ricardo da Cruz (bolsista) do projeto.

² A experiência forjada durante o processo de implantação do referido Centro foi relatada e problematizada no artigo denominado "Centro de Memória da Educação do Sul de Santa Catarina (CEMESSC) e os estudos sobre a cultura escolar", de autoria de Giani Rabelo e Marli de Oliveira Costa (2014).

as escolas e na ocasião foram realizadas orientações acerca da importância da preservação desses acervos, entre 2015 e 2017.

O projeto, objeto de discussão deste artigo, teve como objetivos: apresentar o site do CEMESSC às escolas envolvidas e o seu funcionamento; diagnosticar e avaliar a situação atual dos acervos documentais das escolas durante o retorno às mesmas; sensibilizar as equipes diretivas e professores/as em relação à preservação do patrimônio educativo de modo a refletir sobre os seus usos para o fortalecimento da relação de pertencimento e identidade da comunidade escolar, bem como orientar as escolas sobre a preservação e conservação preventiva dos acervos e além disso, oportunizar a visibilidade do CEMESSC na região sul de Santa Catarina.

O patrimônio educativo tem conquistado, nas últimas décadas, um lugar de destaque nos estudos e ações entre os/as historiadores/as da educação, no Brasil e em outros países. O tema, no entanto, sofre algumas variações, por isso pode-se encontrar estudos que denominam a temática como: patrimônio escolar, patrimônio histórico-educativo, patrimônio cultural educativo, patrimônio histórico escolar entre outros.

Neste texto utilizaremos o termo Patrimônio Educativo pela seguinte razão: por entendermos que ele é mais abrangente, pois inclui instituições que amparam suas ações em objetivos que resultam em ações educativas, afinal o processo educativo não ocorre somente nas escolas.

Quanto ao termo patrimônio, compreendemos que o mesmo se constitui na e pela cultura e compõe o espólio que herdamos das gerações passadas e que comunicamos às futuras gerações e que só existe a partir da sua relação com a história, a cultura e o ambiente.

Vânia Maria Siqueira Alves (2016, p. 29) ao parafrasear Hugues de Veine (2012) argumenta que:

O patrimônio, sob suas diferentes formas, é o húmus para o desenvolvimento local que só se faz com participação efetiva, ativa e consciente da comunidade que detém esse patrimônio. É um capital real, presente para o desenvolvimento, um fator de consciência coletiva, pois deve viver, produzir, transformar para permanecer útil, necessita do reconhecimento e ação de comunidade.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, classifica o patrimônio em: Patrimônio Cultural, Patrimônio Histórico e Patrimônio Ambiental. Em relação ao "Patrimônio Cultural", é preciso entender ainda que os bens culturais se manifestam de duas formas: os de natureza material e imaterial que incluem, conforme a Constituição Federal do Brasil, em seu artigo 216, na sessão II: "I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, os objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico e artístico (BRASIL, 1988, p. 120).

O Iphan (2017) apresenta as seguintes definições: o material reúne os bens históricos; belas-artes e de artes aplicadas e os arqueológicos, paisagístico e etnográfico. Já por bens imateriais compreendem-se as práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas, entre outras.

Conscientes da complexidade e amplitude do termo patrimônio associado ou não ao termo educativo, informamos que neste projeto o uso do conceito "Patrimônio Educativo" estará restrito à instituição escolar, bem como suas manifestações históricas e culturais (materiais e imateriais). Ao corroborar com as reflexões de Mogarro (2005, p.91) sobre a instituição escolar, entendemos que esta "[...] constitui o universo de uma cultura própria e sedimentada historicamente, sendo

também a produtora dos traços/ documentos dessa cultura", que pode ser material ou imaterial, segundo o conceito de patrimônio cultural já mencionado.

O processo da continuação da devolutiva do CEMESSC pelo projeto, nesse artigo apresentado, foi um trabalho coletivo que envolveu pesquisadores/as e bolsistas do GRUPEHME em parceria com os membros do Centro de Memória e Documentação (CEDOC) da UNESCO. Nossas ações, durante a devolutiva, foram movidas pelo desejo de memória a partir da compreensão de que “O que nós chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de nos lembrar” (NORA, 1993, p. 15). Assim nossa motivação se deu pelo desejo de preservar e valorizar o patrimônio educativo junto às comunidades escolares.

A devolutiva, neste caso, significa devolver algo que pertence às escolas que participaram da criação do CEMESSC ao autorizarem que parte de seus acervos documentais permanentes fossem digitalizados e disponibilizados em meio virtual na *internet*. Acreditamos que a existência do CEMESSC não pode ser de conhecimento apenas do meio acadêmico, aliás a sua existência só se justifica se as comunidades escolares, representadas por seus alunos/as, professores/as e funcionários/as, puderem usar os documentos que ali se encontram.

Partimos do pressuposto de que sem conhecimento não há preservação, portanto, é imprescindível que as comunidades conheçam os acervos documentais de suas escolas e atribuam significados aos mesmos para assim preservá-los. Durante o retorno, às escolas desenvolvemos as seguintes atividades: apresentação do CEMESSC e seu funcionamento, oficina de “Higienização e conservação preventiva em documentos” e aplicação de um

questionário junto às equipes diretivas, de modo a diagnosticar a situação dos arquivos escolares, visto que no processo de implementação do CEMESSC os membros do GRUPEHME já haviam identificado problemas com a preservação e a armazenamento dos documentos. Portanto, o retorno às escolas teve por objetivo central apresentar o CEMESSC às escolas e sensibilizar suas equipes acerca da preservação do patrimônio educativo.

De modo a discorrer sobre esta experiência, este artigo se desenvolve em dois momentos: no primeiro apresentamos as escolas envolvidas nas duas etapas do projeto e o relato da oficina de “Higienização e conservação preventiva em documentos”, problematizando alguns conceitos neste campo e, posteriormente, analisamos as informações obtidas a partir dos questionários distribuídos às equipes diretivas de cada escola visitada. Tal instrumento objetivou diagnosticar a situação dos arquivos escolares, principalmente os considerados históricos, assim como o entendimento dos gestores e gestoras sobre o processo de conservação e preservação dos documentos junto às comunidades escolares.

Apresentando o CEMESSC às escolas da região sul de Santa Catarina: sensibilizando para a preservação

O projeto discutido nesse artigo teve sua primeira etapa entre o segundo semestre de 2015 e o primeiro semestre de 2016, momento em que foram visitadas 10 (dez) escolas de educação básica estadual, sendo elas: E.E.B. Visconde de Taunay localizada no município de Lauro Muller; E.E.B. Professora Salete Scotti em Içara; E.E.B. Princesa Isabel em Morro da Fumaça; E.E.B. José do Patrocínio em Siderópolis; E.E.B. Udo Deeke em Treviso; E.E.B. Castro Alves em Araranguá; E.E.B. Manoel Gomes Baltazar/Maracajá; E.E.B.

AngeloIzé/Forquilha; E.E.B. Julieta de Torres Gonçalves em São Bento Baixo e E.E.B. Professora Eulina Heleodoro Barreto em Imaruí.

Na segunda etapa do projeto, ocorrida entre o segundo semestre de 2016 e o primeiro semestre de 2017, foram visitadas mais 13 (treze) escolas, a saber: E.E.B. Barão do Rio Branco em Urussanga; E.E.B. Pedro Simon em Ermo; E.E.B. Jacinto Machado em Jacinto Machado; E.E.B. de Meleiro em Meleiro; E.E.B. Catulo da Paixão Cearense em Sombrio; E.E.B. Professora Maria Solange Lopes de Borba em São João do Sul; E.E.B. Jorge Schutz em Turvo; E.E.B. Governador Ildo Meneghetti em Passo de Torres; E.E.B. Henrique Lage em Imbituba; E.E.B. Dom Joaquim em Braço do Norte; E.E.B. Costa Carneiro em Orleans; E.E.B. Marechal Francisco Carlos da Luz em Jaguaruna e E.E.B. Hercílio Luz em Tubarão. Ao todo foram 23 escolas visitadas.

As quatro escolas restantes, que fazem parte do CEMESSC, não dispuseram de um horário junto aos/às professores/as e equipes diretivas para receberem os pesquisadores e pesquisadoras, foram, sendo elas: E.E.B. Padre Shuller em Cocal do Sul; E.E.B. Professor Lapagesse em Criciúma; E.E.B. Timbé do Sul em Timbé do Sul e E.E.B. Bulcão Viana em Praia Grande.

O retorno às escolas ocorreu com a participação efetiva de bolsistas de Iniciação Científica que foram devidamente preparados para que pudessem atuar em conjunto com os membros do GRUPEHME e do CEDOC. Tal preparação seguiu um Plano de Trabalho elaborado a partir de procedimentos metodológicos embasados em um referencial teórico acerca do tema preservação do Patrimônio Educativo.

Para revisitarmos as escolas, realizamos um contato prévio, via telefone, com o/a gestor/a escolar para marcar o dia e horário da visita. As escolas disponibilizaram em torno de duas horas para cada encontro. Ao chegarmos nas escolas fomos encaminhados para uma

sala com equipamento de multimídia (Datashow), de acordo com a solicitação antecipada. A maior parte das reuniões contou com a presença de um grande número de professores/as e alguns funcionários/as, pois boa parte destes encontros foram incluídos como ponto de pauta de reuniões pedagógicas.

Primeiramente, realizamos uma breve explanação teórica sobre os temas preservação do patrimônio educativo e cultura escolar, seguido de uma exposição sobre o processo de implantação do CEMESSC e seus objetivos. De modo a tornar algo mais tangível para os/as participantes, distribuimos um encarte explicativo sobre o CEMESSC e mostramos como acessar o *site* e a sua base de dados. Seguem algumas imagens dos encontros:

Figura 1 – Apresentação do CEMESSC na E.E.B. Udo Deecke (Treviso/SC – 18/02/2016)



Fonte: Acervo digital do GRUPEHME.

Figura 2 – Apresentação do CEMESSC na E.E.B. Barão do Rio Branco (Urussanga/SC, 26/09/2016)



Fonte: Acervo digital do GRUPEHME.

Figura 3 – Apresentação do CEMESSC na E.E.B. Princesa Isabel (Morro da Fumaça, 18/02/2016)



Fonte: Acervo digital GRUPEHME.

Também discorremos sobre algumas pesquisas acadêmicas que tiveram no CEMESSC o lócus de investigação, isso para estimular professores/as e as próprias equipes diretivas a utilizarem os documentos como *corpus* para possíveis investigações com seus alunos/as, dentro ou fora da sala de aula.

Costa e Câmara (2010) apontam para o desenvolvimento de metodologias de pesquisa sobre a história das escolas, como primeiros espaços vividos pelas crianças. Atividades que podem ser realizadas a partir de investigações em documentos antigos preservados nos próprios educandários, levando os estudantes a ampliarem conhecimentos e reconhecerem o lugar que estudam como um local cheio de “Agoras”, que se manifestam em diferentes temporalidades. Tratam-se de temas que estão previstos para os anos iniciais do Ensino Fundamental e que ajudam na construção dos conceitos de tempo, memória e identidade.

Um dos pontos bastante frisados na primeira parte da exposição ancorou-se na premissa de que o documento digitalizado não substitui o impresso. Por isso, a importância da preservação do espólio documental de cada escola, na sua forma original.

Sabemos que o documento em formato digital ajuda a preservar o original o que evita o seu manuseio, mas em contraposição à ideia de que a digitalização deve “conduzir à relegação ou à destruição dos objetos impressos do passado”, como aponta Chartier (2002, p. 29). Para o autor “[...] como leitores, como cidadãos, como herdeiros do passado, devemos, pois, exigir que as operações de digitalização não ocasionem o desaparecimento dos objetos originais e que seja sempre mantida a possibilidade de acesso aos textos tais como foram impressos e lidos em sua época” (CHARTIER, 2002, p. 29).

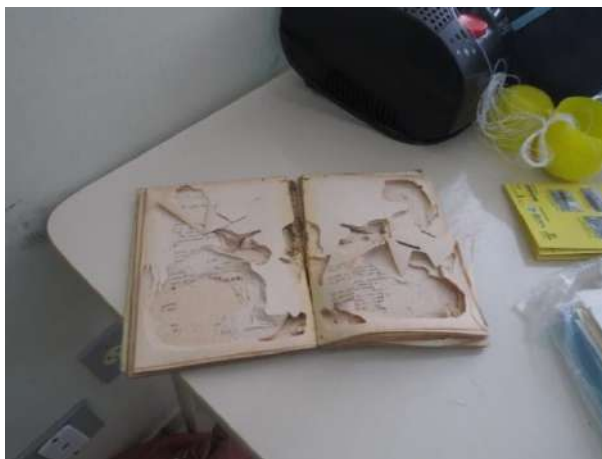
Na sequência, sob responsabilidade do CEDOC, foi oferecida a oficina “Higienização e conservação preventiva em documentos”, que buscou orientar para alguns cuidados básicos imprescindíveis para a conservação preventiva dos documentos em suporte papel.

No domínio da arquivística o termo preservação compreende toda a ação voltada para a salvaguarda de diferentes registros documentais, enquanto a conservação preventiva pressupõe várias ações administrativas, políticas e operacionais de cunho estratégico

que colaboram, direta ou indiretamente, para a garantia da integridade dos acervos e dos espaços que os abrigam. São medidas que servem para prevenir ou também retardar a degradação do documento, que envolvem adequações do meio ambiente, as formas de acondicionamento e o acesso (SPINELLI; BRANDÃO E FRANÇA, 2011).

Para sensibilizar e apresentar como prevenir a deterioração dos documentos, explanamos sobre os agentes de degradação internos e externos que podem danificar os arquivos escolares, incluindo os agentes físicos (luz, temperatura e umidade relativa do ar), químicos (poluição ambiental, poeira), físicos mecânicos (guarda inadequada, manuseio incorreto, desastres ambientais) e biológicos (bactérias, fungos, traças, baratas, cupins, brocas e piolhos e roedores). Para exemplificar levamos alguns livros danificados que foram atacados por insetos., conforme ilustração que segue:

Figura 4 – Demonstração de um livro atacado por insetos na E.E.B. Castro Alves (Araranguá/SC – 19/02/2016)



Fonte: Acervo digital do GRUPEHME.

Ainda destacamos que o simples manuseio cotidiano dos documentos escolares em suporte papel é o suficiente para comprometê-los, dado que a gordura e o suor das mãos produzem acidez e manchas quando em contato com o papel, sendo necessário o uso de luvas apropriadas para o manuseio. Ademais, alertamos sobre os rasgos, riscos, dobras, anotações, cliques e grampos metálicos, colas e fitas que notificam algumas ações habituais sobre o documento que não colaboram para a sua preservação e podem causar danos irreversíveis.

Figura 5 – E.E.B. Visconde de Taunay (Lauro Muller/SC, 10/07/2017)



Fonte: Acervo digital do GRUPEHME

Dando prosseguimento, apresentamos e discutimos algumas técnicas simples de conservação preventiva, destacando a higienização, a remoção de cliques e grampos metálicos, bem como de colas e fitas, o acondicionamento, os pequenos reparos e o armazenamento correto.

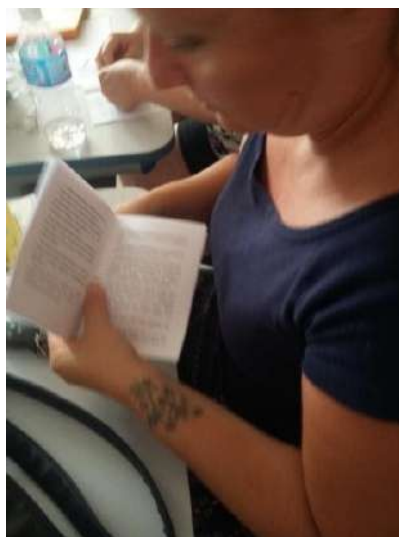
Figura 6 – Oficina de Higienização e conservação preventiva em documentos na E.E.B. Ângelo Izé (Forquilha/SC, 08/12/2015)



Fonte: Acervo digital do GRUPEHME.

Como atividade prática, ensinamos aos/às participantes como substituir os cliques e grampos metálicos pela costura. Esta técnica foi demonstrada e praticada por meio da confecção de um pequeno caderno, servindo inclusive para ser utilizado como modelo em atividades junto aos estudantes, como o demonstrado na imagem que segue. Neste pequeno caderno havia a receita de um sachê para afugentar os insetos, o qual foi também confeccionado durante a oficina.

Figura 7 – Oficina de higienização e conservação preventiva em documentos na E.E.B. Barão do Rio Branco (Urussanga/SC, 26/09/2016)



Fonte: Acervo digital do CEMESSC.

Em todos os momentos, incluindo a apresentação do CEMESSC e da oficina “Higienização e conservação preventiva em documentos” as orientações aconteceram de forma dialogada, a partir das dúvidas e questionamentos dos/as participantes sobre como pesquisar no site do CEMESSC e como preservar os documentos de suas escolas.

O fio condutor das reuniões amparou-se na necessidade de as escolas preocuparem-se em promover a conservação preventiva tendo como mote o lema “conservar para não restaurar”. Restaurar implica em gastos elevados e na contratação de técnicos especializados. Medidas simples como profilaxia, manuseio correto e boa ventilação no local onde o acervo está armazenado podem prolongar a vida dos documentos.

Após a finalização das reuniões de devolutiva do CEMESSC e de sensibilização para a importância e necessidade da preservação

preventiva dos documentos escolares procuramos obter dados para esboçar um diagnóstico da condição dos arquivos escolares.

Diagnóstico da situação dos arquivos escolares: conservação e preservação

O arquivo escolar deveria ser um local no qual estivessem reunidos, acondicionados, preservados e organizados os documentos gerados durante a trajetória da instituição. Além de os documentos estarem classificados, ordenados e conservados, deveriam também estar acessíveis às pessoas interessadas pertencentes ao corpo funcional do estabelecimento ou da comunidade escolar. Para além do acesso, o arquivo escolar deve ser um espaço de difusão de informações, pois documentos salvaguardados testemunham a vida dos sujeitos que fizeram parte do itinerário da instituição escolar.

Foi com este entendimento que solicitamos a gestão escolar a autorização para fotografar os locais onde estavam guardados os documentos do arquivo permanente das 23 (vinte e três) escolas. Logo após, deixamos um questionário com 12 (doze)³ questões para que a equipe diretiva respondesse e nos enviasse por e-mail. Entretanto, enviamos com antecedência a versão online, antes de nos deslocarmos até a escola.

Das 23 (vinte e três) unidades de ensino visitadas durante o trabalho de devolutiva do CEMESSC, 20 (vinte) retornaram com os questionários respondidos, tratando-se de um número representativo e possível de oferecer um panorama muito próximo da realidade dos arquivos escolares, com ênfase nos arquivos permanentes.

Os eixos abordados foram os seguintes: condições dos locais de armazenamento e características físicas; tipos de sistematização e organização dos acervos documentais; práticas de preservação e

³ Das 12 (doze) questões, duas eram objetivas e as demais dissertativas.

restauro de documentos; documentos antigos mais preservados; processo de avaliação para o descarte e destino dos documentos eliminados; práticas de digitalização; profissionais responsáveis pelos acervos documentais; utilização dos documentos mais antigos em disciplinas/atividades didáticas; cuidados no manuseio dos documentos e equipamentos disponíveis; relevância dos documentos antigos para a comunidade escolar e, por último, avaliação da equipe diretiva sobre o trabalho de devolutiva do CEMESSC realizada pelos membros do GRUPEHME e CEDOC.

De acordo com as orientações técnicas do Conselho Nacional de Arquivos- CONARQ, os documentos arquivísticos são identificados como correntes, intermediários e permanentes.

Arquivo corrente ou de primeira idade – conjunto de documentos, em tramitação ou não, que, pelo seu valor primário, é objeto de consultas frequentes.

Arquivo intermediário ou de segunda idade – conjunto de documentos originários de arquivos correntes, com uso pouco frequente, que aguardam eliminação ou recolhimento para guarda permanente.

Arquivo permanente ou de terceira idade – conjunto de documentos que já cumpriram as finalidades de sua criação, mas são preservados em razão de seu valor secundário, ou seja, probatório, informativo, histórico, cultural ou de pesquisa, para consulta pela entidade que os produziu ou por terceiros (CONSELHO..., 2014, p. 57).

De acordo com esta identificação e classificação, podemos inferir que os arquivos intermediários se tornarão, com o tempo, os arquivos permanentes de uma instituição. Nesse viés, a conservação preventiva deve iniciar já no momento em que os documentos estiverem compondo os arquivos de primeira idade, ou seja, os arquivos correntes.

Quanto às condições dos locais onde os documentos mais antigos das escolas encontram-se guardados, em termos quantitativos,

45% (9) responderam que os documentos estavam em locais apropriados, 15% (3) argumentaram que estavam em lugares não apropriados e 40% (8) responderam que os locais são parcialmente apropriados. Portanto, a maior parte das equipes diretivas compreende que os documentos que compõem o arquivo permanente estão em boas ou satisfatórias condições de acondicionamento.

No entanto, ao detalhar um pouco mais a condição desses locais fica evidente que boa parte dos documentos se encontram armazenados em armários fechados ou prateleiras de madeira, localizadas nas salas das direções ou das secretarias das escolas. Sabemos que há uma indicação de que os arquivos permanentes sejam armazenados em locais específicos e com boa ventilação e em estantes e armários de aço, com o intuito de evitar a proliferação de insetos, contribuindo para o maior tempo de vida dos documentos.

O uso da estante, mesmo sendo de aço, pode comprometer a vida do documento. Na E.E.B. Governador Ildo Meneghetti os documentos mais antigos ficam na sala da Secretaria, em arquivos de aço, no entanto este encontra-se enferrujado, o que coloca os documentos em risco, pois a ferrugem pode migrar facilmente para o papel e causar sérios danos, alguns irreversíveis.

Como exemplo de uma boa prática voltada para o arquivo permanente podemos apontar o caso da E.E.B. Udo Deeke. Nela, os documentos antigos estão “abrigados da luz, em prateleiras apropriadas, em caixas para arquivos de plástico [polionda] e em local exclusivo para arquivo de documentos”.

Quando guardados em lugares específicos, separados dos arquivos correntes e temporários, muitos se referem a este espaço como “arquivo morto”. Algumas escolas também os armazenam em almoxarifados, dividindo o espaço com outros objetos (equipamentos em desuso ou para jardinagem e manutenção) e/ou com materiais pedagógicos/administrativos e/ou com materiais de limpeza.

O “arquivo morto” apresenta-se como depósito de “papéis velhos”, considerado sem importância. Geralmente, são consultados quando há a solicitação de documentos comprobatórios por parte de ex-estudantes ou ex-funcionários

Para a história esses locais podem ser chamados de “lugar do morto”. O morto entendido como passado. Michel de Certeau (2000) em seu clássico “A escrita da história” problematiza como a escrita da história pode exorcizar a morte. Assim, se tais “arquivos mortos” forem tomados como lugares de memória, lembrando o historiador Pierre Nora (1993), poder-se-á criar espaços de possibilidade para a compreensão e a relação entre várias temporalidades, no caso da educação, vários olhares podem ser lançados à medida que o patrimônio educativo e os arquivos escolares forem preservados.

No entanto, a situação é preocupante, pois estes locais não estão livres de umidade, falta de ventilação, além do convívio com materiais e substâncias que colocam em risco a preservação dos documentos. É notório que todos os documentos devem ser armazenados em locais que apresentem condições ambientais apropriadas às suas necessidades de preservação. Inclusive, é preciso considerar que os documentos têm variados suportes de diferentes tamanhos, por exemplo. Sabemos que nas escolas um dos grandes problemas é a falta de espaço físico adequado para este fim e de profissionais especializados, bem como a falta de manutenção das estruturas físicas.

Além do que, dependendo do nível de contaminação dos documentos por fungos ou outros micro-organismos, o manuseio poderá causar sérios problemas de alergia e irritação nos/as profissionais que lidam com os arquivos escolares. Para o manuseio dos documentos mais antigos, as escolas não dispõem de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), como: luvas, máscaras, aventais, jalecos, óculos, protetores de manga, etc. O indicado é sempre usar luvas (de látex ou de algodão) no momento em que se vai

manusear os documentos do arquivo permanente, mesmo que o documento não apresente risco aparente. Após o manuseio indica-se a lavagem das mãos.

Quando o documento apresenta sinais de contaminação o uso de máscaras e óculos torna-se imprescindível. Se houver organização ou transferência destes documentos de um lugar para outro é indicado o uso de aventais e jalecos, pois o pó e micro-organismos ali presentes podem se alojar nas roupas daqueles que os manuseiam. Diante deste contexto, o “arquivo morto” ou arquivo permanente, dependendo das condições, pode representar um sério risco para a saúde dos/as profissionais que atuam neste campo, cabendo ao poder público orientar e investir na compra de equipamentos.

Mesmo havendo a predominância do emprego do termo “arquivo morto”, há indícios de que esta designação vem passando por um processo de resignificação nas escolas. Na E.E.B. Dom Joaquim a equipe diretiva denomina o local de “Sala de Memória”, sobretudo, apresenta preocupação em relação à documentação por não saberem como proceder corretamente na sua preservação.

Outra questão que tem contribuído para danificar os documentos dos arquivos permanentes são as reformas nos edifícios escolares, como é o caso da E.E.B. Professora Eulina Heleodoro. De acordo com a equipe diretiva, “alguns deles foram danificados em função da falta de cuidados na época em que o prédio foi demolido para a construção de uma nova escola, não existindo o cuidado ideal por parte das pessoas que realizaram o manuseio e a guarda temporária”. No caso da E.E.B. Catulo da Paixão Cearense, a situação é no mínimo preocupante, pois alguns documentos estão na casa de uma supervisora aposentada e lá ficarão até o momento que a reforma do edifício escolar estiver concluída.

O sistema de organização dos documentos varia de acordo com as definições dos/as responsáveis pelo cuidado e manuseio. Na maior

parte dos casos, os documentos dos arquivos correntes, temporários e permanentes são organizados em ordem alfabética (A-Z) ou em ordem cronológica. Segue o exemplo da E.E.B. Udo Deeke: “São arquivados por ordem cronológica (exemplo, livro ponto) e/ou por ordem alfabética (exemplo, registro de alunos). Todas as caixas são identificadas com seus conteúdos (documentos de alunos, professores e administrativo)”.

Apenas uma escola faz referência ao livro de registro com a listagem e localização dos documentos. De acordo com a equipe diretiva da E.E.B. Visconde de Taunay, “os documentos mais antigos estão organizados em livros de registros, fichas guardadas em caixas. Temos todos os registros desde a primeira turma que estudou nesta unidade escolar”. Tal procedimento é fundamental, pois permite que qualquer membro da escola recupere a informação de forma mais ágil, além disso, permite que profissionais recém-contratados para a parte administrativa da escola encontrem e deem continuidade ao sistema de organização e identificação dos documentos.

Importante enfatizar que não há um sistema ideal de organização dos documentos, cada escola pode encontrar ou inventar o seu, desde que o conhecimento de como funciona o sistema não fique centralizado em uma única pessoa.

Para o acondicionamento dos documentos mais antigos em suporte papel são utilizadas, em geral, pastas plásticas [polionda] e/ou caixas arquivo de papelão. Sobre esta questão, o Conselho Nacional de Arquivo (2005, p.15) recomenda que:

Todos os materiais usados para o armazenamento de documentos permanentes devem manter-se quimicamente estáveis ao longo do tempo, não podendo provocar quaisquer reações que afetem a preservação dos documentos. Os papéis e cartões empregados na produção de caixas e invólucros devem ser alcalinos e corresponder às expectativas de preservação dos

documentos. No caso de caixas não confeccionadas em cartão alcalino, recomenda-se o uso de invólucros internos de papel alcalino, para evitar o contato direto de documentos com materiais instáveis.

Sabemos que as escolas dispõem de poucos recursos e orientações para a confecção ou compra dos materiais necessários para o correto acondicionamento dos diversos documentos produzidos no seu interior ou que chegam de outras instituições para as atividades administrativas ou pedagógicas. Estes podem ser textuais, cartográficos, iconográficos, cinematográficos, micro gráficos e sonoros. Também podem e são de variados tamanhos. Percebemos que as escolas estão carentes destas orientações, necessitando urgentemente de formação dos profissionais da área da arquivística.

Uma das preocupações muito recentes recai sobre a preservação, organização e o acesso aos documentos digitais. A mesma escola que considera ter um bom sistema de organização de arquivo permanente, a E.E.F. Visconde de Taunay, nos informou que “os documentos mais recentes, a partir de 1991, estão sistematizados em um programa de computador criado pela Secretaria de Educação de Santa Catarina”.

Na mesma esteira, segue o depoimento da equipe diretiva da E.E.B. Manoel Gomes Baltazar, ao mencionar que “os antigos pertencem ao arquivo morto, os documentos recentes são organizados em pastas ou salvos em Pen Drive”. O mesmo vem ocorrendo com as fotografias, e isso fica evidente na manifestação da E.E.B. Jacinto Machado, quando explicita que “as fotos antigas estão arquivadas em álbuns, guardados em uma caixa. As fotos mais recentes encontram-se em arquivos nos computadores da escola”.

Tais manifestações nos deixam em estado de alerta, pois compreendemos que tal quadro é preocupante para todos/as estudiosos/as do campo do patrimônio, seja ele educativo ou cultural. Daqui há dez ou vinte anos como estará o acesso a estes documentos?

Preservar o arquivo corrente ou intermediário é algo imprescindível para a escola poder ampliar seu arquivo permanente, pois sem os documentos em forma impressa os arquivos permanentes físicos desaparecerão.

Vivemos um momento em que os documentos digitais estão ganhando a preferência das instituições em substituição aos documentos em suporte papel, talvez esse seja um dos principais desafios para nós historiadores/as que atuam no campo de pesquisa e preservação do patrimônio educativo. Um exemplo disso é a implantação do Gerenciamento Eletrônico do Documentos (GED) pela Secretaria de Educação (SED) de Santa Catarina. Consta na página da secretaria a seguinte informação:

As escolas da rede estadual catarinense têm por obrigação armazenar o histórico escolar dos alunos e informações referentes à contratação/registo dos professores em seus arquivos. Estes dados são armazenados em papel, dificultando o acesso e manuseio com o passar do tempo. Por isso, o objetivo do projeto é colocar as informações escolares num formato digital, com indexação e armazenamento em uma infraestrutura de banco de dados, da qual o documento poderá ser encontrado facilmente por meio de sistemas corporativos, tais como o SISGESC (SED, 2021, p. 1).

A digitalização é um processo que converte o documento físico em formato digital, por sua vez, estes podem ser armazenados em discos rígidos, bem como em dispositivos como pen drives, HD externo, CDs, DVDs e banco de dados. Neste caso, o armazenamento desta documentação depende das várias mídias e suportes que estão em constante mudança, podendo ocorrer inclusive falhas nos equipamentos ou dispositivos no momento do acesso.

Entendemos que a digitalização é um procedimento importante e necessário em uma instituição, mas não pode significar a eliminação

dos documentos em suporte papel, ou seja, sua digitalização deveria servir para facilitar o acesso e não para substituir o suporte físico.

Em termos de preservação, a microfilmagem seria o recurso mais indicado para o armazenamento e preservação das informações, pois capta através de um processo fotográfico as imagens dos documentos. Para a atual legislação, o documento apenas digitalizado não tem o valor legal como tem o documento microfilmado, por esta razão um documento em suporte papel não pode ser descartado. No entanto, não podemos desconsiderar as vantagens da digitalização, que é o acesso mais rápido e por um número maior de pessoas e, se estiver disponível na *internet*, não há a necessidade de deslocamentos dos consulentes até a instituição.

Quanto à prática da preservação dos documentos mais antigos, as equipes diretivas, em geral, apontam que este processo se dá pelo armazenamento e manuseio correto dos documentos a fim de evitar danos, bem como mantê-los com uma boa organização e limpos e, quando necessário, se realiza o descarte. De acordo com o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005, 135), preservação consiste na “Prevenção da deterioração e danos em documentos por meio de adequado controle ambiental e/ou tratamento físico e/ou químico”.

Parece haver certa confusão entre os conceitos de preservação e armazenamento. Tal confusão fica mais explícita quando a equipe diretiva da E.E.F. Visconde de Taunay argumenta: “Nesta unidade escolar sempre valorizamos a preservação dos documentos mais antigos, fotos da escola de ex-professores, ex-alunos e eventos. Sempre que realizamos eventos na escola são registrados através de fotos, filmagens e relatórios”. Na verdade, aqui está havendo referência ao armazenamento dos documentos e à produção de novos documentos.

Em relação à prática de restauração de documentos, não há indícios de que seja algo comum nas escolas. Tal procedimento não

ocorre por não haver profissionais e nem recursos para esse tipo de ação. Importante assinalar que a restauração de um documento consiste em “um conjunto de medidas que objetivam a estabilização ou a reversão de danos físicos ou químicos adquiridos pelo documento ao longo do tempo e do uso, intervindo de modo a não comprometer sua integridade e seu caráter histórico” (COSTA, 2003, p. 3).

Em muitos casos é feita colagem quando os documentos estão rasgados, mas sem o uso de material adequado dentro das técnicas de restauração de documentos no suporte papel. Tal prática indica a necessidade de uma orientação, pois pequenos e corretos procedimentos podem garantir a sobrevivência por mais tempo do documento.

Os documentos escolares priorizados no arquivamento, na visão das equipes diretivas, são todos aqueles que envolvem a vida dos/as estudantes, professores/as e funcionários/as, bem como livros ata de reuniões, registros da Associação de Pais e Professores (APP), livros ponto, diários de classe, fichas de matrícula, admissões, prestações de contas, fotografias, históricos escolares, etc. Ou seja, a grande maioria que se refere à parte administrativa e pedagógica. Há uma predominância em se guardar mais aqueles documentos que são legalmente necessários ou úteis em alguma situação futura, ou seja, os de cunho legal e administrativo. Apenas a E.E.F. Visconde de Taunay manifestou preocupação com os documentos com valor patrimonial. De acordo com sua equipe diretiva, é guardado o “registro de todo patrimônio da escola, história da escola desde a sua criação até os dias atuais”.

Todas as equipes diretivas apontaram que os documentos a serem eliminados são avaliados. Na maior parte das vezes é a própria direção da escola que faz a avaliação, o que nos leva a supor que não existe uma equipe interdisciplinar que realize este trabalho nas escolas. Alguns estabelecimentos apontam para a existência de

registros dos documentos eliminados. Os depoimentos que seguem elucidam esta prática, apesar de ser pouco mencionada: “São rasgados e reciclados após terem sido dado baixa em livro ata com os devidos responsáveis após data de validade, conforme legislação” (E.E.B.. Ângelo Izé). “Quando descartamos os documentos são incinerados. Há um livro de registro onde ficam armazenados quais documentos foram incinerados de acordo com a legislação e orientação da Secretaria Estadual de Educação de Santa Catarina” (E.E.F. Visconde de Taunay).

Em geral as escolas fazem o processo de descarte e seleção da documentação uma vez por ano. Para orientar esta prática existe uma legislação da SED que boa parte das equipes diretivas alegam seguir. Os documentos selecionados neste processo, que em geral passam pela direção da escola, como já informado, são incinerados ou rasgados e reciclados. Os depoimentos que seguem são bastante elucidativos:

Existe toda uma legislação e diretrizes da SED quanto à guarda desses documentos. Existem documentos que precisam ser guardados para sempre, outros podem ser incinerados a partir de uma lei específica. Esses, incineráveis, são incinerados quando perdem seus valores legais (EEB Professora Eulina Heleodoro).

Anualmente é feito descarte. A secretaria da escola (no nosso caso, eu fiquei responsável pelo arquivo morto, durante minha readaptação.) Todos esses documentos devem ser incinerados. Seguimos as orientações da Gerência Regional de Educação (EEB Udo Deeke).

Apenas uma escola se manifestou sobre não haver a prática do descarte de documentos, o que é questionável, pois toda instituição durante o seu percurso acumula uma série de documentos, não havendo espaço para armazená-los na sua totalidade. O processo de

descarte e guarda dos documentos segundo seu valor, mesmo seguindo uma legislação estadual, não ocorre de forma neutra, pois depende de quem o faz e os interesses que movem esta ação.

A prática do descarte sem critérios de seleção por uma comissão de avaliação tem prejudicado profundamente a preservação da memória das instituições escolares, bem como a reconstrução de suas histórias e da participação de seus sujeitos nesta construção. Dizendo de outro modo, a cultura do descarte tem contribuído de forma significativa para a dissipação das experiências escolares desenvolvidas em diferentes temporalidades, impedindo o acesso das novas gerações às informações.

No processo de preservação da documentação mais antiga nenhuma escola se utiliza da digitalização. Tal atitude é compreensível em função das várias atividades que o corpo técnico e administrativo de uma escola tem que assumir, havendo outras demandas que exigem respostas imediatas. O processo de conversão de um documento em suporte papel para o formato digital deve se dar por meio de dispositivo apropriado, como um scanner e plataformas de Software para armazenamento de documentos, o que demanda recursos, local apropriado e tempo.

Além do/a diretor/a da escola, outros profissionais tem a responsabilidade pela salvaguarda dos documentos escolares, são eles: Secretário/a, Assistente de Educação, Assistente Técnico-Pedagógico, ou seja, profissionais que fazem parte da equipe diretiva e que estão responsáveis por questões administrativas e pedagógicas da escola como um todo.

Sobre a utilização dos documentos do arquivo histórico em atividades pedagógicas pelos/as professores/as, as disciplinas mais citadas são História e Geografia. Mas boa parte das equipes diretivas alegam que esta documentação não é utilizada para este fim. Ao que tudo indica, o emprego destes documentos nas atividades dentro e fora

da sala de aula ocorre esporadicamente, não havendo uma diretriz a ser seguida. Cada professor/a faz isso a seu critério, na medida em que desenvolve seus projetos. A E.E.B. Manoel Gomes Baltazar anuncia que “já foram desenvolvidos trabalhos de pesquisa sobre a história de nossa escola. Resgate cultural de nossas raízes”. A E.E.B. Costa Carneiro assim se refere a esta questão: “Com certeza até para relembrar as atividades desenroladas durante a trajetória da escola”.

Quanto aos documentos escolares mais antigos, há o reconhecimento, quase que unânime, de que a preservação é algo imprescindível para a história da comunidade escolar, para a sua identidade. Na visão da E.E.B. Visconde de Taunay, “os documentos escolares mais antigos são considerados muito importantes para a preservação da cultura, memória e a história da escola”. Para a E.E.B. Julieta Torres Gonçalves, “os documentos escolares estão diretamente relacionados com a história da unidade escolar e a comunidade onde está inserida. Neste sentido é de suma importância sua conservação”.

A inquietação sobre as futuras gerações aparece na resposta da E.E.B. Henrique Lage: “Importante resguardar a história da escola e que permite a futuras gerações o acesso à história”. A mesma preocupação também é apontada pela E.E.B. Princesa Isabel: “Resgatar a trajetória escolar dos membros da comunidade, seus registros escolares, seu desempenho como um todo, para melhor compreensão de seu passado educacional e sua participação na comunidade escolar”.

Mas a preservação dos documentos mais antigos das escolas ainda está muito vinculada à necessidade comprobatória, como por exemplo a comprovação de tempo de serviço junto ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) para as aposentadorias e, também, para comprovação de escolaridade. As fichas ou livros de matrícula são muito procurados, pois trazem entre as várias informações a profissão dos pais (geralmente do pai) e o histórico escolar também é

bastante demandado. A este respeito a equipe da E.E.B. Manoel Gomes Baltazar se manifesta indicando que “há muita procura pela comunidade escolar, principalmente os mais antigos, pela ficha de matrícula, histórico escolar, para fins de comprovar profissão para aposentadoria”.

Percebemos que, mesmo havendo certa preocupação com a preservação do patrimônio educativo e, neste caso, mais especificamente com o arquivo permanente, muitas coisas se perdem no decorrer da trajetória das escolas. A rotatividade de profissionais e a falta de conhecimento sobre a preservação da memória da escola são as causas mais frequentes. Talvez seja por isso que a presença dos membros do GRUPEHME e do CEDOC nas escolas para o trabalho de devolutiva do CEMESSC foi tão bem avaliada pelas equipes diretivas. Um dos pontos mais ressaltados foi a orientação prestada em relação à conservação preventiva dos documentos que fazem ou deveriam fazer parte do arquivo perante das escolas. As manifestações que seguem trazem esse indicativo a partir de diferentes olhares:

Avaliamos como importantíssima, pois compreendemos que toda documentação deve se preservar para que assim não seja perdida a história da instituição. Acreditamos que somente assim a memória da escola permanecerá viva na comunidade escolar. Parabenizamos os membros do GRUPEHME pelo trabalho realizado e agradecemos pela visita e capacitação (E.E.B. Julieta Torres Gonçalves).

A exposição deste projeto foi de grande importância para nossa própria história e nossa escola. A explanação deste projeto nos orientou de que forma devemos arquivar nossos documentos, nossa própria história. Nossa escola agradece as pessoas envolvidas neste processo e se orgulha de estar entre as escolas escolhidas (E.E.B. Manoel Gomes Baltazar).

Entendemos que a participação dos membros do GRUPHEME em nosso núcleo de ensino foi de extrema

importância para compreender o processo de preservação e análise dos documentos escolares, bem como entender a importância desse tipo de trabalho para a comunidade escolar como um todo, desta forma entendemos que a participação foi avaliada como positiva por todo grupo escolar (professores, equipe diretiva) (E.E.B. Princesa Isabel).

A equipe de professores e gestão diretiva da Unidade Escolar Visconde de Taunay considerou o evento realizado pelo Grupehme importante para o andamento do nosso trabalho no dia-a-dia. Nossa escola tem mais de sessenta anos e por isso muitos documentos da secretaria continuam arquivados em pastas. A biblioteca também é composta por livros que datam muitas décadas. Portanto, as instruções que recebemos do grupo sobre a conservação e preservação dos livros e documentos da escola serão aproveitados em nossa prática diária (E.E.B. Visconde de Taunay).

Para muitos que participaram das reuniões de devolutiva, o CEMESSC era algo desconhecido, causando surpresas, inclusive. Isso se justifica pelo tempo considerável que levou para sua implantação, em torno de seis anos. Somado a isso estão as mudanças nas gestões e no quadro de professores/as, muito deles/as são contratados/as temporariamente e mudam de escola frequentemente.

Após o término dos trabalhos junto às escolas fomos chamados por uma das escolas para auxiliá-los na organização do arquivo permanente. Desde o segundo semestre de 2017, estamos atuando na EEB Barão do Rio Branco, situada na cidade de Urussanga na qual foi implantado um centro de memória⁴.

⁴ Informações sobre este trabalho encontram-se no texto publicado nos anais do III **SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, CONHECIMENTO E PROCESSOS EDUCATIVOS** do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPG (2019), disponível no link <http://periodicos.unesc.net/seminarioECPE/article/view/5488>.

Conclusão

Ao finalizar o trabalho de devolutiva às escolas que possuem seus acervos digitalizados e preservados virtualmente no CEMESSC, os/as pesquisadores/as do GRUPEHME, envolvidos/as neste projeto, consideram que o trabalho foi desafiador e que, no campo da preservação do patrimônio educativo, em suas diferentes materialidades e imaterialidades há desconhecimentos, falta de investimentos público e desconsideração acerca do papel da memória e história no processo de fortalecimento das referências identitárias. O patrimônio educativo preservado, organizado e acessível pode oferecer informações acerca das trajetórias educacionais para que os sujeitos construam percepções sobre os avanços e retrocessos no campo educacional.

Em muitas escolas encontramos pessoas com sensibilidade visível para as ações de preservação, no entanto, há entraves como a escassez de profissionais nas equipes diretivas capazes de dispor de tempo e de conhecimento para dedicarem-se aos arquivos permanentes. Há também ausência de políticas públicas que definam recursos financeiros para a salvaguarda dos documentos mais antigos de forma apropriada acompanhada da falta de orientações por parte das coordenadorias regionais do Estado de Santa Catarina. Tais entraves geram ausência de conhecimentos que provocam descartes desnecessários e poucos cuidados de preservação.

Por outro lado, a recepção que as escolas ofereceram aos membros do GRUPEHME e aos técnicos do CEDOC, durante as devolutivas, acenderam a esperança de que a preservação do patrimônio educativo é algo possível e necessário, de acordo com cada realidade.

O fato da E.E.B. Barão do Rio Branco, da cidade de Urussanga, ter proposto a continuidade dos trabalhos, organizando uma equipe

interna composta de professores/as, funcionários/as e alunos/as, com a assessoria do CEDOC e do GRUPEHME para a organização, higienização e pequenas restaurações do seu acervo, é uma forte evidência de que é possível trilhar este caminho e ganhar novos apoiadores. O depoimento da equipe diretiva da E.E.B. Manoel Gomes Baltazar nos certifica que estamos no caminho certo ao reconhecerem que o trabalho de devolutiva do CEMESSC “[...] nos orientou de que forma devemos arquivar nossos documentos, nossa própria história. Nossa escola agradece as pessoas envolvidas neste processo e se orgulha de estar entre as escolas escolhidas”.

Desse modo, nós retiramos da exposição da experiência da devolutiva e diagnóstico da situação atual dos acervos das escolas envolvidas no CEMESSC compreendendo que ainda temos muito a contribuir com a preservação e divulgação do patrimônio educativo de Santa Catarina.

Referências

ARQUIVO NACIONAL, **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

ALVES, Vânia Maria Siqueira. **Museus Escolares no Brasil: de recurso de ensino ao patrimônio e a museologia**. 2016. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2016. 297p. Orientador: Prof. Dr. Maria Amélia Gomes Souza Reis. Disponível em: http://www.unirio.br/ppg-pmus/copy4_of_vania_maria_siqueira_alves.pdf Acesso em: 15 ma. 2021.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**:promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: file:///C:/Users/USER/Downloads/constituicao_federal_35ed.pdf. Acesso em: 25 mai. 2021.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS (Brasil) **Criação e desenvolvimento de arquivos públicos municipais: transparência e acesso à informação para o exercício da cidadania / Conselho Nacional de Arquivos – Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2014.**

151p. Disponível em: <http://conarq.arquivonacional.gov.br/publicacoes-tecnicas.html>. Acesso em 10 jul. 2020.

COSTA, Marli de Oliveira; CAMARA, Mauricio Ruiz. **A cidade como texto: tecendo saberes e conhecendo Criciúma**. São Paulo: Baraúna, 2010. p. 81-82.

COSTA, Marilena Fragas. **Noções básicas de conservação preventiva de documentos**. FIOCRUZ. Rio de Janeiro. Set. 2003. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/normas_conservacao_fio_cruz_1358966008.pdf. Acessado em: 16 jun. 2020.

MOGARRO, Maria João. Os arquivos escolares nas instituições educativas portuguesas. Preservar a informação, construir a memória. **Pro-posições**, Campinas, v. 16, n. 46, p. 103-116, jan./abr.,2005.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: A problemática dos lugares**. (Trad. de Yara Khouri) PROJETO HISTÓRIA/10 – PUC/SP, 1993. p. 7-28. Disponível em <http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2020.

SPINELLI, J.; BRANDÃO, E.; FRANÇA, C. **Manual técnico de preservação e conservação**. Rio de Janeiro:Fundação Biblioteca Nacional, 2011. Disponível em: <https://folivm.files.wordpress.com/2011/04/manual-an-bn-cnj-2011-c3baltima-versc3a3o-2p-folha.pdf>. Acessado em: 10 mai. 2020.

SANTA CATARINA. Secretaria Estadual de Educação; Gerenciamento Eletrônico de Documentos-GED. Disponível em <https://www.sed.sc.gov.br/programas-e-projetos/27213-gerenciamento-eletronico-de-documentos-ged> Acesso em: 15 mai. 2021.

YAMAGUTI, J. G. ; RABELO, G.; FELTRINI, S. G. N. A ESCOLA COMO LUGAR DE SALVAGUARDA: IMPLANTAÇÃO DO CENTRO DE MEMÓRIA DA E. E. B. BARÃO DO RIO BRANCO – URUSSANGA/SC. In: **III Seminário de Educação, Conhecimento e Processos Educativos e I Encontro de Egressos PPGE-UNESC**, 2019, Criciúma: EDIUNESC. v. 3. p. 1-5. Disponível em <http://periodicos.unesc.net/seminarioECPE/article/view/5488> Acesso em 20 mai. 2021.

Da pesquisa em História da Educação ao trabalho com repositórios digitais: contribuições do grupo de Pesquisa em História da Educação, Repositórios Digitais e Acervos Históricos (PHERA – UNIPAMPA/Bagé)

*Alessandro Carvalho Bica
Raissa Lamadril da Silva Silveira
Rebeca Aquino Barbosa
Simôni Costa Monteiro Gervasio
Tobias de Medeiros Rodrigues*

Introdução

O campo da História da Educação, especialmente no Rio Grande do Sul, e a partir do fortalecimento de associações de pesquisadores como a Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE), tem visto multiplicar o número de grupos de pesquisas e pesquisadores dedicados a problematizar e discutir os diferentes aspectos do campo, abrindo ainda novas perspectivas de pesquisa por meio da interligação com outros campos teóricos e o advento das novas tecnologias. Assim está sendo com o Grupo de Pesquisa em História da Educação, Repositórios Digitais e Acervos Históricos (PHERA), que teve sua trajetória iniciada em 2007, quando do ingresso do Professor Alessandro Carvalho Bica na Universidade Federal do Pampa (Unipampa)¹ como professor efetivo da área de educação.

¹ A Universidade Federal do PAMPA foi criada pela Lei Federal de nº 11.640, de 11 de janeiro de 2008, desvinculando-se, assim, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), a UNIPAMPA possui 10 Campi – Alegrete, Bagé, Caçapava do Sul, Dom Pedrito, Itaquí, Jaguarão, Santana do Livramento, São Borja, São Gabriel e Uruguaiana.

Assim, este artigo, em comemoração aos 25 anos da ASPHE, tem como objetivo destacar a constituição, trajetória e perspectivas do PHERA, vinculado à Unipampa campus Bagé, que teve nos encontros da ASPHE e na Revista História da Educação (RHE) espaços para compartilhamentos de perspectivas e fortalecimento do trabalho em desenvolvimento.

O grupo, atualmente, conta com alunos de graduação e pós-graduação, possuindo especial interesse em pesquisas do campo da História da Educação que tenham como foco a análise de impressos pedagógicos e o trabalho com acervos e os repositórios digitais, tendo esta última linha gerado o Repositório Digital Tatu² que, em pouco mais de três anos de trabalho, já é referência nacional para pesquisadores da História da Educação, bem como inspiração para a constituição de outros repositórios.

O potencial do PHERA pode ainda ser aferido com o crescimento de participações de pesquisas dos seus integrantes nos encontros da ASPHE, bem como com a reiterada presença na ANPED Sul, ANPED Nacional e publicações em revistas especializadas. Por fim, este artigo buscará o potencial de expansão do grupo e suas contribuições para o campo da História da Educação, entrelaçando sua história com a da ASPHE como espaços para formação de novos pesquisadores na região da Campanha Gaúcha.

A constituição do grupo de pesquisas

A história do PHERA teve início, em 2007, pelo objetivo de recuperar e analisar uma parcela da História da Educação na cidade de Bagé/RS com o fomento de um grupo de pesquisas formado por

² Disponível para acesso em: <http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/>.

acadêmicos das licenciaturas³ da Unipampa, campus Bagé, reunidos pela perspectiva teórica que visa caracterizar a relevância da História da Educação para a formação pedagógica de professores. Inicialmente, então, foi criado o Núcleo de Pesquisas em História da Educação (NUPHE)⁴. Com o passar dos anos e, em função de um processo de expansão interna e reordenamento de suas linhas de pesquisas, o NUPHE mudou seu nome para Grupo de Estudos em Educação, História e Narrativas (GEEHN), permanecendo, no entanto, com uma linha dedicada às pesquisas em História da Educação.

Desde então, o GEEHN esteve ancorado na compreensão de que os estudos em História da Educação surgem da necessidade de uma renovação teórico-metodológica, que tem por base a pretensão de dar voz aos esquecidos, aos atores envolvidos nos processos educativos, ao cotidiano escolar, aos aspectos da cultura escolar, bem como enfatizar uma visão mais profunda dos espaços sociais, materiais, culturais e políticos que constituem e constituíram a História da Educação.

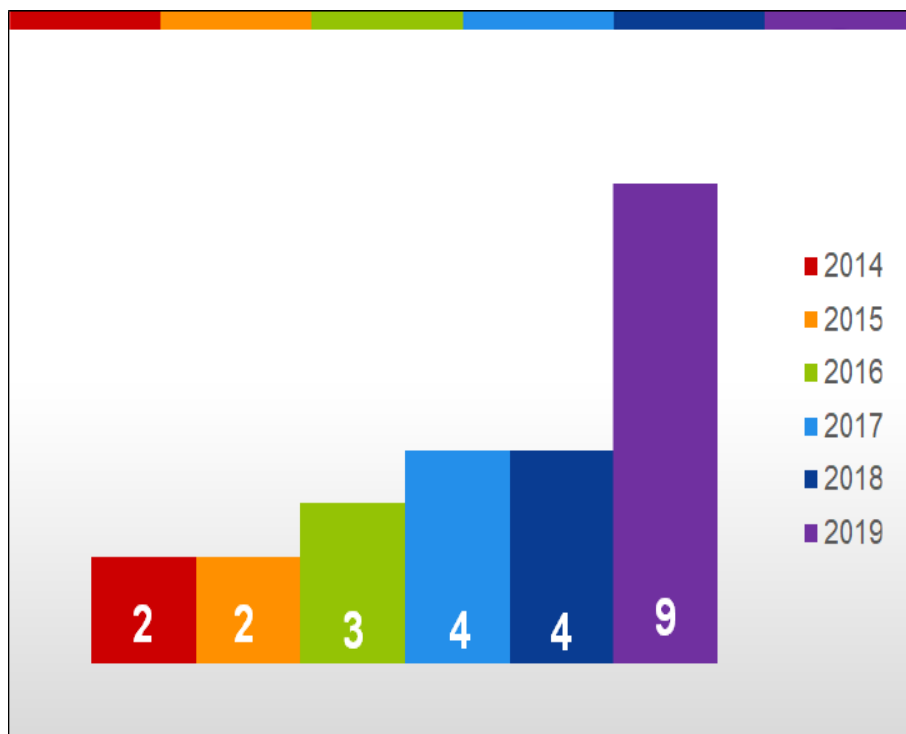
As primeiras participações do NUPHE e, posteriormente do GEEHN, nos encontros da ASPHE datam entre 2008 e 2014, com pesquisas relacionadas ao processo de doutoramento do líder do grupo, o Professor Doutor, Alessandro Carvalho Bica, registrando, conforme levantamento realizados nos Anais dos Encontros da ASPHE, nove trabalhos publicados. Nos anos seguintes, iniciam também as participações dos alunos da graduação e pós-graduação, integrantes já do GEEHN, nos encontros da ASPHE, tendo até o ano

³ Atualmente existem seis cursos de licenciaturas no campus da Unipampa Bagé, a saber: Letras-Português e Literaturas de Língua Portuguesa, Línguas Adicionais, Música, Matemática, Química e Física, sendo que a cadeira de História da Educação Brasileira é oferecida aos alunos ingressantes, nos primeiros semestres, como disciplina obrigatória.

⁴ O Núcleo de Pesquisas em História da Educação da Unipampa, campus Bagé, foi criado e cadastrado no CNPQ em abril de 2008.

de 2019, a apresentação e publicação de 24 trabalhos, conforme é possível visualizar no gráfico a seguir.

Gráfico 1 – Evolução dos trabalhos do GEEHN nos encontros da ASPHE



Fonte: Levantamento realizado nos Anais da ASPHE disponíveis no Repositório Digital Tatu.

O expressivo e constante crescimento da participação de integrantes do GEEHN nos encontros da ASPHE percebido a partir da leitura do Gráfico 1 está atrelado à perspectiva democrática de socialização do conhecimento sempre presente nos encontros da Associação e que permitem que jovens pesquisadores tenham espaço para dialogar com pesquisadores experientes e, até mesmo, referências para as suas pesquisas, constituindo-se como um espaço múltiplo de

incentivo à pesquisa e a produção do conhecimento em que é possível que os grupos de pesquisa troquem perspectivas e experiências e, assim, se fortaleçam.

Dessa forma, os encontros da ASPHE têm tido a presença obrigatória aos integrantes do grupo de pesquisa, pois entende-se que são um espaço para o debate acadêmico e para a produção de conhecimento relevante ao grupo. Além de representarem uma oportunidade para o intercâmbio de ideias com outros pesquisadores em formação, de instituições de ensino de todo o Rio Grande do Sul, seja pela convivência durante o evento, seja pela possibilidade de participação nas sessões de apresentação de trabalho e palestras realizadas.

Em paralelo, o GEEHN passou a organizar e fortalecer a sua constituição como grupo de pesquisa, principalmente com a criação e difusão do Repositório Digital Tatu. Nesse sentido, a primeira logomarca do GEEHN foi criada em 2019, pelo discente do Mestrado Acadêmico em Ensino (MAE) da Unipampa, campus Bagé, e integrante do grupo, Tobias de Medeiros Rodrigues.

Figura 1 – Logomarca GEEHN



Fonte: Autores, 2021.

A vocação do GEEHN sempre esteve relacionada com pesquisas históricas relacionadas às políticas públicas de educação, legislação de ensino, periódicos pedagógicos, profissão docente e, a partir de 2018, os esforços do Grupo estiveram centrados em propor e desenvolver o Repositório Digital Tatu como um espaço de preservação e novas possibilidades para a manipulação de fontes, facilitando o acesso aos diversos contextos, nuances e cenários que situam o documento histórico, e permitindo a elaboração de hipóteses e, inclusive, a ordenação do material em suas infinitas possibilidades de exploração, conforme as intenções de uma pesquisa.

Nesse sentido, é possível verificar, a partir da análise do Gráfico 2 que, a maioria dos trabalhos do GEEHN apresentados nos encontros da ASPHE, estão ainda relacionados com os periódicos pedagógicos, mesmo que se possa entender que eles sirvam como fonte de pesquisa para as outras diferentes temáticas que interessam ao grupo por publicar e agrupar diferentes questões do campo educacional, como propriamente as questões de ensino, de legislação, da profissão docente, entre outros.

Do mesmo modo, foi a partir do trabalho com os periódicos pedagógicos e, especificamente da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul⁵, e a partir da necessidade de pensar em estratégias de

⁵ A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1994) foi uma publicação dirigida ao magistério e reconhecida pela importância social e histórica já que oferecia aos professores rico material didático-pedagógico, orientações sobre o ensino, legislação e outros assuntos relacionados ao cotidiano escolar, sendo uma testemunha dos modos como a educação e o ensino foram propostos e executados no Rio Grande do Sul durante todo o período de atuação da Revista. O trabalho do GEEHN com a Revista do Ensino teve início por uma pequena coleção que estava disponível na Biblioteca do Centro Universitário da Região da Campanha (URCAMP) e que estava sendo destinado ao arquivo morto da biblioteca. Com o objetivo de salvaguardar o conteúdo das publicações, toda a coleção foi digitalizada, por meio de fotografias de cada uma das páginas das Revistas, e disponibilizada em um site institucional da Unipampa que, posteriormente, originou a proposta do Repositório Digital Tatu.

preservação e divulgação dos materiais que são entendidos como ricas fontes de pesquisa, que inicia-se o trabalho com os repositórios digitais, aspecto que, com o passar dos anos, certamente, aparecerá com mais evidência nas pesquisas do grupo pela necessidade de ampliação dos estudos e possibilidades de trabalho a partir dos repositórios digitais e, principalmente, do trabalho com as fontes de pesquisa em História da Educação, tal como os periódicos pedagógicos.

Gráfico 2 – Objetos de estudo dos trabalhos apresentados pelo GEEHN nos encontros da ASPHE



Fonte: Levantamento realizado nos Anais da ASPHE disponíveis no Repositório Digital Tatu.

As pesquisas do GEEHN a partir da temática dos repositórios digitais e que servem como subsídio para a organização e proposição

do Repositório Digital Tatu também estiveram representadas no 39ª Reunião da Anped Nacional, realizada em 2019 na cidade de Niterói/RJ, com o trabalho “O Repositório Digital Tatu como ferramenta para a preservação de fontes documentais, para o ensino e a pesquisa em História da Educação”⁶, e teve artigo publicado no volume 23 de 2019 da Revista História da Educação da ASPHE⁷.

Com a ampliação do foco de trabalho do GEEHN e o sucesso obtido com o Repositório Digital Tatu desde a sua concepção, percebeu-se a necessidade de reorganizar os princípios do grupo de pesquisa, abrindo espaço para o trabalho com os acervos digitais e o trabalho do repositório. Assim, em 2020, o GEEHN passa a chamar-se PHERA (Grupo de Pesquisa em História da Educação, Repositórios Digitais e Acervos Históricos).

Figura 2 – Logomarca PHERA



Fonte: Autores, 2021.

⁶ O trabalho está disponível em http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_32_9.

⁷ O trabalho está disponível em <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/88290/pdf>.

Com a alteração do nome do grupo, foi necessária a criação de uma nova identidade visual e, para isso, uma nova logomarca. Dentre as ideias que nortearam o processo criativo, está a de representar o trabalho que já vinha sendo executado pelos membros do grupo, desde a sua formação, com a intenção de simbolizar as pesquisas que vinham sendo realizadas sobre acervos. No entanto, a nova marca também precisava retratar o processo de digitalização de acervos de valor histórico, ação que vem sendo realizada e compartilhada no Repositório Digital Tatu. Outro aspecto que passou a ser considerado na nova identidade visual do grupo, foi o aspecto mais atual e, neste sentido, investiu-se na adição de um número maior de cores à logomarca.

Para dar vida e forma à logomarca do PHERA, utilizou-se a imagem de um livro físico no lado esquerdo, com o intuito de representar o trabalho que originou o grupo de pesquisa, a tradição e a História e, para complementar as concepções iniciais, previamente estabelecidas, no lado direito, foi feita uma representação do livro físico sendo convertido para o digital. Foram utilizadas linhas coloridas que iniciam da maior para a menor, que traduzem o movimento e a ideia de um processo que está sendo realizado. Por fim, a sigla PHERA foi concebida utilizando uma fonte na qual a caligrafia das letras está incompleta e os pontinhos coloridos simbolizam a reconstituição das partes faltantes das letras. A intenção, neste momento, foi representar que a História possui lacunas e que iniciativas, como a do PHERA, oferecem a relevante oportunidade de reconstituição da História e da História da Educação.

No contexto da Pandemia de Covid-19, em que novos formatos para a troca de experiências e a manutenção dos vínculos de pesquisa foram necessários, o PHERA passou a organizar e realizar o projeto de extensão “Diálogos sobre História da Educação e Formação de Pesquisadores em Tempos de Pandemia”, com encontros mensais por

meio da plataforma Google Meet, em que pesquisadores de todo o Brasil compartilham suas trajetórias de pesquisa e perspectivas futuras. O sucesso da primeira edição, realizada em 2020, fez com que uma segunda edição fosse realizada em 2021, como uma oportunidade de amplo debate acadêmico e científico sobre o campo de estudos da História da Educação e a formação de pesquisadores em tempos de pandemia. Os encontros promovidos pelo projeto de extensão “Diálogos sobre História da Educação e Formação de Pesquisadores em Tempos de Pandemia” tem sido ainda espaço de reencontro e diálogo para inúmeros pesquisadores associados à ASPHE, servindo como reconhecimento a importância das suas pesquisas e contribuições ao campo da História da Educação.

Outros aspectos relacionados com o fortalecimento do PHERA estão organizados a partir da criação do primeiro mestrado acadêmico da área da educação (MAE) na Unipampa campus Bagé e que, desde a sua primeira turma em 2019, conta com integrantes do grupo aprovados. E, também que, e apesar de jovem, o MAE já contabiliza a aprovação de alunos do PHERA em programas de pós-graduação em nível de doutorado em diferentes instituições de ensino do Rio Grande do Sul, demonstrando o amadurecimento do grupo.

Atualmente, em julho de 2021, o grupo conta com 18 alunos, sendo três cursando doutorado em instituições federais, seis cursando o mestrado acadêmico em Ensino na Universidade Federal do Pampa, campus Bagé, três cursando o mestrado profissional em educação na Universidade Federal do Pampa, campus Jaguarão, e quatro alunos de Iniciação Científica, das licenciaturas Curso de Licenciatura em Letras – Línguas Adicionais: Inglês e Espanhol e Respectivas Literaturas e Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa, sendo que as quatro possuem bolsas Fapergs (02) e CNPQ (02) e mais dois bolsistas de extensão.

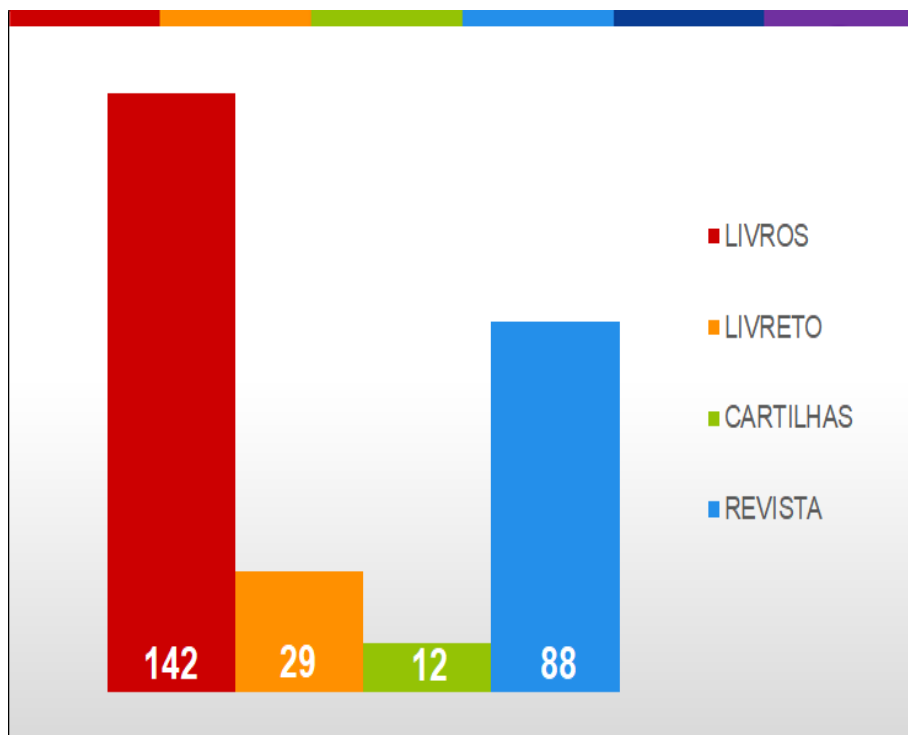
Linha de atuação

A discussão em torno das possibilidades de trabalho do historiador e, em consequência, de um grupo de pesquisa do campo da História da Educação partem, frequentemente, de questões sobre fontes, disponibilidade, preservação e acesso. Não à toa, a constituição, organização e manutenção de acervos tem sido uma linha de trabalho bastante recorrente e importante visando possibilidades de melhores compreensões sobre os processos educacionais numa perspectiva histórica, uma vez que os acervos têm sido foco de atenção ao tornarem-se fonte e objeto de pesquisas.

Neste sentido, o grupo de pesquisa PHERA, tem no trabalho de coleta, preservação e divulgação de acervos, uma das suas principais linhas de atuação e, dele, nasceu o Repositório Digital Tatu. Atualmente, o acervo digital do repositório é todo submetido ao processo de tratamento que consiste na triagem, catalogação, limpeza, digitalização e publicação, com vistas ao cuidado com sua preservação e compartilhamento com pesquisadores do mundo inteiro. E, a constituição do acervo que teve início pela coleção particular do líder do PHERA, hoje é abastecida por doações recebidas de outras instituições, sejam elas físicas ou digitais, já que o grupo trabalha também com a salvaguarda as versões digitais de acervos, mantendo o crédito e localização dos acervos físicos com seus proprietários.

No gráfico abaixo é possível observar as categorias de materiais adotadas pelo Tatu para a organização do seu acervo digital e com o objetivo de ordenar e facilitar o trabalho dos pesquisadores. Os quantitativos de materiais disponíveis estão relacionados também com as linhas de trabalho preferenciais do PHERA já que a coleta de materiais é também resultado dos esforços de pesquisa dos pesquisadores que compõem o grupo.

Gráfico 3 – Materiais pertencentes ao acervo digital do Repositório Tatu



Fonte: Levantamento realizado no Repositório Digital Tatu.

Se observado em detalhe, o acervo do Repositório Digital Tatu compreende também as fontes iconográficas, entendidas como imagens, fotografias, desenhos que sempre são acompanhadas de uma breve descrição; as coleções, que são grupos de documentos de uma determinada instituição e que recontam a sua história; os livros e livretos são materiais de temática específica e, também estão sendo disponibilizados livros de literatura desde de que de acesso livre; as cartilhas são materiais educativos com objetivos específicos de ensinar, seja a ler, escrever ou contar; e as revistas, que pertencentes aos impressos pedagógicos, são materiais de comunicação de temáticas relacionadas ao campo educacional. Em comum entre todas

as categorias e materiais, está o campo da História da Educação e a possibilidade de distintas temáticas de pesquisa.

Neste sentido faz-se importante uma breve contextualização sobre o conceito de fonte adotado pelo PHERA e que está relacionado com a condução do trabalho desenvolvido pelo grupo a partir do entendimento de que sem as fontes não é possível escrever sobre a História da Educação. Ivashita (2014, p. 02-03) destaca ser fundamental problematizar a ideia de “(re)construir o passado, tendo a certeza de que a história não está pronta, ela está por fazer-se, é expressivo pensar que tantas histórias já foram contadas e tantas ainda há para contar”. Para a autora, fonte é “tudo o que nos informa sobre a atividade humana, em específico no trato com as questões educacionais” (IVASHITA, 2014, p. 04). Saviani (2004, p. 05) também contribui para a definição de fonte, ao dizer que:

As fontes estão na origem, constituem o ponto de partida, a base, o ponto de apoio da construção historiográfica que é a reconstrução, no plano do conhecimento, do objeto histórico estudado. Assim, as fontes históricas não são a fonte da história, ou seja, não é delas que brota e flui a história. Elas, enquanto registros, enquanto testemunhos dos atos históricos, são a fonte do nosso conhecimento histórico, isto é, é delas que brota, é nelas que se apoia o conhecimento que produzimos a respeito da história (SAVIANI, 2004, p. 05).

Assim, o entendimento do PHERA é que está no trabalho de garimpo e manipulação das fontes, na utilização de técnicas e instrumentos para a coleta e análise dos dados, realizados pelo historiador, a possibilidade de pesquisas que utilizem, de fato, as fontes como objeto e que se constituem a partir da capacidade de interpretação do historiador, como possibilidades de explicações sobre os processos dinâmicos e as construções histórico-sociais em análise.

De modo geral, assim, as pesquisas realizadas pelos integrantes do PHERA, estão apoiadas no referencial teórico-metodológico da pedagogia histórico-crítica de Demerval Saviani como uma pedagogia atenta aos determinantes sociais da educação, que permite articular o trabalho pedagógico com as relações sociais, em uma perspectiva crítico-transformadora em que “a apreensão do movimento histórico que se desenvolve dialeticamente em suas contradições” (SAVIANI, 2013, p. 119). Assim, se “busca compreender e explicar todo desse processo, abrangendo desde a forma como são produzidas as relações sociais e as suas condições de existência até a inserção da educação nesse processo” (SAVIANI, 2013, p. 120).

Em termos de abordagem técnica-metodológica da coleta e tratamento de dados da pesquisa, os pesquisadores do PHERA costumam utilizar-se da análise documental, entendida como uma possibilidade de desvendar novos aspectos para a temática e o problema de pesquisa por meio dos agrupamentos e descobertas realizados a partir das fontes. Nesta perspectiva, o ciclo do trabalho de pesquisa proposto pelo PHERA retorna ao seu princípio e sua vocação, que relaciona a importância do trabalho com fontes como objetos de pesquisa (sejam eles periódicos pedagógicos, livros, imagens ou outro qualquer documento com relevância histórica), seu tratamento a partir da perspectiva histórico-crítica e a necessidade de preservação e ampliação do acesso aos materiais considerando a importância da preservação das fontes para o trabalho do historiador.

Considerações finais

A constituição e fortalecimento de um grupo de pesquisa do campo da História da Educação não poderia encontrar espaço mais privilegiado para acontecer do que em paralelo à Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE) que, ao longo de seus 25 anos de história e atuação, reconhecidamente mostra-se como um espaço democrático e amplo ao debate e pesquisa. É, assim, na ASPHE, que o Grupo de Pesquisa em História da Educação, Repositórios Digitais e Acervos Históricos (PHERA), nasceu, cresce e evolui constantemente com a proposta de contribuir para o fortalecimento das discussões e das pesquisas em História da Educação e, especialmente, dedicando-se ao trabalho com as fontes documentais e os acervos históricos preservados e multiplicados por meio dos repositórios digitais.

Assim, esta breve apresentação sobre o surgimento, trajetória e ambições do PHERA, vem a somar-se a celebração dos 25 anos da ASPHE chamando atenção para diferentes dimensões de questões que debatem, na atualidade, a preservação dos acervos documentais de valor histórico e a disponibilização das informações ao usuário, de forma rápida e segura. Trata-se de uma oportunidade de demonstrar a importância de uma Associação de pesquisadores forte, unida, coesa e que trabalha para proporcionar espaços para que diferentes grupos de pesquisa exponham suas propostas, debatam suas temáticas e, em consequência, construam conhecimento relevante para o campo da História da Educação em suas diferentes nuances e correntes teóricas.

Vida longa à ASPHE, vida longa ao PHERA e, principalmente, vida longa ao campo da História da Educação com todo o seu potencial de pesquisa, de ação e de reflexões históricas presentes e futuras.

Referências bibliográficas

SAVIANI, Dermeval. Breves considerações sobre fontes para a história da educação. In. LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas (SP): Autores Associados, 2004, p. 01-12

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**, 11ª ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

YAMASHITA, Marina Mayumi; PALETTA, Fátima Aparecida Colombo. **Preservação do Patrimônio Documental e Bibliográfico com Ênfase na Higienização de Livros e Documentos Textuais**. Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 172–184, 2006. Disponível em: <http://www.bcq.usp.br>. Acesso em: 20 jul. 2021.

História da Educação, Imigração e Memória: o GRUPHEIM/CNPq-UCS (2008-2021)

Gisele Belusso
José Edimar de Souza
Terciane Ângela Luchese

Um fotógrafo-artista me disse outra vez: Veja que pingo de sol no couro de um lagarto é para nós mais importante do que o sol inteiro no corpo do mar. Falou mais: que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem com barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.
(Manoel de Barros, 2018, p. 43).

Considerações iniciais

Ao escrevermos a trajetória do Grupo de Pesquisa História da Educação, Imigração e Memória (GRUPHEIM), vinculado à Universidade de Caxias do Sul (UCS) nos propomos a compartilhar a constituição deste lugar produtor de pesquisa, espaço de encontro para trocas culturais, de conhecimento, de partilhas, com múltiplos sentidos e de importância na consolidação da pesquisa. Esse é um daqueles lugares que, como nos provoca a pensar o poeta Manoel de Barros, produz muito em cada um dos envolvidos e é uma daquelas coisas que não podem ser mensuradas. Cada integrante sabe a medida de seu encantamento ao passo que se permite envolver com as proposições sobre as temáticas da História da Educação. Que produz a sua pesquisa, mas que também compreende que é no grupo, no coletivo, que fortalecemos nossas ações e dinamizamos os saberes científicos.

Desta forma iniciamos nossa escrita, dizendo de um lugar que não tem uma sede, não são as paredes que o sustentam, mas sim uma rede, um grupo de pesquisadores interligados por afinidades e interesses e que assim foram constituindo esse lugar no fluir da vida acadêmica. Um lugar para troca de saberes, de histórias de vida e de

pesquisa, entre jovens e sêniores que vão aprendendo mutuamente. Na estrutura do texto contextualizamos a História da Educação como campo de ensino e pesquisa, algumas tendências teórico-metodológicas e, por fim, a constituição do GRUPHEIM e algumas de suas formas de organizar e produzir conhecimento.

A História da Educação, os Grupos de Pesquisa e o caso do Grupo de História da Educação, Imigração e Memória (GRUPHEIM/UCS)

A História da Educação, entrincheirada na História das ideias (Filosofia), emergiu como corpus disciplinar e consolidou-se no século XX, enquanto uma das ciências auxiliares da educação e, atualmente, vem assumindo o seu lugar no campo historiográfico. A História da Educação pode ser reconhecida como um “território” da investigação histórica, que se articula em sua pluralidade em diversos níveis: “macro” ou “micro”, que “se interrelacionam e se entrecruzam para formar um saber magmático” (CAMBI, 1999, p. 33): teorias, instituições, políticas educacionais, social e do imaginário.

A história, como operação intelectual interpretativa, organiza, compõe, constrói e critica as fontes à luz de uma teoria. A operação histórica é resultado de uma combinação de um lugar social, de práticas científicas e de uma escrita (CERTEAU, 1984). Bastos (2016), refletindo sobre a História da Educação no Brasil, argumenta que nas últimas décadas há um ligeiro esforço, de diferentes grupos, entidades e pesquisadores para construir uma memória do conhecimento educacional e escolar. Como exemplo, podemos citar ainda a organização do dossiê comemorativo aos 20 anos da Sociedade Brasileira de História da Educação – SBHE, em 2019¹.

¹ Ver em Vieira e Cury (2019).

Até a expansão da pós-graduação no Brasil, a disciplina de História da Educação, vinculada inicialmente a história da Escola Normal, apresentava pouca expressividade nos currículos escolares. Bastos (2016) acrescenta que a partir de 1946, com a Lei Orgânica do Ensino Normal, passa a ser disciplina obrigatória, mas é a partir da década de 1970 que ela inicia um processo de consolidação no Ensino Superior.

Nosella (2010) argumenta que inicialmente ela não surge como uma ciência, mas aparece como uma ciência auxiliar da educação. No campo disciplinar ela passou a ser valorizada a partir de 1930, com o movimento dos reformadores pela educação, nos cursos de formação de professores. No contexto da História da Educação Brasileira Warde (1990), enfatiza que ela surgiu para ser útil e para ter sua eficácia medida não pelo que é capaz de explicar e interpretar, mas, pelo que oferece de justificativas para o presente.

Para Nosella (2010), antes da criação dos Programas de Pós-Graduação a pesquisa em Educação se desenvolvia de forma reduzida. Em relação a diversificação das temáticas de pesquisa, cita que estudos isolados, anteriormente realizadas pela Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, recebem novo incremento, especialmente, no caráter sociológico, político e histórico entre as décadas de 1970 e 1980. Bastos (2016, p. 44-45), complementa que é nesse período que diferentes ações em prol da diversificação e ampliação do campo se desenvolvem, como:

criação do Grupo de Trabalho (GT) História da Educação, na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação/ANPEd, em 1984; a disseminação de grupos de pesquisa vinculados ao Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR), coordenado por Dermeval Saviani, desde 1986; a fundação da Associação Sul Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação/ASPHE (1995); a fundação da Sociedade Brasileira de História da Educação/SBHE, em 1999, tendo se filiado à

Association internationale pour l'histoire de l'éducation/ISCHE em 2000; a constituição de grupos de pesquisas nos programas de pós-graduação e de centros de memória da educação em vários estados brasileiros; a publicação de periódicos (Revista História da Educação, ASPHE/1996) ; Revista Brasileira de História da Educação, SBHE/2001); Cadernos de História da Educação, UFU-Uberlândia/2002); Revista eletrônica da HISTEDBR, 2000); a realização de inúmeros congressos – nacionais e internacionais; a publicação de livros, coleções. Por último, cabe citar a recente criação do GT História da Educação (2015) e da revista eletrônica História e Historiografia da Educação (2016), na Associação Nacional dos Professores Universitários de História/ANPUH, criada em 1961, o que reflete uma mudança de perfil da formação dos pesquisadores da área.

Nesse sentido, a partir de 1985, se inicia um período de diversificação de linhas de investigação, teórico-metodológica, com utilização de várias fontes, mas também houve a fragmentação epistemológica das temáticas. E temas, categorias e referenciais como: cultura escolar, formação de professores, livros escolares, disciplinas, gênero, infância, história cultural, nova sociologia e memória passam a ocupar parte do centro de interesses dos investigadores da história da educação.

As pesquisas em História da Educação contribuem, entre outros aspectos, para se pensar processos, mudanças e continuidades de ações da educação no tempo. Estudar a maneira como os grupos sociais adquiriram, assimilaram, utilizaram e difundiram o conhecimento escolar, em um espaço e tempo específicos, buscando estabelecer relações entre as temáticas de pesquisa, a extensão e a educação básica tem sido um dos principais objetivos do nosso grupo de pesquisa.

A história da educação pode ser considerada um território de investigação articulado com diferentes perspectivas teóricas e metodológicas. Souza (2018) argumenta que com advento da história

cultural, os novos objetos de pesquisa procuraram dar sentido sobre o mundo construído pelos homens do passado e ampliar, por exemplo, a compreensão dos diferentes processos educativos e a construção de novos paradigmas.

O grupo de pesquisa História da Educação, Imigração e Memória foi credenciado em 2008, no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, na área das Ciências Humanas, tendo como líderes os professores Lúcio Kreutz e Terciane Ângela Luchese. A emergência do GRUPHEIM está diretamente vinculada ao processo de credenciamento e criação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul em 2008. Num primeiro momento esteve sob a liderança do professor Lúcio Kreutz que na época já era professor permanente do Programa. Em algumas reuniões, Lúcio congregou duas recém doutoras, Terciane Ângela Luchese e Luciane Grazziotin para apresentar a ideia da criação de um grupo de pesquisa, a importância do mesmo e sinalizando para pontos convergentes que tínhamos com relação à pesquisa. Tivemos momentos em que discutimos algumas possibilidades e interesses comuns para a criação do grupo de pesquisa e Lúcio já tinha bastante experiência, advinda de uma longa trajetória na Universidade Federal de Viçosa e, também, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, já com muitas orientações consolidadas, enfim um pesquisador sênior. Ao final de 2008 o grupo foi registrado, contando com duas linhas de pesquisa que se mantiveram: 1) Escolas étnicas no Rio Grande do Sul e 2) Educação, memória e cultura escolar.

Interessante que foi na condição de participantes do V Congresso Brasileiro de História da Educação que aconteceu em Aracaju entre os dias 09 e 12 de novembro de 2008 é que nós tivemos tempo para nos sentarmos no mesmo hotel, definirmos as linhas de pesquisa e quais seriam os nossos interesses e focos do grupo. Ali

redigimos o primeiro texto descrevendo o grupo, seus objetivos e ações. No retorno, foi realizado o cadastro e o grupo passou a ser institucionalizado. Passaram a acontecer as primeiras reuniões, os estudos, as atividades de extensão. Como uma das primeiras ações do GRUPHEIM foi a acolhida na UCS e junto ao PPGEduc, em especial pelos docentes da Linha de História e Filosofia da Educação, do 15º Encontro da ASPHE, com o tema Infâncias, Cultura Escrita e História da Educação e ocorrido entre os dias 30/09, 01 e 02/10/2009. A coordenação foi da professora Luciane S. Grazziotin e contou com o apoio de Lúcio Kreutz, Dóris Bittencourt de Almeida e Terciane Ângela Luchese como comissão organizadora. Foi um evento importante para o grupo de pesquisa e para sua consolidação. Os primeiros orientandos de mestrado ainda não tinham defendido e o evento foi um apoio importante para fortalecer o campo de pesquisa na Instituição. O grupo acolheu e sediou outro evento da ASPHE em 2015, naquela 21ª edição com o tema Etnias, Cultura e História da Educação. Em 2016, tendo o professor Lúcio sido jubilado, o professor José Edimar de Souza passou a compor a coordenação do grupo.

O grupo foi constituído com a intenção de congregar e fomentar pesquisas na área de História da Educação buscando desta forma ampliar os estudos que têm sido feitos em nossa instituição e que estejam relacionados ao tema. Pretende estabelecer vínculos com outras instituições e grupos de pesquisa, contribuindo para a renovação dos conhecimentos produzidos sobre a educação em perspectiva histórica. Portanto, são objetivos centrais:

1. Produzir conhecimentos sobre o processo histórico educacional, com especial atenção à dinâmica regional, fortemente marcada pela presença de diversos grupos étnicos, em interface com a nacional e internacional.

2. Compreender a educação escolar e não-escolar por meio de prescrições, práticas, memórias e diferentes fontes documentais.
3. Viabilizar o trabalho interdisciplinar, com o envolvimento de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento e instituições, em interlocução com centros de pesquisa nacionais e internacionais.
4. Fomentar o intercâmbio dos resultados de pesquisa por meio de participação e publicação de resultados parciais e finais em congressos, periódicos e livros.
5. Contribuir para a formação de pesquisadores e para a qualificação dos conhecimentos do processo histórico educacional em interface com a educação hodierna, qualificando as análises, na graduação e pós-graduação (CNPq, 2021).

O grupo é constituído por estudantes em nível de graduação e pós-graduação (mestrandos, doutorandos), bem como investigadores em estágio de pós-doutoramento, pesquisadores nacionais e estrangeiros, vinculados a diversas instituições nacionais e estrangeiras, como a UNIFESP e Università degli Studi del Molise, da Itália. Entre 2008 e 2021, estiveram vinculados mais de 30 pesquisadores e atualmente o grupo conta com mais de cinquenta pesquisadores distribuídos nas duas linhas de pesquisa: 1) Escolas étnicas no Rio Grande do Sul. 2) Educação, memória e cultura escolar de atuação do GRUPHEIM².

Ao explicitarmos as atividades desenvolvidas pelo grupo de pesquisa o fazemos ciente de suas especificidades. A dinâmica se dá por meio de diferentes estratégias: a) encontros quinzenais em que são elencadas temáticas para aprofundamento de estudos; b) oficinas com temas específicos como por exemplo análise documental histórica e análise de fotografias; c) apresentação de pesquisas em andamento; d) participação em eventos nacionais e internacionais para divulgação da

² A linha de pesquisa: Educação, memória e cultura escolar concentra o maior número de estudantes e pesquisadores, cerca de 90% dos estudos desenvolvidos.

produção científica; d) publicização da produção acadêmica em forma de resenhas, entrevistas, artigos, capítulos de livros e coletâneas.

Os encontros são espaços de protagonismo e reúnem pesquisadores iniciantes, jovens pesquisadores e outros como uma vasta experiência em um momento de partilha tanto na condução dos encontros quanto no compartilhar de experiências. No atual contexto de pandemia os citados encontros têm ocorrido de forma virtual. Destacamos por fim que alguns egressos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul continuam vinculados e participando ativamente.

Uma das oficinas ofertadas ao grupo ocorreu no Instituto Memória Histórica e Cultural (IMHC) da Universidade de Caxias do Sul, espaço que conta com um acervo que é utilizado para consulta pelos pesquisadores em educação e que também oferta momentos de formação sobre a análise documental histórica. Assim pode-se perceber que o espaço físico dos encontros ocorre em diferentes locais, por vezes em alguma sala de aula do bloco E, por outras no IMHC e em momentos virtuais.

Já no que se refere a apresentação de pesquisas em andamento pretende-se estimular a colaboração entre os pares no sentido de qualificar o processo formativo dos pós-graduandos e fortalecer a solidariedade acadêmica. O que também é estimulado por meio da participação em eventos e escritas com os pares. Por fim, destaca-se que os integrantes do grupo contam com uma qualificada produção acadêmica que também é publicizada em anais de eventos, revistas científicas e livros.

Citamos dois exemplos pontuais de publicações por iniciativa do GRUPHEIM. Uma delas é a obra *Instituições, histórias e culturas escolares*, organizado por Terciane Ângela Luchese, Cassiane Curtarelli Fernandes e Gisele Belusso publicada no ano de 2018, em formato impresso. O livro contou com 11 capítulos oriundos de

resultados de pesquisa de membros do grupo de pesquisa acrescidos do prefácio escrito por Wenceslau Gonçalves Neto, da apresentação que ficou a cargo das organizadoras e de um capítulo com os autores convidados Décio Gatti Júnior e Giseli Cristina do Vale Gatti. Nas palavras de Gonçalves Neto (2018, p.16-17) essa coletânea

[...] não é um simples agrupamento de textos esparsos, mas fruto de um esforço conjugado, planejado, envolvendo pesquisadores e alunos da pós-graduação, resultando tanto em dissertações, com a finalidade de titulação, quanto produtos expressivos de pesquisa. Como fazem parte de um projeto de uma linha de pesquisa, esses resultados representam um aprofundamento sobre um corpus documental comum e objetos selecionados da História da Educação de alguma localidades próximas – Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Farroupilha e Veranópolis – que pela característica de produção, têm seu alcance muito ampliado, pois foram desenvolvidos ao mesmo tempo, participando de discussões semelhantes e coletivas, permitindo não um aglomerado de estudos, mas um olhar coletivo e complementar sobre a educação de uma significativa região do Estado do Rio Grande do Sul.

Essa publicação já congrega pesquisadores de diferentes instituições de ensino superior com interesses em comum, naquele momento a pesquisa histórico educacional de instituições escolares. No entanto, os capítulos foram de autoria exclusiva de seus pesquisadores.

A outra publicação, desta vez pensada em forma de *e-book*, ocorreu no ano de 2020. O que segundo Maria Teresa Santos Cunha (2020, p.10) “[...] é bastante alvissareiro, pois tal iniciativa aponta para uma modificação dos hábitos de leitura, a partir das muitas possibilidades abertas pelas mídias virtuais e eletrônicas.”

O projeto surgiu no contexto da pandemia de Covid-19 e foi uma alternativa de estabelecer diálogo e suprir a ausência de encontros presenciais. Foi também naquele momento inspirados em Barros (2018) que usamos palavras para compor nossos silêncios, pois a

produção acadêmica não merecia ficar apenas em bastidores. Essas escritas foram também uma forma de anunciar que as ideias “[...] continuaram surgindo, circulando e transbordando ao isolamento social.” (GIACOMONI et al, 2020, p.13).

O *e-book* é uma coletânea composta por 10 capítulos que reuniram 23 pesquisadores que se dispuseram constituir o Caleidoscópio da História da Educação: percursos teórico-metodológicos³, publicado pela editora da Universidade de Caxias do Sul – Educs. E assim

Ancorados em substancioso arsenal de fontes instaladas em variados suportes e municiados de procedimentos teórico-metodológicos advindos da História Cultural e, dentre outros, dos estudos sobre memória e imigração, o conjunto de artigos evidencia que o conhecimento histórico não prescinde de múltiplas escolhas e interpretações. Os pesquisadores aqui reunidos formulam perguntas, perscrutam mistérios, para construir narrativas que formam um tecido extenso e bem-tramado, no qual se exercitam novas perspectivas e variados raciocínios históricos que favorecem a compreensão e a imaginação (CUNHA, 2020, p. 11).

Além dos citados capítulos, conta com o prefácio escrito gentilmente por Maria Teresa Santos Cunha, a apresentação sob a responsabilidade dos organizadores – Cristian Giacomoni, Dilnei Abel Daros, Gisele Belusso e Mariana Parise Brandalise Dalsotto e o posfácio cunhado por Eliana Relá, José Edimar de Souza e Terciane Ângela Luchese.

Desta vez, os autores têm diferentes vinculações institucionais e escrevem em parcerias, o que expressa uma das práticas incentivadas pelo grupo de pesquisa, a de estabelecer vínculos com outras instituições e grupos de pesquisas. A escrita em pares possibilitou

³ O e-book pode ser acessado pelo link: <https://www.ucs.br/educs/livro/caleidoscopio-da-historia-da-educacao-percursos-teorico-metodologicos/>.

congregar pesquisadores com interesses em perspectivas teórico-metodológicas em comum e assim articular uma narrativa única, o que sem dúvida é um exercício complexo. No quadro a seguir pode-se visualizar essa articulação.

Quadro 1 – Autores participantes do E-book Caleidoscópio da História da Educação: percursos teórico-metodológicos

Capítulo	Autores	Formação/instituição a que é vinculado	Grupo de pesquisa
1. Trilhas da memória: por uma narrativa para a primeira escola de Kronenthal/Vale Real, RS (1933/1965)	Mariane Fruet de Mello	Mestra em Educação – Universidade de Caxias do Sul (UCS).	GRUPHEIM
	Eliana Relá	Doutora em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – É coordenadora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestrado Profissional em História e, docente e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Educação, ambos na Universidade de Caxias do Sul (UCS).	GRUPHEIM
2. História, memória e história oral: apontamentos teórico-metodológicos para pesquisas em História da Educação	Cristian Giacomoni	Doutorando em Educação – Universidade de Caxias do Sul (UCS).	GRUPHEIM
	Eduardo Cristiano Hass da Silva	Doutorando em Educação – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).	Educação no Brasil: memória, e cultura escolar (EBRAMIC)
3. Protagonismo feminino: biografias produzidas em teses e dissertações (2002 a 2019).	Daiane Dala Zen	Doutoranda em Educação – Universidade de Caxias do Sul (UCS).	GRUPHEIM
	Juliana Goulart Machado	Mestra em História – Universidade de Caxias do Sul (UCS).	Não informado

4. Percursos metodológicos em pesquisas da História da Educação: jornais e revistas como fontes	Cassiane Curtarelli Fernandes	Doutoranda – Universidade de Caxias do Sul (UCS).	GRUPHEIM
	Mariana Parise Brandalise Dalsotto	Doutoranda em Educação – Universidade de Caxias do Sul (UCS).	GRUPHEIM
	Tânia Nair Alvares Teixeira	Doutoranda em Educação – Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).	Não informado
5. História da Educação: (im)possibilidades investigativas em arquivos e acervos municipais.	Manuela Ciconetto Bernardi	Mestranda em Educação – Universidade de Caxias do Sul (UCS).	GRUPHEIM
	Roberta Angela Tonietto	Mestranda em Educação – Universidade de Caxias do Sul (UCS).	GRUPHEIM
	Rodrigo Luis dos Santos	Doutorando em História – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).	O consulado espanhol e o serviço de proteção aos cidadãos alemães no Brasil (1942-1945)
6. A produção de dados na pesquisa em História da Educação: o uso do software Microsoft Excel na análise documental.	Elisângela Cândido da Silva Dewes	Mestra em Educação – Universidade de Caxias do Sul (UCS).	GRUPHEIM
	Samanta Vanz	Mestra em Educação – Universidade de Caxias do Sul (UCS).	GRUPHEIM
	José Edimar de Souza	Doutor em Educação, Universidade do Vale dos Sinos – Professor do Programa de pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (UCS).	GRUPHEIM
7. A presença da etnicidade na congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas no RS.	Marina Matiello	Doutora em Educação – Universidade de Caxias do Sul (UCS).	GRUPHEIM
	Gustavo Gastardelli de Oliveira Fontes	Doutorando em Administração – Universidade de Caxias do Sul (UCS).	Não informado

8. O município na educação, documentos municipais: percursos, possibilidades e desafios em Minas Gerais e Rio Grande do Sul.	Bruno Bernardes de Carvalho	Doutorando em Educação – Universidade Federal de Uberlândia (UFU).	Não informado
	Gisele Belusso	Doutoranda em Educação – Universidade de Caxias do Sul (UCS).	GRUPHEIM
9. Itinerários de pesquisas em política, identidade e educação a partir de fontes e acervos municipais em Caxias do Sul, RS.	Fabício Romani Gomes	Doutorando em História – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	Grupo de Pesquisa em docências na Educação básica (IFRS- campus Farroupilha)
	Mônica de Souza Chissini	Mestra em Educação – Universidade de Caxias do Sul (UCS).	GRUPHEIM
10. Os elementos constituintes do contexto coletivo de São Francisco de Paula na década de 50: uma análise a partir do Registro Escolar Modelo I salvaguardado no Acervo Institucional do Colégio Estadual José de Alencar.	Dilnei Abel Daros	Doutorando – Universidade de Caxias do Sul (UCS).	GRUPHEIM
	Milene Moraes de Figueiredo	Doutoranda em História – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS).	Grupo interdisciplinar de estudos do desenvolvimento científico e tecnológico (PUC/RS) e TRANSFORPRES S Brasil – Grupo de Estudos da Imprensa em Língua Estrangeira no Brasil (UNESP)

Fonte: Quadro elaborado pelos autores.

O quadro apresenta cada capítulo, seus respectivos autores, nível de formação, instituição de ensino superior e grupo de pesquisa a que se vinculam. A partir de então, vemos que todos os capítulos foram escritos por dois ou três autores. Desses, seis capítulos foram produzidos por pesquisadores vinculados a diferentes instituições de ensino superior – UCS, UNISINOS, UFPEL, UFRGS, UFU e

PUC/RS –, dois deles foram escritos por pesquisadores da Universidade de Caxias do Sul congregando diferentes programas de pós-graduação como por exemplo Educação/Administração e História/Educação e dois foram escritos por pesquisadores do Programa de pós-graduação em Educação em parceria com seus orientadores.

Nesse movimento também é interessante observar que em alguns capítulos a escrita foi compartilhada por pesquisadores em diferentes níveis de formação. Mestres escrevem com doutores, doutorandos com doutores e mestrandos com doutorandos.

Além da articulação entre diferentes instituições de ensino superior e programas de pós-graduação observa-se a interação entre diferentes grupos de pesquisa. Por fim, ainda se destaca que alguns dos autores não informaram em sua biodata vinculação a grupos de pesquisa e consultada a informação no diretório de grupos de pesquisa do CNPQ verifica-se que não se encontram cadastrados.

Diante disso compreendermos que o *e-book* deixa “pequenas marcas de vários percursos de pesquisa, que podem sugerir, incentivar e, principalmente, acolher aqueles que chegam, ao mundo acadêmico daqui por diante.” (GIACOMONI et al, 2020, p.14). Em uma obra que

[...] reúne textos resultantes de um esforço coletivo que evidencia os modos de organização e de produção do conhecimento, de estratégias e táticas elaboradas na tessitura da pesquisa, mesmo diante de cenários e condições tão adversas. A construção do conhecimento representa movimentos de articulação, de construção de redes e de desdobramentos que os estudos desenvolvidos em grupos de pesquisas possibilitam: traduzir, interpretar e analisar sobre uma determinada realidade, dados os referenciais teóricos e metodológicos utilizados (RELA; SOUZA; LUCHESE, 2020, p. 241).

A iniciativa terá sua segunda edição publicada ainda em 2021, dessa vez dedicada a temática culturas e práticas escolares.

Essas duas obras são representativas dos estímulos de articulação entre os pares e de uma qualificada produção científica pautada em aprofundamentos teórico-metodológicos na História da Educação que tem no GRUPHEIM um importante espaço de constituição.

Considerações finais

Com a leveza das palavras poéticas de Barros, ao afirmar que “a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós” (BARROS, 2018, p. 43) concluímos este texto com o desejo de que o GRUPHEIM possa continuar sendo um espaço de acolhida e de estudo, de partilha e de convivência, que se consolide ainda e cada vez mais por meio de cada vida que agrega, por cada sonho de pesquisa que acalenta. Que possamos nutrir em nós e naqueles que convivemos o gosto pela pesquisa científica, pela História da Educação, contribuindo e fomentando espaços como o de um grupo de pesquisa que estreita laços, que permite que todos cresçam e se constituam nos seus sonhos. Reconhecemos que um objetivo investigativo carrega em si muitas inquietações intelectuais, mas também os traços subjetivos de quem os inventa. Que o GRUPHEIM permaneça sendo esse lugar de acolher, fomentar e conviver a pesquisa em História da Educação na UCS e para além, com as muitas e possíveis parcerias interinstitucionais.

Referências

- BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas*, 1 ed. Rio de Janeiro: Alfagarrá, 2018.
- BASTOS, M. H. C. (2016). O que é a História da Educação no Brasil hoje? Tempos de reflexão. *Espacio, Tiempo y Educación*, 3(1), 43-59. doi: <http://dx.doi.org/10.14516/ete.2016.003.001.4>.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia. 1 Reimpressão. Tradução de Álvaro Lorencini.** São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. Prefácio. Estudos na e da contemporaneidade: percepções do mundo vivido. In: GIACOMONI, Cristian; DAROS, Dilnei; BELUSSO, Gisele e DALSOTTO, Mariana Parise Brandalise (org.). **Caleidoscópio da história da educação: percursos teórico-metodológicos.** Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2020, p. 10-12.
- GIACOMONI, Cristian; DAROS, Dilnei; BELUSSO, Gisele e DALSOTTO, Mariana Parise Brandalise (org.). **Caleidoscópio da história da educação: percursos teórico-metodológicos.** Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2020.
- GONÇALVES NETO. Wenceslau. Desafios da historiografia: convite à investigação coletiva local/regional da educação brasileira. LUCHESE, Terciane Â.; FERNANDES, Cassiane C. e BELUSSO, Gisele (Org.). **Instituições, Histórias e Culturas Escolares.** 1. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2018, p. 11-17.
- LUCHESE, Terciane Â.; FERNANDES, Cassiane C. e BELUSSO, Gisele (Org.). **Instituições, Histórias e Culturas Escolares.** 1. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2018.
- NOSELLA, Paolo. A pesquisa em educação: um balanço da produção dos programas de pós-graduação. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2010, vol.15, n.43, pp.177-183. ISSN 1413-2478. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782010000100013>.
- SOUZA, José Edimar de. In: Imigração e educação: possibilidades de ensino e aprendizagem na educação básica. In: VON MÜHLEN, Caroline; SANTOS, Rodrigo Luís dos; BLUME, Wellington Augusto Blume (org.). **Releituras e Caminhos: possibilidades interpretativas no campo migratório** [recurso eletrônico]. 1a.ed. Porto Alegre: Editora Fi, 2018, v. 1, p. 17-42.
- VIEIRA, C. E.; CURY, C. E. A escrita da história da educação no Brasil: experiências e perspectivas. **Revista Brasileira De História Da Educação**, 19, e072. Recuperado de <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/48443>.
- WARDE, Miriam Jorge. Contribuições da História para a Educação. **Em Aberto**, n. 47, 1990, p. 2-11.

A produção de teses e dissertações no Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (Ceihe/UFPel): fontes, objetos e acervos para o desenvolvimento de pesquisas

*Fernando Ripe
Jeane Caldeira
Elias Kruger Albrecht*

A institucionalização do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (Ceihe), no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), no ano de 2000, possibilitou a organização de um espaço específico para o desenvolvimento de pesquisas de Mestrado e Doutorado diretamente vinculadas com a história da educação brasileira. O resultado desse empreendimento sistemático de orientação e condução de pesquisas em muito se deve aos professores Elomar Tambara, Giana Lange do Amaral, Eduardo Arriada e Patrícia Weiduschadt.

Ao agregar pesquisadores iniciantes e de diferentes formações iniciais, o Ceihe se constitui como um potente espaço de discussões sobre os processos e práticas educativas – escolares e não-escolares – no ambiente cultural, pedagógico e político local, regional e transnacional, particularmente no que se refere à cultura escolar, arquivos de memória, instituições educativas, imigrantes, cultura impressa e infância.

Sobre o processo de criação do Ceihe, Tambara descreveu que

Sua concepção em grande parte esteve norteadada pelos debates e abordagens desse campo, onde despontam temas como: história das instituições escolares, cultura escolar, cultura material escolar, impressos estudantis, manuais escolares, cartilhas, memórias de professores, etc [...] temas como a cultura material escolar, a estrutura

interna das escolas, seus programas e currículos, os manuais escolares, os agentes educacionais, estão nas nossas análises, assim como, os sistemas educacionais (ARRIADA; TAMBARA; TEIXEIRA, 2012, p. 23).

Notadamente, e como veremos ao longo deste texto, as pesquisas produzidas no Grupo de Pesquisa Ceihe, elegem a história da educação da cidade de Pelotas e do Estado do Rio Grande do Sul como principal recorte espacial. No entanto, a constante inclusão de distintos balizamentos temporais, de novas e variáveis fontes e a busca por produtivas concepções teórico-metodológicas têm garantido não somente a ampliação de temas e problematizações, como têm contribuído para o alargamento do próprio campo da História da Educação.

Atualmente, o Grupo congrega pesquisadores e estudantes de diversas instituições gaúchas (Universidade Federal de Pelotas, Universidade Federal de Rio Grande, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto Federal do Rio Grande do Sul e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense), bem como alunos de graduação em processo de iniciação científica e de pós-graduandos, muitos deles subsidiados por bolsas de pesquisa.

Para fins de organização, o Ceihe se subdivide em dois setores, quais sejam: um centro de documentação e um centro de pesquisa. O centro de pesquisa tem como principais objetivos a fomentação de pesquisa historiográficas, o desenvolvimento de investigações individuais e coletivas sobre diversos temas no campo historiográfico educacional, a promoção de pesquisas e estudos comparados, a produção de trabalhos científicos e sua divulgação em diferentes eventos acadêmicos e científicos, a manutenção de sessões regulares de estudos de caráter teórico-metodológico, o estímulo aos debates e seminários específicos e o suporte aos alunos durante a fase de preparação de monografias, artigos, dissertações e teses. Por sua vez,

o centro de documentação enfatiza a história da educação, em particular a história da educação da região. Neste sentido, procura investigar a memória da história da educação regional preservando todo o tipo de material e constituindo acervos documentais temáticos, disponibilizando ao público seu acervo documental (fontes impressas, manuscritas e iconográficas), salvaguardando um acervo de dissertações e teses produzidas no campo da história da educação, reconstituindo a materialidade das rotinas e do cotidiano escolar: carteiras escolares, mesas, lousas, lápis, canetas, palmatórias, cadernos escolares, manuais escolares e, por fim, recolhendo e catalogando materiais doados por instituições ou pessoas físicas a fim de promover exposições e mostras sobre história da educação (ARRIADA, TAMBARA, TEIXEIRA, 2015).

A fim de estabelecer um panorama representativo das pesquisas levadas à cabo no Grupo de Pesquisa, organizamos um arrolamento de todas as dissertações e teses defendidas por seus membros e que contaram com a supervisão e orientação dos professores anteriormente citados.

Metodologicamente constituímos o arranjo das produções em dois quadros. Importante acenar que as dissertações e teses defendidas na Universidade Federal de Pelotas devem, obrigatoriamente, serem incluídas no repositório digital da instituição. Todavia, a abstenção de algumas destas investigações decorre da implantação tardia do sistema – neste caso, as primeiras dissertações e teses defendidas nos primeiros anos da criação do Ceihe não estão disponíveis em formato digital –, mas a materialidade destas, pode ser conferida no Centro de Documentação (Cedoc-Ceihе/UFPel). Por conseqüências da pandemia da Covid-19 não dispusemos para análise das versões físicas, uma vez que o próprio Cedoc estava interdito para pesquisas no momento da elaboração desta investigação.

Apresentamos o primeiro quadro composto cronologicamente das dissertações defendidas a partir do ano 2002. O demonstrativo revela a autoria, o título da dissertação, o ano de defesa e o responsável pela orientação da pesquisa.

Quadro 1 – Relação de dissertações defendidas no Grupo de Pesquisa Ceihe

n.	Autor(a)	Título da Dissertação	Ano	Orientador(a)
1	Nara Vieira	História do Colegio Sallis Goulart	2002	Elomar Tambara
2	Ceres Mari Da Silva Meireles	Educação Profissional: Uma visão história sobre o processo de criação, fins e princípios da Escola Técnica Federal de Pelotas – 1942-1998	2003	Elomar Tambara
3	Sandro Silva	Desigualdade social e educação: uma abordagem em J. J. Rousseau e Paulo Freire	2003	Elomar Tambara
4	Berenice Lagos Guedes	O Gaúcho, a Dominação Masculina e a Educação na Fronteira Sul-rio-grandense: o Passado no Presente	2004	Elomar Tambara
5	Maria Augusta Martiarena de Oliveira	A educação no governo de Augusto Simões Lopes neto	2005	Elomar Tambara
6	Alessandro Carvalho Bica	Ginásio Santa Margarida: um estudo sobre a gênese e a consolidação de uma instituição escolar anglicana na cidade de Pelotas	2006	Elomar Tambara Giana Lange do Amaral (Coorientadora)
7	Jussanete Vargas	A educação musical na escola	2006	Elomar Tambara
8	Edelbert Kruger	O resgate histórico da função social da educação profissional brasileira, à luz do decreto 2.208/97: um estudo do perfil sócio econômico do aluno do CEFET-RS	2007	Elomar Tambara

n.	Autor(a)	Título da Dissertação	Ano	Orientador(a)
9	Helena de Araújo Neves	A alma do negócio: aspectos da educação em Pelotas na propaganda institucional (1875-1910)	2007	Giana Lange do Amaral
10	Maria Ângela Peter da Fonseca	Estratégias para a preservação do germanismo (Deuschtum): gênese e trajetória de um collegio teuto-brasileiro urbano em Pelotas (1898-1942)	2007	Elomar Tambara
11	Patrícia Weiduschadt	O Sínodo de Missouri e a educação pomerana em Pelotas e São Lourenço do Sul nas primeiras décadas do século XX: identidade e cultura escolar	2007	Elomar Tambara
12	Adriana Duarte Leon	A profissão docente na cidade de Pelotas: Associação Sul-Rio-Grandense de Professores e Associação Católica de Professores (décadas de 1930 e 1940)	2008	Giana Lange do Amaral
13	Aline Nunes da Cunha	Futebol, memória e identidade operária: uma análise sobre a prática futebolística em Pelotas nas décadas de 1930 a 1960	2008	Elomar Tambara
14	Ana Cristina dos Santos Amaro da Silveira	Uma face da industrialização pelotense na década de 1970: a gênese da Agência de Treinamento Eraldo Giacobbe, SENAI/Pelotas	2008	Giana Lange do Amaral
15	Clarice Rego Magalhães	A Escola de Belas Artes de Pelotas: da Fundação à Federalização (1949-1972) uma contribuição para a história da educação em Pelotas	2008	Giana Lange do Amaral
16	Luís Artur Borges Pereira	Aspectos das diversas manifestações do projeto cívico- pedagógico de João Simões Lopes Neto	2008	Elomar Tambara Eduardo Arriada (Coorientador)

n.	Autor(a)	Título da Dissertação	Ano	Orientador(a)
17	Manoel José Porto Junior	A exclusão escolar nos cursos técnicos do CEFET-RS (1980 – 2006)	2008	Giana Lange do Amaral
18	Vivian Anghinoni Cardoso Corrêa	“Uma dádiva da Bibliotheca Pública Pelotense aos seus leitores de um palmo e meio”: a seção infantil Érico Verissimo (1945-1958)	2008	Elomar Tambara
19	Itamaragiba Chaves Xavier	A instrução pública na república rio-grandense (1836-1845)	2009	Elomar Tambara Eduardo Arriada (Coorientador)
20	Valesca Brasil Costa	A presença feminina na Faculdade de Direito de Pelotas-RS	2009	Elomar Tambara Giana Lange do Amaral (Coorientadora)
21	Claudemir Pereira Madeira	Da Multisseriação à Nucleação: a Escola Municipal Alfredo Dias de Cerrito/RS Décadas de 1980 a 1990	2010	Giana Lange do Amaral
22	Magda de Abreu Vicente	O Patronato Agrícola Visconde da Graça em Pelotas/RS (1923-1934): gênese e práticas educativas	2010	Giana Lange do Amaral
23	Francisco Furtado Gomes Riet Vargas	Anarquismo e educação em Rio Grande (1918-1927): educação de, para e pelos trabalhadores	2011	Elomar Tambara
24	Nei Carlos de Moura	Professor Ênnio Amaral marco em extensão, pesquisa e ensino na Escola Técnica Federal de Pelotas ETFPEL: uma história de vida ligada à educação profissional	2011	Elomar Tambara
25	Josiane Alves da Silveira	Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande: os primeiros anos da formação docente no ensino superior da cidade (1960-1969)	2012	Giana Lange do Amaral

n.	Autor(a)	Título da Dissertação	Ano	Orientador(a)
26	Maria Cristina dos Santos Louzada	A trajetória docente de uma alfabetizadora do Colégio São José em Pelotas/RS nas décadas de 1940 a 1980	2012	Giana Lange do Amaral
27	Patrícia Silveira Zaneti	A escola Normal em Canguçu: itinerário da primeira turma de formandas (1965-1970)	2012	Eduardo Arriada
28	Hardalla Santos do Valle	As propostas educacionais da administração de Luiz Alves de Lima e Silva (Duque de Caxias): um estudo da instrução Rio-grandense do século XIX (1842-1871)	2013	Eduardo Arriada
29	Vanessa Barrozo Teixeira	Escola de Engenharia Industrial: a gênese do ensino superior na cidade do Rio Grande (1953-1961)	2013	Elomar Tambara
30	Gigliane Ferreira Segovia	O papel desempenhado pela Livraria Universal na cidade de Pelotas no período de 1887 a 1934	2014	Eduardo Arriada
31	Jeane dos Santos Caldeira	O Asilo de Órfãos São Benedito em Pelotas – RS (as primeiras décadas do século XX): trajetória educativa-institucional	2014	Giana Lange do Amaral
32	Marcelo Pinheiro Cigales	A sociologia educacional no Brasil (1946-1971): análise sobre uma instituição de ensino católica	2014	Eduardo Arriada
33	Rony Centeno Soares Júnior	A disciplina de Educação Física na Escola Técnica Federal de Pelotas: práticas pedagógicas e memórias de professores (1973-1996)	2014	Elomar Tambara
34	Carmen Beatriz Pereira Leal	Colégio Elementar Félix da Cunha (1913-1934): aspectos da cultura escolar	2015	Eduardo Arriada

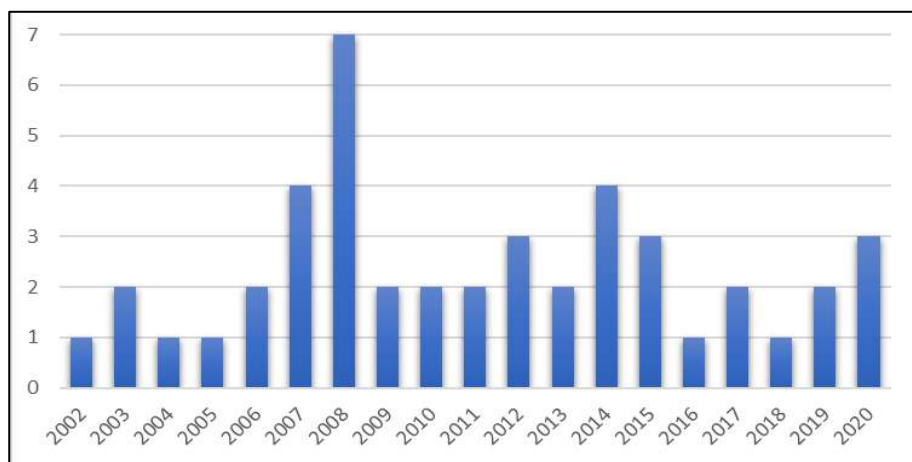
n.	Autor(a)	Título da Dissertação	Ano	Orientador(a)
35	Chéli Nunes Meira	O Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas – IHGPEL: um estudo sobre origem, constituição e administração de um lugar de memória	2015	Eduardo Arriada
36	Anna Beatriz Silveira Ereias	Uma missão educativa metodista: O Instituto Porto Alegre – Departamento de Jaguarão (1942-1952)	2015	Eduardo Arriada
37	Ademir Cavalheiro Caetano	Faculdade De Ciências Políticas E Econômicas Do Rio Grande, RS: constituição e influências para o desenvolvimento do município (1955- 1969).	2016	Patrícia Weiduschadt Giana Lange do Amaral (Coorientadora)
38	Renata Brião de Castro	A Escola Garibaldi e o professor Jose Rodeghiero na Colônia Maciel- Pelotas/RS (1928-1950); grupo local e etnia	2017	Patrícia Weiduschadt
39	Bruna de Farias Xavier	Feminização do magistério no ensino secundário do Colégio Municipal Pelotense (1940-1960)	2017	Patrícia Weiduschadt
40	Tânia Nair Alvares Teixeira	Práticas escolares de Educação Física no Curso de Magistério do Instituto de Educação Assis Brasil (Pelotas/RS, década de 1970)	2018	Patrícia Weiduschadt
41	Elias Kruger Albrecht	Cartilhas em língua alemã produzidas pelos sínodos luteranos no Rio Grande do Sul: usos e memórias (1923-1945)	2019	Patrícia Weiduschadt
42	André Rodrigues da Silva	Almanaque do Globo: o primeiro grande projeto editorial da Livraria do Globo como processo de difusão da cultura no Rio Grande do Sul (1917/1933)	2019	Eduardo Arriada

n.	Autor(a)	Título da Dissertação	Ano	Orientador(a)
43	Clóvis Renato Leitzke Blank	A proposta de ensino do Catecismo Menor do Sínodo de Missouri nas Escolas Paroquiais no Brasil na Revista Igreja Luterana (1940-1954)	2020	Patrícia Weiduschadt
44	Angelita Vargas Kolmar	Escolas multisseriadas de São Lourenço do Sul/RS, na região arrozeira	2020	Patrícia Weiduschadt
45	Daiana Dillmann Zarnott	Tinta, papel e prensa: a trajetória da Oficina Graphica EDDA na produção da cultura escrita	2020	Eduardo Arriada

Fonte: Quadro elaborado pelos autores, a partir das dissertações defendidas no Ceihe.

A partir dos dados obtidos no Quadro 1, organizamos um gráfico demonstrativo das frequências de dissertações produzidas no Grupo de Pesquisa em relação ao ano de defesa. Verifica-se, no Gráfico 1, a existência de a tendência de duas defesas realizadas a cada ano, do mesmo modo, percebe-se também que no ano de 2008 houve um crescimento acentuado.

Gráfico 1 – Frequência de dissertações produzidas no Grupo de Pesquisa Ceihe em relação ao ano de defesa



Fonte: elaborado pelos autores.

Ao constituirmos o Quadro 2, para organizarmos a frequência de teses defendidas no Grupo de Pesquisa Ceihe, ampliamos nosso panorama de análise, identificando a permanência de pesquisadores do mestrado para o doutoramento. Conferindo, inclusive, a mudança de temáticas de investigação.

Quadro 2 – Relação de teses produzidas no Grupo de Pesquisa Ceihe em relação ao ano de defesa

n.	Autor (a)	Título da Tese	Ano	Orientador (a)
1	Claudia Regina Costa Pacheco	<i>Pascam in Judiciio: A constituição Humana na perspectiva católica de d. João Becker</i>	2011	Elomar Tambara
2	Sergio Cardoso	Associação sul rio grandense de professores	2011	Elomar Tambara
3	Rita de Cássia Grecco dos Santos	A educação das meninas em Pelotas: a cultura escolar produzida no Internato Confessional Católico do Colégio São José	2012	Elomar Tambara
4	Maria Augusta Martiarena de Oliveira	Instituições e práticas escolares como representações de modernidade em Pelotas (1910-1930): Imagens e imprensa	2012	Giana Lange do Amaral
5	Helena de Araújo Neves	O ensino privado em Pelotas/RS na propaganda impressa: séculos XIX, XX, XXI	2012	Elomar Tambara
6	Clarice Rego Magalhães	Escola de Belas Artes de Pelotas (1949-1973): trajetória e repercussão social	2013	Giana Lange do Amaral
7	Edelbert Kruger	A reforma do estado e as políticas públicas para a educação profissional, científica e tecnológica no Brasil: O ocaso da Escola Técnica Federal de Pelotas ao Instituto Federal de Educação	2013	Elomar Tambara
8	Luis Artur Borges Pereira	João Simões Lopes Neto: Um pensador social da Educação	2014	Elomar Tambara

n.	Autor (a)	Título da Tese	Ano	Orientador (a)
9	Marcelo Freitas Gil	A educação das almas: o estudo sistematizado da doutrina espírita e a unificação do Movimento Espírita Brasileiro	2014	Giana Lange do Amaral
10	Itamaragiba Xavier	A presença da concepção educacional de Condorcet nas primeiras propostas de instrução públicas do Brasil independente	2015	Elomar Tambara
11	Gelson Leonardo Rech	Escolas étnicas italianas em Porto Alegre/RS (1877-1938): a formação de uma rede escolar e o fascismo	2015	Elomar Tambara
12	Genivaldo Gonçalves Pinto	Manifestações da cultura militar no espaço educacional em Pelotas, RS nas primeiras décadas do século XX	2015	Giana Lange do Amaral
13	Jezuina kohls Schwanz	Guardiãs da memória escolar: a preservação da História da Educação em duas cidades gaúchas nas primeiras décadas do século XXI	2016	Giana Lange do Amaral
14	Luiza Gonçalves	Educação Mato Grosso e Rio Grande do Sul	2016	Elomar Tambara
15	Vanessa Barrozo Teixeira	A trajetória da Biblioteca Rio Grandense	2016	Elomar Tambara
16	Cristiane Hoffmann Moreira	Políticas de expansão e de regulação do ensino superior brasileiro e a otimização nas universidades federais: reverberações na UFPEL	2016	Elomar Tambara
17	Maria Ângela Peter da Fonseca	Deutsche Schulen urbanas no Pampa ou o Pampa dentro de Deutsche Schulen? Cultura Escolar Conforme: Collegio Allemão de Pelotas e Collegio Rio Grandense do Rio Grande (1912-1936)	2017	Elomar Tambara
18	Caroline Braga Michel	Do Uruguai para o Rio Grande do Sul: mudanças no sistema de ensino gaúcho a partir da missão de estudos ao Uruguai (1913-1927)	2017	Eduardo Arriada

n.	Autor (a)	Título da Tese	Ano	Orientador (a)
19	Hardalla do Valle	O ensino de ofícios na cidade do Rio Grande/RS (1889- 1930): uma análise sobre a infância desvalida	2017	Giana Lange do Amaral
20	Tatiane Vedoin Viero	A constituição do Núcleo de Memória Engenheiro Francisco Martins Bastos – NUME (1994-2014)	2018	Eduardo Arriada
21	Magda de Abreu Vicente	A Escola Normal Regional Imaculada Conceição em Pelotas/RS: a atuação da igreja católica e dos poderes públicos (1955-1971)	2018	Giana Lange do Amaral
22	Maria Cristina dos Santos Louzada	Memórias e trajetórias de egressas das escolas normais Assis Brasil e São José em Pelotas/RS, no período do governo de Leonel Brizola (1959-1963)	2018	Giana Lange do Amaral
23	Raquel Santos Schwonke	Leopoldo Gotuzzo e a constituição do MALG (1887-1986)	2018	Giana Lange do Amaral
24	Odilon Leston Júnior	Globalização, fronteira e educação: o lugar do livro didático: Estudo comparado entre as cidades fronteiriças Chuí-Brasil e Chuy-Uruguay	2018	Eduardo Arriada
25	Estela Maris Reinhardt Piedras	Edifícios escolares e educação em Pelotas na Primeira República (1880-1930)	2019	Eduardo Arriada
26	Fernando Ripe	A constituição do sujeito infantil moderno na cultura impressa portuguesa do século XVIII	2019	Giana Lange do Amaral
27	Jeane dos Santos Caldeira	A infância desvalida institucionalizada em Pelotas/RS: controle e ordenamento social nas páginas dos periódicos locais – décadas de 1910 a 1940	2020	Giana Lange do Amaral

Fonte: Quadro elaborado pelos autores, a partir das dissertações defendidas no Ceihe.

Em relação ao número de orientações, cabe destacar a atuação do prof. Dr. Elomar Tambara, que por ser o precursor deste Grupo de Pesquisa, dirigiu 19 dissertações de mestrado e 12 de teses de doutoramento. Já a prof^a Dra. Giana Lange do Amaral figura com o total de 10 orientações e 2 coorientações de mestrado e 11 de doutorado. O Prof. Dr. Eduardo Arriada possui um total de 9 orientações e 2 coorientações de dissertações e 4 teses. E, a Prof^a Dra. Patrícia Weiduschadt orientou 7 dissertações.

Outro importante aspecto que identificamos é a distinta composição na formação inicial dos membros do Ceihe. A diversidade dos pesquisadores que o grupo agrega, gera certa heterogeneidade na produção dos temas tratados nas dissertações e teses, do mesmo modo que proporciona diversidades do ponto de vista teóricos e metodológicos. Constituem o Grupo de Pesquisa, na sua maioria, pedagogos e historiadores de formação. Também compõem pesquisadores graduados em Museologia, Arquivologia, Educação Física, Filosofia, Ciências Sociais, Matemática, Artes Visuais, Artes Plásticas, Administração, Arquitetura e Urbanismo, Psicologia, Ciências Jurídicas e Sociais, dentre outras formações que contribuem tanto na parte teórica, quanto na parte técnica para a elaboração das pesquisas e para a manutenção do trabalho desempenhado não só pelo grupo de pesquisa, como também para o Centro de Documentação (CEDOC) que é parte constitutiva do Ceihe.

Essa variabilidade de interesses também afeta a periodização das dissertações e teses produzidas. Por exemplo, há uma única tese com periodização centrada no século XVIII e reduzido interesse por investigações na temporalidade do Novecentos. Contudo, a maior envergadura está localizada no século XX, cujo recorrência predomina em maior escala. Não obstante, a formulação da periodização aponta alguns indícios sobre tendências, escolhas e características da formação inicial dos estudantes e pesquisadores. Primeiramente,

destaca-se que os coordenadores e orientadores do grupo de pesquisa, apesar de algumas preferências, não se restringem a temas, metodologias e periodizações. A não delimitação de temas e períodos pesquisados corrobora para deixar o grupo de pesquisa de certa forma, mais atrativo para profissionais de diferentes áreas do conhecimento.

No que se refere aos contextos de análise nas produções sobre História da Educação desenvolvidas pelo Ceihe, identificamos que nos primeiros trabalhos o predomínio foi por estudos panorâmicos acerca da educação. A realização de grandes sínteses, o período republicano e, notadamente o Estado Novo, foram os cenários mais privilegiados. O interesse pelas décadas iniciais do século XX e pelo século XIX tem atraído um número muito incipiente de historiadores, contudo há de se destacar que tais períodos são de relativa importância para a história da educação brasileira e/ou gaúcha, uma vez que esse momento foi fundamental para o processo de institucionalização da escola no país. Evidente que o maior desafio se encontra em relação ao período colonial. Tal objeção se deve, sobretudo, ao fato de as fontes de investigações serem mais raras, menos conservadas e, portanto, menos inteligíveis. De acordo com Lopes e Galvão (2001, p. 45) outros aspectos que corroboram com essa situação decorrem de que “fenômeno educativo nesse período é mais fluido e menos visível, na medida em que o Brasil colonial caracterizou-se pela ausência de iniciativas oficiais em relação à educação” e o fato de que períodos mais remotos “do ponto de vista temporal” tendem a afastar “os historiadores da educação preocupados em fornecer subsídios para a compreensão do presente”. O fato é que pouquíssimo se conhece sobre os processos educativos durante os séculos XVI a XVIII, seja por toda a América portuguesa, quanto mais nos espaços mais próximos como a Colônia de Sacramento e São Pedro.

Na perspectiva teórica, duas tendências deram contornos especiais às pesquisas desenvolvidas. No início alguns estudos foram

subsidiados pelo marxismo, mas a tendência que maior se delineou foi a História Cultural. O delineamento de metodologias e teorias é fundamental para a sustentação do desenvolvimento de um determinado trabalho de pesquisa. Para a realização do presente estudo, ainda que seja uma análise quantitativa e qualitativa, optou-se por uma aproximação com perspectiva cultural. Notadamente, por considerarmos a educação – aqui, incluso o campo da História da Educação – como uma parte integrante da própria cultura. A educação é, portanto, uma das dimensões deste amplo conceito.

A grande maioria dos membros do grupo desenvolveram seus estudos tomando a cidade de Pelotas como cenário principal, porém outras cidades da região sul do estado também ganharam destaque, como por exemplo São Lourenço, Rio Grande, Canguçu e Chuí.

Em Pelotas, as instituições educacionais e as práticas de ensino se constituem como elementos de representação da Modernidade, na medida em que a elite pelotense visava a demonstrar simbolicamente a sua distinção social em um período de estagnação econômica. A modernização urbana, ocorrida nas primeiras décadas do século XX, não foi um privilégio desta cidade, pois aconteceu em várias cidades brasileiras. Entretanto, o que serviu para a diferenciação desses grupos mais abastados de pelotas em relação aos outros, contribuiu para a afirmação do ideário de que Pelotas era uma cidade tradicional, cuja cultura e estilo de vida requintado era vivenciado por todos (OLIVEIRA, 2012, p. 351).

É nesse sentido que Pelotas oferece um cenário rico e diversificado para o desenvolvimento de pesquisas no campo da História da Educação. Com o tempo, algumas pesquisas ganharam novos atores nos estudos desenvolvidos no centro de pesquisa. A infância, estudos de gênero, as instituições de assistência, os grupos étnicos, a educação rural, temas que antes não tinham tanta

visibilidade historiográfica estão sendo cada vez mais abordados por estudantes e pesquisadores vinculados ao Ceihe.

A História da Educação de outras cidades, em especial as da região sul do Rio Grande do Sul, ganharam visibilidade a partir das pesquisas executadas por orientandos que frequentaram arquivos e instituições destas localidades, com o propósito de produzirem dissertações e teses tendo como principais conjunturas as cidades de Rio Grande, Bagé, Jaguarão, São Lourenço do Sul, Canguçu, Cerrito, além da capital Porto Alegre. Cabe salientar uma produção sobre a História da Educação do Estado de Mato Grosso, outras trazendo o país Uruguai que faz fronteira com o estado do Rio Grande do Sul como um dos espaços de pesquisa, além das relações com outros países como Portugal e Itália.

Segundo D'Assunção Barros (2019) fontes históricas são as marcas, vestígios, resíduos ou registros das ações de homens e mulheres no mundo social e natural. Logo, as fontes mobilizadas por estes pesquisadores provêm de diversas origens. Entre elas, as fontes documentais que mais fomentadas foram impressos e documentos institucionais e suas vertentes que aparecem como as matrizes mais pesquisadas. Além destes, destacam-se ainda os acervos escolares e suas ramificações como livros, cartilhas e outros artefatos ligados à educação. Cabe destacar, também o uso significativo das fontes orais que estão presentes em boa parte destas pesquisas.

Viero (2017), ao falar sobre a preservação de acervos, infere a relevância que estes espaços de memória ocupam na sociedade. Além, de serem marcos testemunhais da história, são fundamentais para o desenvolvimento de estudos, pesquisas científicas entre outras investigações que propiciam o conhecimento histórico. Desta maneira, buscaremos apresentar alguns dos espaços públicos, institucionais e privados de salvaguarda da memória que viabilizaram a realização dos estudos aqui apresentados. Entre estes arquivos, reforçamos a

relevância dos acervos particulares; da Bibliotheca Pública Pelotense/RS, e de Rio Grande/RS onde muitos pesquisadores localizaram as suas fontes. Também foram realizadas pesquisas no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, no Arquivo Histórico do Rio Grande, no Arquivo Documental da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas, no Arquivo da Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul (ASIRGS), no Arquivo da Biblioteca Nacional, na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), no Arquivo da Torre do Tombo (ANTT), na Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra (UC), no Arquivo Geral da FURG, nos arquivos da UFPel, nos arquivos da Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto de São Lourenço do Sul/RS, no Arquivo Histórico Municipal de São Lourenço do Sul, no Arquivo Público de Uberlândia/MG, no Acervo da Inspeção Salesiana de Porto Alegre/RS, na Associação Sul Rio-Grandense de Professores, na Biblioteca Pública de Canguçu/RS, na Biblioteca Pública Municipal de São Lourenço do Sul/RS, na Biblioteca do IFSUL, na Biblioteca da Faculdade de Educação/UFPEL, no Centro de Documentação e Obras Valiosas (CEDOV), no Centro de Documentação Histórica/FURG, no Centro de Documentação (CEDOC), na Escola de Belas Artes de Pelotas, no HISALES (História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares), no Instituto Porto Alegre (IPA), no Instituto João Simões Lopes Neto, no Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas (IHGPEL), no Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão, no Instituto Anchieta de Pesquisas (IAP), da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), no Núcleo de Estudos Teuto-Brasileiros (NETB) UNISINOS, no Núcleo de Memória Engenheiro Francisco Martins Bastos (NUME), no Museu Etnográfico da Colônia Maciel, no Museu histórico de São Lourenço, no Museu Leopoldo Gotuzzo MALG/UFPEL, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e também Arquivos públicos uruguaios.

Muitos dos acervos pesquisados estão salvaguardados por instituições religiosas luteranas e católicas que tiveram uma importante atuação no campo educacional. Entre esses, temos o Arquivo Histórico e Biblioteca da Escola Superior de Teologia (EST), a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), o acervo da Biblioteca do Seminário Concórdia, localizada em São Leopoldo/RS, o arquivo da Mitra Diocesana de Pelotas, o Instituto Histórico da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, localizado em Porto Alegre /RS, o Arquivo geral da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, Porto Alegre, a Biblioteca do Colégio Sinodal Alfredo Simon, o Instituto São Benedito, o Instituto de Menores Dom Antônio Zattera (IMDAZ), o Instituto Nossa Senhora da Conceição, o Instituto Teológico João Wesley PA e da Paróquia Sagrado Coração de Jesus. Além destes foram também realizadas pesquisas junto a Federação Espírita Brasileira e ao Centro Cultural Espírita de Porto Alegre.

Outros acervos que tiveram relevância para o desenvolvimento de muitas pesquisas foram os arquivos de instituições escolares. Como os acervos do Colégio Municipal Pelotense, do Colégio São José, da Escola Félix da Cunha de Pelotas, do CAVG Agrícola Visconde da Graça e do CEFET-RS, do Colégio Santa Margarida, do Colégio Gonzaga, do Colégio Farroupilha de Porto Alegre, do Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida da cidade de Canguçu, da Escola São Benedito de Bagé, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Santo Antônio (antiga Escola Primária Rural Santo Antônio), da Escola de Ensino Médio Imaculada Conceição (antiga Escola de Normalista Regional Imaculada), do Instituto de Educação Assis Brasil (Pelotas/RS), das Instituições escolares da fronteira Chuy-Uruguay, do Instituto São Benedito de Pelotas, do Instituto de Educação Assis Brasil, do Instituto Estadual de Educação Espírito Santo, do Museu da Escola Municipal Pelotense e do setor de

documentação e arquivo da Secretaria Municipal de Educação de Cerrito.

Também foram utilizados acervo digitais como o Acervo Digital da Universidade Católica de Pelotas; Acervo digital da bibliotecas portuguesas, da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) e da Biblioteca Nacional (BN), Diário oficial da União, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP), Memória Gráfica de Pelotas, Ministério da Educação (MEC) e do site Americano *Center for Research Libraries* de Chicago, entre outros sebos e acervos *onlines*.

Por fim, cabe afirmar que, ao longo dos mais de vinte anos de constituição do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação, o Grupo de Pesquisa tem desempenhado importante papel na produção historiográfica da educação gaúcha, bem como no âmbito nacional. Os distintos interesses analíticos, acabam por promover uma proliferação de pesquisas que buscam suas fontes empíricas em uma volumosa rede de arquivos e acervos de diferentes partes do estado, do país e em espaços ultramarinos.

Referências Bibliográficas

ARRIADA, Eduardo; TAMBARA, Elomar; TEIXEIRA, Vanessa. CEDOC E CEIHE: espaços de preservação da memória escolar. **Revista História da Educação**, vol. 19, núm. 47, 2015, p. 313-317.

ARRIADA, Eduardo; TAMBARA, Elomar; TEIXEIRA, Vanessa Barrozo. Acervos escolares: espaço de salvaguarda e preservação do patrimônio histórico-educativo. **Revista Didática Sistemica**, Furg, v. 14, n. 2, 2012, p. 15-29.

BARROS, José d'Assunção. Fontes históricas: uma introdução aos seus usos historiográficos. **Histórias e Parcerias**: Anpuh, 2019. Disponível online em: <https://sigaa.ufrj.br/sigaa/verProducao?idProducao=2301689&key=bbbbb06a6d3b12a83c173df02b98e3f>. Acessado em 08 set. 2021

CALDEIRA, Jeane dos Santos. **A infância desvalida institucionalizada em Pelotas/RS: controle e ordenamento social nas páginas dos periódicos locais – décadas de 1910 a 1940**. 2020. 273 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

LOPES, Eliane Marta Santos Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira.
Território Plural: a pesquisa em história da educação. São Paulo: Ática, 2010.

OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena de. **Instituições e práticas escolares como representações de modernidade em Pelotas (1910 1930):** imagens e imprensa. 2012. 403 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

VIERO, Tatiane Vedoin. **A constituição do Núcleo de Memória Engenheiro Francisco Martins Bastos** – NUME (1994-2014). 2017. 140f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017

Bloco IV

Memórias em documentos: as atas das Assembleias da ASPHE

Separar, Reunir, Criar Arquivo e transformar em Documentos: as Atas das Assembleias da ASPHE e a Memória Institucional

Claudemir de Quadros

A Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe – começou a se constituir a partir de 1995, com o objetivo de incentivar e realizar a pesquisa e a divulgação de estudos relacionados com a História da Educação, prioritariamente do Rio Grande do Sul, assim como congregar os pesquisadores da área e manter intercâmbio com entidades congêneres (KREUTZ, 1997; PERES; BASTOS, 2001; LUCHESE, 2017).

A Associação tem realizado, desde 1997, encontros anuais, com uma programação voltada para a divulgação de estudos vinculados, na maioria dos casos, com História da Educação. Da programação destes encontros, que envolvem palestras, mesas redondas, minicursos, lançamento de livros e apresentação de comunicações orais, consta também a realização da assembleia geral ordinária da Associação, no âmbito do qual são tratadas as pautas relativas à administração da mesma. As anotações das discussões havidas nas assembleias da Associação tomam a forma de atas.

Em termos gerais uma ata se constitui num documento no qual se anota, resumidamente e com clareza, as ocorrências, deliberações ou resoluções de reuniões ou assembleias, as quais podem ser públicas ou privadas. Portanto, a ata é um documento oficial, escrito e formal.

Numa ata devem constar alguns dados que são entendidos como importantes para se avaliar a sua validade, dentre os quais data, hora, introdução acerca das pautas, resumo das discussões ocorridas, as conclusões ou deliberações que foram alcançadas, a lista dos

participantes, as assinaturas dos que estiveram presentes e manifestaram conformidade ou acordo.

Estes elementos, na sua maioria, comparecem nas atas das assembleias gerais ordinárias da Asphe, as quais são realizadas, anualmente, no decorrer da programação dos encontros da Associação. Assim, as atas, além de serem documentos de valor jurídico e de se consubstanciarem enquanto um registro do que ocorreu numa determinada reunião, também podem servir como um documento para a História da Educação, no sentido de serem um lugar de memória: “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais” (Nora, 1993, p. 13). Assim, com este texto busca-se promover a guarda ou preservação destes documentos, pelos quais se pode conhecer aspectos do itinerário da Asphe ao longo do tempo.

Os registros das reuniões de 1995, 1996 e de 28 de abril de 1997 não têm a formalidade de uma ata e, no geral, são anotações ou relatos que se referem ao processo de criação da Associação. Não foram localizadas as atas dos anos de 1998, 2000, 2001 e 2002.

A partir da reunião de 31 de outubro de 1997 a 2019 os textos se configuram como atas e se apresentam de modo relativamente padronizado. Todas se iniciam com a data e o local de realização da assembleia: “Aos dezoito dias do mês de novembro de mil novecentos e noventa e nove, na sala de vídeo do Centro de Educação da Universidade de Passo Fundo, realizou-se, às dezoito horas, a assembleia geral da Asphe” (ata de 1999). Em algumas consta a expressão “com a seguinte pauta”, em outras não há esta expressão e a pauta é anunciada a cada item que segue.

Em todas as atas o primeiro ponto de pauta é a leitura e aprovação da ata da assembleia do ano anterior. No geral o segundo

ponto de pauta é relacionado com a revista *História da Educação*: são apresentadas informações acerca da quantidade de números publicados, formas de divulgação, composição da comissão editorial, relatório de acessos, etc.

Ainda em relação à revista foi frequente o pedido de participação dos associados para o envio de contribuições na forma de artigos: “o prof. Elomar Tambara insistiu para que os associados da Asphe se comprometam de forma mais ampla em sustentar a revista com a sua produção/artigos (ata de 1999); “foi reiterada a solicitação aos sócios para o envio de artigos para a revista” (ata de 2004); “foi feito apelo para que os associados se engajem para que pesquisadores estrangeiros, parceiros de suas pesquisas, enviem artigos para a RHE” (ata de 2015); “foi realizada uma ampla solicitação para que os associados se sintam responsáveis pela captação de bons artigos de autores estrangeiros da área para a revista” (ata de 2016).

Também comparece a preocupação com “a avaliação dos periódicos pela Capes” (ata de 2003); “a revista teria ficado com conceito B na avaliação dos periódicos feita pela Capes, principalmente em função de formatação e não de conteúdo. Perdeu-se pontos pela falta de indexação, pela não existência de pareceristas ad hoc e pela necessidade de maior circulação em bibliotecas do país. Foi feito ofício contestando os critérios de avaliação e solicitando reconsideração do parecer” (ata de 2004); “solicitação de revisão de classificação no Qualis/Capes” (ata de 2011). Esta preocupação desapareceu das atas desde quando a revista foi classificada no estrato máximo do Qualis – A1.

Por outro lado, vê-se mudanças nas pautas relacionadas à revista: enquanto em 1999 informava-se que “o valor da revista da Asphe – História da Educação foi mantido em R\$ 10,00 (dez reais), com o acréscimo do valor da postagem”, em 2009 sugeria-se “que se verifi[casse] a possibilidade da implantação de um sistema eletrônico

de submissão de artigos e que se busca[sse] fontes de financiamento para a publicação” (ata de 2009) e, em 2010, o “presidente enfatizou a necessidade de implantação de um processo de submissão eletrônica para a revista” (ata de 2010). Essas preocupações desapareceram a partir de 2011 com a apresentação integral do acervo da revista no modo online, a partir do portal de periódicos da Ufrgs. Para tanto, ao assumir da editoria executiva da revista, em que atuei entre 2011 e 2015, passei pelo scanner, aproximadamente, 3.500 páginas dos números de 1997 a 2010. Isso possibilitou ampla visibilidade e circulação da revista. Fiz o mesmo com os anais dos encontros e agora com as atas. São contribuições para a Asphe das quais muito me orgulho.

Um tema recorrente nas atas é a definição da personalidade jurídica da Associação: “discutiu-se sobre a conveniência ou não de a Asphe requer o número de CNPJ. Ouviu-se argumentos favoráveis e contrários e decidiu-se voltar a discutir a questão oportunamente” (ata de 2006); “a discussão acerca da conveniência, ou não, de a Asphe requer o número de CNPJ permanece em pauta, sem uma decisão final” (ata de 2007); “aprovou-se, conforme a sugestão do professor Jorge Luiz da Cunha, o encaminhamento do estatuto à assessoria jurídica da Universidade Federal de Santa Maria para adequá-lo ao Código Civil, com vistas a pleitear número no cadastro nacional de pessoas jurídicas – CNPJ – para a associação” (ata de 2010). Este tema reapareceu em 2018: “regularização da Asphe como pessoa jurídica e constituição de uma comissão para organização deste processo: retirado de pauta e não discutido nesta assembleia” (ata de 2018) e foi, finalmente, resolvido em 2019, quando “foi aprovada, em assembleia, por unanimidade, o início dos trâmites administrativos e de criação jurídica da Asphe junto aos órgãos competentes” (ata 2019).

Há, também, os temas pendentes ou não alcançados, tais como a intenção de ampliar o quadro social: “Convém que a Asphe busque congregar um maior número de professores de história da educação, bem como agregar as instituições de ensino superior que não contam com representantes na associação, dentre as quais URI, Furg, Lassale, Ulbra, Unisc, Uniritter, Feevale e Uergs” (ata de 2004); “a diretoria ficou encarregada de fazer contato com professores de história da educação de instituições de ensino superior que ainda não participam da Asphe. Esse contato deve apresentar a associação e formalizar um convite para adesão. Esses professores também podem ser convidados a produzir textos sobre sua experiência com o ensino de história da educação que, se aprovados pelo conselho editorial da revista História da Educação, poderão compor o dossiê previsto para ser publicado no número dezenove da revista” (ata de 2005); “cabe estabelecer diálogo com o grupo de trabalho da Anpuh/RS que trata do ensino de história” (ata de 2005). Em relação à Anpuh cabe destacar a criação do grupo de trabalho História da Educação, que aconteceu em 2015: <https://www.facebook.com/gtheanpuh>.

Outro ponto de pauta comum nas atas é a definição do local do encontro do ano seguinte e manifestações de agradecimento e saudação à comissão organizadora e secretaria do evento, no geral parabenizando pelo trabalho realizado e pelo sucesso do evento, assim como pelo trabalho da comissão científica: “Foi registrado um agradecimento especial à Furg e a UFSM pelo apoio ao evento de 2007, bem como à comissão organizadora local/UFPel pelo comprometimento e dedicação na busca de todos os esforços, garantindo o êxito deste encontro. Beatriz Fischer” (ata de 2008); “o professor Elomar Tambara elogiou a organização do evento e o trabalho dos colaboradores. Houve diversas manifestações de agradecimento e de reconhecimento à comissão organizadora do evento” (ata de 2011); “com relação à avaliação do encontro, a

professora Beatriz Daudt Fischer elogiou a organização do encontro, a qualidade dos trabalhos apresentados e os grupos de discussão. Os demais participantes da assembleia agradeceram à comissão organizadora do encontro, à Faculdade de Educação e ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Ufrgs” (ata de 2014); “Os demais participantes da assembleia agradeceram à comissão organizadora do encontro da Asphe, estendendo ao Programa de Pós-Graduação em Educação e à Universidade de Caxias do Sul o reconhecimento e a gratidão pela acolhida” (ata de 2015); “Em nome da Associação a professora Terciane Ângela Luchese agradeceu ao professor Alessandro Carvalho Bica e equipe pela acolhida e organização do encontro” (ata de 2017). Também são informados alguns dados acerca do evento, tais como número de inscritos e de comunicações apresentadas.

Quadro 1 – Relação dos encontros realizados pela Asphe (1997-2021).

Edição	Data	Local	Temática
26º	3 a 5 de novembro de 2021	Pelotas – RS	25 anos de Asphe: trajetórias e perspectivas
25º	3 e 4 de outubro de 2019	Bagé – RS	História da educação e democracia: desafios e conquistas
24º	24 a 26 de outubro de 2018	São Leopoldo – RS	História da educação: sensibilidades, patrimônio e cultura escrita
23º	27 a 29 de setembro de 2017	Rio Grande – RS	Gênero e memória: mulheres na/da história da educação
22ª	5 a 7 de outubro de 2016	Bagé – RS	História da educação e políticas educacionais: 20 anos da lei de diretrizes e bases da educação brasileira
21ª	31 de agosto a 2 de setembro de 2015	Caxias do Sul – RS	Etnias, culturas e história da educação
20ª	3 a 5 de dezembro de 2014	Porto Alegre – RS	História e imagem da educação

Edição	Data	Local	Temática
19 ^a	6 a 8 de novembro de 2013	Pelotas – RS	História da educação e culturas do pampa: diálogos entre Brasil e Uruguai
18 ^a	26 a 28 de setembro de 2012	Porto Alegre – RS	Jean-Jacques Rousseau (1712-2012): modernidade, história e educação
17 ^a	12 a 14 de setembro de 2011	Santa Maria – RS	História da educação: campos e fronteiras
16 ^a	24 a 26 de novembro de 2010	Porto Alegre – RS	Educação e patrimônio
15 ^a	29 de setembro, 1 e 2 de outubro de 2009	Caxias do Sul – RS	Infâncias, cultura escrita e história da educação
14 ^a	27 a 29 de outubro de 2008	Pelotas – RS	Cultura material escolar: memórias e identidades
13 ^a	26 a 28 de setembro de 2007	Porto Alegre – RS	Acervos e história da educação
12 ^a	30 de agosto a 1º de setembro de 2006	Santa Maria – RS	História, infância e educação
11 ^a	29 a 31 de agosto de 2005	São Leopoldo – RS	História da educação na formação de professores
10 ^a	2 a 4 de junho de 2004	Gramado – RS	História da cultura escolar: escritas e memórias ordinárias
9 ^a	5 e 6 de junho de 2003	Porto Alegre – RS	História da educação, literatura e memória
8 ^a	29 a 30 de agosto de 2002	Gramado – RS	Iconografia e pesquisa histórica
7 ^a	3 e 4 de maio de 2001	Pelotas – RS	Pesquisa em história da educação: perspectivas comparadas
6 ^a	17 e 18 de agosto de 2000	Santa Maria – RS	Processos identitários e educação, religião e etnia
5 ^a	18 e 19 de novembro de 1999	Passo Fundo – RS	História das instituições escolares
4 ^a	22 e 23 de abril de 1999	Santa Maria – RS	Possibilidades das pesquisas em história da educação no Brasil

Edição	Data	Local	Temática
3 ^a	23 e 24 de abril de 1998	Santa Maria – RS	Imprensa pedagógica
2 ^a	31 de outubro de 1997	Santa Maria – RS	Memória e história da educação: questões teóricas e metodológicas
1 ^a	28 e 29 de abril de 1997	São Leopoldo – RS	Fundação da Asphe

Fonte: atas das assembleias da Asphe.

Nas atas consta que a cada período de dois anos há a escolha da diretoria da Associação, integrada por um presidente, um vice-presidente, um secretário geral e por um conselho fiscal composto por três pessoas. Em todas as atas, em que comparece esse ponto de pauta, consta que uma única chapa apresentou candidatura e que a mesma foi eleita por aclamação. Na seqüência apresenta-se um quadro com a relação das diretorias entre 1997 e 2021. Há algumas lacunas que não foram supridas em função de não terem sido localizadas as atas dos de 1998, 2000, 2001 e 2002.

Quadro 2 – Diretorias da Asphe (1997-2021).

Diretoria (biênio 2020-2021)	Diretoria (biênio 2017-2019)
Presidente: Alessandro Carvalho Bica – Unipampa Vice-Presidente: Maria Augusta Martiarena de Oliveira – IFRS/Osório Secretário Geral: Fernando Cezar Ripe da Cruz – Ufpel Conselho Fiscal Gisele Belusso – UCS, Vania Grim Thies – Ufpel Simôni Costa Monteiro Gervasio – Unipampa	Presidente: Patrícia Weiduschadt – UFPel Vice-Presidente: José Edimar de Souza – UCS Secretário Geral: Alessandro Carvalho Bica – Unipampa Conselho Fiscal Maria Augusta Martiarena Oliveira – IFRS/Osório Edison Luiz Saturnino – Ufrgs Rita de Cássia Grecco dos Santos – Furg

Diretoria (biênio 2015-2017)	Diretoria (biênio 2013-2015)
<p>Presidente: Terciane Ângela Luchesa – UCS Vice-Presidente: Patrícia Weiduschadt – UFPel Secretário Geral: Larissa Carvalho Camacho – UCS</p> <p>Conselho Fiscal Dóris Bittencourt Almeida – Ufrgs Alessandro Carvalho Bica – Unipampa Giane Rabelo – Unesc</p>	<p>Presidente: Claudemir de Quadros – UFSM Vice-Presidente: Maria Stephanou – Ufrgs Secretário Geral: Terciane Ângela Luchese – UCS</p> <p>Conselho Fiscal Elomar Antonio Callegaro Tambara – UFPel Beatriz Teresinha Daudt Fischer – Unisinos Maria Helena Camara Bastos – PUCRS</p>
Diretoria (biênio 2011-2013)	Diretoria (biênio 2009-2011)
<p>Presidente: Claudemir de Quadros – UFSM Vice-Presidente: Lucine Sgarbi Santos Grazziotin – Unisinos Secretário Geral: Carla Gastaud – UFPel</p> <p>Conselho Fiscal Elomar Antonio Callegaro Tambara – UFPel Beatriz Teresinha Daudt Fischer – Unisinos Maria Helena Camara Bastos – PUCRS</p>	<p>Presidente: Maria Stephanou – Ufrgs Vice-Presidente: Claudemir de Quadros – UFSM Secretário Geral: Carla Gastaud – UFPel</p> <p>Conselho Fiscal Giane Rabelo – Unesc Luciane Sgarbi Santos Grazziotin – Unisinos Rita de Cássia Grecco dos Santos – Furg</p>
Diretoria (biênio 2007-2009)	Diretoria (biênio 2005-2007)
<p>Presidente: Maria Stephanou – Ufrgs Vice-Presidente: Beatriz Terezinha Daudt Fischer – Unisinos Secretário Geral: Claudemir de Quadros – UFSM</p> <p>Conselho Fiscal Eduardo Arriada – Ufpel Giana Lange do Amaral – Ufpel Flávia Obino Correa Werle – Unisinos</p>	<p>Presidente: Maria Helena Camara Bastos – PUCRS Vice- Presidente: Maria Stephanou – Ufrgs Secretário Geral: Claudemir de Quadros – Unifra</p> <p>Conselho Fiscal Beatriz Teresinha Daudt Fischer – Unisinos Eduardo Arriada – UFPel Nilo Bidone Koling – UFPel</p>

Diretoria (biênio 2003-2005)	Diretoria (biênio 2001-2002)
Presidente: Maria Helena Camara Bastos – PUCRS Vice-Presidente: Maria Stephanou – Ufrgs Secretário Geral: Claudemir de Quadros – Unifra Conselho Fiscal Beatriz Teresinha Daudt Fischer – Unisinos Eduardo Arriada – UFPel Nilo Bidone Koling – UFPel	
Diretoria (biênio 1999-2000)	Diretoria 1997
Presidente: Jorge Luiz da Cunha – UFSM Secretário Geral: Berenice Corsetti – UFSM (ad hoc)	Presidente: Jorge Luiz da Cunha – UFSM Secretário Geral: Valeska Fortes de Oliveira – UFSM
Diretoria 1996	
Presidente: Lúcio Kreutz – Unisinos Vice-Presidente: Elomar Tambara – UFPel Secretário Geral: Flávia Obino Correa Werle – Unisinos	

Fonte: atas das assembleias da Asphe.

No âmbito das coisas pensadas e não realizadas pode-se citar, por exemplo, a sugestão de “criar e manter no site um banco de dados sobre os trabalhos relacionados com história da educação” (ata de 2005).

Em síntese, nas atas das assembleias da Asphe, em que pese a sua generalidade, a maioria tem pouco mais de uma página e meia, pode-se ver que as pautas mais recorrentes são a configuração da programação dos encontros anuais; as informações ou relatórios relacionados com a revista *História da Educação*; as escolhas da diretoria; os valores das anuidades; a importância de que a Asphe busque congregar um maior número de professores de História da Educação, bem como agregar as instituições de ensino superior que

não contam com representantes na associação; as dificuldades de formação de quadro de associados mais permanente; a relevância da Asphe enquanto espaço de acolhimento para pesquisadores iniciantes e de formação profissional; informes sobre as finanças. Na constituição discursiva das atas não se nota registros de inconformidades ou conflitos.

Por fim, reunir, guardar, catalogar atas com vistas a uma apropriada análise documental tem o potencial de situá-las enquanto documentos e de se observar, por exemplo, sobre quem as redigiu, quando e onde foram escritas, qual a sua forma, qual o objetivo. Possivelmente isso seja importante, afinal, “em História, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em documentos certos objetos distribuídos de outra maneira” (Certeau, 1982, p. 81).

Referências

ASPHE. **Atas das assembleias da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, 1997-2019.**

BASTOS, Maria Helena Camara; QUADROS, Claudemir de; STEPHANOU, Maria. Revista História da Educação da Asphe/RS (Brasil): compartilhando estudos e pesquisas desde 1997. **History of Education & Children's Literature**, Macerata, v. X, n. 1, 2015, p. 57-63.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

KREUTZ, Lúcio. A Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe. SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL, 4, 1997. **Anais...** Campinas: Unicamp, 1997, p. 519-524.

LUCHESE, Terciane Ângela. A pesquisa em história da educação – testemunho de um autor: entrevista com Lúcio Kreutz. **História da Educação**, Porto Alegre, v. 21, n. 52, 2017, p. 5-14

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares, **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História**, São Paulo, v. 10, 1993, p. 7-28.

PERES, Eliane; BASTOS, Maria Helena C. Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe: a trajetória de uma rede de historiadores. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 34, 2001, p. 221-227.

REGISTRO DA REUNIÃO DE 11 DE DEZEMBRO DE 1995

Em 11 de dezembro de 1995 reuniu-se, na Unisinos, um grupo de pesquisadores na área de História da Educação no Rio Grande do Sul, para criar, em caráter provisório, um GT, grupo de trabalho, com os seguintes objetivos:

- a) articular as iniciativas de pesquisa na referida área;
- b) socializar a produção de pesquisa histórica em educação no Estado;
- c) abrir canais de acesso aos diversos acervos existentes no Estado e aos bancos de dados que vão sendo constituídos;
- d) promover encontros regionais de pesquisa em História da Educação para apresentar e discutir a produção histórico-educacional no Estado, bem como refletir sobre as tendências teórico-metodológicas da historiografia educacional.

Estiveram presente no encontro:

- Jaime Giolo – UPF;
- Flávia Obino C. Werle – Unisinos;
- Maria Helena Câmara Bastos – Ufrgs;
- Beatriz Terezinha Daudt – Ufrgs/Unisinos;
- Julieta Beatriz Ramos Desaulniers – PUCRS;
- Berenice Corsetti – UFSM;
- Elomar Tambara – UFPel;
- Lúcio Kreutz – Unisinos (coordenador).

A partir deste primeiro encontro foi decidida a realização de uma nova reunião com os pesquisadores interessados em integrar o referido GT.

REGISTRO DA REUNIÃO DE 7 DE JUNHO DE 1996

Esta realizou-se, também na Unisinos, com os seguintes participantes:

- Jorge Luiz da Cunha – UFSM;
- Elomar Tambara – UFPEL;
- Jaime Giolo – UPF;
- Maria do Carmo da Silva – Urcamp;
- Luci Elaine Krämer Schwengber – Unisc;
- Beatriz Fischer – Ufrgs;
- Eva Lisety Ribes – Furg;
- Flávia O. Correa Werle – Unisinos (coordenadora);
- Lúcio Kreutz – Unisinos (justificou ausência)

Na parte da manhã procedeu-se à comunicação das pesquisas em andamento. Na parte da tarde discutiu-se sobre os possíveis canais de comunicação a serem utilizados pelo grupo, relembrou-se a todos as datas e locais dos seminários e congressos na área e iniciou-se a discussão sobre a formação do GT de pesquisadores em História da Educação no Rio Grande do Sul. A equipe de Pelotas ficou encarregada para redigir uma proposta de estatuto para a associação a ser criada. Por fim, decidiu-se que haveria nova reunião dia dois de setembro de 1996, com a seguinte pauta:

- 1) discussão da proposta de estatutos da associação, elaborada pelos representantes de Pelotas;
- 2) proposta concreta da criação da revista da associação, também a cargo da equipe de Pelotas;
- 3) apresentação de algumas pesquisas relativas à história da educação no Rio Grande do Sul durante a República Velha.

Foram inscritos: Berenice Corsetti – UFSM; Elomar Tambara – UFPEL; Jaime Giolo – UPF; Lúcio Kreutz – Unisinos.

Encontro do GT História da Educação no RS

Pauta:

- 1) Informes sobre:
 - a) GT História da Educação da Anped.
 - b) Grupos de estudos e Pesquisas História, Educação e Sociedade no Brasil (Grupo Saviani) e os congressos ibero-americanos de história da educação latino-americana.

- c) Problemas e perspectivas da interação destes dois grupos.
- 2) Questões a serem discutidas:
 - 2.1) Nós, no RS, sentimos que seria útil e necessário unirmo-nos em grupos de trabalho regional para:
 - a) termos noção do que bem sendo produzido no RS em História da Educação?
 - b) termos conhecimento como estão os diversos acervos e levantamentos de fontes em História da Educação no RS e podermos solicitar resultados e informações?
 - c) podermos, talvez, realizar um trabalho planejado e integrado em relação às fontes, constituindo um banco de dados comum?
 - d) promovermos encontros regionais de história da educação para:
 - apresentar e discutir nossa produção?
 - promover a reflexão teórica sobre tendências, impasses e avanços da historiografia educacional?
 - 2.2) Realização do primeiro encontro regional de História da Educação no RS, em setembro de 1996, tendo:
 - a) oportunidade para apresentarmos e discutirmos nossas pesquisas;
 - b) espaço para a reflexão teórica com o prof. Justino Guimarães sobre:
 - a questão das fontes;
 - as tendências em historiografia, hoje.
 - c) oportunidade para publicarmos nossas apresentações.
 - 2.3) Caso resolvermos formar o grupo regional em história da educação, queremos vinculação com o grupo de estudos e Pesquisas História, Educação e Sociedade no Brasil?

REGISTRO DA REUNIÃO DE 2 DE SETEMBRO DE 1996

A reunião de dois de setembro de 1996 contou com os seguintes participantes, já em número maior, considerados sócios fundadores da Asphe:

- Guacira Lopes Louro – Ufrgs;
- Maria Helena Câmara Bastos – Ufrgs;
- Julieta Beatriz Ramos Desaulniers – PUCRS;
- Flávia Obino Correa Werle – Unisinos;
- Jaime Giolo – UPF;
- Jorge Luiz Cunha – UFSM;
- Elomar Tambara – UFPel;
- José Fernando Kieling – UFPel;
- Berenice Corsetti – UFSM;
- Lúcio Kreutz – Unisinos;
- Beatriz Daudt Fischer – Ufrgs/Unisinos;
- Maria Stephanou – Ufrgs;
- Dagmar Esterman Meyer – Ufrgs;
- Eva Lisety Ribes – Furg;
- Maria do Carmo da Silva – Urcamp;
- Luci Elaine Krämer Schwengber – Unisc;
- Eduardo Arriada – UFPEL.

Associaram-se, ainda, após a fundação:

- José Licínio Backes – Unisinos;
- Luciana Storck de Mello – Unisinos;
- Marcos Corbellini – La Salle/Canoas;
- Regina Portella Schneider – SEC/RS;
- Rosângela Montagner – UFSM;
- Valeska Fortes de Oliveira – UFSM;
- Liceo Piovesan – Unisinos;
- Agostinho Mário Dalla Vecchia – UFPel;
- Marlene Gallina Rego Lorenzi – SEC/RS;
- Ceres Karan Brum – UFSM.

Segundo a previsão neste encontro foi discutida a proposta de Estatuto da Asphe, apresentada por Elomar Tambara, Eduardo Arriada e

Fernando Kieling e, após algumas alterações, o estatuto foi aprovado pela assembleia de fundação. Foi escolhida a diretoria, composta de Flávia Obino Correa Werle (secretária), Elomar Tambara (vice-presidente) e Lúcio Kreutz (presidente). Também foi tomada a decisão de a Associação manter uma revista semestral, com o título HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. A revista será impressa na Universidade Federal de Pelotas, sob a comissão executiva de Elomar Antônio Gallegaro Tambara e Eduardo Arriada, sendo o Conselho Editorial formado por Elomar Antônio Gallegaro Tambara, Maria Helena Câmara Bastos, José Fernando Kieling e Lúcio Kreutz.

No encontro de fundação da Asphe houve participação intensa dos associados, houve estímulo para o apoio mútuo e para a participação em encontros e congressos. Os associados também comprometeram-se com uma anuidade para a Associação.

Neste mesmo encontro do dia 2 de setembro de 1996 foram apresentadas e discutidas as pesquisas de Elomar Tambara e de Berenice Corsetti. Ficou estabelecido que o 1º Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação seria realizado nos dias 28 e 29 de abril de 1997, na Unisinos, São Leopoldo, sendo a temática formada de dois blocos principais: a apresentação dos principais arquivos e acervos do RS com fontes para a história da educação e a apresentação de pesquisas de associados da Asphe.

REGISTRO DA REUNIÃO DE 28 DE ABRIL DE 1997

O 1º ENCONTRO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

1º parte:

O objetivo foi iniciar a apresentação dos acervos e arquivos, no Rio Grande do Sul, com fontes para a pesquisa em História da Educação, explicitando-se aos participantes as principais séries de fontes para a temática da História da Educação existentes nos respectivos arquivos. Outro objetivo é a formação de uma rede de informação e intercâmbio entre pesquisadores destes Arquivos. Trata-se de:

- 1) Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (R. Riachuelo, 1317, Porto Alegre);
- 2) Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (R. Cristóvão Colombo, 1373);
- 3) Solar dos Câmara, com a: Biblioteca da Assembleia Legislativa; Arquivo da Câmara.
- 4) O Arquivo Histórico de Arquidiocese de Porto Alegre;
- 5) O Arquivo Histórico de Pelotas.

Outro objetivo foi fazer uma apresentação da Fundação de Ampara à Pesquisa no Rio Grande do Sul – Fapergs – aos participantes, explicitando-se a dinâmica e as possibilidades de apoio à pesquisa, de modo que os pesquisadores tenham facilidade de interação com a mesma.

- 1) a apresentação da Fapergs, pelo seu diretor técnico-científico, prof. Carlos Eugênio Daudt;
- 2) a apresentação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, pelo prof. Laudelino Teixeira Medeiros;
- 3) a apresentação do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, pela professora Acácia Maria M. Hagen.

2º parte:

Na segunda parte houve a apresentação e discussão das pesquisas de:

- 1) Jorge Luiz Cunha – UFSM
- História oral/histórias da vida: contribuição para a pesquisa em História da Educação;
- 2) Valeska Fortes de Oliveira – UFSM
- Imagens, docência e histórias de vida;

- 3) Beatriz Daudt Fischer – Ufrgs/Unisinós
 - Foucault e histórias de vida: aproximações e que tais;
- 4) Julieta Beatriz Ramos Desaulniers – PUCRS
 - O campo religioso e a formação de trabalhadores;
- 5) José Fernando Kieling – UFPel
 - Expansão de agropecuária e a formação de professores rurais;
- 6) Elomar Tambara – UFPel
 - O processo de formação da negritude no Rio Grande do Sul no século XIX;
- 7) Guaciara Lopes Louro e Dagmar E. E. Meyer – Ufrgs
 - Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero e a História da Educação no Rio Grande do Sul;
- 8) Dagmar E. E. Meyer – Ufrgs
 - Pesquisa em história da educação da mulher na Alemanha: relatos de um estágio;
- 9) Regina Portella Schneider – SEC/RS
 - Instrução pública no Rio Grande do Sul;
- 10) Flávia Obino Correa Werle – Unisinós
 - Discutindo a institucionalização da instrução pública;
- 11) Maria Stephanou – Ufrgs
 - A constituição de sujeitos higiênicos: práticas formativas da medicina no Rio Grande do Sul;
- 12) Luci Elaine Krämer Schwengber – Unisc
 - As políticas da educação básica brasileira em nível de processo legislativo federal, de 1988 a 1996;
- 13) Maria Helena Câmara Bastos – Ufrgs
 - A gênese do projeto público republicano para a educação: o discurso e a ação de Dr. Joaquim José de Menezes Vieira – médico e educador (1851-1897);
- 14) Jaime Giolo – UPF
 - Positivismo e catolicismo na educação gaúcha da Primeira República;
- 15) Rosângela Montagner – UFSM
 - Normalistas em Santa Maria: o caso do Instituto de Educação Olavo Bilac (1945-1975);
- 16) Ceres Karan Brum – UFSM
 - Lendas missionárias: dimensão pedagógica;
- 17) Lúcio Kreutz – Unisinós

- Educação e etnia: perspectivas para uma leitura na história da educação;

18) Agostinho Mário Dalla Vecchia – UFPel

- A educação dos escravos em Pelotas;

19) Eduardo Arriada – UFPel

- Formação do Arquivo Histórico de Pelotas.

Ainda estavam inscritos:

1) Marcos Corbellini – La Salle – Canoas

- Itinerário de uma proposta educativa;

2) Luciana Storck de Mello – Unisinos

- Estudo de curso complementar: curso de formação de alunas-mestras;

3) Eva Lisety Ribes – Furg

- A história da educação rural a partir da história das escolas.

Instituições representadas no primeiro encontro da Asphe:

- Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.
- Fundação de Amparo à Pesquisa no Rio Grande do Sul.
- Instituto Histórico e geográfico do Rio Grande do Sul.
- Centro Educacional La Salle de Ensino Superior.
- Fundação Universidade do Rio Grande – FURG.
- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul.
- Universidade de Passo Fundo.
- Universidade de Santa Cruz do Sul.
- Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- Universidade Federal de Pelotas.
- Universidade Federal de Santa Maria.
- Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Próximas atividades:

Para o segundo semestre de 1997 estão previstos dois eventos da Asphe:

1º) lançamento do 2º número de História da Educação (revista da Asphe), previsto para o encontro anual da Anped em setembro de 1997;

2º) encontro de um dia, em 31/10/97, na Universidade Federal de Santa Maria, para uma reflexão sobre Memória e história da educação: questões teóricas e metodológicas.

Avaliação provisória

Certamente podemos inferir que, mesmo que a Asphe esteja em estágio inicial, as atividades realizadas até o momento, através de encontros, de apresentação das pesquisas e do lançamento da revista de História da Educação, sinalizam para uma avaliação positiva. Além do conhecimento das pesquisas em realização, também iniciam os estudos e debates sobre questões teórico-metodológicas e permite-se condições mais favoráveis para a interação de pesquisadores com temáticas e interesses semelhantes.

Unisinos – São Leopoldo.

Lúcio Kreutz.

ATA DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE 31 DE OUTUBRO DE 1997

Ata da assembleia geral ordinária de 31 de outubro de 1997 Aos trinta e um dias do mês de outubro de hum mil novecentos e noventa e sete, a Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, reunida no II encontro de pesquisadores em História a Educação no Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, às quinze horas e trinta minutos, em assembleia geral, deliberou que o próximo encontro da Associação será nos dias 23 e 24 de abril do próximo ano, em Santa Maria. O encontro prevê na sua organização a apresentação de trabalhos que deverão ser recebidos até o dia 20 de março, sexta-feira, como o máximo de dez (10) páginas, acompanhado do resumo do trabalho. Os responsáveis pela análise dos trabalhos serão: José Fernando Kieling, Jaime Giolo, Valeska Fortes de Oliveira e Dagmar E. Esterman Meyer. A tarefa de análise dos trabalhos deverá ser definida pela comissão indicada pela Assembleia. O presidente da Asphe, prof. dr. Jorge Luiz da Cunha, propôs a criação de uma lista dos grupos de pesquisa na internet, possibilitando aos sócios conversarem através do correio eletrônico fechado. A Assembleia aprovou a criação da lista. A revista da Associação, n. 3, será lançada no Encontro Luso-Brasileiro, em fevereiro de 1998, que será em São Paulo, com a previsão de conselho editorial composto pelos professores Denice Cattani, Maria Tereza Cunha, Mariano Narodowisk, Dermeval Saviani, Elomar Tambara, Lúcio Kreutz, José Fernando Kieling, Jorge Luiz da Cunha, Julieta Desaulniers e Guacira Louro. A revista n. 3 contemplará, os três artigos apresentados neste encontro, com uma apresentação do encontro e do tema. A contribuição dos sócios para a próxima revista deverá chegar até o dia 15 de janeiro, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. O prof. dr. Lúcio Kreutz parabenizou os grupos organizadores pela infra-estrutura do encontro em nome dos sócios, também referiu-se a ausência da Unijuí e da UCS – Universidade de Caxias do Sul, que deverão ser constatadas para o próximo evento. As sócias Julieta, Beatriz e Maria Stephanou avaliaram positivamente o encontro. A Assembleia definiu que a Associação Sul-Rio-Grandense e os sócios serão do nosso Estado. Também deliberou sobre a categoria de sócio correspondente que pagará a anuidade e receberá os números da revista. Serão reeditados mais 30 exemplares da revista n. 2 e 50 a mais da n. 3, totalizando 150

exemplares desta última. O prof. dr. Lúcio Kreutz informou sobre o Grupo de Estudos Sociedade, História e Educação do prof. Dermeval Saviani, sugerindo que a Asphe não se vincule ao grupo como Grupo de Trabalho do Rio Grande do Sul. Nas informações gerais o presidente da Asphe informou o relatório financeiro da Associação e o orçamento prevista, assim como os apoios recebidos por parte da Fapergs, que subsidiou a hospedagem, a alimentação e outros gastos do encontro, bem como o apoio do Centro de Educação e da Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Maria, que subsidiaram as passagens aéreas das palestrantes Denice Cattani e Maria Tereza Cunha e os pró-labores na quantia de R\$ 150,00 (cento e cinquenta reais) às três palestrantes. Aos associados foram passadas informações a respeito dos encontro de história da educação que se realizarão no próximo ano. A assembleia avaliou o encontro, destacando sua importância e necessidade em se receber com antecedência os trabalhos a serem apresentados nos próximos eventos. Sem mais a constar, lavro a presente ata, assinada por mim, secretária, profa. dra. Valeska Fortes de Oliveira, e pelo presidente da Asphe, prof. dr. Jorge Luiz da Cunha.

ATA DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE 18 DE NOVEMBRO DE 1999

Aos dezoito dias do mês de novembro de mil novecentos e noventa e nove, na sala de vídeo do Centro de Educação da Universidade de Passo Fundo, realizou-se, às dezoito horas, a assembleia geral da Asphe, com a seguinte pauta: 1) aprovação da ata da assembleia anterior; 2) relatório da diretoria: atividades e finanças; 3) a revista História da educação; 4) fixação da anuidade para o ano 2000; 5) quarto encontro de pesquisadores em história da educação; 6) assuntos gerais e comunicações. Dando início aos trabalhos, o prof. Jorge Luiz da Cunha indicou a professora Berenice Corsetti para secretariar a reunião, em seguida, apresentou a ata da assembleia geral ordinária do dia vinte e dois de abril de corrente ano, que foi lida e discutida. O prof. Lúcio Kreutz sugeriu que fosse arquivada a ata de cada assembleia, com o registro, em anexo, da programação dos eventos realizados – os encontros dos pesquisadores – bem como as revistas da associação. Após a aprovação por unanimidade dessa proposta e da própria ata, foi iniciado o relatório da diretoria, com o registro do empenho da professora Maria Helena Bastos na organização do quinto encontro de pesquisadores em história da educação. O prof. Jorge Luiz da Cunha destacou também o empenho do prof. Elomar Tambara na edição da revista da Asphe, com o último número lançado nesse referido evento. Foi solicitado ao prof. Lúcio Kreutz, pelo presidente da Asphe, que fizesse um relato sobre a criação da Sociedade Brasileira de História da Educação, o que foi feito pelo prof. Lúcio Kreutz, que foi escolhido como representante da região sul na sociedade brasileira. O prof. Lúcio Kreutz destaca o papel da Asphe, como referência nacional para a própria criação da SBHE. O prof. Elomar Tambara complementou o relato, reforçando o papel destacada da Asphe no cenário nacional. Os dois professores ressaltaram o papel relevante do prof. Jorge Luiz da Cunha, na coordenação da assembleia da Asphe, o que facilitou a aprovação dos estatutos e criação da sociedade. Na sequência, o presidente da Asphe relatou a situação financeira, que se define como razoavelmente estável, tendo diminuído substancialmente a inadimplência de boa parte dos sócios que estavam nessa situação. O saldo positivo em caixa soma R\$ 1.108,80, o qual será utilizado para o pagamento do próximo número da revista História da Educação. A professora Maria Helena Bastos levantou a questão trazida pela

professora Julieta Desaulniers, da possibilidade de ressarcimento de despesas para sócios da Asphe que participam de mesas, nos encontros da associação. Ficou reafirmado o princípio estabelecido no estatuto da Asphe, que explicita que os dirigentes e membros associados não recebem retribuições financeiras da associação (art. 43). No item seguinte da pauta, sobre a revista da Asphe História da Educação: o prof. Elomar Tambara insistiu para que os associados da Asphe se comprometam de forma mais ampla em sustentar a revista com a sua produção/artigos. Sugeriu algumas mudanças, entre as quais: a) a necessidade de que seja instituído o sistema de assinaturas; b) ampliar a remessa da revista aos cursos de pós-graduação em educação, instituindo um sistema para isso. O prof. Jorge Luiz da Cunha sugeriu a utilização da mala direta da SBHE para o estabelecimento inicial desse esquema. O valor da revista da Asphe – História da Educação foi mantido em R\$ 10,00 (dez reais), com o acréscimo do valor da postagem. Foi sugerida a inclusão, na relação da mala-direta, dos cursos de pedagogia e de história. Foi ventilada a possibilidade da ampliação da quantidade de revista que são impressas, já que todos os números editados estão esgotados; c) a necessidade de indexação da revista: o prof. Elomar Tambara solicitou esclarecimento sobre o procedimento a ser utilizado para esse fim, o que foi feito por alguns dos presentes. A professora Maria Helena Bastos ficou de recolher informações sobre o procedimento exato junto à Universidade de Uberlândia, sendo sugerido que os demais sócios também buscassem informações em suas instituições de origem. Ainda sobre a revista, o prof. Jaime Giolo sugeriu mudança no formato da revista, o que não foi opinião geral, tendo este professor retirado a sugestão. O prof. Lúcio Kreutz sugeriu a publicação, na revista da Asphe, da documentação sobre a história da educação, mas especificamente os regulamentos do Império, conforme foi também esclarecido pelo prof. Elomar Tambara, e aprovado pelo grupo. Ainda sobre a revista História da Educação, ficou aprovado que os textos das comunicações completas apresentadas no quinto encontro serão encaminhadas à comissão editorial para apreciação e possível publicação no próximo número da revista. Foram apresentados os novos candidatos a sócios, através do prof. Jorge Luiz da Cunha, tendo sido submetidos à apreciação e inclusões na Asphe, o que foi aprovada por unanimidade. Com esses novos integrantes, a Asphe atingiu cinquenta sócios. Em relação ao quarto encontro da Asphe, foi apreciada a manutenção do atual formado dos eventos. Para o ano 2000, foi

sugerido pelo prof. Lúcio Kreutz que um dos dois encontros da Asphe, especificamente o do segundo semestre, fosse associado ao encontro da regional sul da Anped, ao final do segundo semestre de 2000, em Porto Alegre, o que foi considerado bastante procedente e aprovado por unanimidade. Sobre o encontro de abril, o prof. Jorge Luiz da Cunha sugeriu que seja realizado em Santa Maria, em função da inauguração do novo prédio do Centro de Educação da UFSM, que oferece muito boas condições para abrigar o evento. A temática sugerida centrou-se em “educação, religião e etnia”. Outras sugestões foram feitas: a história do ensino da história da educação e processos educativos e identidades profissionais, que foram aprovados como temas para as duas mesas do próximo evento. Na sessão de comunicações, o prof. Lúcio Kreutz divulgou a 22ª conferência anual da Ische, a ser realizada de 6 a 9 de setembro de 2000, em Alcalá de Henares, Espanha. Também divulgou o material da SBHE, formas de associação, endereços, etc. Por solicitação do prof. Lúcio Kreutz foi indicado o tema a história do ensino de história da educação para o próximo encontro da regional sul da Anped, para a eventualidade de ser solicitada indicação de tema. Nada mais havendo a constar, foi lavada a presente ata, que assinada por mim, professora Berenice Corsetti, secretária ad hoc, e pelo presidente da Asphe, prof. Jorge Luiz da Cunha, estando acompanhada da lista de associados presentes. Passo Fundo, dezoito de novembro de mil novecentos e noventa e nove.

ATA DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE 5 DE JUNHO DE 2003

Aos cinco dias do mês de junho do ano de dois mil e três, na sala duzentos e dois, do prédio quarenta, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, realizou-se a assembleia geral da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe. Nessa assembleia, foram tratados os seguintes assuntos: primeiro: foi lida e aprovada a Ata da assembleia geral ordinária de 6 junho de 2002. Segundo: foi eleita, por aclamação, e empossada, a diretoria da Asphe para o período 2003/2005, que ficou assim constituída: Maria Helena Camara Bastos (PUCRS) – presidente; Maria Stephanou (Ufrgs) – vice-presidente; Claudemir de Quadros (Unifra) – secretário-geral. Para o Conselho Fiscal foram eleitos e empossados Beatriz Teresinha Daudt Fischer (Unisinos); Eduardo Arriada (Ufpel) e Nilo Bidone Koling (Ufpel). Terceiro: sobre a revista História da Educação, o prof. Elomar Tambara apresentou as seguintes considerações: a) há preocupação com a avaliação dos periódicos pela Capes; b) é preciso dar encaminhamento para a questão da indexação internacional da revista. Foi lembrado que, na última assembleia, a professora Maria Stephanou teria manifestado disposição em verificar os procedimentos necessários para a indexação; c) o CNPq aprovou a concessão de oito mil e duzentos reais como auxílio para publicação da revista; d) é necessária a continuidade da publicação de artigos de autores estrangeiros, para o que solicitou a colaboração dos associados no sentido de que, quando possível, procurem viabilizar contatos que resultem na participação de autores estrangeiros na revista. Quarto: o próximo encontro da Asphe foi previsto para acontecer em Gramado, nos dias três e quatro de junho do ano de dois mil e quatro. Na discussão que se seguiu, foram tomadas as seguintes deliberações: a) o tema central do encontro será vinculado com discussões acerca da “pesquisa e ensino em história da educação”; b) a diretoria ficou encarregada de estudar e propor um formato para o encontro, observando as seguintes considerações: constituição de um comitê científico para analisar os trabalhos inscritos; garantia de espaço para apresentação de trabalhos por alunos de cursos de graduação e de pós-graduação; maior aproveitamento do tempo do evento, com extensão das atividades à noite; incentivo a maior concentração das comunicações ao tema central do evento,

agrupamento das comunicações a subtemas ou espaços e tempos diferenciados para a apresentação de trabalhos concluídos e trabalhos em desenvolvimento; c) verificar a possibilidade de solicitar recursos para agências financiadoras para a promoção do encontro. O prof. Elomar Tambara destacou o apoio recebido do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, em especial do prof. Jorge Luiz da Cunha que, anualmente, tem oferecido suporte que auxilia na viabilização dos encontros da Asphe. Quinto: o prof. Jorge Luiz da Cunha apresentou informações sobre a eleição para diretoria da Sociedade Brasileira de História da Educação – SBHE, que deve acontecer no mês de junho do ano de dois mil e três. Estão aptos a votar os sócios que até o dia trinta e um de junho desse ano tiverem efetuado o pagamento da anuidade. Sexto: a professora Beatriz Fischer registrou o trabalho qualificado e dedicado da atual diretoria na condução da Asphe. Sétimo: a professora Maria Helena Bastos destacou a pertinência da continuidade da equipe executiva da produção da revista História da Educação e sugeriu, o que foi aceito, que o número de abril do ano de dois mil e quatro da revista tenha impresso na capa a logomarca do quinto Encontro Luso-Brasileiro de História da Educação, que nela sejam publicadas as conferências do quarto Encontro Luso-Brasileiro de História da Educação e que seja levada e apresentada em Évora, Portugal, por ocasião da realização do quinto encontro. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, Claudemir de Quadros, e pela presidente, Maria Helena Camara Bastos. Porto Alegre, cinco de junho do ano de dois mil e três.

ATA DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE 2 DE JUNHO DE 2004

Aos dois dias do mês de junho do ano de dois mil e quatro, no Centro de Eventos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Gramado, realizou-se a assembleia geral ordinária da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe. Nessa assembleia foram tratados os seguintes assuntos: primeiro: foi aprovada a Ata da assembleia geral ordinária de junho de dois mil e três. Segundo: a presidente, Maria Helena Camara Bastos, informou que recebeu, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, convite para a posse da nova direção, integrada pela professora Eliane Teresinha Peres, associada da Asphe, como vice-diretora. Terceiro: a presidente informou que o saldo da conta corrente da Asphe, em quatorze de maio de dois mil e quatro, era de novecentos e oitenta e cinco reais e vinte e nove centavos. Quarto: foram acolhidos os seguintes novos associados da Asphe: Maria Augusta Martiarena de Oliveira, Giani Rabelo, Renata Braz Gonçalves, Gilse Helena Magalhães Fortes, Marisa Rems Sias, Alessandro Carvalho Bica, Nídia Beatriz Nunes Kiefer, Vera Lucí Alves SAVEDRA, Patrícia Milech Rosa, Márcia Berenice Pereira André, Marli de Oliveira Costa, Gláucia Maria Costa Trinchão, Lúcia Regina Brito Pereira, Maria Teresa dos Santos Cunha, Luciane Grazziotin e Marcilene Pöpper Gomes. Quinto: foi apresentado o número quinze da revista História da Educação. Sobre a revista, o prof. Elomar Tambara apresentou as seguintes considerações: a) a revista teria ficado com conceito B na avaliação dos periódicos feita pela Capes, principalmente em função de formatação e não de conteúdo. Perdeu-se pontos pela falta de indexação, pela não existência de pareceristas ad hoc e pela necessidade de maior circulação em bibliotecas do país. Foi feito ofício contestando os critérios de avaliação e solicitando reconsideração do parecer; b) foi reiterada a solicitação aos sócios para o envio de artigos para a revista; c) foi sugerida a observação das normas da Fapesp para a padronização editorial da revista; d) foi solicitado ao CNPq auxílio para publicação dos próximos números da revista; e) foi deliberada a inclusão de novos nomes do conselho editorial da revista, tendo sido sugeridos: Carlota Boto, Antônio Gomes Ferreira e Ádrian Scalani. Foram sugeridos, ainda, Flávia Obino Correa Werle, Eliane Teresinha Peres e Beatriz Terezinha Daudt Fischer. Sexto: foi aprovado o aumento do valor

de associação à Asphe, que passa de sessenta reais para oitenta reais e toma forma de anuidade, com vigência a partir do ano de dois mil e cinco. Seguiu-se a isso uma discussão sobre a situação financeira da associação, em especial referente aos poucos recursos disponíveis para a promoção dos eventos, para a publicação dos anais dos encontros e para a publicação da revista. Sétimo: o próximo encontro da Asphe foi previsto para acontecer em São Leopoldo, na Unisinos, no mês de junho do ano de dois mil e cinco e será comemorativo aos dez anos de criação da associação, acontecida em onze de dezembro de mil novecentos e noventa e cinco. Na discussão que se seguiu foram feitas as seguintes considerações: a) convém que a Asphe busque congregar um maior número de professores de história da educação, bem como agregar as instituições de ensino superior que não contam com representantes na associação, dentre as quais URI, Furg, Lassale, Ulbra, Unisc, Uniritter, Feevale e Uergs; b) os associados Beatriz Fischer e Claudemir de Quadros ficaram encarregados de fazer um levantamento sobre o ensino de história da educação nas universidades do Rio Grande do Sul e apresentá-lo no próximo encontro, para que sirva de subsídio para a atuação da associação. Oitavo: foram apresentadas informações sobre o site da Asphe na Internet, que está disponível no endereço <http://planeta.terra.com.br/informatica/javali/asphe>. Deliberou-se pela retirada do link que continha as atas das assembleias. Nono: a professora Beatriz Fischer registrou o trabalho qualificado e dedicado da comissão executiva da revista História da Educação, em especial dos associados Elomar Tambara, Eliane Peres, Aliana Anghinoni Cardoso e Michele Duarte Huch. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, Claudemir de Quadros, e pela presidente, Maria Helena Camara Bastos. Gramado, dois de junho do ano de dois mil e quatro.

ATA DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE 29 DE AGOSTO DE 2005

Aos vinte e nove dias do mês de agosto do ano de dois mil e cinco, no auditório do prédio de Ciências Jurídicas da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, realizou-se a assembleia geral da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe. Nessa assembleia foram tratados os seguintes assuntos: primeiro: foi aprovada a ata da assembleia do dia dois de junho de do ano de dois mil e quatro. Segundo: a presidente apresentou informações sobre a situação financeira da associação e informou que o saldo disponível na conta corrente mantida no Banco do Brasil é de quatro mil, cento e quarenta e cinco reais, vinte e oito centavos. Terceiro: foi decidido que o valor da contribuição anual dos associados para o ano de dois mil e seis permanece de oitenta reais. No entanto, a partir do ano de dois mil e seis, os associados passam a pagar a inscrição no evento. Quarto: foi decidido que o site da associação será hospedado no servidor da Universidade Federal de Pelotas. O prof. Elomar Tambara ficou encarregado de encaminhar os procedimentos para a execução do funcionamento do site. Quinto: foram admitidos os seguintes novos sócios: Lucirlene Pertuzatti de Lemes, Edelbert Krüger, Eva Esperança Guterres Alves, Patrícia Rodrigues Augusto Carra, Mara R. de Ávila Campeão, Silvana Schuler Pineda, Miguel Alfredo Orth, Marilene da Rosa Lapolli, Simone Valdete dos Santos, Maria Augusta Martiorena de Oliveira, Terciane Ângela Luchese, Gilceane Caetano Porto. Sexto: foi aprovada a sugestão de que os textos relacionados com o ensino de história da educação apresentados nos painéis do décimo primeiro encontro sejam publicados, na forma de dossiê, no número dezanove da Revista História da Educação, que será lançado durante o sexto Encontro Luso-Brasileiro de História da Educação, previsto para acontecer em Uberlândia, Minas Gerais, em abril do ano de dois mil e seis. Sétimo: a diretoria ficou encarregada de fazer contato com professores de história da educação de instituições de ensino superior que ainda não participam da Asphe. Esse contato deve apresentar a associação e formalizar um convite para adesão. Esses professores também podem ser convidados a produzir textos sobre sua experiência com o ensino de história da educação que, se aprovados pelo conselho editorial da Revista História da Educação, poderão compor o dossiê previsto para ser publicado no número dezanove da revista.

Oitavo: foram dadas informações sobre o 28º Ische, que acontecerá no ano de dois mil e seis na Suécia. Nono: sobre a Revista História da Educação, o prof. Elomar Tambara prestou as seguintes informações: a) pretende-se republicar os números anteriores na forma de livro; b) foi solicitado financiamento para a publicação dos próximos números junto ao CNPq; c) está em andamento a indexação da revista; d) há uma preocupação em encontrar formas de implementar, com mais efetividade, a circulação da revista. Décimo: o encontro do ano de dois mil e seis foi previsto para acontecer em Santa Maria, no Centro Universitário Franciscano, no mês de junho. A temática do encontro será definida oportunamente. Décimo primeiro: foi reconduzida, para um mandato de dois anos, 2005/2007, a diretoria da Asphe, que ficou assim constituída: Maria Helena Camara Bastos (PUCRS) – presidente; Maria Stephanou (Ufrgs) – vice-presidente; Claudemir de Quadros (Unifra) – secretário geral. Décimo segundo: da discussão havida durante o painel “Asphe: o que temos sido e o que queremos ser”, no dia trinta de agosto, as principais manifestações dos associados foram as seguintes: a) sugeriu-se retomar a promoção de mini-cursos como parte da programação dos próximos eventos; b) é importante procurar avançar na integração do espaço do ensino de história da educação com a Asphe; c) convém implementar um diálogo com pesquisadores da América Latina; d) a discussão sobre o ensino de história da educação deve ser mantida. Nesse caso, cabe estabelecer diálogo com o grupo de trabalho da Anpuh/RS que trata do ensino de história; e) sugeriu-se a manutenção de comitê científico para seleção de trabalhos para os encontros; f) convém buscar apoio de agências financiadoras para a promoção dos encontros; g) convém preocupar com a necessidade de um projeto abrangente que busque agregar todos os que trabalham com história da educação no Rio Grande do Sul. Um dos motes para isso poderia ser, por exemplo, a proposição de um projeto de levantamento de fontes; h) convém à associação manifestar-se, politicamente, frente à redução do número de horas da disciplina História da Educação; i) convém convidar as escolas técnicas e os centros federais de educação tecnológica a aderir a associação, já que no âmbito deles desenvolvem-se atividades relacionadas com a história da educação profissional; j) a dificuldade de formação de quadro de associados mais permanente depende da inserção e produção na área e aqueles que participam da associação são os que dispõem de espaço institucional para trabalhar na área; k) criar e manter

no site um banco de dados sobre os trabalhos relacionados com história da educação; l) a associação deve manifestar-se pela preservação do patrimônio educacional e pela preservação dos arquivos do Rio Grande do Sul; m) algumas características da organização da Asphe devem ser mantidas, tais como: constituir-se em espaço de acolhimento para os iniciantes e como espaço de formação profissional. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, Claudemir de Quadros, e pela presidente, Maria Helena Camara Bastos. São Leopoldo, vinte e nove de agosto do ano de dois mil e cinco.

ATA DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE 31 DE AGOSTO DE 2006

Aos trinta e um dias do mês de agosto do ano de dois mil e seis, no auditório do prédio do campus dois do Centro Universitário Franciscano de Santa Maria, realizou-se a assembleia geral da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe. Nessa assembleia, foram tratados os seguintes assuntos: primeiro: foi lida e aprovada a ata da assembleia do dia vinte e nove de agosto do ano de dois mil e cinco. Segundo: foram definidas as instituições sede dos dois próximos encontros: Ufrgs em 2007 e Ufpe em 2008. Para o encontro de 2007, foram sugeridos dois temas: história das políticas educacionais e aspectos teóricos-metodológicos da pesquisa em história cultural/cultural escolar. Discutiu-se, ainda, sobre a organização da programação, de forma que envolva: a) um tempo menor para o minicurso; b) mesa redonda sobre a temática central; c) apresentação dos trabalhos na forma de comunicações coordenadas. Terceiro: foram apresentados os números dezoito e vinte da Revista História da Educação. Brevemente, a revista estará disponível no site www.fae.ufpe.edu.br/asphe. Quarto: foi decidido que, a partir do próximo encontro, inclusive, os anais serão publicados posteriormente, apenas com os trabalhos apresentados pelos respectivos autores. Decidiu-se, ainda, que cada autor poderá inscrever, no máximo, dois trabalhos. Quinto: discutiu-se sobre a conveniência ou não de a Asphe requer o número de CNPJ. Ouviu-se argumentos favoráveis e contrários e decidiu-se voltar a discutir a questão oportunamente. Sexto: foram admitidos os seguintes novos sócios: Marília Araújo Lima Pimentel, Rosana Molina. Sétimo: foram apresentadas informações sobre: a) o 29º Ische, que acontece em Hamburgo, na Alemanha; b) o encontro sobre museus pedagógicos, em Santiago de Compostela, na Espanha; c) a professora Flávia Werle informou sobre um curso, promovido pela Unisinos, com o prof. Adrian Ascolani, da Universidade Nacional de Rosário, acerca do tema políticas e reformas educacionais na América Latina. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, Claudemir de Quadros, e pela presidente, Maria Helena Camara Bastos. Santa Maria, trinta e um de agosto do ano de dois mil e seis.

ATA DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE 27 DE SETEMBRO DE 2007

Aos vinte e sete dias do mês de setembro do ano de dois mil e sete, na sala cento e um, do prédio da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, realizou-se a assembleia geral da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe. Nessa assembleia, foram tratados os seguintes assuntos: primeiro: foi lida e aprovada a ata da assembleia do dia trinta de agosto do ano de dois mil e seis. Segundo: a presidente, professora Maria Helena Camara Bastos, apresentou informações financeiras da associação, que tinha em depósitos bancários a quantia de seis mil e quatrocentos reais. Terceiro: o professor Elomar Tambara apresentou as seguintes informações sobre a Revista História da Educação: a) a revista, a partir desse ano, passa a ter edição quadrimestral; b) está em fase de estudo um novo lay-out para a capa; c) estão em andamento preparativos para a inserção da revista no portal Scielo; d) a professora Maria Helena Camara Bastos integrará, junto com o professor Elomar, a comissão editorial; e) os três números relativos ao ano de dois mil e sete serão disponibilizados a partir do mês de novembro; f) a revista pode ser acessada no endereço <http://fae.ufpel.edu.br/asphe/revista/>. Quarto: o encontro do ano de dois mil e oito acontecerá em Pelotas, na Universidade Federal de Pelotas, possivelmente no mês de agosto. Quinto: foram eleitas e empossadas a diretoria e o Conselho Fiscal para o biênio 2007-2009. Diretoria – presidente: Maria Stephanou (Ufrgs); vice-presidente: Beatriz Terezinha Daudt Fischer (Unisinos); secretário-geral: Claudemir de Quadros (Unifra). Conselho Fiscal: Eduardo Arriada (Ufpel); Giana Lange do Amaral (Ufpel); Flávia Obino Correa Werle (Unisinos). Sexto: a professora Maria Stephanou destacou o trabalho feito pela professora Maria Helena Camara Bastos na direção da associação, em especial o seu empenho na divulgação das ações da associação e da revista História da Educação. Sétimo: a discussão acerca da conveniência, ou não, de a Asphe requer o número de CNPJ permanece em pauta, sem uma decisão final. Oitavo: foram admitidos três novos associados: Márcia de Paula Gregório Razzini, Isabel Cristina Arendt e Itamaragiba Chaves Xavier. Nono: a professora Maria Stephanou apresentou a sugestão de criação de um portal ou home-page da associação, o que foi aprovado. A diretoria

ficou encarregada de providenciar o projeto e as condições para a sua operacionalização. Décimo: a professora Luciane Wilke Garbosa destacou a excelência da organização do evento e sugeriu: a) a elaboração e envio, por meio eletrônico, de boletins com informações sobre eventos, bancas, campanhas e notícias; b) que no próximo encontro sejam ofertadas oficinas sobre temas específicos, abertas ao público externo. Décimo primeiro: a professora Beatriz Fischer também destacou a excelência na organização do 13º encontro, pelo que parabenizou todos os que trabalharam para a sua concretização. Décimo segundo: a anuidade de filiação à associação teve o seu valor reajustado para cem reais. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, Claudemir de Quadros, e pela presidente, Maria Stephanou. Porto Alegre, vinte e sete de setembro do ano de dois mil e sete.

ATA DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE 27 DE OUTUBRO DE 2008

DATA: 27/10/2008

HORÁRIO: 17h40min.

LOCAL: UFPel

COORDENAÇÃO: professora Maria Stephanou

PAUTA

1. Leitura da ata 2007 para aprovação
2. Próximo encontro – 2009
3. Anuidade
4. Revista
5. Site
6. Assuntos gerais

A professora Maria Stephanou iniciou os trabalhos da Assembleia saudando a todos, em seguida apresentando a pauta prevista, a qual foi imediatamente aprovada. A seguir foi feita a leitura da ata do ano anterior, 2007, sendo também aprovada por unanimidade. A seguir, passou-se à questão sobre o local e a instituição do próximo encontro, em 2009. A professora Maria apresentou a sugestão de que o mesmo ocorresse na UCS, Caxias do Sul, com a seguinte justificativa: nesta instituição há 4 professores pesquisadores em História da Educação, que vem atuando junto à Asphe; além disso, o fato de lá ocorrer o evento proporcionaria um momento de aproximação com professores e demais pesquisadores da região. Informou também que já havia sido feito um contato com prof. Lucio Kreutz e professora Dóris Almeida, professora Luciane Graziotin e professora Terciane, obtendo um retorno muito favorável e a pronta acolhida à idéia. Discutiu-se também alternativas de período mais adequado, acordando-se que será definido entre 20 e 30 de setembro de 2009. Quanto à temática, levantaram-se alguns temas (Manuscritos e impressos, por exemplo), mas nada ficou decidido, sugerindo-se que seja feita uma consulta para sondagem de sugestões entre os sócios, por e-mail. Todos estes itens foram colocados em discussão e, após alguns esclarecimentos, ficou aprovado por unanimidade: o 15º encontro da Asphe será, pois, sediado na Universidade de Caxias do Sul, no período acima indicado, com tema a

ser definido. A comissão organizadora: professores Lucio, Terciane, Dóris, Luciane. A professora Maria Stephanou ainda colocou que o prof. Jorge Cunha (UFSM) deixou explicitado que poderá dispor de duas passagens nacionais para convidados/conferencista do futuro evento e que prof. Lucio anunciou possibilidade de a própria UCS financiar um convidado internacional. Neste sentido, sugeriu que a dinâmica do evento seja precedida de dois dias de curso (pré-congresso) com pesquisador convidado vindo do exterior, evento que poderá ser disponibilizado para demais professores, não somente para os inscritos para o encontro da Asphe. A seguir passou-se a discutir a questão referente à anuidade. Foi proposto que se passasse a duas categorias de sócios: sócio profissional e sócio estudante. Após discussão entre diversos participantes da assembleia, ficou acordado que sócio estudante passaria a contribuir com R\$ 70, 00 (setenta reais) e sócio profissional com R\$ 150,00 (cento e cinquenta reais). Outra questão aprovada por unanimidade: condicionar a apresentação de trabalhos à filiação à Asphe. Ainda com relação ao tema das finanças, foi encaminhado o seguinte: a diretoria vai enviar e-mail a todos os associados, lembrando que na Assembleia de 2007 havia ficado definido que a anuidade 2008 seria de R\$ 100,00 (cem reais) e que, por equívoco, neste Encontro de 2008 fora cobrado R\$ 80,00. Solicitar-se-á que cada sócio deposite o montante complementar de R\$ 20,00, atendendo à definição de 4ª Assembleia e para colaborar com o caixa da Associação. A seguir, passou-se a discutir questões referentes à Revista: ao Conselho Editorial serão acrescentados novos nomes de pesquisadores, renovando o Conselho e qualificando a Revista. Foram sugeridos pela Professora Maria Helena Camara Bastos, co-editora da Revista: pesquisadores nacionais – Jorge Carvalho do Nascimento (UFSE), Marcus Levy Bencostta (UFPR), Carlota Boto (USP), Maria Juracy Maia Cavalcante e Flávia Obino Correa Werle (Unisinos) e pesquisadores internacionais: António Viñao Frago (Espanha) e Adrián Ascolani (Argentina). O prof. Elomar Tambara propôs uma parceria da Revista com a Seiva Publicações a fim de resolver a questão referente ao CNPJ, para o caso de recibo de assinaturas, o que foi aprovado por unanimidade. Neste momento foi proposto pela Assembleia um voto de louvor à dedicação e à competência do prof. Elomar e da professora Maria Helena Camara Bastos em relação à condução da revista da Asphe. Com relação à possibilidade de dossiers, foi lida a sugestão, deixada por escrito, pela professora Flávia Werle, a qual foi considerada para futuras

decisões. Dando continuidade, passou-se a discutir sobre a necessidade de atualização permanente do site da Asphe. Será proposta uma nova formatação aos sócios para sugestões e futuro encaminhamento. Finalizando, foi registrado um agradecimento especial à Furg e a UFSM pelo apoio ao evento de 2007, bem como à comissão organizadora local/UFPel pelo comprometimento e dedicação na busca de todos os esforços, garantindo o êxito deste encontro. Beatriz Fischer.

ATA DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE 1º DE OUTUBRO DE 2009

No primeiro dia do mês de outubro do ano de dois mil e nove, às dezesseis horas e trinta minutos, no prédio do Centro de Educação e Filosofia da Universidade de Caxias do Sul, em Caxias do Sul, realizou-se a assembleia geral da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe. Nessa assembleia, foram tratados os seguintes assuntos: primeiro: foi lida e aprovada a ata da assembleia do dia vinte e sete de outubro do ano de dois mil e oito. Segundo: foram apresentadas propostas para um conjunto de atividades a serem desenvolvidas no ano de dois mil e dez, em função das comemorações dos quinze anos de criação da Asphe. Dentre as propostas, destacam-se as seguintes: a) promoção, durante o décimo sexto encontro, de uma exposição acerca do itinerário da Associação, dos encontros promovidos e da revista História da Educação; b) elaboração de uma publicação “comemorativa”, sob coordenação da professora Maria Stephanou, espécie de balanço da produção difundida nos encontros da Asphe e na Revista, no período de existência da Associação; c) criação de uma logomarca que possa servir de identidade visual para a Asphe. Terceiro: foi apresentada proposta, ainda em fase inicial de produção, de um portal, na internet, para a Associação. Nesse espaço, pretende-se disponibilizar os documentos da Associação, ficha de filiação, eventos anuais, textos, links, endereços, a versão on-line da revista História da Educação e dos textos completos apresentados nos encontros, imagens e outros elementos. Espera-se que esse portal possa estar concluído até o próximo ano. Quarto: apresentou-se manifestação feita à Sociedade Brasileira de História da Educação – SBHE – em relação ao editorial da Revista Brasileira de História da Educação – RBHE, publicado no número vinte da referida revista. A manifestação e a respectiva resposta foram anexadas a presente ata. Registrou-se o trabalho qualificado e o empenho dos professores Elomar Tambara e Maria Helena Camara Bastos, editores da revista História da Educação, da Asphe. Sugeriu-se, ainda, que se verifique a possibilidade da implantação de um sistema eletrônico de submissão de artigos e que se busquem fontes de financiamento para a publicação. Quinto: foi feita avaliação geral do 15º encontro. Nesse sentido, houve várias manifestações: a) destacou-se a excelência da organização do evento e dos serviços da secretaria (credenciamento,

recepção, acolhimento, certificação, apoio administrativo); b) solicitou-se, o que foi aprovado, que nos próximos encontros sejam publicados nos anais, apenas e tão somente, os trabalhos que foram efetivamente apresentados; c) reiterou-se a importância do encontro como espaço de integração entre estudantes e profissionais; d) sugeriu-se que, preferentemente, seja observado, pelas comissões científicas dos próximos encontros, como critério para a seleção de trabalhos aqueles vinculados explicitamente com história da educação; e) sugeriu-se a publicação dos anais também em versão on-line. Sexto: o décimo sexto encontro, previsto para o ano de dois mil e dez, acontecerá na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, em São Leopoldo, em data a ser definida. Foram sugeridos como possíveis temas: imagens e fotografias, políticas educacionais e estudos de educação comparada. Sétimo: Ficou definido, como regra para os encontros da Asphe, que deve haver um valor a título de taxa de inscrição e outro valor a título de anuidade da associação. Oitavo: foram admitidos como novos associados: Magda de Abreu Vicente, Alice Rigoni Jacques, Eliana Gasparini Xerri, Francisco Furtado Gomes Riet Vargas, Andréa Cristina Baum Schneck, Maurício Perondi. Nono: foi eleita e empossada a diretoria para o biênio 2009-2011, que ficou assim constituída: Maria Stephanou (Ufrgs) – presidente; Claudemir de Quadros (UFSM) – vice-presidente; Carla Gastaud (Ufpel) – secretária. O Conselho Fiscal ficou constituído por: Giani Rabelo (Unesc), Luciane Sgarbi Santos Grazziotin (UCS) e Rita de Cássia Grecco dos Santos (Furg). Por nada mais haver a constar, foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, Claudemir de Quadros, e pela presidente, Maria Stephanou. Caxias do Sul, primeiro dia do mês de outubro do ano de dois mil e nove.

ATA DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE 25 DE NOVEMBRO DE 2010

Aos vinte e cinco dias do mês de novembro de dois mil e dez, às dezessete horas e trinta minutos, no prédio da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, realizou-se a assembleia geral da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe. Nessa assembleia, foram tratados os seguintes assuntos: primeiro: foi lida e aprovada a ata da assembleia do ano de dois mil e nove. Segundo: a professora Beatriz Fischer pediu a palavra para justificar a não realização do encontro na Unisinos, em função de dificuldades de apoio institucional, razão pela qual o evento foi realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Terceiro: a presidente, professora Maria Stephanou, explicou a solicitação da antecipação da anuidade do ano de dois mil e dez e da doação de cinquenta reais, que seriam usados para a publicação comemorativa e para a manutenção do site da associação. Acrescentou, ainda, que os recursos provenientes das anuidades estão destinados à manutenção da revista História da Educação. Quarto: o professor Claudemir de Quadros relatou que será encaminhado ao CNPq um projeto para obter recursos para a revista. Quinto: o professor Elomar Tambara, convidado a informar sobre a revista História da Educação, solicitou a inclusão do professor Claudemir de Quadros no corpo editorial da mesma, o que foi aprovado. Informou, ainda, que o professor Rogério Fernandes, falecido, foi substituído no conselho editorial pelo professor Joaquim Pintassilgo, e o professor Alain Choppin, falecido, será substituído pelo professor Pierre Caspard. O professor Elomar manifestou a intenção de se afastar do cargo de editor da revista, no que foi substituído pelos professores Maria Helena Camara Bastos e Claudemir de Quadros. Sexto: a professora Maria Helena enfatizou os méritos do professor Elomar, que encerra seu mandato de quinze anos como editor da revista. Sétimo: a presidente enfatizou a necessidade de implantação de um processo de submissão eletrônica para a revista e sugeriu que, no próximo número, seja feito um tributo ao professor Rogério Fernandes. Oitavo: foi feita avaliação geral do 16º encontro. Nesse sentido, houve várias manifestações: a) destacou-se a excelência da organização do evento e dos serviços da secretaria (credenciamento, recepção, acolhimento, certificação, apoio administrativo); b) destacou-se a qualidade das

comunicações apresentadas; c) sugeriu-se que o espaço de rememoração e significação se torne uma tradição, talvez em meio digital; d) destacou-se a acolhida e a qualidade da coordenação da Maria e da Dóris e para a participação dos alunos bolsistas; e) sugeriu-se que todos procurem documentos para constituir o acervo da Asphe; f) a presidente destacou que os encontros da Asphe são encontros entre amigos e agradeceu o auxílio dos orientandos Edison, Larissa, Maurício, Carolina e Patrícia e o apoio da Dóris, que coordenou o evento. Sugeriu, ainda, que a professora Dóris e a Patrícia continuem engajadas na próxima exposição. Décimo: definiu-se que o próximo encontro será em setembro do ano de dois mil e onze, na Universidade Federal de Santa Maria. Décimo: aprovou-se, conforme a sugestão do professor Jorge Luiz da Cunha, o encaminhamento do estatuto à assessoria jurídica da Universidade Federal de Santa Maria para adequá-lo ao Código Civil, com vistas a pleitar número no cadastro nacional de pessoas jurídicas – CNPJ – para a associação. Décimo primeiro: foram admitidos como novos associados: Nei Carlos Lamas, Josiane Alves Silveira, Andrea Fraga e Maria Cristina dos Santos Louzada. Nada mais haver a constar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada por mim, Carla Gastaud, secretária geral, e pela presidente, Maria Stephanou. Porto Alegre, vinte e cinco de novembro de dois mil e dez.

ATA DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE 14 DE SETEMBRO DE 2011

Aos quatorze dias do mês de setembro de dois mil e onze, às dezessete horas e trinta minutos, no prédio sessenta e sete, no campus da Universidade Federal de Santa Maria, em Santa Maria, realizou-se a assembleia geral da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe. Nessa assembleia, foram tratados os seguintes assuntos: primeiro: foi lida e aprovada a ata da assembleia do ano de dois mil e dez. Segundo: foram apresentadas as seguintes informações acerca da revista História da Educação: implantação no ambiente Seer/OJS; indexação na rede Latindex; indexação no Ibict; obtenção de e-ISSN; cadastro de e-mails (associados da Asphe; lista do GT2 da Anped; lista Histeducal; lista UFSM; programas de pós-graduação em educação; sociedades: mexicana, chilena, argentina, uruguaia, espanhola, Anpuh; e-mails capturados dos anais do Cihela do CBHE); inclusão em repositórios de arquivos (<http://scribd.com>, <http://issuu.com>, <http://calameo.com>); cadastro no google acadêmico; cadastro no google analytics; cadastro no Directory of Open Access Journals – Doaj; atualização do cadastro no indexador sumários.org; acordos para divulgação recíproca de informações (Adhilac: cadastro de links nos respectivos sites; revista Lusófona de Educação: distribuição de informações pelas listas de e-mails; Sedhe: distribuição de informações pelas listas de e-mails); ações em andamento: solicitação de indexação no portal de periódicos da Capes; solicitação de indexação na Redalyc; solicitação de revisão de classificação no Qualis/Capes. Ainda sobre a revista, foi destacado o trabalho realizado pelo professor Elomar Tambara, que qualificou e tornou possível a continuidade das ações da revista. A professora Maria Helena enfatizou a necessidade de haver um equilíbrio na revista com a publicação de artigos de autores estrangeiros, de autores nacionais e de autores do Rio Grande do Sul. Agradeceu-se o trabalho dos pareceristas adhoc da revista no ano 2011: Eduardo Arriada, Luciane Grazziotin, Beatriz Fischer, Eliane Peres, Terciane Luchese. Terceiro: foi eleita e empossada a diretoria da Associação para o biênio 2011-2013: presidente: Claudemir de Quadros, da UFSM; vice-presidente: Luciane Sgarbi Santos Grazziotin, da Unisinos; secretária geral: Carla Gastaud, da UFPel. O Conselho Fiscal será composto por: Maria Helena Câmara Bastos, da PUCRS; Elomar Antonio Callegaro

Tambara, da UFPel, e Beatriz Teresinha Daudt Fischer, da Unisinos. Quarto: o professor Elomar Tambara elogiou a organização do evento e o trabalho dos colaboradores. Houve diversas manifestações de agradecimento e de reconhecimento à comissão organizadora do evento. O professor Claudemir de Quadros agradeceu: a) aos estudantes que prestaram serviços de apoio ao evento; b) aos integrantes da comissão científica; c) à direção do Centro de Educação da UFSM; d) às coordenações dos programas de pós-graduação em Educação e em História da UFSM; e) ao gabinete do reitor da UFSM; f) e, especialmente, ao prof. Jorge Luiz da Cunha, que mobilizou pessoas e recursos que tornaram possível a realização do evento. Quinto: houve discussão acerca da configuração dos encontros da Asphe. Em síntese, decidiu-se que: a) para serem passíveis de inscrição, os trabalhos devem, necessariamente, relacionar-se com temáticas da história da educação; b) os encontros são, também, espaço de acolhida aos iniciantes; c) pode-se pensar em distintas modalidades de apresentação de trabalhos; d) haverá um rodízio nos locais de realização dos eventos: um na capital, outro no interior. Sexto: ficou definido que o encontro do ano de dois mil e doze será realizado na PUCRS, coordenado pela professora Maria Helena Camara Bastos. Sétimo: após várias manifestações, decidiu-se por manter os valores atuais das anuidades. Oitavo: foram aceitos os seguintes novos associados: Hardalla do Vale, Vanessa Barrozo Teixeira e Valesca Brasil Costa. Nono: Houve manifestação de agradecimento à gestão da professora Maria Stephanou e equipe. Nada mais havendo a constar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada por mim, Carla Gastaud, secretária geral, e pelo presidente, Claudemir de Quadros. Santa Maria, quatorze de setembro de dois mil e onze.

ATA DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE 27 DE SETEMBRO DE 2012

Aos vinte e sete dias do mês de setembro do ano de dois mil e doze, às dezessete horas e trinta minutos, no prédio quinze, no campus da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, realizou-se a assembleia geral da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe. Nessa assembleia foram tratados os seguintes assuntos: primeiro: foi lida e aprovada a ata da assembleia geral ordinária do ano de dois mil e onze. Segundo: foram apresentadas as seguintes informações acerca da revista História da Educação: a) foi publicada, no site da revista – <http://seer.ufrgs.br/asphe> – a coleção completa da revista. Para tanto, foram escaneadas 3.500 páginas dos números de 1997 a 2005; b) foi feito acompanhamento dos acessos ao site pelo google analytics. Desde 25 de maio de 2011, data de início do rastreamento, a revista teve dezesseis mil acessos; c) em 2012 foram publicados os números trinta e seis, trinta e sete e trinta e oito; d) nas traduções passou-se a disponibilizar o texto também na língua original; e) a revista foi indexada na rede Dialnet da Espana. Mais informações no site <http://www.dialnet.unirioja.es>; f) foi feito acompanhamento da solicitação de indexação na rede Scopus, EUA, realizada em outubro de 2011. Em julho de 2012 foram encaminhadas informações complementares; g) foi feita a tradução, para a língua inglesa, das orientações para os autores, o que teve o custo de trezentos reais; h) foram criados novos banners para o site da revista, o que teve o custo de cento e cinquenta reais; i) foi mantido um perfil para a revista no Facebook – www.facebook.com/revista.historia.da.educacao; j) foi feita a divulgação da publicação da revista por e-mail e, k) foi dado o início da retomada do formato impresso. Terceiro: o presidente informou que o número de associados pagantes, vinte e seis em 2009, dezenove em 2010 e trinta e três em 2011, não sustenta a publicação da revista. Discutiu-se como alterar esta situação e se considerará, para o próximo ano, as sugestões de retirar os afastados há muitos anos da lista de associados e, também, modificar o modo de cobrança. Quarto: quanto à avaliação do 18º encontro, a professora Maria Stephanou destacou a qualidade da organização, a relevância do tema, a importância das conferências e a continuidade do “espírito Asphe” de trocas e intercâmbio. A professora Maria Helena Camara Bastos agradeceu ao comitê local, ao comitê

científico e aos alunos bolsistas. Foi informado que o evento teve setenta e cinco trabalhos inscritos, dos quais setenta e três foram aprovadas para apresentação. Quinto: ficou definido que o encontro do ano de dois mil e treze será realizado na Universidade Federal de Pelotas, em Pelotas/RS. O professor Elomar Tambara lembrou que se seria possível fazer uma parceria com pesquisadores ou instituições do Uruguai e sugeriu que a data de realização do evento seja definida pela comissão organizadora, em função das alterações no calendário letivo das universidades. A professora Maria Stephanou sugeriu convidar professor Gerardo Caetano. Sexto: As professoras Beatriz Daudt Fischer e Giana do Amaral manifestaram-se em relação à avaliação dos trabalhos inscritos para apresentação nos encontros da Asphe. Solicitou-se que os pareceres acerca dos trabalhos inscritos sejam elaborados com elementos suficientes para permitir uma avaliação compreensível e qualitativa do conteúdo. Que a redação do parecer seja clara, precisa, construtiva e, sobretudo, elucidativa. Sétimo: foram aceitos os seguintes novos associados: Patrícia Machado Vieira, Liliane Maria Costa e Maria Beatriz Osório. Nada mais havendo a constar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada por mim, Carla Gastaud, secretária geral, e pelo presidente, Claudemir de Quadros. Porto Alegre, vinte e sete de setembro de dois mil e doze.

ATA DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE 7 DE NOVEMBRO DE 2013

Aos sete dias do mês de novembro do ano de dois mil e treze, às dezoito horas, no prédio da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, realizou-se a assembleia geral da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe. Nesta assembleia foram tratados os seguintes assuntos: primeiro: foi lida e aprovada a ata da assembleia do ano de dois mil e doze. Segundo: o professor Claudemir de Quadros apresentou as ações relativas à revista História da Educação realizadas no ano de dois mil e doze: 1) publicação dos números 39, 40, 41 e preparação do número 42; 2) publicação de textos com tradução para a língua inglesa, com a colaboração de autores e de associados (Vanessa Teixeira e Maria Augusta Martirena); 3) solicitação e obtenção de indexação no Scielo – <http://www.scielo.br/heduc>; 4) solicitação e obtenção de indexação na Redalyc – <http://www.redalyc.org>; 5) acompanhamento dos acessos pelo google analytics; 2011: 4.473 acessos; 2012: 15.161 acessos; 2013: 25.064 acessos; 6) manutenção do perfil no Facebook – 1.092 cadastrados: <http://www.facebook.com/revista.historia.da.educacao>; 7) divulgação pelo e-mail: 1.954 e-mails cadastrados. Terceiro: procedeu-se a eleição da diretoria para o biênio 2013-2015. Foram eleitos: Claudemir de Quadros, presidente; Maria Stephanou, vice-presidente; Terciane Ângela Luchese, secretária. Para o Conselho Fiscal foram eleitos: Patrícia Weiduschadt, Luciane Grazziotin e Giana Lange do Amaral. Quarto: realizou-se a avaliação do evento. A professora Zita Possamai perguntou sobre os critérios de escolha dos palestrantes para o evento, em função do conteúdo da participação no evento de alguns dos convidados. Na sequência foram dadas informações vinculadas com a dificuldade de encontrar palestrantes para falarem sobre o tema do evento – relações entre Brasil e Uruguai. A professora Eliane Peres cumprimentou os organizadores do evento, especialmente Patricia Weiduschadt, Vânia Grim Thies, Vanessa Teixeira e Cris Ramil, bem como os estudantes que colaboraram. Destacou a qualidade das comunicações, a boa organização das mesas temáticas e a sinergia das trocas que isso proporcionou. A professora Maria Stephanou enfatizou a qualidade do pré-evento, do evento em si e saudou o trabalho da comissão científica. O professor Elomar Tambara informou que o saldo resultante do evento foi de,

aproximadamente, quatro mil reais, que foram depositados na conta da associação. Quinto: definiu-se que o vigésimo encontro acontecerá em Porto Alegre, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O tema geral não foi definido. Sexto: foi aprovada a proposição de incluir os professores das escolas públicas na categoria sócio-estudante a partir 2014. Sétimo: foram apresentados os novos associados: Ana Carolina Gelmini de Farias, Cristiane Hoffman Moreira, Cristiele Santos Souza, Raquel Schwonke, Gelson Leonardo Rech, Mariana Venafre, Viviani Paliarini, Celine Escher Almeida, Carlos Alberto Xavier Garcia. Nada mais havendo a constar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada por mim, Carla Gastaud, secretária geral, e pelo presidente, Claudemir de Quadros. Pelotas, sete de novembro de dois mil e treze.

ATA DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE 4 DE DEZEMBRO DE 2014

Aos quatro dias do mês de dezembro do ano de dois mil e quatorze, às dezoito horas, na sala 101 do prédio da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizou-se a assembleia geral ordinária da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe. Nesta assembleia foram tratados os seguintes assuntos: primeiro: foi aprovada a ata da assembleia do ano de dois mil e treze. Segundo: o professor Claudemir de Quadros apresentou as ações relativas à revista História da Educação realizadas no ano de dois mil e doze: 1) publicação dos números 42, 43, 44 e preparação do número 45; 2) acompanhamento dos acessos pelo Google analytics e pelo portal do Scielo; 3) manutenção do perfil no Facebook – 1.691 cadastrados: <http://www.facebook.com/revista.historia.da.educacao>; 4) divulgação pelo e-mail: 1.954 e-mails cadastrados; 5) informações relacionadas ao novo manual com critérios, política e procedimentos para a admissão e a permanência de periódicos científicos na coleção Scielo Brasil; 6) a professora Maria Helena Camara Bastos sugeriu que os associados convidem pesquisadores estrangeiros para que estes enviem artigos à revista; 7) O professor Alessandro Bica questionou sobre quem poderia escrever o editorial da revista. A professora Terciane Luchese sugeriu que a professora Maria Stepanhou assumisse a escrita dos editoriais; 8) a professora Maria Helena Camara Bastos relatou as principais discussões da reunião ocorrida na Capes, em 29 de outubro de 2014 sobre o processo de internacionalização de periódicos científicos. Sexto: foi debatida a possibilidade de aumento da anuidade da associação. O professor Elomar Tambara sugeriu que se vincule a apresentação de comunicações no encontro ao pagamento da anuidade. O professor Jorge Luiz da Cunha manifestou apoio a esse encaminhamento, sugeriu o escalonamento do valor da anuidade e propôs que se faça um levantamento dos associados que estão atrasados com o pagamento das anuidades e que se solicite o pagamento, mantendo o valor da anuidade e cobrando as atrasadas. O professor Elomar sugeriu também uma campanha para a ampliação do número de associados. Sétimo: com relação à avaliação do encontro, a professora Beatriz Daudt Fischer elogiou a organização do encontro, a qualidade dos trabalhos

apresentados e os grupos de discussão. Os demais participantes da assembleia agradeceram à comissão organizadora do encontro, à Faculdade de Educação e ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Ufrgs. Oitavo: foi definido que encontro de 2015 será realizado na UCS, em Caxias do Sul. Como temática, a professora Terciane Luchese sugeriu etnia e história da educação, o que foi aprovado. Nada mais havendo a constar, foi lavrada a presente ata, que vai “assinada por mim, Terciane Ângela Luchese, secretária geral, e pelo presidente, Claudemir de Quadros. Porto Alegre, quatro de dezembro de dois mil e quatorze.

ATA DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE 1º DE SETEMBRO DE 2015

No dia primeiro do mês de setembro do ano de dois mil e quinze, às dezesseis horas e trinta minutos, na sala 305 do bloco E da Universidade de Caxias do Sul, realizou-se a assembleia geral ordinária da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe. Nesta assembleia foram tratados os seguintes assuntos: primeiro: foi lida e aprovada a ata da assembleia do ano de dois mil e quatorze. Segundo: o professor Claudemir de Quadros apresentou as ações relativas à revista História da Educação realizadas no ano de dois mil e quinze: 1) publicação dos números 45, 46, 47; 2) acompanhamento dos acessos pelo Google analytics e pelo portal do Scielo; 3) manutenção do perfil no Facebook, com 1.691 cadastrados – <http://www.facebook.com/revista.historia.da.educacao>, com resultados positivos da divulgação dos artigos publicados; 4) divulgação dos números publicados pelo e-mail: 1.900 e-mails cadastrados; 5) debate sobre a publicação de textos em língua inglesa na revista; 6) apelo para que os associados se engajem para que pesquisadores estrangeiros, parceiros de suas pesquisas, enviem artigos para a RHE. Terceiro: ficou registrado o voto de agradecimento aos editores que têm trabalhado intensamente para a produção e qualificação da revista: Elomar A. C. Tambara, Maria Helena Camara Bastos, Claudemir Quadros e Maria Stepanhou. Quarto: foi debatida a possibilidade de aumento da anuidade e chegou-se ao consenso de manutenção da anuidade no mesmo valor, com o compromisso dos organizadores dos encontros para que as despesas com o evento sejam as menores possíveis. Quinto: com relação à avaliação do encontro, a professora Maria Stepanhou elogiou a organização do encontro, a qualidade dos trabalhos apresentados e os grupos de discussão. Os demais participantes da assembleia agradeceram à comissão organizadora do encontro da Asphe, estendendo ao Programa de Pós-Graduação em Educação e à Universidade de Caxias do Sul o reconhecimento e a gratidão pela acolhida. Sexto: o próximo encontro, após debates, será realizado na Unipampa, campus de Bagé, tendo como coordenador da organização o professor Alessandro Carvalho Bica. O período de realização e a temática do evento ficaram em aberto, para decisão posterior. Sétimo: considerando a proximidade do término do mandato da diretoria da Asphe, a professora Maria Stepanhou tomou a

palavra e sugeriu que se fizesse a eleição da nova diretoria por aclamação e propôs que Terciane Ângela Luchese – UCS – assumisse como presidente, Patrícia Weiduschadt – UFPel – como vice-presidente, Larissa Camacho Carvalho – UCS – como secretário-geral, Alessandro Carvalho Bica – Unipampa – e Giani Rabelo – Unesc – como integrantes do Conselho Fiscal. Os presentes aprovaram a sugestão, aclamando a composição da nova diretoria. Oitavo: foi registrada a presença do representante da Sociedade Brasileira de História da Educação, professor Carlos Henrique Carvalho que participou do encontro. Nada mais havendo a constar, foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, Terciane Ângela Luchese, secretária geral, e pelo presidente, Claudemir de Quadros. Caxias do Sul, primeiro de setembro de dois mil e quinze.

ATA DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE 6 DE OUTUBRO DE 2016

Aos seis de outubro de dois mil e dezesseis, no auditório da Universidade Federal do Pampa foi realizada a assembleia da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe. Primeiro: iniciou-se com a leitura e aprovação da ata da assembleia realizada em 2015. Segundo: o professor Claudemir de Quadros, editor da Revista de História da Educação apresentou uma síntese das atividades envolvendo o periódico: 1) Circulação: acessos nacionais e internacionais, manutenção da página do Facebook (2305 inscritos), divulgação por e-mail (1954 e-mails cadastrados) e no blog Scielo; 2) Qualis Capes em que se tratou dos critérios de um periódico de excelência e que a Revista deve ser reconhecida como A1; 3) Alteração na comissão editorial a pedido do professor Claudemir de Quadros que após seis anos na função, solicitou afastamento. A professora Maria Helena Camara Bastos pediu uma salva de palmas para o professor Claudemir de Quadros como reconhecimento da Associação ao trabalho dedicado e qualificado como editor. Na sequência, a professora Maria Helena Camara Bastos propôs aos presentes que o trabalho administrativo e técnico de editoração desenvolvido pelo professor Claudemir de Quadros seria assumido pela doutoranda da UFPel, Chris Ramil. Em votação, a indicação foi aprovada. O professor Claudemir de Quadros e a doutoranda Chris Ramil foram aplaudidos a pedido da professora Maria Helena Camara Bastos e a professora Terciane Ângela Luchese registrou a importância do trabalho desenvolvido pelos colegas Maria Helena Camara Bastos, Maria Stepanhou e Claudemir de Quadros que, honrando os editores anteriores, desenvolvem um trabalho de grande qualidade. No ensejo, deu boas-vindas à Chris Ramil; 4) Publicação de artigos de autores estrangeiros: foi realizada uma ampla solicitação para que os associados se sintam responsáveis pela captação de bons artigos de autores estrangeiros da área para a revista; 5) Indexação: conforme exposto pelo professor Claudemir de Quadros, um dos trabalhos relevantes na afirmação da qualificação da revista é a indexação na base de dados Scopus. Terceiro: a professora Maria Helena Camara Bastos relatou a criação de um site para congregar notícias, textos e produções da área a partir da iniciativa dos professores José Luis Huerta e Roberto Sani, o Connecting History of Education, indicou que os interessados

podem se inscrever para receber notícias por email e/ou pela rede social Facebook. Quarto: na sequência, foi avaliado o 22º encontro, realizado na Unipampa. O professor Elomar Tambara manifestou seu agradecimento e parabenizou o organizador, professor Alessandro Carvalho Bicca pelo qualificado evento. O professor Alessandro Carvalho Bicca informou que foram apresentados oitenta trabalhos e uma média de cem inscritos, que os certificados seriam enviados por email e os anais publicados em dezembro. Afirmou que houve uma divulgação do evento na cidade em jornais e rádio. Em nome da associação, a professora Terciane Ângela Luchese agradeceu ao professor Alessandro Carvalho Bicca e equipe pela acolhida e organização do encontro. Quinto: para o próximo evento, o 23º encontro, a professora Rita de Cassia Grecco dos Santos candidatou a Furg, afirmando contar com o apoio do coordenador do Programa de Pós-Graduação em História, professor Daniel Prado e da reitora da universidade, professora Cleusa Dias. Colocado em discussão, a assembleia manifestou concordância, aprovando por aclamação. O professor Jorge Cunha ponderou sobre a importância de, a partir do encontro de 2018, iniciar os preparativos para a comemoração dos vinte e cinco anos da Asphee que o encontro de 2020 deveria retornar para a Unisinos, que foi onde se iniciaram. A professora Maria Helena Camara Bastos reiterou a importância de organizarmos a comemoração dos vinte e cinco anos da Asphee em 2020. O professor Jorge Cunha sugeriu que os encontros a partir de 2018 fossem temáticos, preparando para os vinte e cinco anos. Sexto: a professora Patrícia Weiduschadt informou que a Asphee recebeu convite para participar do encontro comemorativo dos trinta anos do HistedBr, que ela apresentou uma fala representando a Asphee e que foi um momento muito significativo, de reconhecimento e distinção da nossa associação. Sétimo: assuntos gerais: a professora Terciane Ângela Luchese anunciou as justificativas de ausência encaminhadas pelos colegas professores Beatriz Daudt Fischer, Dóris Bittencourt Almeida, Maria Stephanou e Lúcio Kreutz. O professor José Edimar de Souza divulgou o Seminário das Comunidades Teuto-brasileiras, a realizar-se em 2017 e convidou os interessados a inscreverem seus trabalhos. Informou, ainda, a reativação do GT de História da Educação da Anpuh em 2015. Comunicou que a professora Dóris Bittencourt de Almeida assumiu como coordenadora e ele como vice. Nada mais havendo a constar, foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, Larissa Camacho Carvalho, secretária geral e pela

presidente, Terciane Ângela Luchese. Bagé, seis de outubro de dois mil e dezesseis.

ATA DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE 28 DE SETEMBRO DE 2017

Aos vinte oito dias do mês de setembro de dois mil e doze, as dezoito horas no Auditório da Secretaria de Educação a Distância da Universidade Federal do Rio Grande – Furg reuniram-se os associados da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe. Seguindo a pauta, foram tratados os seguintes pontos: Primeiro: leitura e aprovação da ata da assembleia de 2016. Segundo: revista de História da Educação com apresentação de informações por uma das editoras, Professora Maria Helena Câmara Bastos: a) foi apresentado recurso e na área de Educação a revista foi classificada como A1; b) escrita de texto em conjunto com Décio Gatti, José Gondra e Carlos Vieira para coleção do Ische sobre as revistas científicas de História da Educação brasileiras; c) foi destacada a mudança editorial, ressaltando o apoio da doutoranda Chris Ramil na editoração; d) encaminhamento de pedido de apoio para editoração junto ao CNPq; e) solicitação aos associados para que submetam artigos com versão em inglês, além de ajudarem na organização dos textos relacionados aos 25 anos da Asphe que será comemorado em 2020. A professora Maria Stephanou parabenizou o trabalho do professor Claudemir Quadros em disponibilizar na forma digital os anais da dos encontros da Asphe. Cabe destacar que ainda falta digitalizar os anais dos encontros dos anos de 1994 e 2006. Ainda será realizada a digitalização também das atas das reuniões da assembleia. Foi sugerido a publicação das atas na sessão documentos da RHE com introdução escrita por Lúcio Kreutz e Elomar Tambara. Terceiro: avaliação do 23º encontro da Asphe. A professora Rita Grecco dos Santos, coordenadora do 23º encontro agradeceu o apoio da reitoria da Universidade do Rio Grande – FURG e ao Programa de Pós-Graduação – Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História e informou que neste encontro houve 67 comunicações com 65 apresentações e 82 participantes. O professor Elomar Tambara parabenizou a iniciativa local na figura da professora Rita de Cassia Grecco dos Santos e destacou a dificuldade de organização em razão de muitos fatores conjunturais e de deslocamento dos participantes, reafirmando a necessidade dos encontros serem espalhados para outros locais para que a associação possa dialogar com mais grupos de pesquisa. A professora Vanessa Barrozo Teixeira sugeriu que a divulgação dos

encontros fosse mais intensificada no blog e assim a professora Maria Stephanou sugeriu que fosse atualizada a lista de e-mails com os contatos, sob responsabilidade do professor Claudemir de Quadros. Foi discutido e encaminhado que o tempo de apresentação das comunicações deverá ser de 15 minutos e constar nas regras de apresentação. A professora Maria Stephanou, retomando o que havia sido decidido na Asphe de 2006, reforçou a necessidade da regra de cada autor submeter um máximo de dois trabalhos na condição de autor ou co-autor. Foi aprovado. Quarto: encaminhamento da votação para os próximos encontros da Asphe. Ficou decidido que a Unisinos sob a coordenação da professora Luciane Sgarbi dos Santos Grazziotin sediará o 24º Encontro em 2018. Foi sugerido que em 2019 o encontro se realize na UFSM e em 2020, ao completar 25 anos da Asphe, o encontro seja na UFPel. Quinto: eleição de nova diretoria para o biênio 2018-2020: uma única chapa apresentou candidatura e foi eleita por aclamação, ficando assim constituída: como presidente: Patrícia Weiduschadt (UFPel); vice-presidente: José Edimar de Souza (UCS); secretário: Alessandro Carvalho Bicca (Unipampa); conselho fiscal: Maria Augusta Martiarena Oliveira (IFRS/Osório), Edison Luiz Saturnino (Ufrgs) e Rita de Cássia Grecco dos Santos (Furg). Sexto: assuntos gerais: o professor Alessandro Bicca informou que os anais dos eventos anteriores digitalizados pelo professor Claudemir de Quadros serão disponibilizados no repositório da Unipampa; o professor Eduardo Arriada informou a dificuldade do Cedoc – Centro de Documentação da UFPel e do grupo de pesquisa do Ceihe estar com dificuldades de espaço, mas que estão construindo um site que foi rapidamente apresentado pela doutoranda Renata Brião de Castro; foi solicitado pela professora Terciane Luchese o encaminhamento, para divulgação no blog da Asphe e no Facebook da RHE, as referidas informações. Nada mais havendo a constar encerro a presente ata que vai assinada por mim, Patrícia Weiduschadt, vice-presidente e pela presidente, Terciane Ângela Luchese.

ATA DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE 25 DE OUTUBRO DE 2018

Aos dias vinte e cinco dias de outubro do ano de dois mil e dezoito, às dezesseis horas e trinta minutos, no Auditório Sérgio Concli Gomes – Escola Politécnica da Unisinos, realizou-se a assembleia geral ordinária da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe. Nesta assembleia foram tratados os seguintes assuntos: Primeiro: leitura e aprovação da Ata da Asphe – Furg realizada na cidade de Rio Grande. Segundo: prestação de contas 2017, neste ponto a professora Maria Helena Câmara Bastos realizou um arrazoado sobre as contas e valores que estão na conta corrente da Asphe, que ainda consta seu nome como titular da conta corrente no Banco do Brasil, e que a mesma possuía de saldo, em 3 de outubro de 2018, a quantia de R\$ 44.440,03 (quarenta e quatro mil e quatrocentos e quarenta reais com três centavos). Ainda a professora Maria Helena Câmara Bastos demonstrou a prestação de contas do edital de editoração da revista Asphe, CNPq/Capes (2018), a qual foi proponente, que recebeu o valor de R\$ 20.000,00s, o qual foi utilizado para o pagamento de xml e de revisões do português para a revista, de pagamento para terceiros, conforme rubrica disponibilizada. Esse auxílio possibilitou custear as principais despesas da revista, não precisando onerar a associação, além deste exposto a professora Maria Helena mencionou que diante das muitas contingências pessoais, ficará no encargo do Conselho editorial da revista somente até o ano de 2019. E, neste sentido, indicou como sugestão para o novo conselho editorial da revista, os seguintes nomes: editora-gerente: Chris Ramil (UFPel) e Doris Bittencourt Almeida (Ufrgs), editoria-adjunta: Luciane Sgarbi Santos Grazziotin (Unisinos) e Tatiane de Freitas Ermel (URI) e secretário geral Lucas Costa Grimaldi (Ufrgs), sendo esta composição aprovada pela assembleia com término de gestão para 2019. Além destas questões a professora Maria Helena apresentou relatos sobre sua participação no Ische, assim como a vinculação da Asphe nessa sociedade, denotando a importância das articulações e vinculações positivas desta participação para a revista de História da Educação, sempre mencionando o fato da importância de qualificar os artigos com a prospecção de novos autores/pesquisadores da área de História da Educação. Terceiro: anais do 23º encontro da Asphe: em relação a este item a professora Patrícia relatou que os anais do encontro de Rio

Grande/RS encontram-se atrasados e não concluídos até o momento. Foi deliberado que o Grupo de Estudos em Educação, História e Narrativas da Unipampa ficará responsável de terminar os anais do encontro, bem como disponibilizar no site do Repositório Digital Tatu (<http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/asphe-anais-encontros>). A proposição foi aprovada pela assembleia. Sobre este ponto foi apontado que os anais dos encontros da Asphe (2º, 6º, 13º e 15º) não encontram-se disponíveis, sendo que os anais da Asphe encontram-se disponíveis para a consulta no seguinte endereço (<http://dspace.unipampa.edu.br:8080/>). Quarto: relação de associados – situação em 2018 – foram apresentados dezoito novos associados. Quinto: panorama do 24º encontro: em relação ao 24º encontro da Asphe, este foi realizado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) entre os dias 24 e 26 de outubro de 2018. A temática foi História da educação: sensibilidade, patrimônio e cultura escrita tendo como organizadores a prof^{ra}. Luciane Sgarbi Santos Grazziotin (Unisinos) e o discente do Programa de Pós-Graduação em Educação Eduardo Cristiano Hass da Silva (Unisinos) mais 11 monitores, entre discentes de pós-graduação e graduação da Unisinos. Em relação ao evento houve 143 participantes escritos, 115 apresentadores inscritos, 28 pesquisadores ouvintes, um total de 99 trabalhos inscritos e 92 aceitos para apresentação, sendo 89 trabalhos apresentados nas sessões temáticas. O 24º Encontro teve um total de 12 sessões de comunicação com a colaboração de 14 coordenadores, assim distribuídos: 01) História da Educação, Gestão e Políticas – Berenice Corsetti; 02) Etnias e Movimentos Sociais na História da Educação – Isabel Bilhão; 03) Fontes e Métodos em História da Educação – Marcos Luiz Hinterholz; 04) Histórias das Instituições e Práticas Educativas, sessão A – José Edimar de Souza; 05) Histórias das Instituições e Práticas Educativas, sessão B – Ariane dos Reis Duarte; 06) História, Memória e História da Educação, sessão A – Alessandro Carvalho Bica; 07) História, Memória e História da Educação, sessão B – Milene Moraes de Figueiredo; 08) História, Memória e História da Educação, sessão C – Maria Helena Câmara Bastos; 09) Escritas, impressos e intelectuais da e na História da Educação, sessão A – Maria Augusta Martiarena de Oliveira; 10) Escritas, impressos e intelectuais da e na História da Educação, sessão B – Elomar Tambara; 11) Escritas, impressos e intelectuais da e na História da Educação, sessão C – Dóris Bittencourt Almeida; 12) Patrimônio

Educativo e Cultura Escolar, sessão A – Terciane Ângela Luchese e 02 (duas) mesas-redondas, a saber: Mesa Redonda 1: História da Educação, cultura escrita e Sensibilidade, coordenada por Maria Helena Câmara Bastos e Mesa Redonda 2: História da Educação, patrimônio e Cultura Escrita coordenada por Eduardo Arriada. Sexto: leitura da carta da prof^a Maria Helena Câmara Bastos solicitando o afastamento da editoria da revista, do relatório da revista e do depoimento sobre a participação no evento Scielo – Registro no Ische. Sétimo: comissão para elaboração do regulamento da revista – conselho editorial da revista: esta questão ficou para ser retomada durante o interstício do próximo ano. Oitavo: regularização da Asphe como pessoa jurídica e constituição de uma comissão para organização deste processo: retirado de pauta e não discutido nesta assembleia. Nono: apresentação do concurso sobre logotipo da entidade: o professor Edimar destacou a importância de se pensar um logo para entidade como forma de reconhecimento visual, desta forma, foi divulgado o edital do concurso público (edital é necessário publicar) ou chamada pública para que os sócios e/ou indicados pelos sócios possam participar da escolha do novo logo, este será escolhido por uma equipe de sócios da Asphe, entre eles, José Edimar de Souza, Patrícia Weiduschadt e Beatriz Daudt Fischer. Décimo: criação de outro e-mail para Asphe: o professor José Edimar, relatou que foi criado um novo e-mail para a Asphe, a saber aspheers@gmail.com que será administrado pelo secretário da Asphe, professor Alessandro Bica (Unipampa) e que este e-mail será a nova interface de comunicação com os sócios da entidade. Décimo primeiro: gerenciamento do blog: ficou definido e aprovado que o gerenciamento e administração do blog da Asphe será realizado a partir desta assembleia pelo grupo de pesquisa da Unipampa, capitaneado pelo professor Alessandro Carvalho Bica, atual secretário da associação. Décimo segundo: Asphe 2019: diante da ausência do grupo da UFSM e da impossibilidade de realizar o encontro na cidade de Santa Maria, foi sugerido pelas professoras Dóris Bittencourt Almeida e Luciane Sgarbi Santos Grazziotin, a seguinte hipótese: que a Asphe ocorresse bianualmente. Contudo uma grande parte da Assembleia ponderou que o encontro da Asphe tem como característica principal a interlocução intelectual de pesquisadores iniciantes (graduação), experientes (mestrado e doutorado) e sênior (docentes) e neste sentido, a asphe consistiu-se como um espaço de resistência da área de história da

educação no Estado do Rio Grande do Sul, quer seja pelo tempo de existência ou quer seja pela possibilidade de trocas de experiências e expertises. Após amplo e democrático debate, a assembleia votou pela manutenção de encontros anuais e definiu que o 25º encontro da asphe (2019) será na Unipampa, campus Bagé, e que os 25 anos da Asphe serão realizado na Universidade Federal de Pelotas. A temática será definida pela comissão organizadora do evento, mas muitos pesquisadores solicitaram à comissão organizadora que os trabalhos submetidos a partir do evento de Bagé não precisam estar nos anais do mesmos. Décimo terceiro: assuntos gerais: não foram discutidos assuntos gerais. Nada mais havendo a constar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada por mim, Alessandro Carvalho Bica, secretário geral, e pela presidenta, Patrícia Weiduschadt. São Leopoldo, vinte e cinco dias de outubro do ano de dois mil e dezoito.

ATA DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE 4 DE OUTUBRO DE 2019

Aos quatro dias de outubro do ano de dois mil e dezenove, às dez horas e trinta minutos, no auditório Victor Hugo Maia, nas dependências do Palacete Pedro Osório na cidade de Bagé/RS, realizou-se a assembleia geral ordinária da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe. Nesta assembleia foram tratados os seguintes assuntos: Primeiro: proposta de conformação jurídica da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe: neste ponto todos os presentes aprovaram a formulação dos mecanismos necessários para garanti-la, enquanto entidade jurídica, tendo em vista a importância histórica, pedagógica e educacional que os eventos anuais desta Associação têm tido nos últimos vinte quatro anos. Cabe salientar que a Asphe começou a ser gestada em 1995, mas oficializada em 7 de junho de 1996, sendo a primeira associação de pesquisadores em História da Educação a constituir-se no Brasil. Nasceu com o objetivo de incentivar a pesquisa e a divulgação na área de História da Educação, prioritariamente do Rio Grande do Sul; congregar os pesquisadores e os estudiosos na área e manter intercâmbio com entidades congêneres, buscando enfrentar as demandas locais no campo da pesquisa historiográfica com liberdade, pluralismo ideológico e metodológico. Agregando pesquisadores de diversas instituições de ensino superior do Rio Grande do Sul, acolhendo em seus eventos anuais também pesquisadores de outros Estados brasileiros. Sendo assim, foi aprovada em assembleia por unanimidade, o início dos trâmites administrativos e de criação jurídica da Asphe junto aos órgãos competentes. Segundo: leitura e aprovação da ata da encontro anual de 2018 realizado na UNISINOS; Terceiro: logotipo da Asphe foi apresentada e aprovada a criação da pesquisadora Samanta Vanz (UCS). Foi entregue os diplomas de 1º lugar (Samanta Vanz/UCS) e de 2º lugar (Tobias de Medeiros Rodrigues/Unipampa) do concurso de logotipo da Asphe. Quarto: relatório da *Revista História da Educação/Asphe* (2018-2019). Neste ponto, a equipe editorial (Doris Bittencourt Almeida, Maria Helena Camara Bastos, Chris Ramil, Luciane Sgarbi Graziottin e Tatiane de Freitas Ermel, em tempo, o prof. José Edimar de Souza passou a compor o quadro de editores da revista a partir de 2019, motivo pelo qual seu nome não constou nas decisões da assembleia realizada na Unisinos,

em 2018), juntamente com o secretário da revista (Lucas da Costa Grimaldi) apresentaram as principais atividades realizadas durante o último ano, bem como os avanços obtidos pela *Revista de História da Educação/Asphe*. Conforme já anunciado na assembleia realizada na Unisinos, em 2018, a prof^a Maria Helena Camara Bastos deixa o conselho editorial. Composto o quadro foi acolhida por unanimidade a indicação da prof^a Terciane Ângela Luchese. Quinto: relatório financeiro das movimentações do último ano (2018-2019): a prof^a. Maria Helena Camara Bastos realizou um demonstrativo de todas as movimentações financeiras realizadas entre 2018 e 2019, sendo aprovada. A prof^a. também relatou a importância de criação de uma conta corrente da própria Asphe, momento em que entregou a quantia total – já aprovada – de R\$ 47.540,71 (quarenta e sete mil reais, quinhentos e quarenta reais com setenta e um centavos) para o prof. Alessandro Carvalho Bica que, na sequência da assembleia, assumiria o cargo de novo presidente da Asphe para o biênio 2020-2021. Sexto: panorama do 25º encontro: este foi realizado nas dependências da Universidade Federal do Pampa e no prédio da Secretaria de Cultura/Palacete Pedro Osório, entre os dias 3 e 4 de outubro de 2019, com a temática História da educação e democracia: desafios e conquistas, tendo como organizadores Alessandro Carvalho Bica, Raissa Lamadril da Silva Silveira, Simôni Costa Monteiro Gervasio, Tobias de Medeiros Rodrigues, além de uma equipe de 20 monitores, entre discentes da pós-graduação e graduação da Unipampa. Em relação ao evento houve 138 participantes inscritos, um total de 97 trabalhos inscritos e 82 aceitos para apresentação, sendo 80 trabalhos apresentados nas sessões temáticas e 90 apresentadores ao todo. O 25º encontro teve um total de oito sessões de comunicação, assim distribuídos: *Eixo 1*: História da Educação, Gestão e Políticas; *Eixo 2*: História da Educação, Etnias e Movimentos Sociais; *Eixo 3*: História da Educação, Fontes e Métodos; *Eixo 4*: História da Educação, Instituições e Práticas Educativas; *Eixo 5*: História da Educação e Memória; *Eixo 6*: História da Educação, Escritas, impressos e intelectuais; *Eixo 7*: História da Educação, Patrimônio Educativo e Cultura Escolar e *Eixo 8*: História da Educação e Acervos e duas conferências: *Conferência de abertura*: Educação e democracia no início da república brasileira: abordagem comparada da legislação com o prof. Wenceslau Gonçalves Neto (Uniupe – UFU/MG) mediada pela prof^a dr^a Patrícia Weiduschadt (UFPEl) e conferência de encerramento: Papel da democracia para/na

compreensão da história da educação brasileira com a prof^a dr^a Rosa Lydia Teixeira Corrêa (PUC/PR) mediada pela prof^a dr^a Terciane Ângela Luchese (UCS). Sétimo: foi acolhido por unanimidade que o 26º encontro da Asphe, em 2020, seja realizado na Universidade Federal de Pelotas, e organizado pelos grupos de pesquisa Ceihe e Hisales, momento em que será comemorado os 25 anos de criação da entidade. Oitavo: apresentação da chapa para a direção da Asphe (biênio 2019-2021), neste sentido, foram aclamados Alessandro Carvalho Bica – Unipampa (*Presidente*), Maria Augusta Martiarena de Oliveira – IFRS/Osório (*Vice-Presidente*), Fernando Cezar Ripe da Cruz – Ufpel (*Secretário Geral*), Gisele Belusso – UCS, Vania Grim Thies – Ufpel e Simôni Costa Monteiro Gervasio – Unipampa (Conselho Fiscal) e Caroline Braga Michel – Furg (Primeira-Suplente). Nono: assuntos gerais: não foram discutidos assuntos gerais. Nada mais havendo a constar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada por mim, Alessandro Carvalho Bica, presidente, e pela vice-presidente, Maria Augusta Martiarena de Oliveira. Bagé, quatro de outubro do ano de dois mil e dezenove.

Sobre Autoras e Autores

Alessandro Carvalho Bica

Licenciado em História (UFPEL), Mestre em Educação (UFPEL), Doutor em Educação (UNISINOS). Presidente da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE), Professor da Universidade Federal do Pampa e Líder do Grupo de Pesquisa em História da Educação, Repositórios Digitais e Acervos Digitais (PHERA).

E-mail: *alessandrobica@gmail.com*

Alice Rigoni Jacques

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) Coordenadora do Memorial do Colégio Farroupilha de Porto Alegre/RS. Integrante do Grupo de Pesquisa/CNPq GARPE – Arquivos Pessoais, Patrimônio, Educação.

E-mail: *alice_rigoni@hotmail.com*

Ariane dos Reis Duarte

Graduada em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Mestra e Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), onde atualmente realiza estágio Pós-doutoral. Integra o Grupo de Pesquisa EBRAMIC: Educação no Brasil: memória, instituições e cultura escolar. É professora substituta na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e na Educação Básica da rede privada de ensino.

E-mail: *Ariane.reisd@gmail.com*

Caroline Braga Michel

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). É professora no Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização e Letramento (Geali).

E-mail: *caroli_brga@yahoo.com.br*

Cassiane Curtarelli Fernandes

Graduada em Licenciatura em Pedagogia, Mestra em Educação e Doutoranda em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Especialista em Orientação, Supervisão e Gestão Escolar pela Universidade Internacional (UNINTER). Professora de Anos Iniciais no município de Farroupilha/RS.

E-mail: *cassianecfernandes@gmail.com*

Chéli Nunes Meira

Graduada em Bacharelado e Licenciatura em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel – Pelotas/RS). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel – Pelotas/RS). Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel – Pelotas/RS). Integrante do Grupo de Pesquisa do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE/UFPel).

E-mail: *cheli.meira@gmail.com*

Chris de Azevedo Ramil

Bacharel em Design Gráfico e Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Docente no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (CA/UFPel). Coordenadora do centro de memória e pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares – Hisales (FaE/UFPel).

E-mail: *chrisramil@gmail.com*

Cintia Gonçalves Martins

Graduada em História (UNESC). Especialista em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), bolsista integral (PROSUC/CAPES).

E-mail: *cintiamartins@unes.net*

Claudemir de Quadros

Licenciado em História, com mestrado e doutorado em Educação. É professor na Universidade Federal de Santa Maria/RS e atua em cursos de formação de professores e no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica. É editor da Regae – Revista de Gestão e Avaliação Educacional e coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSM.

E-mail: *claudemirdequadros@gmail.com*

Dóris Bittencourt Almeida

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul(UFRGS), Professora de História da Educação da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação(UFRGS). Líder do Grupo de Pesquisa/CNPq – GARPE – Arquivos Pessoais, Patrimônio, Educação.

E-mail: *almeida.doris@gmail.com*

Eliane Peres

Professora Titular aposentada da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (FaE/UFPel). Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pós-Doutorado em Educação na *University of Illinois* (Urbana – Champaign/EUA). Líder do grupo de pesquisa Hisales e coordenadora do centro de memória e pesquisa Hisales.

E-mail: *eteperes@gmail.com*

Elias Kruger Albrecht

Possui graduação em História Licenciatura pela Universidade Federal de Pelotas (2017). Mestrado em Educação pelo Programa da Universidade Federal de Pelotas (2019). Especialização em Metodologia de Ensino de História pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci (2020). Doutorando em Educação pela UFPEL na Linha de Pesquisa Filosofia e História da Educação.

E-mail: *eliask.albrecht@gmail.com*

Estela Denise Schütz Brito

Graduada em Pedagogia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Mestra e Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Integra o Grupo de Pesquisa EBRAMIC: Educação no Brasil: memória, instituições e cultura escolar. É professora na rede privada de ensino no município de São Leopoldo/RS.

E-mail: *schutzbrito@gmail.com*

Fabiana Pinheiro da Costa

Mestra em Educação e Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Especialista em Gestão da Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Pesquisadora no Instituto Cultural Judaico Marc Chagall.

E-mail: *fabianapinheiro.dc@gmail.com*

Fernando Ripe

Graduado em Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e em História pelo Centro Universitário de Maringá (Unicesumar). Especialista em Educação Matemática pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutor em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) com período sanduíche na Universidade de Lisboa (ULisboa). Docente na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (FaE/UFPel).

E-mail: *fernandoripe@yahoo.com.br*

Gabriela Portela Moreira

Licenciada em História pela Universidade La Salle. Atua no Museu Joaquim Francisco do Livramento – Centro Histórico Cultural Santa Casa. Atualmente é mestranda em Educação pelo PPGEdu-UFRGS.

E-mail: *gabriela.pmoreira@gmail.com*

Giani Rabelo

Graduada em Serviço Social (FESSC). Especialista em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Educação pela UFSC e doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) nas licenciaturas e no Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE).

E-mail: *gra@unesc.net*

Gisele Belusso

Graduada em Pedagogia, mestra e doutora em Educação (UCS). Professora substituta do curso de Pedagogia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), campus Alvorada. Pós-graduanda na especialização em Educação: Reflexões e Práticas para Educação Básica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), campus Farroupilha. Integrante do Grupo de Pesquisa História da Educação, Imigração e Memória (GRUPHEIM).

E-mail: *giselebelusso@hotmail.com*

Jaqueline de Gaspari Piotrowski

Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM – Santa Maria/RS). Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar – São Carlos/SP). Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel – Pelotas/RS). Integrante do Grupo de Pesquisa do Centro de Estudos e Investigação em História da Educação (CEIHE/UFPel).

E-mail: *Jaqueline.degaspari@gmail.com*

Jeane dos Santos Caldeira

Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela universidade Federal de Pelotas (UFPel) e em História pelo Centro Universitário de Maringá (Unicesumar). Mestre e doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Atualmente é professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de Pelotas.

E-mail: *jecal@yahoo.com.br*

José Edimar de Souza

Historiador, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Mestre, Doutor com estágio de pós-doutorado pela mesma universidade. Pedagogo pelo

Centro Universitário Claretiano, Geógrafo pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e acadêmico do curso de bacharelado em Biblioteconomia pela mesma universidade. Especialista em Gestão da Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade FEEVALE; Especialista em Supervisão Escolar e em História do Brasil pela Faculdade Internacional Signorelli. Professor da área de Humanidade, do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa de Pós-Graduação em História da UCS. Vice-líder do grupo de pesquisa GRUPHEIM.

E-mail: *jesouza1@ucs.br*

Luciane Sgarbi S. Grazziotin

Possui estágio pós-doutoral na UNED em Madri. Doutora em Educação (PUC-RS), com período sanduíche na Universidade Clássica de Lisboa. Fez Mestrado em Ciências e graduação em Biologia Licenciatura. Líder do Grupo de Pesquisa EBRAMIC – Educação no Brasil: memória, instituições e cultura escolar (CNPq). Professora pesquisadora na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Humanidades da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Possui bolsa PQ2 CNPq.

E-mail: *lusgarbi@terra.com.br*

Magda Vicente

Graduada em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). É professora do Instituto de Educação da Furg e do Programa de Pós-Graduação PPGEDU- FURG.

E-mail: *magdabreu@furg.br*

Maria Augusta Martiarena de Oliveira

Licenciada em História (UFPEL). Mestrado e Doutorado em Educação (UFPEL). Possui estágio pós-doutoral na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologias do Rio Grande do Sul (IFRS)

E-mail: *martiarena.augusta@gmail.com*

Maria Teresa Santos Cunha

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP/SP), Professora Titular da Universidade do Estado de Santa Catarina/UNESC com atuação nos Programas de Pós-Graduação em História e Pós-Graduação em Educação/UNESC. Vice-líder do Grupo de Pesquisa/CNPq – GARPE _ Arquivos Pessoais, Patrimônio e Educação. Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq/ 1-D.

E-mail: *mariatsc@gmail.com*

Marli de Oliveira Costa

Graduada em Filosofia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (1993), mestrado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (1999) e doutorado em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009). É professora dos cursos de licenciaturas da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: memória, Patrimônio cultural, educação, identidade, história da educação e história da infância.

E-mail: *moc@unesc.net*

Patrícia Weiduschadt

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e Doutorado em Educação pela Universidade do Vale dos Sinos. Professora efetiva do Departamento de Fundamentos da Educação da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Vice-líder do CEIHE (Centro de Estudos e Investigações em História da Educação).

E-mail: *prweidus@gmail.com*

Raissa Lamadril da Silva Silveira

Acadêmica do Curso de Letras-Português e Literaturas da Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e acadêmica de Pedagogia pela Faculdade Educacional da Lapa (FAEL). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

E-mail: *raissasilveira.aluno@unipampa.edu.br*

Rebeca Aquino Barbosa

Graduada em Bacharelado em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER) e Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras – Línguas Adicionais: Inglês, espanhol e respectivas literaturas pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Bolsista de Iniciação Científica do CNPq.

E-mail: *rebecabarbosa.aluno@unipampa.edu.br*

Simôni Costa Monteiro Gervasio

Graduada em Bacharelado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pela Universidade da Região da Campanha (Urcamp – Bagé/RS) e Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS – Bagé/RS). Especialista em Linguagem e Docência, e em Educação e Diversidade Cultural pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa – Bagé/RS), e em Gestão em Orientação e Supervisão Escolar pela Faculdade Educacional da Lapa (FAEL – Lapa/PR). Mestre em Ensino pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa –

Bagé/RS) e doutoranda em educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL – Pelotas/RS).

E-mail: *simone.cm87@gmail.com*

Tatiane de Freitas Ermel

Tatiane de Freitas Ermel é licenciada e bacharel em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), mestre e doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGE/PUCRS), com período de doutorado sanduíche na *Universidad Complutense de Madrid* (UCM). Investigadora pós-doutoral contratada pela *Universidad Complutense de Madrid* (UCM).

E-mail: *tatiane.ermel@gmail.com*

Terciane Ângela Luchese

Licenciada em História (UCS), mestre em História (PUC/RS), doutora em Educação (UNISINOS) e pós-doutorado pela Università degli Studi del Molise e Università degli Studi di Macerata. Professora na Universidade de Caxias do Sul, atua nos Programas de Pós-Graduação em Educação e Programa de Pós-Graduação em História. Pesquisadora PQ CNPq e Pesquisadora Gaúcha FAPERGS. Líder do Grupo de Pesquisa História da Educação, Imigração e Memória (GRUPHEIM).

E-mail: *tercianeluchese@gmail.com*

Tobias de Medeiros Rodrigues

Graduado em Bacharelado em Informática pela Universidade da Região da Campanha (Urcamp – Bagé/RS). Especialista em Sistema de Informação pela Universidade Gama Filho (UGF – Rio de Janeiro/RJ). Mestre em Ensino pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa – Bagé/RS) e doutorando em Educação e Tecnologia pelo Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul – Pelotas/RS).

E-mail: *tobias.medeiros@gmail.com*

Vania Grim Thies

Pedagoga, Especialista em Alfabetização e Letramento, Mestra e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. Professora do Departamento de Ensino da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Vice-líder do grupo de pesquisa Hisales e coordenadora do centro de memória e pesquisa Hisales.

E-mail: *vaniagrim@gmail.com*

Durante o ano de 2020, momento em que comemoraríamos os 25 anos de existência da Associação Sul-rio-grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE), fomos impetuosamente atingidos por uma doença infecciosa causada por um coronavírus recentemente descoberto. Uma pandemia que provocou na população medo, ansiedade, insegurança e escancarou no país fragilidades sociais e de ordem econômica. Como forma de resistência, buscamos minimizar o distanciamento e isolamento, estreitando laços de amizade e de parcerias. Para isso, procuramos celebrar o vigor e maturidade desta Associação, criando uma coletânea de artigos produzidos por jovens e experientes pesquisadores associados à ASPHE. Composta por dois volumes, a obra *História da Educação no Rio Grande do Sul: 25 anos de ASPHE, entre memórias, trajetórias e perspectivas* pretende não somente enaltecer a iniciativa dos membros fundadores, como também dar visibilidade aos grupos e às linhas de pesquisas atuantes nos encontros e constituir um panorama das comunicações apresentadas ao longo destes 25 anos. Decerto, essa publicação se torna, desde já, uma contribuição para a historiografia brasileira.



ISBN 978-65-5807-111-2

